

Esta obra é um primeiro momento de compartilhar essa experiência a partir da linguagem escrita. Consiste em um desafio colocar em palavras e textos os sentimentos e vivências tão intensos e, por vezes, indescritíveis.

O livro está dividido em três eixos. O primeiro descreve o projeto, sua história e relatos de alguns participantes, revelando suas características; O segundo discorre sobre o Palhaço Cuidador, categoria constituída e desenvolvida através da oficina do riso, que tem suas características próprias, retrata aspectos desse palhaço e a sua singularidade; e o terceiro, Cenários da Vida, traz experiências reais vividas nos territórios de atuação, retratando diversos momentos em que palhaços, usuários, profissionais, familiares e acompanhantes encontram-se na ação onde a realidade e a fantasia aproximam-se para transformar a realidade.

Este livro está sendo publicado por iniciativa do Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS – Vivências de Extensão em Educação Popular e Saúde no SUS. Esse Projeto é uma iniciativa de apoio e fomento às experiências brasileiras de extensão universitária na linha da Educação Popular em Saúde, financiado pelo Ministério da Saúde a partir da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS-SUS).



Ministério da Saúde

SGEP SGTES



palhaSUS

luta que se faz com cuidado e amorosidade

O PalhaSUS nasce a partir da realização da primeira Oficina do Riso da Universidade Federal da Paraíba em 2010. Alguns egressos dessa oficina, impactados pelo Palhaço Cuidador, se organizaram enquanto um grupo para exercer a práxis da humanização no cuidado, através da arte da palhaçaria.

O meio fértil para o desenvolvimento desse trabalho se constituiu na extensão universitária, e, no caso do PalhaSUS, com sua linguagem lúdica, questionadora e com disponibilidade de abrir encontros para o diálogo, se caracteriza na extensão popular.

O projeto foi, ao longo do tempo, se fortalecendo e vivendo várias fases, construindo uma identidade na ação de cuidado humanizado e na educação popular, experimentando aproximações com outros projetos de extensão em educação popular em saúde e se constituindo em uma prática transdisciplinar.



PalhaSUS

Luta que se faz com
cuidado e amorosidade

Aldenildo A. de Moraes Fernandes Costeira
Benedito Clarete de Vasconcelos
Janine Azevedo do Nascimento
(Organizadores)

PalhaSUS

Luta que se faz com
cuidado e amorosidade

Editora do CCTA
2018

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

P161 PalhaSUS: luta que se faz com cuidado e amorosidade /
Organizadores: Aldenildo A. de Moraes Fernandes Costeira,
Benedito Clarete de Vasconcelos, Janine Azevedo do
Nascimento. -- João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.
439 p. : il. -

ISBN: 978-85-9559-100-4

1. Educação Popular. 2. Palhaço Cuidador. 3. Formação em
Saúde. 4. Ensino – Extensão. I. Costeira, Aldenildo A. de
Moraes Fernandes. II. Vasconcelos, Benedito Clarete de.
III. Nascimento, Janine Azevedo do.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 37.018.8



REITORA
MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA DINIZ
VICE-REITORA
BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA



Diretor do CCTA
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES

Vice-Diretor
ELI-ERI LUIZ DE MOURA



Conselho Editorial
CARLOS JOSÉ CARTAXO
GABRIEL BECHARA FILHO
HILDEBERTO BARBOSA DE ARAÚJO
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES
MARCÍLIO FAGNER ONOFRE

Editor
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES

Secretário do Conselho Editorial
PAULO VIEIRA

Laboratório de Jornalismo e Editoração

Coordenador
PEDRO NUNES FILHO

ORGANIZADORES

Aldenildo A. de Moraes Fernandes Costeira
Benedito Clarete de Vasconcelos
Janine Azevedo do Nascimento

REVISÃO DE PORTUGUÊS

Thiago Fernandes Dantas

ARTE DA CAPA E ILUSTRAÇÕES

Minna Miná

DIAGRAMAÇÃO

Amanda Pontes



O Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS – Vivências de Extensão em Educação Popular e Saúde no SUS - é uma iniciativa de apoio e fomento às experiências de Extensão Universitária na linha da Educação Popular em Saúde, de maneira integrada com os espaços e sujeitos do Sistema Único de Saúde (SUS), bem como com os grupos, movimentos e iniciativas de saúde do campo popular no Brasil.

Este projeto constitui ação apoiada pela Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS-SUS) com apoio do Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde (SGTES) e colaboração da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (SGEP).

Em sua frente nacional vem atuando a partir de uma equipe operacional de pesquisadores e consultores ancorada na UFPB, com ações de articulação e integração entre as diversas iniciativas e experiências de extensão em Educação Popular e Saúde no país. Toda gestão se dá através de eventos, oficinas, encontros, difusão de informações, compartilhamento de publicações e materiais didáticos no campo da Educação Popular e do SUS. Pela promoção regular do Estágio Nacional de Extensão em Comunidades (ENEC) há uma oportunidade de vivências e experiências de estudantes de graduação de todo o país em práticas de Extensão orientadas pela Educação Popular nos espaços do SUS.

Uma de suas frentes de atuação é o apoio ao desenvolvimento de publicações em andamento e republicações de obras relevantes

no âmbito da Extensão Popular, da Educação Popular e da Formação em Saúde, assim como a divulgação de produtos referentes a pesquisas realizadas neste campo e de reflexões sobre estas práticas, no sentido de incentivar e aprimorar o registro, a pesquisa e a sistematização de experiências nas diferentes iniciativas em nível nacional. Os livros editorados, publicados e/ou impressos pela Coleção VEPOP-SUS podem ser encontrados no Portal ISUU: <<https://issuu.com/vepopsus>>

Por meio do VEPOP-SUS, espera-se estimular em todo o país a Educação Popular como expressão da construção de caminhos e novas práticas de saúde na formação dos profissionais, protagonizando o campo popular e os serviços públicos de saúde.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
PREFÁCIO.....	15

Eixo 1 - Projeto PalhaSUS

EXTENSÃO, MAIS QUE UMA ATIVIDADE UNIVERSITÁRIA, UMA PERSPECTIVA DE AÇÃO: SALVO DUAS VEZES.....	23
--	----

UM BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PALHASUS.....	37
---	----

CONSTRUINDO PROCESSOS EDUCATIVOS EM SAÚDE SENDO HUMANO POR INTEIRO E PROMOVENDO POR INTEIRO O HUMANO NO OUTRO E NA OUTRA: O PROJETO PALHASUS E A EDUCAÇÃO POPULAR.....	51
--	----

A CHEGADA DA PSICOPEDAGOGIA NO PALHASUS - ABRINDO FRONTEIRAS PARA OUTROS CURSOS.....	71
--	----

O PALHASUS NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS NA GRADUAÇÃO.....	79
--	----

EU E O PALHAÇO CUIDADOR NO AMBIENTE HOSPITALAR.....	93
---	----

O PALHASUS FACILITADOR DO RISO “ON THE BEACH” PARA AS PESSOAS COM	
---	--

DEFICIÊNCIA.....	103
CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PALHASUS NA FORMAÇÃO DO TRABALHADOR DA SAÚDE MENTAL UMA REFLEXÃO.....	117
PALHAÇADA NO MANICÔMIO: O FLORESCER NO ASFALTO.....	131
REFLETINDO O PROJETO DE EXTENSÃO PALHASUS SOB O MARCO DE REFERÊNCIA DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS.....	143
VIVÊNCIA TAMBABA E A ESSÊNCIA DA PALHAÇARIA.....	167
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS- UMA EXPERIÊNCIA COM OS PALHAÇOS CUIDADORES DO PROJETO DE EXTENSÃO PALHASUS.....	183

Eixo 2 - Palhaço Cuidador

OFICINA DO RISO DO PALHASUS: EVENTO DE INICIAÇÃO DO PALHAÇO CUIDADOR.....	239
E O QUE É O PALHAÇO CUIDADOR.....	251
O IMPACTO DO PALHAÇO CUIDADOR NOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE.....	265
O PAPEL POLÍTICO DA PALHAÇA CUIDADORA NA FORMAÇÃO EM SAÚDE POR MEIO DA EXTENSÃO POPULAR.....	277
O QUE EU ERA ANTES DE ME ENCONTRAR....	295

PALHASUS: A DESCOBERTA DA AMOROSIDADE.....	305
O IMPACTO DA ATUAÇÃO COMO PALHAÇA CUIDADORA NA FORMAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL.....	315
O PALHAÇO CUIDADOR NA ERA DA SUPEREXPOSIÇÃO DA CULTURA DA IMAGEM E DO SOM.....	321
QUEM É O PALHAÇO CUIDADOR E DE ONDE VEM?.....	333
O IMPACTO DO PALHAÇO CUIDADOR NO EXTENSIONISTA.....	337
O AUTO CUIDADO DO PALHAÇO CUIDADOR.....	339

Eixo 3 - Cenários da Vida

ATUAÇÃO DOS PALHAÇOS CUIDADORES NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY.....	343
MINHA HISTÓRIA NO PROJETO PALHASUS.....	349
DE PALHAÇO E LOUCO, TODO MUNDO TEM UM POUCO.....	357
DAS CINZAS A COLORAÇÃO, DA INSTITUCIONALIZAÇÃO A HUMANIZAÇÃO: A(S) HISTÓRIA(S) QUE “ESCOLHEMOS”	

TRILHAR.....	367
PROTAGONISMO DO PALHAÇO CUIDADOR NO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO HOSPITAL PADRE ZÉ, CENÁRIO DE ATUAÇÃO DO PROJETO PALHASUS, PERSPECTIVA DO EXTENSIONISTA.....	389
A IMAGEM DA VELHICE DESASSISTIDA PELO ABANDONO E SUA VERDADEIRA VERTENTE DE AMOROSIDADE E CUIDADO.....	403
CONTEXTO HOSPITALAR SOB O OLHAR DO PALHAÇO CUIDADOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO PALHASUS.....	413
O PALHASUS NO HOSPITAL SÃO VICENTE DE PAULA – SOB O OLHAR CUIDADOR DE COISINHA E ACANALHADA.....	423
AUTORES E ORGANIZADORES.....	433

APRESENTAÇÃO

Os organizadores

Este livro é mais uma ação “com-par-trilhada” sob a inspiração das vozes que se unem para cantar o sempre novo canto da amorosidade e do cuidado no compromisso de reinventar o social — missão da comunidade PalhaSUS.

PalhaSUS não é um projeto, e sim um encontro de poéticas humanitárias, onde o bojo é uma amálgama sutil das emoções e afetividade dos oprimidos, dos olvidados, dos vulneráveis e sofridos. Aqueles que nos fazem cúmplices do pensamento sertanejo de Diadorim, de que coragem é de na hora mais triste se fazer alegria. E é sobre isso que convidamos você a refletir conosco nessa travessia do nosso fazer e do nosso escrever sobre esse fazer; por isso, um livro.

Dentro dessa nossa pequenez, diante da necessidade máxima, nosso livro é (mais) uma ação que quer criar um inédito viável, pois que o educador Paulo Freire é um dos pilares que nos sustenta. Esse inédito viável repleto de sonhos, de novas racionalidades, de raiva, de impotências, de lutas, de criatividade, de saberes intuitivos, espontaneidades, afetividade, espiritualidade e arte.

Escrita de muitas mãos, de pensamentos diversos, em diferentes doses de poesia, de racionalidade, o livro compreende um esforço emocional de um grupo de pessoas, estudantes, profissionais de saúde e professores, imantados sob a figura ancestral e mágica: o palhaço. O PalhaSUS é um ente repleto de graças, de risos, de dores, de sofrimentos, de amorosidade e de

cuidado. Essa escrita não poderia ser outra: palhaçaria — livre de todos os clichês, de todo o academicismo e rótulos.

Por isso, o livro é um fruto de encontros muitos; um organismo vivo, em movimento, errante — que dança e balança, como as pernas tortas e espalhafatosas da palhaçaria. E os textos que o compõem vibram em caleidoscópio — e a cada gesto ou palavra, uma nova imagem se recria. Pequenos cacos poéticos, repletos de inexatidão e incertezas, desvios sintáticos, erros crassos, tudo em um só objetivo — contar a sabedoria do ser PalhaSUS.

Talvez por ser assim, esse livro tem esse dom: fazer a academia rir, mostrar para os metódicos cartesianos e outros burro-cratas do fazer científico que ciência se faz assim, com riso, vestida de cores alegres, no erro das crases, nas faltas das vírgulas, mas na poesia da vida.

O livro está dividido em três eixos. O primeiro trata de descrever aspectos do projeto em si, sua história, e relatos de alguns participantes, que retratam aspectos que levem à aproximação e compreensão sobre o projeto. O segundo, o Palhaço Cuidador, categoria constituída e desenvolvida através da Oficina do Riso e que tem suas características próprias vinculadas a uma matriz de identidade, retrata aspectos desse palhaço e delimita a sua singularidade. E o terceiro, Cenários da Vida, traz experiências reais vividas nos territórios em que os Palhaços Cuidadores desenvolvem suas ações, retratando diversos momentos em que palhaços, usuários, familiares e acompanhantes se encontram na ação, em um cenário real, mas onde a realidade e a fantasia se juntam para transformar a realidade.

PREFÁCIO

Reconstruindo a utopia do Movimento Sanitário por meio da alegria

Eymard Mourão Vasconcelos

Estou no Movimento Sanitário brasileiro desde 1974. Nesses 44 anos, muita coisa mudou na realidade sanitária do país. O Sistema Único de Saúde (SUS) foi implantado e consolidado. Temos hoje uma ampla rede de serviços de atenção primária à saúde que atende a maioria da população brasileira. Apesar da precariedade desses serviços, muitas conquistas foram feitas em termos de melhoria das condições de saúde da população, da gestão administrativa do sistema e do crescimento da consciência sanitária da população, hoje muito mais exigente e capaz de expressar suas insatisfações.

Sem dúvida, aconteceram muitos avanços. A maioria dos meus colegas de luta sanitária da década de 1970 não vislumbravam tantas conquistas em tão poucas décadas, a partir de nossas pequenas iniciativas, sempre marginais e perseguidas, daquele tempo de opressão pela Ditadura Militar. Essa admiração com as conquistas pode parecer surpreendente diante da intensa insatisfação da população e dos profissionais de saúde com a realidade sanitária brasileira atual, mas marca minhas avaliações. É importante resgatar esse olhar histórico para que não sejamos tomados pelo desânimo e pela atitude

lamurienda, muitas vezes dominante entre os profissionais de saúde. É importante também para resgatar a crença na força transformadora de minorias utópicas, que sabem agir com inteligência estratégica na realidade social e política.

Tivemos muitos ganhos, mas também muitas perdas. Há realidades sanitárias atuais que são piores que as existentes há 20 anos. Uma dessas grandes perdas foi o quase desaparecimento, no pensamento, discurso e prática dominantes entre os profissionais de saúde envolvidos com a operacionalização do SUS, da ênfase na busca da integralidade na assistência à saúde, no investimento no fortalecimento da participação comunitária e na promoção da saúde, entendida de forma mais ampla e não apenas como enfrentamento de comportamentos de risco da população.

No início do Movimento Sanitário e nos primeiros tempos de implantação do SUS, a partir de 1988, predominava entre os ativistas sanitários a perspectiva de que o trabalho em saúde era uma estratégia de reconstrução da nação em direção a uma sociedade mais justa, solidária e democrática. A assistência à saúde era encarada como espaço privilegiado, não apenas para o enfrentamento do sofrimento causado pelas doenças, mas também para o enfrentamento de injustiças e opressões no cotidiano da população, o fortalecimento do protagonismo cultural e político dos moradores, a expansão da alegria, arte e solidariedade nas comunidades e a construção de formas mais democráticas e participativas de gestão do Estado. Essa perspectiva utópica mais ampla foi central na grande mobilização sanitária que lutou pelo SUS. Apenas o grandioso é capaz de gerar grandes mobilizações.

Hoje temos uma rede de milhares de serviços de saúde muito mais bem equipados, centenas de milhares de profissionais de saúde com muito mais conhecimentos sobre saúde pública e

uma ampla rede de sanitaristas ocupando espaços de gestão em quase todos os mais de cinco mil municípios brasileiros. Foram construídos amplos e complexos sistemas legais, administrativos e educativos para dar suporte ao SUS. Foram significativas conquistas que tiveram grande impacto nos indicadores estatísticos de saúde e mortalidade, o que garantiu o respeito e admiração da comunidade mundial de especialistas em saúde pública. Essas conquistas ficam ainda mais ressaltadas se são considerados os pequenos investimentos financeiros per capita, colocados à disposição do SUS, no orçamento da nação. Mas o trabalho em saúde no SUS ficou muito mais burocratizado, técnico e alienado.

Nos debates e conversas que acontecem atualmente nos serviços de saúde, predominam, de forma quase absoluta, reclamações sobre falta de recursos, considerações sobre as últimas exigências administrativas e sanitárias a serem operadas, reações contra cobranças dos usuários, insatisfações com as condições de trabalho e de pagamento e os conflitos entre os profissionais ou as equipes. A perspectiva de aprimoramento enfatizada é a gerencial: que medidas administrativas, de controle do trabalho, treinamento ou aperfeiçoamento dos programas sanitários específicos precisam ser implementadas? Os profissionais envolvidos com os atendimentos à população, entre as cobranças de uma administração cada vez mais organizada e, de outro lado, as cobranças de uma população cada vez mais exigente, ficam muito tensos e tendem a restringir seu fazer aos itens cobrados.

Conversas sobre a integralidade na assistência, o incentivo à participação comunitária e a promoção da saúde, não restrita a mudanças de comportamento de risco priorizadas pelos programas de saúde pública, se tornaram raros. Foi sufocado o espaço, na maioria dos atuais serviços de saúde, de se conversar

e elaborar sobre a utopia de contribuição para a reconstrução da nação através do fortalecimento do protagonismo cidadão e da solidariedade social, o apoio aos movimentos sociais e às redes locais de solidariedade, o incentivo ao belo pela arte, o enfrentamento das injustiças e opressões presentes nas comunidades e a democratização das políticas sociais e do Estado.

O SUS tornou-se muito burocrático e técnico. Tornou-se um modo de organização de assistência à saúde capaz de atender minimamente às demandas da população com recursos orçamentários muito limitados. Um modo racionalizado, burocrático e autoritário de tentar conseguir o apoio eleitoral da população aos governantes do momento, dentro das grandes restrições orçamentárias para as políticas sociais destinadas aos setores não dominantes politicamente, nessa sociedade injusta e desigual.

Nesse contexto, a utopia que animou o Movimento Sanitário precisa se distinguir do movimento voltado para o simples aperfeiçoamento e ampliação do SUS. Entre os ativistas do SUS, a ênfase hoje é o seu aperfeiçoamento gerencial. Aqueles que buscam, além da ampliação do SUS, a reconstrução da nação e a construção de uma sociedade mais justa, solidária, participativa, bela e alegre, são hoje uma minoria entre os ativistas do SUS. Mas uma minoria criativa, diversa e cheia de iniciativas levadas com muita garra.

O movimento da educação popular em saúde tem reunido e articulado muitas dessas iniciativas. São pessoas e grupos que acreditam na “busca de ser mais” (expressão muito usada por Paulo Freire) presente em todas as pessoas e nas suas iniciativas de superação, ainda que pouco aprimoradas, como também nos saberes populares já acumulados nessa busca. Acreditam também na força promotora de saúde do trabalho coletivo e

organizado voltado para a solidariedade social. São pessoas e grupos que procuram apoiar essas iniciativas e saberes de um modo respeitador de seu protagonismo, valorizando, por isso, principalmente o diálogo. Trabalham **com** seus pacientes e comunidades e não **para** eles.

A importância do PalhaSUS é entendida nesse contexto. É uma das milhares de iniciativas que hoje povoam o espaço do trabalho em saúde brasileiro em busca da saúde plena. A saúde do cidadão ativo, ativo, solidário e alegre. É uma das iniciativas, mas uma iniciativa muito especial por seu caráter metodologicamente inovador e por enfatizar dimensões da busca por saúde que não vinham sendo antes valorizadas. Revela e aprimora a força do impulso vital da alegria, presente em todas as pessoas e surpreendentemente até mesmo nas pessoas submetidas a situações de sofrimento extremo. Tem surpreendido por justamente dar visibilidade à alegria e ao sorriso como força promotora da saúde, em seu sentido mais amplo. Uma força que também está nos profissionais de saúde, aparentemente tão sérios e sofridos, fazendo-os descobrirem suas próprias potências e vitalidades, promovendo sua saúde e ajudando-os a encontrarem caminhos de um trabalho coletivo e amoroso. Tem ajudado a tornar alegre a dura luta política por uma sociedade mais justa e democrática.

Mas como fazer isso? Como tornar o impulso vital da alegria, presente nos pacientes, nas comunidades e nos profissionais de saúde, passar a ser força promotora da saúde? Não é um caminho espontâneo, apesar de lidar muito com a espontaneidade. É um caminho que vêm sendo construído há décadas em muitos países. Há um saber acumulado nesse caminho de promoção da saúde, que ainda está em processo de aprimoramento. A experiência discutida nesse livro revela um pouco desse saber metodológico construído historicamente e

internacionalmente. Mas vai além disso. É uma experiência que acrescenta muito a esse saber, por integrar o saber da educação popular nesse tipo de iniciativa.

A educação popular é uma proposta e uma metodologia educativa nascida no Brasil que alcançou grande reconhecimento entre os trabalhadores sociais de todo o mundo. Ela acrescenta novas perspectivas para a palhaçaria em saúde. Alegrear dialogicamente. Alegrear ressaltando a alegria já presente nas pessoas cuidadas. Alegrear buscando chegar não apenas no sorriso e no alívio, mas no protagonismo ativo das pessoas em cuidado. Alegrear para fortalecer as redes de solidariedade já existentes. Alegrear envolvendo outros profissionais de saúde do serviço para fortalecer seus protagonismos e suas lutas nas instituições onde atuam. Alegrear para construir uma sociedade mais alegre e solidária.

Desse modo, as histórias bem pessoais narradas e analisadas nesse livro falam de algo muito mais amplo do que inicialmente parecem revelar. Elas falam do saber metodológico de tornar a alegria como instrumento de promoção da saúde e da contribuição que a alegria pode trazer às iniciativas de educação popular. Revelam caminhos inovadores desse movimento minoritário dentro do SUS que é voltado não apenas para o seu aperfeiçoamento gerencial, mas para o resgate, hoje, da utopia que animou a luta do Movimento Sanitário brasileiro.

proyecto palhasus



EXTENSÃO, MAIS QUE UMA ATIVIDADE UNIVERSITÁRIA, UMA PERSPECTIVA DE AÇÃO: SALVO DUAS VEZES

Aldenildo A. de Moraes F. Costeira

Posso afirmar que tenho dois momentos de encontro com a Universidade Federal da Paraíba. O primeiro, como acadêmico, se deu quando ingressei em 1983 na graduação de Medicina. Essa primeira passagem durou em torno de 10 anos, dos quais oito foram para a conclusão do curso e mais dois para cursar a residência de Medicina Preventiva e Social.

Nesse primeiro momento, ainda um jovem imaturo que entrava aos 16 anos para cursar uma formação tão complexa, vi-me em muitos momentos de contradições na formação e na vida. Entrei com uma visão de poder me formar como médico na perspectiva de colaborar com as pessoas. Lembro que tinha uma ideia de ser um médico clínico geral e de possuir habilidades de cirurgia a fim de poder atuar no interior.

É possível que nesse ponto eu tenha sido influenciado pelo meu pai, que falava muito sobre o Dr. Asdrúbal — médico espírita que era, inclusive, professor de anatomia na UFPB —, o qual fazia uma prática clínica em seu consultório, atendendo de graça em um turno e cobrando no outro. Claro que aqui pode haver uma imprecisão dos fatos reais, mas a sua fala, de certo modo, me estimulava a ser esse médico, mesmo que me causasse desconforto a ideia de consultório e cobrança. No

entanto, a parte de se vincular às pessoas que mais precisavam me despertava o desejo pela prática médica.

Ao longo da formação dos estudantes, deparávamo-nos com diversas dificuldades, desde questões estruturais, como falta de recursos materiais e de acesso à assistência estudantil, até a falta de compromisso por parte de docentes em exercer uma prática adequada. Estávamos sendo direcionados, o que nos preocupava muito, para uma formação voltada para o setor privado e para a especialização, distanciada das necessidades da população, sendo esta última uma grande contradição para uma universidade pública. Para lidar com essa realidade, aproximei-me do movimento estudantil, fiz parte do Centro Acadêmico de Medicina e depois, compreendendo que a luta era mais abrangente, participei de duas gestões do diretório Central dos Estudantes. Experimentei exercer o papel de presidente do diretório na primeira gestão em que participei. O nome da nossa chapa eleita, com uma diferença de mais de dois mil votos, era “Pra sair dessa maré”. Porém, eu não sabia bem de qual maré queríamos sair: maré baixa ou maré alta? Talvez fosse ingênua a ideia de sair de uma maré, pois, de certa forma, a vida caminha entre altos e baixos.

Assim, passei a ampliar a minha participação através de um movimento mais geral, envolvendo não só a questão da formação em saúde, mas também da formação de uma diversidade de cursos, uma vez que, no papel de líder de uma entidade máxima, eu convivia com colegas e amigos, estudantes organizados dos vários cursos. Importante destacar que, àquela época, a UFPB possuía sete campi, abrangendo do litoral ao Sertão, já com uma quantidade aproximada de 20 mil estudantes, o que correspondia a uma população muito maior do que a de muitos municípios do Estado.

Isso implicava cada vez mais na reflexão da política da época, período final da ditadura militar. Lutávamos por eleições para presidente na campanha das “Diretas Já” e fazíamos em uma disputa de várias tendências estudantis, análises de conjuntura, a fim de elaborarmos teses e propostas que melhor guiasse as nossas intervenções. Mas, para mim, não era fácil lidar com essas situações, uma vez que me aproximava de algo difícil de conviver até hoje, que é a disputa pelo poder. Éramos levados a agir como se cada grupo tivesse a melhor proposta e a receita certa, com o objetivo de arregimentar mais e mais pessoas para si. Nesse clima, havia mais espaço para enfrentamentos para convencimento do que espaço para diálogos.

Nesse contexto, um belo dia, ou melhor, uma bela noite, eu não consegui dormir. Passei a noite toda vivendo um conflito interno de pensamentos em que me via em um enfrentamento imaginário entre a minha sobrevivência e a sobrevivência de outro.

Ao me olhar no espelho, via-me naquela face magra, com a marca de um trauma facial causado por um acidente de carro recente. O cabelo grande, desejo de infância realizado na rebeldia de adolescente, pelo menos para minha família, pois a jovem guarda já tinha passado e não era tão revolucionário assim ter cabelo grande. Vi-me com a face cristã bem próxima à de Cristo. Meus pensamentos assustados com o que viam, talvez com medo de alguma crucificação, começaram a encontrar um contraponto. E ocorreu-me na construção desse “delírio” que, lá no Vaticano, o Papa vivia em um Templo de ouro, com bastante ostentação, e uma Igreja, com seu pensamento hegemônico, distanciada dos pobres, estando a engordar. Naquela noite, ou eu ou ele morreria: eu emagreceria até desaparecer ou o Papa engordaria até explodir.

Nessa disputa, passei toda uma madrugada inquieto, na qual minha consciência percebia que algo estava diferente, mas, ao mesmo tempo, precisava lutar para que eu me mantivesse vivo. Vinha o frio e eu colocava o cobertor, vinha o calor e eu tinha sede, o que me provocava a vontade de urinar. Eu ia ao banheiro e depois tremia de frio. Era como se o corpo, a partir de um transbordamento de ideias e de neuro-hormônios, reagisse para buscar um equilíbrio.

Essa experiência, bem como outras nas quais convivi com sensações cenestésicas, de algum modo, vieram a me confirmar ao longo do tempo a ideia de uma integralidade do ser, de que tudo está conectado. Como gosto de lembrar, passado algum tempo depois dessa experiência, perguntei ao professor de psicologia médica sobre o que levava à loucura: se eram os conflitos mentais, os pensamentos acelerados e o stress que aumentavam (ou alteravam quanti-qualitativamente) os neuro-hormônios; ou se eram os neuro-hormônios que aumentavam e levavam aos conflitos mentais. Lembro-me de sua resposta na época: “se eu soubesse a resposta, eu ganharia o prêmio Nobel de Medicina”.

Mas voltando aqueles momentos estranhos e desafiadores, passei a noite toda tentando entender o que acontecia comigo. Ao mesmo tempo, exercia ações em conexões com pensamentos que iam fluindo, como no caso dos pensamentos voltados às leis da dialética; também passava a pensar que, enquanto as pessoas dormiam, eu ficaria acordado (pelo menos alterando o padrão de sono que tinha); que se estivesse com um velho, eu mais escutaria, se com um jovem ou uma criança, eu mais falaria. Foi então que, só quando o sol apareceu, eu consegui dormir.

Acordei próximo ao meio dia e a relação com as pessoas e com o contexto do momento era um tanto diferente. Eu

estava mais conectado com todos os acontecimentos e tudo me estimulava, levando-me a uma necessidade de compreensão e ação — desde que esta não me expusesse, era o que tinha estabelecido.

Pelo menos se tratava de um desejo, pois, ao chegar à universidade, no prédio do DCE (o antigo prédio da mata), e vendo amigos e estudantes que jogavam sinuca e viam a velha televisão recém-adquirida, associado aos momentos anteriores, de encontros e os desencontros, o debate da calourada que não houve - era início de período e como Presidente do DCE era convidado para várias atividades de calourada de diversos cursos - tudo transbordou, subi na grade e comecei a fazer um discurso.

Diante dessa situação, pessoas que me acompanhavam resolveram me proteger, retirando-me da cena e levando-me para a casa de um amigo, onde fiquei por algum tempo até meu pai chegar para me “resgatar”. Às vezes, tenho a sensação de que foram vários dias, mas, quando relembro e racionalizo a situação, sou levado a crer que fiquei de vinte quatro horas a no máximo dois dias.

Acredito que a sensação de ter sido mais tempo se dá em decorrência de que vários amigos mais próximos do movimento estudantil foram ao local para conversar comigo e, na melhor das intenções, trazer-me de volta novamente à realidade. Mas ao invés de desacelerar meus pensamentos, falas e atos, o contrário aconteceu, fazendo-me ficar com mais teses e argumentos para construir o meu discurso.

Você deve estar se perguntando, o que tem a ver essa história com o PalhaSUS, mas tem tudo a ver. Eu não posso afirmar que, se essa parada involuntária não acontecesse, eu não viria a ser professor universitário do Curso de Medicina. Mas tenho quase certeza de que eu não teria me tornado um

palhaço, apesar de que, quando criança, no meu meio familiar e em função das minhas presepadas, era comum chamarem-me de palhaço.

A pretensão aqui não é fazer um relato descritivo de uma fase de minha vida, mas, é importante destacar esses elementos. Pois, como dizia a Professora Lourdes Pessoa de Brito — com quem tive a honra de conviver por quase quatro semestres, já que me matriculei quatro vezes, tendo sido aprovado apenas na última delas: “nós somos o que fomos”. Portanto, eu digo: chegamos de onde viemos.

O retorno às minhas atividades foi muito difícil. Tive que enfrentar a psiquiatria, com as medicações da época e o despreparo dos profissionais — lembremos que só agora completamos trinta anos da carta de Bauru. Sofri *bullying* — palavra que aprendi há poucos anos — por parte de companheiros do movimento estudantil, que diziam que o presidente do DCE tinha enlouquecido de tanto fumar maconha, quando, na época, meu único vício era refrigerante de cola — e nem esperem que eu faça uma propaganda dele. Também sofri assédio moral de professor, que, ao invés de agir como pedagogo, expôs-me publicamente em sala de aula, afirmando, inclusive, que eu nunca concluiria a sua disciplina; se houvesse esse milagre, não me seria concedido o registro no Conselho de Medicina quando eu me formasse, já que ele era membro do órgão e “sabia da minha situação”.

Mas, como aprendi com tantos sábios, não há percalços, tribulações ou dificuldades que, caso sobrevivamos, não nos tragam aprendizagem e novas possibilidades. E foi isso que aconteceu: eu voltei para casa, ou melhor, para as bases; para a acolhida dos meus colegas de curso que atuavam no Centro Acadêmico. E uma coisa muito interessante passava a acontecer, a partir da reflexão que movimento estudantil fazia

das frustrações que a formação trazia e das necessidades da população. Estávamos — e já me coloco como participante, pois, ao me reaproximar da base, já comprei a ideia — iniciando uma ação junto a uma comunidade de João Pessoa, chamada Favela dos Ipês.

Tal ação contava com o apoio de alguns companheiros do movimento estudantil que já haviam concluído o curso. É o caso de Climério Avelino, então residente de Medicina Preventiva e Social, Leônia Batista e, posteriormente, o Professor Eymard Mourão Vasconcelos, que, como já expressado por ele, achava aquele movimento originado a partir da iniciativa de estudantes, muito potente. Desse modo, dava-se início a um projeto de extensão pioneiro no Curso de Medicina de João Pessoa, que era chamado Núcleo de Atuação Comunitária, ou, como carinhosamente chamávamos, de NAC.

Se hoje a extensão universitária é conhecida como a “prima pobre” das ações da universidade, ela era quase inexistente e miserável naquela época, tanto mais por essas características de aproximação da população excluída que a tornavam ainda mais rara. Outro aspecto a destacar é que houve um movimento de interdisciplinaridade muito importante, pois, em função das inquietudes, interesses, paixões literalmente comuns, pois aconteciam namoros, e elos de amizade que existiam no movimento estudantil, estudantes de diversos cursos, como Medicina, Enfermagem, Educação Física, Administração e História, foram se juntando nessa ação.

Visitávamos as casas dos moradores do local e fazíamos um atendimento supervisionado pelos colegas recém-formados. Mas, mais importante, passávamos, através do diálogo com aquelas pessoas que ali moravam, tanto em reuniões no pequeno prédio da Escola em que fazíamos nossas ações de atendimento e educação em saúde, como nas caminhadas pelas ruas e casas

das pessoas, a vivenciarmos uma prática de educação popular em saúde. Um deles era Seu Batista, um senhor que morava do lado em que ficava a estrutura do cemitério, empreendimento que não deu certo, em função do terreno de características de mangue pela proximidade do rio Jaguaribe, e que sempre que íamos aos sábados, era momento esperado ir visitá-lo para ouvir suas histórias ricas de sabedoria popular.

Entre as idas e vindas no curso, com vários trancamentos, vestibulares para Psicologia e depois História, que até comecei a cursar, essa foi para mim a primeira experiência de extensão universitária que me “salvou”. Dentre outras coisas que me ajudaram, ela favoreceu o meu retorno ao Curso de Medicina. Foi também através dessa experiência de extensão que conheci minha companheira, também médica, com quem desbravaria outros lugares no futuro (outras experiências que são detalhadas em outro capítulo deste livro, que trata do histórico do PalhaSUS).

Posteriormente, após concluir o curso, cursei a residência em Medicina Preventiva e Social na UFPB, depois trabalhei como médico clínico no Rio Grande do Norte, fui médico sanitарista da prefeitura de João Pessoa e preceptor da referida residência em campo de treinamento em serviço no município de Fagundes/PB. Então, resolvi ir para o Ceará, largando todas essas funções e indo morar na Zona Rural de Quixadá. Levei comigo a família e os sonhos de construir um Sistema Único de Saúde resolutivo, vivenciando uma das primeiras experiências pioneiras da Estratégia Saúde da Família (ESF).

Foi nessa experiência que me aproximei das artes e me tornei um ator amador de teatro de rua. Tempos depois, já no município de Sobral/CE, a partir de uma nova aproximação com o teatro de rua, passei a sistematizar uma formação denominada “Curso de Teatro de Rua e Saúde”, que, em convívio com artistas locais de Sobral e com o Projeto Circo Saúde Alegria,

possibilitaria a criação da formação em Palhaços Cuidadores, denominada Oficina do Riso. Foi dessa vivência que surgiu o Palhaço Al, meu primeiro palhaço.

Voltamos para João Pessoa em 2006, onde continuei trabalhando na ESF, voltando a me vincular como médico em uma equipe da estratégia. Nesse período, timidamente estive como palhaço cuidador em atividades de prevenção e promoção da saúde, desenvolvida em atividades de educação em saúde nas equipes em que atuei como médico. No fim da primeira década desse século, prestei dois concursos para professor para ensinar na área da saúde coletiva no Curso de Medicina da UFPB.

Iniciava-se assim o retorno àquele espaço. Por alguma razão, existia dentro de mim um sonho e uma intuição de voltar a frequentá-lo e tê-lo como uma segunda casa, que era a mesma sensação que tinha por ocasião do período de graduação.

Esse acesso como professor em 2010 não foi fácil. Os desafios eram traduzidos pelos questionamentos “como alcançar o perfil delineado por outros para uma função de professor de um departamento de um curso médico?”, “como enfrentar esses processos seletivos, tão cheios de vícios e imperfeições humanas?”, “como me reapresentar a uma comunidade ‘que já me conhecia’, mas que não me resignificava para me reconhecer?”.

Sem ater-me tanto aos detalhes dos acontecimentos, pois espero um dia fazê-lo se tiver oportunidade de escrever a minha autobiografia, afirmo que esse processo de entrada como professor foi um tanto traumático. Senti-me rejeitado muitas vezes, inclusive vivi momentos de assédio moral. Esses momentos acabaram me levando a uma fase de depressão, a mais forte que tive e mais desafiadora para conseguir superar. Houve um momento em que eu tinha que ir ministrar aula e

não podia expor meu estado, contando com o apoio muito importante dos meus familiares e dos profissionais de saúde que estavam me acompanhando.

Aquele sonho de ingressar como docente do Curso de medicina da UFPB, tão desejado e realizado, parecia que se tornaria um pesadelo. Por muitas vezes, ouvi de algumas pessoas, e tenho a mesma compreensão, que a UFPB é um espaço muito adoecedor. E, em uma observação empírica, identifico colegas adoecendo, quer seja com sofrimento psíquico, quer seja com doenças cardiovasculares, bem como com câncer. Portanto, não seria uma inverdade, ou pelo menos seria uma boa hipótese, afirmar que esse ambiente tem muito fator de adoecimento dos trabalhadores, tanto mais por se tratar de um ambiente de disputa de poder, de grande espaço egoico, e de tantas exigências e concorrências.

Passei a duvidar se aquele espaço realmente poderia contribuir na minha busca de momentos significativos de felicidade no trabalho, espaço da vida humana que considero muito importante e ao qual me dedico bastante no intuito de que seja executado com qualidade.

Mas, foi outro problema na universidade que me deu fôlego e novo ânimo para enfrentar esse contexto. A partir de uma agressão física de um estudante de medicina ao seu colega no corredor do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), fui indicado para a comissão de sindicância para apurar os fatos. Enquanto um dos membros do colegiado do curso, fiquei perplexo com o acontecimento e passei a me questionar o que fazia pessoas que estavam estudando para cuidar dos outros, e muitas vezes com a ideia de que salvariam vidas, agirem de forma violenta, causando danos a um colega.

Foi em meio a essa atmosfera que propusemos a realização da I Oficina do Riso da UFPB. A princípio, não havia a pretensão

de ser uma extensão, mas um recurso para desenvolver aspectos da humanização das relações interpessoais, do cuidado e do autocuidado e da promoção da saúde mental e prevenção do sofrimento psíquico em estudantes de Medicina.

A experiência bem-sucedida, e após a atuação em uma atividade do Dia da Criança na enfermaria pediátrica do HULW, despertou numa parte dos egressos da oficina a ideia de constituirmos uma extensão universitária que seria denominada PalhaSUS.

A extensão universitária, por uma segunda vez, me daria ânimo e força para caminhar dentro dos muros da UFPB. Esses acontecimentos, a realização da oficina do riso em 2010 e a criação do projeto de extensão em 2011, logo nos dois primeiros anos da minha nova função de docente, foram indicando possibilidades de ter uma ação que me desse sentido e me realimentasse de força e esperança para enfrentar os desafios do cotidiano.

Conviver com jovens estudantes que se aproximam com a curiosidade de conhecer esse palhaço cuidador e o processo de ensino-aprendizagem que a vivência na extensão propicia é o que vai me permitindo sempre me recolocar no mundo. Ao mesmo tempo em que exponho minha experiência a partir das minhas falas e ações e gero aprendizagem nos estudantes, sou diariamente aprendiz nessa convivência com os jovens, seus conhecimentos e os aspectos que as novas gerações desenvolveram.

Na graduação, em sala de aula, talvez por existir avaliação com objetivos de pontuar, aprovar ou reprovar, o ambiente não é tão proporcionador da aproximação dos dois atores fundamentais no ensino, o estudante e o professor. Leva mais tempo, gera-se mais desconfiança. Muitos dos estudantes estão

com você, o professor, não porque escolheram, mas porque foram matriculados.

Já a extensão se trata de uma escolha, embora hoje em dia haja uma busca pela extensão em função dos créditos flexíveis e pelo que ela implementa no currículo do acadêmico e futuro profissional. Mas, ele é estimulado a buscar aquele projeto por interesse prévio ou pela curiosidade de ver como ele atua.

Ao longo desses sete anos de PalhaSUS, construí novas amizades com parte dos participantes do projeto. Hoje, muitos são profissionais e suas ações em seus espaços de atuação me dão a certeza na potência desse trabalho, instigando-me a continuar realizando a partir dos novos desafios que surgem.

As dificuldades no espaço acadêmico da UFPB continuam. Muitas coisas precisam ser transformadas, mas o fato de estar participando da extensão universitária, por meio do PalhaSUS, recarrega-me para o enfrentamento dessa realidade.

O Palhaço Cuidador e os meus seis palhaços — Al, Timental, Aderbal, Apoial, Transal e Malucal — têm-me ensinado muito a viver. Tenho buscado amadurecer e envelhecer, mantendo a minha mente jovem. A minha criança interior, mobilizadora dos meus papéis de palhaço, contribui muito para essa manutenção.

Conviver com os discentes, não apenas na qualidade de docente, mas desenvolvendo vínculos mais íntimos e construindo amizades, tem me proporcionado mais leveza, atitudes mais amorosas e mais paciência, qualidades que anos atrás eu era mais pobre delas.

Concluo afirmando que por duas vezes em minha vida, até agora, fui “salvo” pela extensão universitária. Na primeira vez, no papel de estudante que quase abandonava o Curso de Medicina e não tenho certeza a que caminho teria me levado, mas com certeza que não estaria escrevendo estas palavras;

na segunda, no papel de docente, tendo sido um bálsamo para enfrentar a realidade e contribuindo no meu fortalecimento para atuar em uma conjuntura tão desafiadora e complexa que estamos vivendo.

Não poderia deixar de registrar nesta nossa obra que está comprometida com a história a conjuntura em que está inserido não só o Brasil — onde o golpe parlamentar e jurídico em curso põe sob fortes ameaças a educação pública e gratuita e os avanços da universidade brasileira tida nos anos anteriores —, mas o mundo todo, onde os diversos fôlegos que o capitalismo respira e implementa é uma forte ameaça para o planeta e para a nossa existência enquanto seres humanos.

Mas é preciso continuar esperançosos. Apesar da pouca ou nenhuma divulgação midiática, muitos gestos humanos representativos estão agindo no simbólico, na manutenção da vida e do planeta. O Palhaço Cuidador, “espécime de palhaço” que o PalhaSUS ajuda a colocar no mundo, é um desses atores importantes atuante no confronto diário entre a energia simbólica e a energia diabólica. Portanto, sigamos em frente, pois como poderia dizer o poeta: “o espetáculo não pode acabar e a vida tem que continuar”.

UM BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PALHASUS

*José Matias, Lucas Carvalho
Renato Menezes e Aldenildo Costeira*

INTRODUÇÃO

O PalhaSUS é um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) composto por estudantes de diversos cursos do campus I que realizam, dentre outras atividades, visitas semanais a algumas instituições de saúde do município de João Pessoa, promovendo cuidado a todos que se encontram nestes locais (usuários, funcionários, acompanhantes, etc) e levando, ao mesmo tempo, a mágica da figura lúdica dos palhaços a esses ambientes, muitas vezes sem cor e alegria.

Os integrantes do PalhaSUS adentram no projeto a partir da Oficina do Riso, uma formação de cinco dias realizada anualmente na UFPB pelos coordenadores e membros veteranos do projeto e que tem por objetivo acolher os novos integrantes e desenvolver neles as características essenciais para se tornar um Palhaço Cuidador. Ao longo da oficina, os participantes desenvolvem uma habilidade que já se encontra presente em todo ser humano e muitas vezes só precisa ser trazida à tona: a de cuidar dos outros e de si mesmo. Para tanto, os integrantes são apresentados aos diversos aspectos necessários para a

construção da figura do palhaço, como a confecção das roupas e peruca, a maquiagem, a fala, o andar, o olhar e também a sutileza de explorar o ridículo e o imaginário que naturalmente existem em cada um de nós de forma única.

O PalhaSUS existe como projeto de extensão desde 2011, porém os seus primeiros passos começaram a ser dados na UFPB em 2010, quando foi realizada a primeira Oficina do Riso da UFPB, inspirada em experiências anteriores vividas pelos seus coordenadores e organizadores.

ANTECEDENTES DA OFICINA DO RISO

No município de Quixadá, no Ceará, nos anos de 1994 e 1995, a dupla formada por Vera Dantas, médica/atriz, e por seu então esposo, Hélio Jr, articulou-se junto à Secretaria de Saúde e realizou um trabalho de Teatro de Rua voltado às comunidades das áreas descentralizadas de saúde e aos profissionais de saúde das Unidades Básicas de Saúde. Este trabalho era constituído no desenvolvimento de ações de educação em saúde, tendo como princípios a educação popular e a arte de rua.

Foi nesse momento que houve a aproximação do médico Aldenildo Costeira e de sua esposa e também médica, Janine Nascimento, com o teatro de rua, vivenciando várias experiências nesse município, o que despertou neles o interesse de desenvolver em sua prática profissional a expressão das artes cênicas.

Algum tempo depois, o casal foi trabalhar em Sobral/CE, cidade que tinha como gestor de saúde o ex-secretário de saúde de Quixadá, Luiz Odorico Monteiro de Andrade. Nesse município, foi desenvolvido um projeto, também de arte e saúde, envolvendo um circo que, mesmo sem lona, trabalhava habilidades circenses com meninos e meninas de rua, chamado

“Circo Saúde Alegria”. Era um trabalho coordenado pelo artista circense de rua Galdêncio Siqueira e por outras pessoas de Sobral, como Martônio Holanda e William Rodrigues.

Com a chegada de um palhaço nato, nascido em Icapuí, chamado Antônio Honorato Filho, formou-se uma trupe que estruturou um curso de teatro de rua e saúde, sendo uma das ofertas pedagógicas da Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Saboia.

Nesse processo, Aldenildo e Honorato, em um belo dia de 2005, assistindo ao filme “Patch Adams – O amor é contagioso”, observaram que, apesar do criticismo – assumido pelo próprio Patch Adams posteriormente, em entrevista no programa Roda Viva em 2007, da TV cultura – a proposta da arte da palhaçaria no hospital era muito potente, tanto para quem fazia quanto para quem recebia essa forma de cuidado.

Então, impactados pela mensagem do filme, eles marcaram um encontro na casa de Aldenildo e Janine, onde também estava presente Fátima, esposa de Honorato, dando surgimento à Oficina do Riso. Sobre essa criação, Aldenildo gosta de contar que:

“Era uma noite chuvosa. Ou melhor, trovões e relâmpagos, em pleno período quente e de falta de chuvas na região Noroeste do Ceará, de clima quente e semiárido... Noite não, uma tarde... Isso, a chuva muito forte... E a gente acabou construindo, “psicografando” a oficina, turno por turno, o que iria acontecer. E, de repente, deu certo. Fluía como se se materializasse no papel. Realizamos quatro no Ceará, sendo três em Sobral e uma em Fortaleza”.

E nessa perspectiva eles formataram uma oficina semi-intensiva de quarenta horas, em que, ao seu término, os participantes nasciam como palhaços. De certa forma, o início foi um processo um pouco intuitivo, pois não havia fundamentação em um marco teórico para se pensar a oficina, a não ser a ideia da humanização, da interface da arte e da cultura como um espaço importante de promoção da saúde, além do processo em relação ao palhaço em si, motivado pela visão que eles estavam tendo a partir da experiência de Patch Adams no filme.

Paralelo aos acontecimentos dessas oficinas, Aldenildo fez uma formação em psicodrama e, juntamente com Janine, foi refletindo a oficina sob a fundamentação da Socionomia, ciência desenvolvida pelo psiquiatra Romeno Jacob Levy Moreno.

A CHEGADA DA OFICINA NA UFPB

Quando o casal voltou para João Pessoa, passando a atuar em equipes da Estratégia Saúde da Família deste município, trabalho que requer muita dedicação, a oficina ficou adormecida, dada a falta de tempo para realizá-la. Além disso, não houve um terreno favorável por parte da gestão da saúde do município para que se negociasse sua realização.

A partir do ingresso de Aldenildo no corpo docente do curso de Medicina da UFPB, em 2010, e de seu olhar para o sofrimento psíquico dos estudantes — alguns, inclusive, tendo que trancar o curso em função disso — ele propõe, junto à comissão de estruturação do Núcleo Psicopedagógico, a realização da Oficina do Riso, tendo sua proposta aceita. Aconteceria assim, após uma fase de divulgação e estruturação das condições necessárias, a I Oficina do Riso da UFPB.

A Oficina foi realizada no período de 26 a 30 de julho de 2010 por Aldenildo Costeira, Janine Nascimento e o arte-

educador José Gonçalves (Zeca). Na época, o professor Aldenildo, do Departamento de Promoção da Saúde (DPS-UFPB), visava implementar, na universidade, alguma estratégia de cuidado para os estudantes de Medicina, que eram expostos a diversos tipos de sofrimentos psíquicos decorrentes do próprio curso. Com o apoio da coordenação do curso de Medicina, na gestão do professor Severino Ramos de Lima, e contando com recursos do Pró-Saúde, Aldenildo trouxe para a UFPB a Oficina do Riso, baseando-se em suas vivências pessoais com a Oficina do Riso realizada em Sobral/CE, como já citado.

A primeira Oficina do Riso da UFPB contou com vinte e quatro participantes, sendo vinte e dois estudantes de Medicina, além de uma estudante e uma professora, ambas do Curso de Educação Física. Com o término da Oficina do Riso foi formado o grupo PalhaSUS, com os vinte e quatro Palhaços Cuidadores recém-formados e os três idealizadores da oficina, o professor Aldenildo Costeira (palhaço Al), sua esposa Janine Nascimento (palhaça Pimentinha) e o arte-educador Zeca Gonçalves (palhaço Ôxe), que veio de Sobral para compor a equipe de ministrantes da oficina.

A Oficina do Riso foi um momento único, marcante e totalmente inovador para a Universidade Federal da Paraíba e, principalmente, para todos os que a vivenciaram. Tendo em vista que a maioria dos participantes era do curso de Medicina, e que estes precisavam de um ambiente que promovesse o cuidado para si mesmos e para os outros, os encontros promovidos pela Oficina atenderam perfeitamente a essa demanda. Aos que fizeram parte, o sentimento de querer dar continuidade a esses momentos mágicos foi muito importante para manter o grupo unido e levá-lo adiante.

UM POUCO SOBRE A OFICINA DO RISO DA UFPB

A Oficina do Riso parte da ideia de que todos têm uma criança adormecida dentro de si, presa na zona de conforto, nos medos e em outros fatores que restringem diariamente o adulto. O encontro de um lugar de cuidado e conforto como o oferecido na oficina serve de incentivo para que essas barreiras sejam quebradas e a criança interior possa novamente se libertar através do Palhaço Cuidador que, a partir dali, começa a nascer. Não existe na oficina uma cartilha com regras prontas ensinando a ser palhaço, mas sim atividades e reflexões em grupo que vão auxiliar o participante, e também seu palhaço adormecido, a se encontrar, dando a possibilidade de mostrar ao mundo seu nome, fala, roupa, andar e personalidade. A formação, que tem duração de cinco dias, é estruturada em etapas que representam o processo de “gestação” do palhaço, iniciando com a fecundação e culminando com o seu nascimento, que acontece em um espaço público de João Pessoa/PB.

A Oficina do Riso utiliza de seus cinco dias para trazer à tona e dar identidade ao palhaço interior de cada um. No primeiro dia, que representa a parte da “fecundação” do palhaço, exercícios de relaxamento e meditação são experimentados, a fim de trabalhar o autoconhecimento. Ainda nessa etapa, são utilizados jogos lúdicos que permitem uma maior interação entre o grupo, além de contribuir para o desenvolvimento da expressividade dos participantes e da “libertação” de sua criança interior.

Os três dias seguintes, que representam o “desenvolvimento” do palhaço, trabalham o processo de criação do palhaço de cada integrante. Esse momento é iniciado com um estudo teórico e introdutório sobre a linguagem da

palhaçaria, através de uma breve contextualização histórica, onde são apresentados aos participantes diversos palhaços que contribuíram para a história da palhaçaria no Brasil e no mundo. É nesse momento que os participantes entram em contato com a ideia dos palhaços cuidadores, partindo da vida e pensamentos de Patch Adams e indo até os doutores da alegria no Brasil, analisando e discutindo sobre seus trabalhos, estratégias de intervenção e suas formas de impactar a vida do próximo, gerando um debate coletivo sobre a palhaçaria como ferramenta para promover o bem-estar dos pacientes. Já a parte prática aborda o desenvolvimento das características de cada palhaço como nome, maquiagem, roupa e acessórios, além do seu modo de falar, andar e agir. Para isso, são utilizados exercícios e dinâmicas que auxiliam na descoberta e construção dessas características.

Por fim, no último dia, ocorre o nascimento do palhaço, quando os participantes juntam tudo o que foi construído durante a semana e expressam pela primeira vez ao mundo, em um momento especial, um pouco do seu palhaço.

RETOMANDO A HISTÓRIA DO PROJETO PALHASUS

A partir de então, com a cooperação dos coordenadores e participantes da primeira Oficina, que compunham o recém-denominado grupo PalhaSUS, começou a ser estruturada a ideia de um projeto de extensão que existisse na universidade com o propósito de levar o cuidado e o olhar lúdico dos palhaços a ambientes necessitados. Entender o caminho percorrido pelos seus idealizadores é uma forma importante de se conectar com as raízes do projeto e toda a sua evolução ao longo dos anos.

Após o nascimento dos vinte e quatro Palhaços Cuidadores, o grupo PalhaSUS voltaria a se encontrar no dia

12 de outubro de 2010, a partir do convite feito pelo Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW) ao professor Aldenildo para realizar uma atuação no setor de Pediatria em prol do dia das crianças. Essa foi a primeira atuação do PalhaSUS, que na época era apenas um grupo, e não um projeto de extensão. Foi uma experiência nova e marcante para todos os que puderam participar. Muitos experimentaram essa nova forma de atuar em um ambiente hospitalar, com crianças e cuidadores fragilizados, e o resultado foi muito positivo. As crianças, os cuidadores e os profissionais de saúde que estavam lá acolheram o PalhaSUS de braços abertos. Foi nessa oportunidade que se iniciou o vínculo com o HULW.

Com o resultado positivo da primeira atuação, o professor Aldenildo, junto com um grupo de oito estudantes egressos da primeira oficina, começou a colocar em prática o desejo de transformar o PalhaSUS em um projeto de extensão da UFPB, de forma que, através dele, fosse possível realizar atuações semanais em determinados cenários de prática. Uma vez sendo um projeto de extensão, também era possível contemplar os seus participantes com certificados de participação de acordo com a carga horária das atuações, bem como difundir cada vez mais o PalhaSUS no âmbito da universidade como um todo.

Pouco depois da sua primeira atuação, e já com o propósito de se tornar um projeto de extensão, o PalhaSUS participou da Primeira Semana de Ciência, Tecnologia, Esporte, Arte e Cultura (SECITEAC), realizada entre os dias 18 a 24 de outubro de 2010 por todo o campus I da UFPB. O PalhaSUS esteve presente nos cinco dias da SECITEAC com um estande de exibição de fotos e textos dos integrantes, além da presença dos Palhaços Cuidadores que apresentaram o grupo a todos que passavam e interagiram com os outros estandes que ali se encontravam. Foi um momento de fundamental importância

para a divulgação do projeto no cenário da UFPB, contribuindo para que os estudantes se interessassem cada vez mais e procurassem uma forma de se vincularem ao grupo.

Em agosto de 2011, aconteceu a segunda Oficina do Riso da UFPB. Essa oficina já contou com a presença de estudantes de todos os cursos da área de saúde, além da presença de uma estudante de Direito e uma estudante de Arquitetura. Após o seu término, nasceu o projeto de extensão PalhaSUS, que no seu primeiro ano realizava visitas ao setor de pediatria do HULW nos sábados pela manhã e ao Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira nos sábados à tarde. Em novembro do mesmo ano, o projeto PalhaSUS participou novamente da SECITEAC, organizada pela UFPB, e, mais uma vez, esteve presente nos cinco dias do evento, divulgando o projeto de extensão e fazendo a alegria de todos que passavam.

O ano de 2012 proporcionou bastante crescimento ao projeto. Como vinha acontecendo anualmente, foi realizada a Terceira Oficina do Riso que, além de expandir o grupo com novos Palhaços Cuidadores, trouxe o diferencial de ampliar o projeto para todos os cursos do campus I da UFPB. Isso contribuiu para a divulgação do projeto por toda a universidade, permitindo que todos os estudantes, independentemente de serem da área da saúde ou não, tivessem a oportunidade de experimentar as vivências da oficina e desenvolver nela a capacidade de brincar e cuidar dos outros e de si mesmo.

Outro evento importante que ocorreu nesse mesmo ano foi a festa de dia das crianças, promovida pelo grupo de apoio aos portadores de fissuras lábio-maxilo-palatinas, que aconteceu em outubro. Esse grupo de apoio é formado por diversos profissionais de saúde (dentistas, cirurgiões, psicólogos, nutricionistas, etc) que juntos conseguem dar todo o apoio possível aos usuários assistidos por esse serviço. Além

de promover o cuidado dessas crianças durante todo o ano, esse grupo prepara, no mês de outubro, uma festa de dia das crianças, com comidas, bebidas, músicas, brincadeiras e diversas atrações. Tendo conhecimento do papel desempenhado pelo PalhaSUS todos os sábados pela manhã no HULW, o médico cirurgião André Macêdo Luna, membro do serviço, convidou o projeto a participar da festa. Foi um momento inesquecível. A presença do PalhaSUS nessa festa foi tão bem aceita que o projeto passou a fazer parte do evento nos anos seguintes.

E assim, o PalhaSUS continuou sua caminhada, atuando semanalmente nos cenários de prática e realizando uma nova Oficina do Riso a cada ano, momento onde o grupo se revigora e acolhe novos membros. Além das atuações nos finais de semana, os membros do projeto reúnem-se periodicamente para discutir e planejar os próximos passos do projeto, além de realizarem um encontro mensal nos sábados com o propósito de trabalhar e melhorar as habilidades de cada Palhaço Cuidador. Tal encontro é denominado Encontro de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador (EDPC) e é muito importante para reforçar a união entre os membros do grupo e melhorar o Palhaço Cuidador de cada um.

Ao longo dos anos, novos cenários de prática surgem, à medida em que as oportunidades aparecem e o grupo se encontra com uma conformação disponível para contemplá-los. Anualmente, o grupo acolhe novos membros com uma nova oficina, ao passo que ocorre a saída de alguns membros antigos, de forma que a sua composição é sempre variante. O projeto conta com uma média de 40 Palhaços Cuidadores ativos, distribuídos entre os mais diversos cursos da UFPB, e atua semanalmente em cinco cenários de práticas: o Hospital Universitário Lauro Wanderley (que foi o primeiro cenário onde o PalhaSUS atuou e se manteve por todos esses anos), o

Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, o Hospital Padre Zé, o Hospital São Vicente de Paula e o abrigo para idosos Vila Vicentina.

APROXIMANDO-SE DA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

No ano de 2010, o Programa de Educação Popular em saúde (PROGEPS) começou a ganhar forma na UFPB, visando unir e apoiar projetos que tinham como base a educação popular, a prevenção e a promoção da saúde. Através deste, os projetos que atuavam nessa proposta de ação em comunidades e áreas populares poderiam unir forças e conhecimentos para auxiliar no crescimento e contribuição mútua. Isso ressaltaria as especificidades de cada projeto e promoveria uma ação colaborativa entre eles, possibilitando assim um maior apoio estrutural e financeiro dado pelo programa.

O projeto PalhaSUS foi convidado a fazer parte do corpo do PROGEPS, uma vez que proporcionar saúde através da palhaçaria está diretamente relacionado à promoção da saúde, sendo uma excelente forma de fazer e ser educação popular. Essa parceria facilitou a troca de conhecimentos e experiências, tornando-se essencial para o crescimento e amadurecimento do grupo.

Reuniões de planejamento e troca de saberes eram realizadas semanalmente, por meios das quais cada projeto compartilhava experiências e aprendizados que ocorriam durante a semana. Foram nesses encontros que o projeto pôde entender melhor o conceito de Educação Popular e sua relação com a saúde, além de aprofundar mais os conhecimentos sobre Paulo Freire, seus pensamentos e ideias. O PalhaSUS não só participou na absorção de conhecimento, como também pôde

compartilhar suas experiências e vivências, demonstrando o quanto o palhaço, na sua ludicidade, pode atuar e auxiliar no fazer Educação Popular em Saúde.

Essa aproximação despertou nos projetos parceiros o interesse em ter a oferta de formação de palhaços para seus participantes. Assim, foi realizada, em 2014, uma oficina exclusiva com os participantes do PROGEPS que desejavam conhecer seu palhaço interior e usar esse conhecimento para beneficiar o próximo e a si mesmo. Nesta oficina, participaram integrantes dos projetos de extensão PEPASF, PINAB e o atual projeto Mais Saúde, todos esses com atuação no foco da Educação Popular em Saúde.

Como parte integrante do PROGEPS, o PalhaSUS se mostrou atuante em diversas atividades e eventos pelo país, como congressos e oficinas de Educação Popular em Saúde. Além de contribuir com a apresentação de trabalhos, os palhaços faziam parte do evento, visitavam os estandes para brincar com os participantes, colorindo e divulgando a Tenda Paulo Freire, montada pelos demais projetos do programa e destinada a todos os interessados na fala e na troca de conhecimentos sobre educação, saúde e ideais de vida. Nesses eventos formais, era muito divertido presenciar os palhaços caminhando e brincando com os participantes “engravatados”, estressados e apressados, fazendo-os sorrir e se acalmar, convidando-os a sentar e conversar sobre métodos para tornar a vida um pouco melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto, que começou timidamente sem grandes pretensões, acabou ganhando um espaço muito grande e importante na UFPB, expandindo-se para além dela. O PalhaSUS

deixa, nos cenários de prática e em todos os outros lugares visitados, uma marca bastante expressiva de amor e cuidado que transforma o ambiente e todas as pessoas nele presentes, continuando a se propagar mesmo após o término da visita a esses locais. E essa é a principal mensagem do projeto: compartilhar o ideal de cuidar e ser cuidado através de ações e palavras com todas as pessoas, a fim de transformar o mundo em que vivemos.

A cada novo momento e fase, o projeto passa pelo desafio de se reinventar, se aperfeiçoar. Diante da característica da extensão de ser um grupo aberto, onde sempre há novos integrantes chegando e também aqueles que saem para enfrentar a nova fase da vida em suas profissões, temos a certeza de que essa história, como a de tantos outros grupos, também é uma história aberta que está só no início de sua contação.

Sugestões de leitura

- COSTEIRA, Aldenildo de Araujo de Moraes Fernandes Costeira. Educação e formação em saúde na perspectiva do palhaço cuidador: estudo com base em um projeto de extensão - João Pessoa, 2016 - UFPB/BC.
- Extensão popular: Caminhos em construção/ Pedro José Santos Carneiro Cruz ...[et al.], organizadores. - João Pessoa - PB: Editora CCTA, 2017. 242p.
- MASETTI, M. **Boas Misturas**: a ética da alegria no contexto hospitalar. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- PATCH, A: o amor é contagioso / ilustrações de Jerry Van Amerogen; tradução Fabiana Colasanti. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- Educação popular na formação universitária: reflexões com base em um experiência / Eymard Mourão Vasconcelos,

Pedro José Santos Carneiro Cruz, organizadores. - São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. 420 p.

- MATURANA, H. R. e VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e Brincar:** Fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MELO NETO, José Francisco de. **Extensão Popular.** 1. ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006. v. 1. 97p.
- THEBAS, Cláudio: O livro do Palhaço/ Cláudio Thebas; ilustrações de Marcelo Cipis. - São Paulo: Companhia das Letrinhas - 2005.

CONSTRUINDO PROCESSOS EDUCATIVOS EM SAÚDE SENDO HUMANO POR INTEIRO E PROMOVENDO POR INTEIRO O HUMANO NO OUTRO E NA OUTRA: O PROJETO PALHASUS E A EDUCAÇÃO POPULAR

Pedro José Santos Carneiro Cruz

Alder Júlio Ferreira Calado, um dos mais importantes educadores brasileiros, sempre lembra, em seus diálogos com educandos e companheiros, que não basta saber para onde ir sem saber como. Mais importante do que saber para onde ir, é saber como ir, como caminhar, como trilhar os percursos desafiadores da vida e do cotidiano. No campo da Educação Popular, isso é profundamente verdadeiro no sentido de alertar a todas e todos que a conquista de mudanças e de novos horizontes emancipatórios, por meio da educação, não deverá se dar em torno apenas da pronúncia de intenções, de “gritos de ordem” com ideais, categorias e conceitos caros ao discurso progressista. Fundamental é, desde já, aprender cotidianamente a cultivar, desenvolver e aprimorar sociabilidades humanizantes e emancipadoras; ou seja, gestos, atitudes, procedimentos, posturas, palavras e modos de conduzir a vida social e o trabalho em grupo que se pautem, desde já, pelos princípios nos quais acreditamos. Não devemos esperar “a transformação chegar” e a “sociedade mudar” para então mudarmos nossa atitude social;

tampouco devemos lutar contra a opressão com as armas dos opressores.

Por esse entendimento, a Educação Popular é tanto uma pedagogia de formação das pessoas para desvelamento de uma consciência crítica — na perspectiva de construir, de modo compartilhado, um novo horizonte de superação daquilo que oprime e incomoda —, como também, e sobretudo, é uma pedagogia para aprendermos com quais ferramentas, procedimentos e atitudes devemos lutar, e com quais posturas podemos e devemos, desde agora, proceder e atuar cotidianamente, de modo a construir relações humanas e sociais diferentes *aqui* e *agora*. Dentro desse entendimento, em minha visão, boa parte das ações de Educação Popular encontram sérias dificuldades e significativas fragilidades, uma vez que se concentram no enfrentamento educativo aos contextos sociais desumanizantes, mas pouco enfatizam o *ser* humano em sua essência plena, tanto no que se refere às relações entre os mesmos, como na valorização dos aspectos subjetivos de cada humano (seus gostos, anseios, desejos e vontades) no cotidiano do trabalho social emancipador e da educação progressista.

Foi na Oficina do Riso do Projeto PalhaSUS, construindo-me Palhaço Cuidador, que vivenciei a experiência de Educação Popular mais radical e intensa no sentido de enfatizar o desenvolvimento de atitudes humanas, de posturas relacionais, de autopercepções e de promoção do sutil e do sensível. Foi também uma das experiências em que pude observar com maior clareza a aproximação entre discurso/conceito e prática.

Nas próximas páginas, compartilharei algumas reflexões que pude tecer com base em experiências com o Projeto PalhaSUS, sobretudo com a intenção de pensar a Educação Popular como a construção de processos emancipatórios, sendo

humano por inteiro e promovendo por inteiro o humano no outro.

A ARTE COMO MOBILIZADORA DA CONDIÇÃO DE SUJEITO E DO DIÁLOGO INTERCULTURAL NAS AÇÕES DE EDUCAÇÃO POPULAR

Pensar a arte nos processos educativos e no contexto dos trabalhos sociais implica, necessariamente, reconhecer, desde o ponto de partida, a condição de sujeito de cada pessoa e o diálogo intercultural.

Em primeiro lugar, reconhecer, mas também respeitar, a possibilidade que cada ser humano tem de construir sua história e, nessa construção, cultivar um acervo rico de desejos, de gostos, de querereres, de significações, de sentidos e de sentimentos. Isso inclui coisas que as pessoas gostam de fazer — atividades de lazer, de descanso e de cotidianidade —, que possam ter cultivado em sua família e com seus amigos ao longo da vida; lugares que gostam de visitar; filmes que gostam de assistir; esportes que gostam de praticar; a peculiaridade do jeito de ser e do humor de cada um; uma música que evoque lembranças, sentimentos, passagens da vida, ou mesmo sensações queridas; ou mesmo brincadeiras que cultivamos desde a infância, durante a juventude e inclusive nos tempos de adultos. Não é possível pensar a condição de sujeito das pessoas sem compreender, valorizar e incluir no processo de trabalho a condição de que cada pessoa carrega consigo esse acervo rico, profundo, multifacetado e complexo, de elementos culturais, artísticos, subjetivos, emocionais e sutis, que são marcas e consequências de sua construção ao longo da vida.

Assim, a dimensão da arte contribui profundamente para os processos educativos populares, ao passo em que

traz, para a construção formativa, essas interfaces com um lugar e um tempo de destaque. Na experiência do PalhaSUS, chamou-me a atenção testemunhar o quanto de tempo e de espaço seus processos educativos dedicam à explicitação e ao compartilhamento dessas dimensões subjetivas, emocionais, pessoais e sutis da construção de cada pessoa, sem, no entanto, deixar de pensar o trabalho coletivo e as tarefas exigentes de luta, de enfrentamento, de proposição e de formação em grupo. Ocorre que — e aí o diferencial do PalhaSUS, que deveria ser adotado por todas as práticas educativas populares — não se constrói os processos coletivos sem considerar as dimensões significativas da construção cultural das pessoas.

Por essas trilhas, a Educação Popular inspira nas pessoas a possibilidade de poderem, efetivamente, abrir alas para o diálogo através da disposição em falar e se expressar, não com medo ou vergonha, tampouco com receio ou preconceito, mas com sua cultura, história de vida, seu jeito de ser, suas preocupações e dilemas. Enfim, todas as questões que estão contidas na construção do ser humano; a possibilidade de as pessoas exercitarem o seu direito de interagir com outras pessoas e de intervir efetivamente sobre a sua realidade social.

Nesse quesito, entra o diálogo intercultural, que se expressa pela possibilidade de — reconhecendo-se os tempos, os lugares e os processos peculiares de cada sujeito — promover uma construção compartilhada entre os mesmos, de modo que possam coletivamente empenhar suas vocações e esforços pessoais em prol do grupo, mas, ao mesmo tempo, permitam-se aprender, crescer e aprimorar seu ser pelo contato autêntico com o ser do outro, com todas as suas especificidades e complexidades.

Trata-se, portanto, de um diálogo que não se restringe a uma atividade discursiva, ou retórica; tampouco de uma “troca

de experiências” simplista. Mas sim de uma ação cultural potente que requer a atuação das pessoas diante dos problemas com os quais convivem, indo de encontro à passividade e favorecendo uma leitura crítica da realidade. O diálogo intercultural permite que as pessoas saiam apenas da leitura crítica pura para uma ação crítica, à medida em que a leitura crítica da realidade dos processos de educação realizados gera e estimula a ação das pessoas para construir novas propostas e caminhos.

No diálogo intercultural, não é preciso ter um saber preestabelecido para participar. Para tanto, a condição primeira e fundamental é que o sujeito esteja inserido no processo. Se existe um ambiente participativo, o sujeito será reconhecido na sua particularidade e terá o seu papel reconhecido com aquilo que pode e quer trazer para contribuir com aquele processo. Assim, um diálogo para ser autêntico, na perspectiva intercultural, exige não escolher ou determinar as pessoas pelo seu conhecimento. Não precisa ser especialista para participar de uma determinada ação. Precisa-se apenas ser gente, com suas experiências de vida. O diálogo intercultural enaltece a diversidade e preserva um processo de construção compartilhada, pois, ao inserir todos no processo, reconhece que todos têm diferenças e especificidades. Para permitir que todos se insiram de modo comprometido e profundo, encoraja para que cada pessoa frutifique e desenvolva o seu papel específico, o qual é definido por suas questões culturais, sociais e emocionais.

Reside aí o papel fundamental da arte no processo de Educação Popular, uma vez que estimula e encoraja o envolvimento permanente das pessoas, com base em seu repertório cultural e vivencial, e a sua disposição, no intuito de constituírem processos de trabalho diante de seu compromisso com a realidade social de seus territórios. Por esse caminho, a arte requer que as pessoas observem o processo em desenvolvimento, tenham opinião

sobre ele, tenham oportunidades de ter críticas e proposições de como melhorá-lo permanentemente e contribuam com algo; um algo que é seu, do seu grupo social, para fazer esta experiência ser cada vez melhor. Isso requer que as pessoas se importem, se mobilizem, tenham uma abordagem proativa diante do grupo.

O afloramento da dimensão da arte e do diálogo intercultural nos processos educativos acaba sendo uma consequência da participação e do envolvimento, pois os processos que ocorrem para a emancipação social terão sujeitos que se importam e que se comprometem em — mesmo diante das adversidades, imprevistos e dificuldades — sentar, dialogar, problematizar, refletir, mudar de direção, mas sempre mantendo a união das pessoas envolvidas para fazer com que este continue caminhando e atingindo os objetivos almejados. Não importa o que aconteça, o compromisso garante que haja um ambiente que seja favorável ao processo de construção compartilhada e, mais do que isso, garante ao mesmo algo fundamental: a intencionalidade política transformadora. Sem esta intencionalidade, não é possível falar em construção compartilhada para um agir social crítico.

ALGUNS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA CULTURA EM INTERFACE COM A EXTENSÃO POPULAR

Para muitos setores de nossa sociedade, a Cultura pode significar a expressão diversa e multifacetada de sentimentos, costumes, ideias, interesses, desejos, concepções e sabedorias direcionados à dominação de uns seres sobre os outros; cultura como elemento mantenedor das desigualdades humanas e sociais do mundo. Por outro lado, gostaríamos de resgatar uma concepção desenvolvida, aperfeiçoada e defendida

veementemente por muitos setores de nossa sociedade, através da qual a Cultura pode significar a expressão diversa e multifacetada de sentimentos, costumes, ideias, interesses, desejos, concepções e sabedorias direcionados à humanização permanente dos homens e das mulheres. Cultura como expressão mais cristalina da vocação dos seres humanos em saber e poder ser mais, encharcando as relações sociais de práticas e ideais de solidariedade, colaboração, participação, igualdade de direitos e justiça (CRUZ, 2012).

Assim, acreditamos na Cultura não como instrumento ou dispositivo de dominação, mas como elemento ético inspirador da vocação humana de melhorar constantemente o mundo e as condições de viver para todos. Cultura como caminho para expressão de produtos (artes, criatividade, subjetividades) estritamente direcionados à emancipação social, humana e material. Nessa direção, muitas iniciativas lideradas por diferentes sujeitos sociais vêm buscando desenvolver empreendimentos culturais voltados para a construção de caminhos de superação das desigualdades sociais e de fortalecimento da identidade e da autonomia dos setores mais excluídos das realizações sociais de cidadania (CRUZ, 2012).

Em vivências de Extensão Popular e Cultura, como o Projeto PalhaSUS, estudantes, professores e técnicos vêm coprotagonizando (junto com a população e seus movimentos) o delineamento de caminhos para o respeito, a valorização e a difusão da cultura popular, expressados não apenas através de seus costumes, tradições, saberes e interesses, mas das suas formas de luta, resistência e enfrentamento ao que incomoda e oprime. Nesse encontro transformador, Cultura e Extensão Popular vêm sendo capazes de articular a ênfase na cultura popular por meio de um processo de estímulo à capacidade crítica e criativa da população em reforçar sua emancipação

social, humana e material; além disso, geram-se subsídios pedagógicos e políticos suficientes para a mobilização dos recursos necessários para a conquista da vida com dignidade, realização e felicidade coletiva, e para o entendimento acerca de seus direitos humanos e sociais”..

No seio destes empreendimentos, é cotidianamente alimentado um acervo cultural vivo, vibrante e ativo, expressado por conhecimentos, tecnologias, práticas e saberes úteis à construção de possibilidades de ação social participativa no âmbito acadêmico. Assim, com base nas experiências de Extensão Popular, tem sido possível ressignificar as perspectivas da Extensão Universitária, especialmente daqueles empreendimentos mais situados na área cultural. O diálogo entre Extensão Popular e Cultura vem permitindo uma compreensão desta última não apenas como uma área de atuação, mas — preponderantemente — como um princípio ético e um elemento social impulsionador dos processos de mudança estrutural na vida em sociedade. No campo acadêmico, especialmente por novas balizas na formação acadêmica e por novos horizontes a serem vislumbrados para o comprometimento social da universidade.

Através dos encontros, debates e trocas de experiências mantidas no movimento nacional de extensão popular, tem sido marcante a presença de sujeitos e experiências de Extensão Popular na área da Cultura, ou — dizendo de outro modo — de iniciativas onde a Cultura constitui elemento primordial, que dá sentido a um encontro humano transformador das condições sociais desiguais. Conhecendo estas ações e dialogando com seus atores, especialmente testemunhando sua participação na organização da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP), pudemos elencar alguns aprendizados trazidos pelo encontro significativo da Extensão Popular com a Cultura,

na direção da transformação da universidade e suas práticas educativas dominantes. Nos próximos parágrafos, deveremos nos deter a esta reflexão (CRUZ, 2012).

De modo geral, chama a atenção, nesses empreendimentos, a utilização da vocação transformadora, libertadora e emancipatória da Cultura. Pensamos firmemente que a Cultura não existe para dar sentido a projetos individualistas, mas a iniciativas coletivas de construção de subjetividades inconformistas e redes de sujeitos e educadores dispostos a resistir, construindo outras possibilidades de estar e de viver no mundo.

Em experiências como o PalhaSUS, esta vocação libertadora da Cultura tem sido valorizada e impulsionada, através de diferentes possibilidades de ação e interação, conforme passaremos a destacar.

Em primeiro lugar, isso decorre pelo respeito, reconhecimento e incentivo à Cultura Popular, com a arte, criatividade e subjetividade de seus produtos, costumes, tradições, concepções e práticas. Na perspectiva da Extensão Popular, ao se encontrar com a população, seus grupos e organizações, os extensionistas estarão menos preocupados com metas preestabelecidas e mais dedicados a, através de uma posição humilde de aprendiz, deixar-se aprender com aquelas pessoas e seus patrimônios culturais, os quais carregam ensinamentos sobre o viver e a luta daquele povo.

Nessa direção, a posição de aprendiz não deverá recomendar que os extensionistas esqueçam suas perspectivas culturais em favor daqueles elementos culturais populares apreendidos na relação com a população. Pelo contrário, o respeito e aprendizado com a cultura popular constituirá elemento fundamental para se despertar um processo de construção coletiva e participativa de caminhos para a superação

dos principais dilemas e problemas daquela população, conforme sentidos por seus protagonistas. Desse modo, a cultura constituirá um modo de perceber de maneira autêntica a expressão dos anseios da população, bem como de identificar as vocações daquele povo em suas lutas por ser e fazer mais. Afinal, os caminhos de superação das desigualdades sociais podem ser diversos. Mas cada povo, com seu patrimônio cultural e acervo criativo, certamente terá maneiras, perspectivas e caminhos próprios para lutar, resistir e construir mudanças. Uma ação de extensão que vise gerar autonomia e garantir a participação ativa da comunidade na superação de seus próprios problemas não terá sentido se não investir em estimular e aperfeiçoar os caminhos e estratégias do próprio do povo.

Evidentemente, é necessário também desenhar um pensamento crítico em relação às opções, caminhos e pensamentos expressados pela população. Pois, como refletimos no início deste ensaio, em muitas situações, a cultura é utilizada — especialmente nos setores excluídos — para manter as desigualdades e legitimar os processos de exploração humana. Assim, em meio às comunidades populares, também há pensamentos e atitudes extremamente antipopulares. Por isso, ao propor aprender com a cultura popular, não se recomenda mitologizá-la, mas — acima de tudo — incluir as expressões populares legítimas de modo central no processo de trabalho social, nas quais aquele povo se reconheça e encontre sentido, incutindo reflexões críticas permanentes no processo, não apenas por parte da comunidade, mas de nós mesmos em comunhão com estes atores (CRUZ, 2017).

Por esta concepção, a Cultura Popular estará no processo de Extensão não apenas como algo alternativo, pontual ou ilustrativo, mas como elemento e estratégia central no desvelamento da autonomia da população e sua capacidade

crítica e criativa. Assim, servirá também como forma de criar espaços de diálogo, discussão e aprofundamento crítico, nos quais a população se enxergue e se reconheça, ficando à vontade para, principalmente, desvelar críticas à vida, à sociedade e ao seu próprio povo, avaliando quais inconsistências, lacunas e problemas ainda persistem em sua organização, de modo a poder ser, fazer e galgar mais em relação aos direitos humanos básicos de vida e cidadania. Assim, a Cultura estará articulada ao centro estratégico das preocupações sociais que motivam o projeto de extensão (CRUZ, 2012).

Vale ressaltar ainda um aprendizado singular que as iniciativas de Extensão Popular e Cultura vêm trazendo à Extensão e à educação universitária como um todo: o sentido transformador da arte, da criatividade, da poesia e da subjetividade nos processos de trabalho social e de formação estudantil. Ora, é certo que, maioria das vezes, as práticas de Extensão Popular minimizam o significado da linguagem e das práticas relacionadas à arte no cotidiano de suas realizações. Isso porque, muitas vezes, a preocupação exacerbada de seus atores com as estratégias, táticas e planejamentos das dimensões políticas e sociais acaba levando ao desprezo pelo cuidado com as dimensões mais pedagógicas, de vínculo e solidariedade das ações, as quais possuem uma maior interface com a perspectiva da arte.

O trabalho com a arte e a poesia reforça o vínculo e o sentido de solidariedade humana das ações, justamente por enfatizar a necessidade de trabalhar a dialogicidade, no nível das condições elementares, para exercitá-la: abrir-se ao novo, refletindo de maneira profunda a interação com dimensões humanas e sociais pouco exploradas em nossa cultura racional-acadêmica fria, distante, desumana e impessoal. Para tanto, a Cultura tem trazido para a Extensão Popular perspectivas

como: permitir-se compartilhar sonhos, desejos, utopias, e, principalmente, deixar-se desvelar a criatividade libertadora através de novas linguagens, práticas, atitudes e interações — como a música, a dança, a poesia, o cordel, o desenho, a pintura, o teatro, as brincadeiras, dentre outras (CRUZ, 2012).

Todas estas possibilidades encontram-se encharcadas de bonitezas educativas e pedagógicas, pois, trabalhadas com afinco, seriedade e compromisso, podem permitir a estudantes, técnicos, professores e comunidades desenvolverem um encontro humano transformador e um respeito profundo com o mundo, à medida em que reforçam condições fundantes para que as intenções éticas e projetos sociais da Extensão Popular se realizem com práticas, procedimentos e metodologias coerentes com o mesmo horizonte ético-utópico desse tipo de ação extensionista. Em outras palavras: a Cultura tem trazido à Extensão Popular o apontamento de caminhos úteis para criação e aperfeiçoamento de metodologias efetivamente participativas, que deixem mais concreto um cenário humano e ambiental favorável a uma educação crítica, criativa e libertadora (CRUZ, 2017).

Estas ações, portanto, enfatizam que não poderemos construir uma formação estudantil crítica e um compromisso social acadêmico sem revermos nós mesmos — extensionistas populares — os procedimentos adotados em nossas práticas e o quanto de arte, criatividade, subjetividade, estes estão trazendo, uma vez que estas constituem, veementemente, dimensões essenciais para uma nova ética de ser, estar e construir o mundo. Trata-se, nesse sentido, da sugestão de afastarmo-nos radicalmente da frieza e do distanciamento acadêmico. O trabalho social regido com essas dimensões e procedimentos culturais permitirá um encontro humano e

ambiental transformador — do extensionista com ele/ela mesmo(a), com o(a) outro(a) e com o mundo (a natureza).

Dessa forma, e também no que se refere aos demais aprendizados da cultura trazidos ao campo da Extensão Popular, podemos dizer que se cultiva, dia a dia, uma Cultura diferente e nova de extensão, de formação estudantil, de compromisso acadêmico. Uma cultura encharcada de elementos como a humanização, a solidariedade, a criatividade, a participação, a subjetividade, a arte, a dialogicidade.

Portanto, Cultura e Extensão Popular constituem mais um elemento, dentre tantos outros, potencialmente transformador, na busca permanente por outro referencial de educação universitária (CRUZ, 2012). Externam uma possibilidade de educação com o povo, Educação Popular ou educação libertadora, como uma educação que quer ser autônoma e produtora de autonomia de classe, dialogal, comprometida, participante, crítica, conscientizadora, livre e libertadora (MELO NETO, 1999). Para isso, também deve buscar referenciais e ideias essencialmente em sua Cultura.

Para ser libertadora, deve se libertar de dogmas, primeiro, e aceitar que outras formas de ver o mundo também podem ser bem-vindas se bem direcionadas; para ser libertadora, deve cultivar — participativa e processualmente — uma nova cultura (CRUZ, 2012).

CAMINHOS DA EDUCAÇÃO POPULAR APRENDIDOS COM O PÁLHASUS

No que se refere à dimensão do cuidado consigo e do aprimoramento do ser humano, as atividades do PalhaSUS destacam-se por construir um ambiente vivencial e um espaço pedagógico de favorecimento ao encontro de cada

pessoa “consigo mesma”, com seus pensamentos, anseios, inquietudes e processos. Isso se dá através de momentos, nos quais se estimulam atividades de concentração, como as de cunho meditativo e reflexivo — sejam aquelas com meditações orientadas ou com sugestões de temáticas para reflexão; sejam aquelas ambientadas por músicas ou por outros estímulos de cunho sutil e artístico, deixando a mente ir aonde desejar e buscando caminhos de entendimento, de compreensão e de superação daquilo que a ocupa, daquilo que gera curiosidade e daquilo que mobiliza a vida.

Nas várias vivências meditativas, o tempo longo que passamos necessariamente em silêncio, com olhos fechados e em posição relaxada, convida-nos a pensar. Por vezes, a mente inicia esses momentos meditativos em certo caos reflexivo, ou até mesmo com uma boa dose de impaciência, ao lembrar de que estamos parados “sem fazer nada”, enquanto há tantas tarefas, demandas, atribuições, nos aguardando fora do ambiente da sala. Mas, aos poucos, esse caos vai dando lugar a um relaxamento consciente, no qual vamos começando a pensar de modo mais organizado. Em alguns instantes, até nos permitir “viajar” daquele para outro lugar e para diferentes contextos e situações, em um caminho que vai não apenas relaxando o nosso corpo, mas ensejando um diálogo de cada um consigo mesmo, ao nos depararmos, talvez pela primeira vez em muito tempo, com nossos próprios pensamentos, angústias, preocupações, sonhos, desejos, buscas. Desse modo, aos poucos, podemos até, nesse exercício reflexivo relaxado, mergulhar em um processo de autocrítica, verificando as trilhas de nosso caminhar, os procedimentos de nosso agir no cotidiano e as lacunas que temos e podemos buscar formas de superar.

Em outros tipos de vivências meditativas, deparamo-nos com o imponderável de nossos limites, quando, por exemplo,

somos convidados a mergulhar em meditações ativas, que incluem ações de mobilização do corpo e de intensos movimentos físicos, os quais desafiam o nosso cansaço, nos desestabilizam, e, assim fazendo, ensinam também um momento profundo de olhar para nós mesmos com outros olhos, identificando dimensões sutis, pouco percebidas até então, e abrindo buracos em nossa couraça, no sentido de nos permitirmos abrir a caixa preta de quem somos — geralmente tão bem e tão habilmente por nós protegida — de modo a podermos evoluir como seres humanos.

Finalmente, há também vivências onde somos apenas estimulados a deixar reflorar a criança que vive dentro de todos nós, simplesmente vivenciando o brincar. Em uma sala repleta de brinquedos, os diversos participantes permitem-se brincar — descontraír, correr, pular, rir, cair, jogar, esconder; em suma, e centralmente, viver o aqui e o agora. Quem brinca, vive o momento da brincadeira, não está pensando no que virá depois e tampouco no que ocorreu antes. Tal exercício ajuda a aprendermos também a qualificar o nosso dia a dia com algumas das atitudes do brincar, como por exemplo, fazer uma coisa de cada vez, atuar com atenção concentrada naquilo que se está fazendo, sem se preocupar muito — no sentido da ansiedade — com o futuro, nem tampouco deixar o agir de hoje ser determinado pelo agir de ontem.

Por sua vez, os momentos de trabalho da relação de cada pessoa com o outro se dão pelo estímulo ao estabelecimento de contatos humanos respeitosos, amorosos, fraternos e solidários, os quais, comumente, deixamos de lado por nos entregarmos de corpo e alma às correrias da rotina e da racionalização profunda de nosso agir, pensar, fazer, diante de um sem número de procedimentos, tarefas e demandas com os quais somos diariamente mobilizados atualmente. Assim, o PalhaSUS desenvolve espaços para aprendermos ou reaprendermos

a nos conectar com o outro — a tocar, a abraçar, a beijar, a sentir, a acolher, a respeitar, a se solidarizar, a confraternizar. Em vivências, cada um, com olhos vendados em um mesmo ambiente, é mobilizado para buscar o encontro com outras pessoas, tocá-las, senti-las, acolhê-las com carinho, com respeito e com fraternidade.

No dia a dia das reuniões e dos espaços de debate, essa atitude se desdobra em aprendizados sobre como conduzir diálogos e debates de modo a não ferir a autonomia do outro, e de maneira a promover a qualificação do grupo enquanto um espaço reflexivo e emancipador; como uma comunidade de trabalho. Para tanto, procedimentos oriundos da metodologia da Terapia Comunitária são aplicados e exercitados, como por exemplo, cada pessoa ter seu direito à fala com tranquilidade, tempo, respeito e atenção; cada fala ser escutada com consideração e com acolhida autêntica; cada pessoa ter o cuidado de não invadir o espaço de autonomia e de construção do outro, por exemplo, evitando em dar conselhos, mas priorizando tecer seus comentários e suas reflexões a partir de suas próprias vivências e experiências.

Pude sentir no PalhaSUS também uma dimensão que, a meu ver, é ainda uma lacuna em muitas das experiências de Educação Popular em Saúde, que consiste na firmeza metodológica. Ao longo dos vários momentos onde pude vivenciar essa experiência, senti, por parte dos coordenadores do projeto, um cuidado profundo com os procedimentos metodológicos escolhidos em cada espaço educativo. Cuidado esse que enveredava, muitas vezes, por um rigor inabalável quanto ao desenvolvimento das ações e ao desvelamento dos processos educativos, conforme previsto nos procedimentos metodológicos, seus princípios teóricos, éticos e organizativos, o que se aplicava também quanto à ênfase da coordenação

na exigência com o cumprimento dos horários e dos demais compromissos pactuados pela comunidade de trabalho. No dia a dia, esse rigor inabalável não implicava, em momento algum, intolerância ou autoritarismo, mas sim no compromisso dos orientadores educacionais em desenvolver as metodologias escolhidas da maneira com mais coerência, integralidade e de qualidade possível, o que exige rigor e respeito ao método.

Evidentemente, em muitos momentos, os mediadores educativos permitiam flexibilidades, mudanças e até reorientações no decurso das ações, mas somente após uma análise criteriosa do contexto, da demanda e das situações. Inclusive, todos os momentos educacionais, cumpre destacar, eram seguidos de espaços coletivos de avaliação — com fala aberta, para que cada pessoa pudesse compartilhar sua visão, até questionando e propondo caminhos ou procedimentos diferentes.

Assim, sem ser autoritário e impositivo, o fazer dessa experiência não abdicava do método por qualquer motivo, nem a qualquer tempo, o que, infelizmente, ocorre em muitas práticas de EPS. Ao contrário do que muitos de seus opositores gostam de apregoar, a EPS não é uma metodologia sem método; ela tem procedimentos, métodos, rigores. Possui princípios teóricos e cuidados éticos que se desdobram em fazeres organizativos. É preciso estar atento a isso e, tanto quanto possível, ser rigoroso em sua aplicação, no sentido de permitir que a metodologia transcorra de maneira fluida, integral e com qualidade, até para que, posteriormente, possa ser avaliada e até modificada.

Ao participar de muitas vivências com o PalhaSUS, mas, centralmente, tendo como referencial a Oficina do Riso, senti, como em poucas experiências que conheci em todo o país, uma coerência profunda entre teoria e prática. Mais do que isso, foi na Oficina do Riso que senti de modo mais intenso uma

prática de Educação Popular com uma coerência radical dos princípios pedagógicos freirianos com o fazer educacional. Em cada vivência, eu era estimulado a me encontrar comigo mesmo e, nesse processo, reavaliar meu 'eu', e assim, repensar minha postura com o outro, o meu tocar, o meu acolher, o meu relacionar com o outro e com minha comunidade. Aprendi a centralidade do brincar, do não deixar de ser criança e do respeitar e incentivar dos gostos artísticos, culturais e afetivos que fui construindo ao longo da minha vida. Aprendi, assim, a importância de dedicar tempo em minha vida a fazer as coisas que gosto, que aprendi a gostar desde criança. Aprendi a respirar fundo e buscar viver o aqui e o agora, em cada momento e atividade que esteja desenvolvendo. Aprendi a, quando em um debate ou diálogo grupal, saber escutar profundamente a fala de cada pessoa e respeitar essa fala enquanto ela é construída, até que eu tenha a minha vez de também falar e de ser escutado. Aprendi a evitar dar conselhos e dizer às pessoas ou aos grupos o que deve ser feito; em lugar disso, posso compartilhar reflexões de minhas experiências e vivências para, com elas, juntos enquanto grupo, tecermos os novos caminhos.

Finalmente, com o nascimento do meu Palhaço Cuidador, o Tonto, senti-me um educador e um ator social pleno, como nunca me senti em qualquer experiência educativa popular. Isso porque, mesmo em algumas ótimas experiências em Educação Popular, às vezes, a ênfase racional na condução dos processos e a preocupação com o atendimento de metas e com as produções das ações são tão significativas que se “deixam para depois” momentos onde o sutil é mais afluído, ou onde o artístico é potencializado, ou quando o cultivo do humano e da sociabilidade grupal é estimulada. Em muitas práticas de Educação Popular, há espaço para atividades de cunho meditativo, artístico, cultural e místico, mas, na maioria das

vezes, são considerados momentos-apêndice, e não como parte do próprio espaço educativo. Quantas vezes, na hora de escolher entre as “pautas” e as “dinâmicas”, deixam-se as “dinâmicas” para depois. No PalhaSUS foi onde pude testemunhar, com maior radicalidade, um respeito aos momentos de cunho vivencial, relacional, emocional, artísticos e subjetivos — sem apressá-los, sem atropelá-los —, precisamente por compreender que esses espaços são tão importantes quanto as ações objetivas em si mesmas e que, em última análise, seu desenvolvimento e aperfeiçoamento irão permitir o aprimoramento do trabalho em grupo.

Senti-me pleno porque, consciente de assumir um compromisso com o enfrentamento educativo, artístico e cultural da injustiça social e de seus determinantes, pude desvelar processos de atuação sendo profunda, intensa e plenamente quem eu sou — atrapalhado, desorganizado, confuso; às vezes, no papel de palhaço, tendo a “permissão” de brincar mais, de falar coisas não muito sérias em meio à reunião, de mexer com as pessoas, de ir ao encontro delas com humor, mas também muito amor, carinho e fraternidade; de engajar-me em processos emancipatórios sendo um humano por inteiro.

REFERÊNCIAS

CRUZ, P. J. S. C. Educação popular: elementos conceituais e perspectivas na reorientação de práticas sociais e profissionais. In: Luciana Maria Pereira de Sousa, Islany Costa Alencar, Lucas Emmanuel de Carvalho, Pedro José Santos Carneiro Cruz. (Org.). Educação Popular na Universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP) - Volume 2. 1ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017, v. 1, p. 293-314.

_____. Extensão popular e cultura - um diálogo para a transformação da formação universitária e de seu compromisso social. In: Márcio R. O. Pozzer. (Org.). **Cultura e extensão universitária**: perspectivas de institucionalização de uma política pública. 1ed.São João del Rei: Malta, 2012, v. 1, p. 112-137.

MELO NETO, J.F. Educação popular: uma ontologia. In: José Francisco de Melo Neto; Afonso Celso Scocuglia. (Org.). Educação Popular: outros caminhos. 2ed. João Pessoa - PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1999, v. 1, p. 31-75.

A CHEGADA DA PSICOPEDAGOGIA NO PALHASUS - ABRINDO FRONTEIRAS PARA OUTROS CURSOS

Elisângela Araújo

O meu primeiro contato com o Projeto PalhaSUS se deu em razão de um convite feito por um integrante do Fórum Permanente de Educação Popular. Fui instigada a participar de uma das reuniões do Fórum, evento multidisciplinar e multicultural que conta com a participação de vários projetos de extensão da Universidade Federal da Paraíba, além de movimentos sociais, coletivos e parceiros convidados.

No encontro do Fórum EPS, deparei-me com um leque de experiências incríveis concentrando os esforços para fomentar o diálogo e o compartilhamento de experiências no âmbito da Educação Popular de Saúde. Assim, das várias vertentes de atuação, o Projeto PalhaSUS, responsável por facilitar a dinâmica de acolhimento daquela reunião, me impactou de forma ímpar. Passei a observar atenta a cada fala, movimento e expressão que eles utilizavam para acolher todos que estavam presentes, resultando no melhor entrosamento dos participantes durante a reunião.

Desse modo, logo que a reunião finalizou, busquei informações sobre o Projeto PalhaSUS, tais como os tipos de atividades desenvolvidas, os dias e os locais de encontro e, o mais importante, como eu poderia participar do projeto. As respostas a esses questionamentos foram dadas pelo coordenador do

projeto, o Professor Aldenildo, que aproveitou para destacar que existia um site do PalhaSUS, onde eu obteria maiores informações.

Então, assim que eu cheguei em casa, prontamente procurei o site na internet e o acessei, surpreendendo-me com anúncio de que estavam no processo seletivo para ingresso de novos integrantes. Contudo, ao ler as regras de seleção, descobri que não havia oferta de vagas para estudantes de Psicopedagogia, que era o meu curso, destinando-se tão somente aos estudantes da área de saúde, incluindo Serviço Social e Psicologia.

Inconformada com essa regra restritiva, decidi enviar um e-mail ao projeto, relatando o meu interesse em participar da seleção e integrar o PalhaSUS, bem como esclarecendo que seria interessante abarcar estudantes de outros cursos que não fizessem parte da área de saúde.

Na sequência, meu e-mail foi respondido com a seguinte pergunta “como o curso de Psicopedagogia poderia ser inserido no projeto PalhaSUS?”. Para responder a essa pergunta, destaquei que a atuação da Psicopedagogia se concentra em três vertentes institucional, clínico e hospitalar. Para mais, visando uma melhor compreensão, enviei também alguns artigos que explanam sobre a atuação dos psicopedagogos.

Diante da provocação, o colegiado gestor do PalhaSUS decidiu colocar a proposta em pauta na reunião, e cuja decisão após ampla discussão foi decido positivamente o pleito. Assim, ficou encaminhado que a seleção abrangeria estudantes do curso de Psicopedagogia, sendo permitida sua inscrição já para a terceira Oficina do Riso. A decisão foi comunicada, por e-mail, ao coordenador do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e aos alunos do mencionado curso.

Contudo, a partir dessa ampliação de horizontes para o curso de Psicopedagogia, percebi que a missão era bem maior. Ela residia, sobretudo, em sensibilizar professores e alunos acerca da importância do projeto para a construção do ser em processo de formação e do próprio profissional do futuro, tendo em vista que um dos grandes objetivos do PalhaSUS é promover a humanização do estudante através do cuidado do outro e de si mesmo.

Iniciamos esse processo de sensibilização percorrendo as salas de aulas do curso de Psicopedagogia, explicando um pouco sobre o projeto e fazendo o convite para que os alunos comparecessem ao Seminário do PalhaSUS. O mesmo tratava-se de um espaço onde eles teriam a oportunidade de se inteirar melhor acerca de como o projeto havia surgido, quando ocorreu a primeira oficina e conheceriam alguns integrantes e locais de atuação. Frisamos que a simples presença no evento acarretaria, automaticamente, na inscrição para participar do processo seletivo do projeto.

A Terceira Oficina do Riso foi realizada no ano de 2012. Oito estudantes do curso de Psicopedagogia se inscreveram para concorrer à única vaga reservada para o curso. Ao todo, foram ofertadas trinta e duas vagas, com mais de cem estudantes inscritos. Porém, apesar de toda a minha expectativa, não consegui conquistar uma vaga. Na verdade, ao conferir o resultado da seleção, observei que nenhum estudante de Psicopedagogia havia sido aprovado para participar do evento de iniciação dos novos integrantes.

Por esse motivo, senti-me triste e frustrada e resolvi fazer uma ligação para um dos participantes do projeto. Sem conseguir conter as lágrimas, logo lhe disse que não era possível que nenhum aluno do curso de Psicopedagogia tivesse sido

selecionado. Depois de tantos esforços, não foi nada fácil aceitar que nenhum de nós integraria o projeto.

A princípio, confesso que muitos sentimentos de mágoas tomaram conta do meu coração. Chorei e fiquei muito desapontada. Após tudo isso, refleti sobre o problema e concluí que já tinha amor demais pelo projeto para desistir dele. Então, decidi que participaria da seleção do ano seguinte.

Eu continuei sempre acompanhando as atividades do projeto por meio das redes sociais, até que no ano de 2013, mais uma seleção para novos integrantes foi anunciada. Com a mesma expectativa, realizei minha inscrição para participar da IV Oficina do Riso do PalhaSUS.

A seleção foi composta por duas etapas, sendo uma individual e outra coletiva. A primeira ocorreu em um único dia, dividido em dois momentos. No primeiro momento, realizado pela manhã, ocorreu seminário de apresentação do projeto e dos integrantes. À tarde, aconteceu o segundo momento, no qual foram desenvolvidas várias dinâmicas de grupo com objetivo de promover o entrosamento, bem como de avaliar a desenvoltura, a espontaneidade e a criatividade dos pretendidos integrantes do projeto. Até hoje, guardo os registros desse dia em minha memória. Foi indescritivelmente gratificante.

Uma semana após a primeira etapa, aconteceu a seleção coletiva. Nessa ocasião, recordo que alguns exercícios foram feitos, mas um deles me marcou, qual seja “se lembre de um sonho que você teve”. Imediatamente, veio-me à memória que, quando era mais nova e passava de ônibus em frente à UFPB, eu repetia para mim mesma que um dia iria estudar naquela Universidade. Concluí que o sonho tinha se tornado realidade.

O processo seletivo havia findado e, mais uma vez, eu estava no aguardo do resultado. Entretanto, quando a lista saiu dessa vez, as lágrimas também rolaram em meu rosto. Mas

eram de felicidade, meu nome estava lá. Eu iria participar da IV Oficina do Riso, o que me tornaria integrante do projeto e Palhaça Cuidadora.

Faltam-me palavras para descrever a experiência extraordinária que é a Oficina do Riso. Posso dizer que é uma mistura de alegria, empoderamento e cuidado, uma semana única que marcou a minha vida. A escolha da trupe, a construção e a primeira apresentação do Palhaço Cuidador me emocionam até hoje, foram momento lindos e mágicos.

Eu escolhi fazer parte da trupe cujo local de atuação era o Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira (HPJM) e que se utilizavam de slogans como “só os loucos sabem viver” e “a trupe do Juju”, por ter interesse em atuar profissionalmente no campo da saúde mental, função atrelada ao trabalho do psicopedagogo. Foi assim que começou a jornada da minha palhaça, trilhando caminhos que eu nem sequer imaginava.

Não foi fácil conciliar as atividades do PalhaSUS com o trabalho e a faculdade, mas era muito gratificante ser Palhaça Cuidadora nos finais de semana. As ações no HPJM alimentavam minha alma, contribuíam para a minha formação e para a construção da minha visão de mundo, sobretudo quanto à socialmente denominada “loucura”.

As dúvidas em relação ao seu próprio curso inevitavelmente surgem e colocamos à prova o conteúdo lecionado e a metodologia. Pensei em desistir. No entanto, o PalhaSUS mostrou-me que havia outros conteúdos e metodologias, instigando-me a introduzi-los nos meus espaços de atuação, trazendo a visão da Educação Popular, do Fórum EPS e da humanização no cuidado do outro e de si mesmo.

Eu acredito que não conseguiria concluir a faculdade, que muitas vezes nos oprime e nos impõe tantas obrigações. Mas, o projeto foi fundamental para que eu prosseguisse no curso,

fortalecendo-me como pessoa e ajudando-me a permanecer firme com meus objetivos. Contava os dias para que chegasse o final de semana, quando eu iria atuar como Palhaça Cuidadora, compartilhando cuidado e experiências com tantas outras pessoas que me faziam acreditar no humano e no amor. Eu encontrava o meu refúgio diário para seguir em frente no lugar onde muitos não queriam chegar ou estar perto, sem saber que só “os loucos é que sabem viver”.

As ações no HPJM denotavam simplicidade, beleza e humanidade. Os pacientes transmitiam-nos um amor e um carinho tão imenso que sentíamos vontade de estar todos os dias com eles. A rotina semanal estressante dava lugar a momentos incríveis, nutrindo-nos de conhecimentos jamais vistos em sala de aula. As energias renovavam-se e neutralizavam o cansaço, as preocupações e as tristezas da vida cotidiana.

Era gratificante ver que nas oficinas seguintes mais estudantes do curso de Psicopedagogia, e não só dele, estavam participando. Depois da minha provocação quanto à necessidade de o projeto abarcar estudantes de outras áreas, a coordenação do projeto reconheceu a importância de ofertar vagas destinadas a estudantes de todos os cursos da UFPB. Progressivamente, o PalhaSUS foi introduzindo integrantes de diversos cursos e áreas do conhecimento, a exemplo dos alunos de Direito e Pedagogia, fomentando a interdisciplinaridade e ampliando os espaços de atuação do projeto.

Depois de dois anos integrando o PalhaSUS, havia chegado o momento de concluir o curso e ingressar no mercado de trabalho, de modo que todo esse contexto fez com que eu me desligasse do projeto. A despedida doeu no coração, devido, principalmente, ao meu afeto pelos pacientes e por alguns profissionais do HPJM. No entanto, a minha rotina não era mais compatível com as atividades do projeto.

Sinto que a minha despedida, na verdade, foi um até breve, mesmo porque ninguém consegue se desligar por completo de uma experiência tão enriquecedora e impactante quanto à do PalhaSUS.

Permaneço acompanhando suas atividades, ainda que de longe, tendo consciência da grande importância que ele representou e representa para a minha formação profissional, social e pessoal. As lições de cuidado e humanização serão por mim difundidas em cada espaço onde tiver a oportunidade de atuar, como já é o caso das apresentações de minha Palhaça Cuidadora na escola em que trabalho.

O PALHASUS NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS NA GRADUAÇÃO

Rafaela Correia Rodrigues Behar

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão Popular PalhaSUS tem construído seu legado desde 2010 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Vinculado ao Centro de Ciências Médicas (CCM) e ao Núcleo de Educação Popular em Saúde (NEPOPS), o projeto atua em cinco cenários da cidade de João Pessoa, sendo três hospitais gerais, um complexo psiquiátrico e uma instituição de longa permanência.

O projeto é coordenado por um docente da instituição e composto por extensionistas, sendo eles colaboradores e graduandos de cursos do campus I da UFPB. Para participarem do projeto, os interessados passam por um processo seletivo, elaborado entre o coordenador e os extensionistas antigos. Após a seleção, os participantes do projeto, que possuem o dever de cumprir oito horas semanais de acordo com o edital do PROBEX, participam de momentos de formação semanais e das reuniões do colegiado gestor. Tal reunião é o momento onde são debatidas situações operacionais do projeto.

As vivências ocorridas visam a uma maior consciência sobre a realidade do nosso sistema de saúde e de outros serviços de assistência do município. Através do Palhaço Cuidador, figura

nada convencional, os extensionistas vivenciam situações em serviços e espaços, baseando-se na perspectiva de troca e das reflexões da Educação Popular, buscando promover situações de cuidado e de construção de um conhecimento emancipatório.

GRADUAÇÃO, PESQUISA-ENSINO-EXTENSÃO

O sistema de ensino é pautado por relações de troca que constituem o que chamamos de relação ensino-aprendizagem, sendo esta influenciadora no processo educativo. O processo educativo é construído através de nossas vivências culturais e sociais e, neste processo de construção de si em conjunto com os outros, traçamos o nosso destino e o da comunidade (SILVA, 1987, p. 65 apud. Oliveira, 2013).

Por muito tempo foi atribuída aos professores a detenção do saber, a chamada educação bancária, que, segundo Freire (1997), preza por uma relação onde os professores, detentores do saber, são responsáveis por passar o conhecimento para os estudantes, cabendo a eles apenas o papel de receber as informações e armazená-las, sem espaços para desenvolver a criticidade e alimentando a ingenuidade a partir das intenções dos opressores.

Através de estudos e reflexões acerca das metodologias de ensino, surgiram várias vertentes para construir o processo de ensino e aprendizagem. A Educação Popular, por sua vez, preconiza um conhecimento coletivo e emancipatório, construído através do compartilhamento de experiências e conhecimento, considerando que cada indivíduo carrega sua história e bagagem de conhecimentos (FREIRE, 1989).

Ao adentrar na universidade, percebemos diferentes abordagens e metodologias de ensino, sendo elas capazes de fornecer aos estudantes diversas perspectivas, técnicas e

paradigmas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), em seu capítulo V, preconiza que a educação superior deve desenvolver espírito científico e pensamento reflexivo, além de formar profissionais nas diferentes áreas de conhecimento, aptos a colaborar com o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Para formar os profissionais capazes de colaborar com esse desenvolvimento, as práticas pedagógicas desenvolvidas nesse contexto devem ser reflexo da sociedade, garantindo a consciência sobre a dinâmica social e as interações humanas (ROZENDO et al., 1999).

Para o desenvolvimento dessas habilidades, a universidade edifica-se a partir da tríade de ensino-pesquisa-extensão, sendo cada pilar responsável por gerar conhecimentos e competências capazes de auxiliar e enriquecer a formação profissional. Essas práticas possuem o grande desafio de buscar explicar e solucionar os questionamentos acerca da legitimidade da produção desse conhecimento (CASTRO, 2004).

Em seus estudos, Castro (2004) ressalta a importância da concretização da indissociabilização entre o ensino, a pesquisa e a extensão, pois isso gera um conhecimento mais contextualizado, menos disciplinar e gera articulação entre as formas de produção de conhecimento. Para isso, é necessária a análise do ensino superior e como este está estruturado nos dias de hoje, produzindo debates e ações que questionem formações técnicas e abram campo para a valorização das experiências.

POTENCIALIDADE DA EXTENSÃO

A educação superior deve estimular o conhecimento acerca das problemáticas atuais, sendo a extensão universitária o facilitador desse processo, uma vez que visa obter uma

relação entre a comunidade acadêmica e a população, através do compartilhamento de benefícios culturais, científicos e tecnológicos gerados pelas instituições (LDB, 1996).

O que percebemos muitas vezes é um desequilíbrio dentro dessa tríade estabelecida, onde as vivências e experiências não possuem o devido destaque ou valorização por parte da academia. Para Castro (2004), a experiência hoje em dia foi silenciada e deu voz aos experimentos. Nessa situação, a construção pessoal e coletiva do conhecimento não está no mesmo degrau que o conhecimento científico.

A extensão universitária possui a função de unir a teoria com a prática em uma relação entre a universidade e a sociedade. A sua dinâmica é caracterizada pelo elo entre as relações interdisciplinares de ensino e pesquisa, na perspectiva de gerar a união entre o pensar e o fazer, produzindo uma imensa troca de saberes, além da promoção de experiências transformadoras que visam à conscientização crítica dos sujeitos acerca de sua realidade de forma transformadora, libertadora e autônoma (JEZINE, 2004).

A extensão produz conhecimento através da experiência e narra sua prática. Não possuindo uma verdade absoluta, as narrativas são objetivas em sua verdade e, ao mesmo tempo, subjetivas, pois preconizam a construção desse conhecimento emancipador, que une a técnica às ideologias através do fazer coletivo, tendo como produto dessa relação um conhecimento mais próximo da realidade do mundo (CASTRO, 2004).

PROJETO DE EXTENSÃO POPULAR PALHASUS

O projeto de extensão universitária da UFPB, denominado PalhaSUS, tem desenvolvido suas práticas há 7 anos no município de João Pessoa. Esse projeto é coordenado pelo

docente Aldenildo Costeira e composto por colaboradores e graduandos da UFPB. Atualmente, desenvolve suas intervenções em cinco cenários diferentes, levando a estes lugares a figura do Palhaço Cuidador, unindo a interface crítica deste ao cuidado formador de vínculos e transformador de realidades.

O PalhaSUS orienta-se a partir da Educação Popular, visando à construção do conhecimento baseado nas relações interpessoais, no compartilhamento de experiências, na valorização do conhecimento popular e nos processos de reflexões críticas. Pagani (2016) considera que esse processo propicia o encontro entre o popular e o científico, dando voz e escuta aos atores da relação.

Os cinco cenários de atuação do projeto são: o Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), o Hospital São Vicente de Paula, o Hospital Filantrópico Padre Zé, o Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira e a Instituição de Longa Permanência Vila Vicentina. As atuações ocorrem todos os fins de semana do mês, sendo o penúltimo final de semana do mês reservado para o Encontro de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador (EDPC).

O Palhaço Cuidador é o facilitador dentro das intervenções. Ele é construído a partir de vivências e reflexões que ocorrem na Oficina do Riso da UFPB. Esta oficina é considerada o início de sua construção, aperfeiçoando-o a partir das vivências no projeto. Ela possui três objetivos de aprendizagem que englobam o trabalho da espontaneidade (criança interior), desenvolvimento de habilidades cênicas e cômicas, além de favorecer diálogos horizontais que visem à construção da consciência de atuar no processo de humanização e do cuidar (COSTEIRA, 2013).

O PALHAÇO CUIDADOR

Para compreender o papel social do Palhaço Cuidador, precisamos entender a função do palhaço na sociedade. Costeira (2013) considera que o palhaço sempre foi uma figura influente que despertava curiosidade e fascinava as pessoas à sua volta.

Essa figura irreverente e influenciadora despertou no ator Michael Christensen e no médico Hunter Patch Adams a ideia de levar esse personagem transformador para o cenário hospitalar, desempenhando um papel pioneiro no cuidado humanizado. O palhaço passou a ser visto como estratégia de enfrentamento das fragilidades decorrentes da hospitalização e, a partir da construção desse paradigma, ele começou a se expandir e a conquistar seguidores de diversas áreas, principalmente da saúde (COSTEIRA, 2013).

Essa vertente promotora de cuidado cruzou oceanos e continentes, adquirindo adeptos que preconizam em suas ações a humanização e o cuidado. O Palhaço Cuidador, por sua vez, surge na perspectiva de que todos os lugares são potencialmente espaço de cuidado. Seja no hospital, rua, sala de aula ou ônibus, o Palhaço Cuidador desenvolve seu potencial transformador através de sua essência cômica, crítica e humanizada.

Ele surge na Oficina do Riso, que é considerada o marco de sua formação. Através de metodologias de jogos teatrais, meditação oriental e danças circulares, o palhaço é formado durante uma semana em um processo gradual que se assemelha à evolução humana. São trabalhados aspectos da fala, andar, caracterização, maquiagem, criatividade e expressão. Essas dinâmicas despertam dentro dos participantes da oficina a oportunidade de brincar, lidar com seu ridículo e se alegrarem com as experiências (COSTEIRA, 2013).

Vivenciar essa oficina proporciona ao extensionista um encontro com um “eu” diferente do que a sociedade nos induz a mostrar. Ao longo desses cinco dias de Oficina, acontece um encontro com aquilo que é oprimido desde muito cedo, o nosso ridículo. Esse é um momento de nos percebermos melhor e aprendermos a lidar com as nossas particularidades, sem vergonha de nos expressarmos e nos abriremos para novas experiências, explorando e aprendendo com as singularidades.

Esse processo de construção acontece antes da Oficina, pois o projeto nos proporciona espaços de reflexões e compartilhamentos, como os plantões do ano de 2014 — onde eram realizados estudos e discussões sobre métodos, textos sobre Educação Popular e exibição de curtas/vídeos sobre questões relevantes ao projeto; as visitas aos cenários, acompanhando a atuação dos palhaços — e o curso Autocuidado, realizado no ano de 2015, que visava favorecer momentos de reflexões acerca do cuidado, humanização e sistematizações.

Os encontros de aprofundamento teórico, no caso os plantões e o curso, possuem papel fundamental para a construção de uma identidade com o projeto. Compreendendo a trajetória e o legado daqueles que norteiam nossa prática, somos fundamentados para uma atuação mais consciente do propósito e da missão do projeto. É, para muitos, o primeiro contato consciente com a construção do conhecimento em uma perspectiva da Educação Popular, valorizando o compartilhamento existente.

Já as visitas aos cenários são capazes de trazer experiências que fogem do nosso cotidiano. Estar em serviço, em uma perspectiva de cuidar do outro, sem ser profissional de saúde e sem se vestir de palhaço, é um desafio para aqueles que participam do projeto. Um desafio enriquecedor, que nos mostra que, para cuidar, muitas vezes, é necessário apenas

empatia e vontade de estar. Nesse momento, conhecemos a potencialidade dos encontros pela óptica de quem acredita que ainda não é capaz de cuidar por não ser palhaço ou profissional, mas que passa a compreender um pouco da imensidão das possibilidades de cuidado.

Após essas experiências e a Oficina, o palhaço é formado. Daí em diante, ele passa por processos de manutenção e desenvolvimento a cada atuação, pois, através das trocas de saberes, também nutrimos o palhaço. O EDPC, realizado uma vez por mês, possui a função de unir os extensionistas para o aperfeiçoamento e desenvolvimento de habilidades que enriquecem a atuação como palhaço.

O ENCONTRO ENTRE O PALHAÇO CUIDADOR E SEU PÚBLICO ALVO

As atuações do PalhaSUS vão além das paredes dos hospitais gerais, buscando expandir o cuidado para as comunidades que mais necessitam desse acolhimento e troca. Assim, os palhaços atuam no complexo psiquiátrico Juliano Moreira e na instituição de longa permanência, além de atuar através de parcerias em congressos, rodas de conversa, mostras e ações na comunidade.

Cada cenário possui suas demandas e características, que enriquecem e diferenciam as práticas vivenciadas dentro do projeto. As atuações no HULW são realizadas na clínica médica e nas enfermarias pediátricas. Por se tratar de uma referência no tratamento de determinadas doenças, podemos ver histórias e situações socioeconômicas diferentes. Já no Hospital São Vicente de Paula, as atuações são realizadas nas enfermarias femininas, masculinas e no setor de hemodiálise. Dado o fato de que o tratamento da hemodiálise possui uma dinâmica e uma

rotina próprias, estabelecer um bom vínculo com os pacientes e profissionais enriquece ainda mais as atuações.

O Hospital Padre Zé, além de possuir enfermarias femininas e masculinas, possui um programa de cuidados paliativos. Uma característica forte da filantropia é a assistência a pessoas em situação de vulnerabilidade, portanto, os assistentes sociais e psicólogos dialogam bastante com os usuários. Assim, as atuações giram em torno de realidades fortes e que, às vezes, se distanciam das vividas por nós.

Para atuar no complexo psiquiátrico Juliano Moreira, é necessário despir-se de qualquer preconceito que se tenha a respeito da saúde mental. Em nossa sociedade, a saúde mental ainda é muito estigmatizada, portanto, ao vestir a roupa do palhaço, devemos lembrar que ele não tem preconceitos e que a sua missão é o cuidar. E, assim como em qualquer outro lugar, conhecemos pessoas fascinantes que precisam de acolhimento, escuta e cuidado.

Na Instituição de longa permanência Vila Vicentina, lar de muitos idosos, encontramos-nos com figuras que viveram inúmeras situações e conversam conosco sobre uma infinidade de coisas. Ali, estamos frente a histórias riquíssimas e pessoas que possuem uma carga de conhecimento imensa.

Em cada abordagem, é necessária a entrega para que o mesmo palhaço que dialoga com o idoso interaja com o bebê da pediatria. Nesses locais, tendo como facilitadora a figura do Palhaço Cuidador, conhecemos histórias, compartilhamos saberes e dialogamos sobre diversos assuntos. Com base no proposto por Vasconcelos (2004), as práticas de Educação Popular precisam ser de acordo com a realidade existente, antes de serem revolucionárias; necessita-se que o processo de discussão não se coloque de forma vertical, mas sim através de uma relação horizontalizada de acordo com a troca estabelecida.

Esses encontros e diálogos são capazes de construir vínculos, fortalecer a empatia e auxiliar na elaboração de conhecimentos que refletirão em uma maior compreensão da vida do outro. Para Pagani (2016), essas práticas levam a uma ampliação da visão sobre o mundo e sobre o modo de sobreviver e se organizar dentro da sociedade.

O IMPACTO NA FORMAÇÃO DO GRADUANDO

O contato com as pessoas e os diálogos são capazes de construir relações de troca, onde as reflexões e os conhecimentos gerados devem ser destacados. O Palhaço Cuidador não está só para transformar uma realidade; ele transforma o ambiente, mas, ao mesmo tempo, deve garantir que ocorra uma reflexão acerca daquele processo de adoecimento ou qualquer outro que o indivíduo demonstre. Isso impacta de maneira significativa para a ampliação da visão dos extensionistas sobre a realidade vivenciada pelas pessoas.

Conforme afirma Pagani (2016), essas experiências são capazes de impactar de maneira significativa para a ampliação dos pontos de vista sobre a realidade vivenciada pelas pessoas, fazendo com que haja uma maior compreensão do saber popular, dos modos de viver, dos arranjos de sobrevivência e da organização da população.

As interações nesse contexto contribuem para o aumento na qualidade dessas atuações e reflexões sobre a realidade, potencializando o processo de construção do cuidado humanizado dos atores envolvidos (PAGANI, 2016). Sendo assim, influenciam também nas perspectivas daqueles que estão passando pelo processo de formação dentro da academia e dos campos de estágio.

A nossa vida é feita de encontros, seja na rua, no ônibus, na sua casa ou em qualquer outro lugar. Se lembrássemos de todas as pessoas que passam por nós todos os dias, não haveria espaço suficiente no HD natural do nosso cérebro. Somos seres sociáveis e sociais, necessitamos de relações interpessoais para sobreviver. Para isso, acabamos filtrando essas informações e armazenando as relações estabelecidas, ficando aquelas que, de alguma forma, passaram pela sua vida e geraram algum sentimento/impressão/vínculo.

Em nossa sociedade, ocorre um processo de falsa proteção do sofrimento, assim, as pessoas envolvem-se pouco umas com as histórias das outras, não ouvindo e sendo indiferentes. Desse modo, as pessoas constroem um caminho isolado, não se sensibilizam e não cultivam laços coletivos, não dando importância aos vínculos (BRASIL, 2010). Quebrando essa barreira e esse paradigma, o Projeto PalhaSUS leva os extensionistas a criarem vínculos entre si, com o projeto, coordenadores, cenários, usuários e equipes dos cenários.

Na perspectiva de Merhy (2002), as tecnologias leves são aquelas geradas no encontro com o outro, o acolhimento, estabelecimento de vínculo, autonomização e orientações dos processos. Essas tecnologias são pautadas na valorização das falas e da escuta. De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil (2010), o acolhimento, o encontro e o afeto construído nas relações, em conjunto com problematizações e momentos de afirmação, auxiliam na produção e promoção de saúde.

Ao assumir o lugar de palhaço, assumimos o papel transformador de ser amparo, escuta, fala, criticidade, amor e cuidado. Para Pagani (2016), essas relações subjetivas desmistificam conceitos, desconstroem paradigmas e nos ajuda na construção de nós mesmos como sujeitos. Assim, aqueles que compõem o Projeto PalhaSUS vão se construindo

e se descontruindo, a partir de cada vivência como palhaços, transformando não só os cenários e os usuários, mas também refletindo sobre o que são e sobre como serão quando profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar em um projeto que agrega tantas experiências e saberes amplia a visão do indivíduo que está em um processo de formação profissional, levando-o a uma maior consciência da potencialidade e possibilidades do cuidar. Isso acaba implicando nas nossas abordagens quando vamos atender em nossos campos de estágio e cenários de prática, pois, a partir do momento em que você se doa para escutar e ouvir um estranho por várias vezes, aquilo vai se enraíza dentro de você, passando a ser algo normal.

Saber acolher, conversar e criar vínculos é algo extremamente importante na atuação de um Palhaço Cuidador, pois é nesta figura que muitas pessoas depositam sua confiança para compartilhar aquilo que carregam dentro de si. Ser empático é a principal característica que o palhaço deve ter, para poder, assim, participar das trocas de saberes e brincadeiras com as pessoas do serviço.

O legado de um Palhaço Cuidador não fica apenas durante a permanência no projeto de extensão; ele passa por um processo de enraizamento dentro de nós de uma forma que, muitas vezes, não conseguimos dissociar o palhaço de nós mesmos. Sendo assim, em meio a tantas transformações ocorridas ao longo das nossas vidas, esse projeto traz a oportunidade de humanizar ainda mais nosso olhar e fazer com que os estudantes possam ver o mundo sob a ótica de diferentes realidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

Brasil. Ministério da Saúde. Acolhimento nas práticas de produção de saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Brasília, 2. ed. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno de educação popular e saúde / Ministério da Saúde, Secretariade Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. - Brasília: Ministério da Saúde, 2007

CASTRO, L. M. C. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. *Reunião anual da ANPED*, v. 27, p. 1-16, 2004.

COSTEIRA, A.A.M.F. Refletindo o projeto de extensão PalhaSUS sob o Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas – Escrito em 2013 como atividade desenvolvida pelo o autor em uma disciplina do mestrado em educação do PPGE – Revisado e publicado nesse livro.

FREIRE, P. Educação” bancária” e educação libertadora. *Introdução à psicologia escolar*, v. 3, p. 61-78, 1997.

FREIRE, P; NOGUEIRA, A. Que fazer teoria e prática em educação popular. 1989.

GOMES, L. B.; MERHY, E. E. Compreendendo a educação popular em Saúde: um estudo na literatura brasileira. *Caderno de Saúde Pública*, v. 27, n.1, p. 7-18, jan. 2011.

JEZINE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: *Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. 2004. p. 1-5.

MERHY,E.E. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo, 2002

Oliveira, M. W.Educação popular e saúde : processos educativos em práticas sociais.UFSCar. São Carlos. 2013.

PAGANI, Rosani et al. Educação popular em saúde. 2016.

PEDROSA, J.I.S. Educação Popular no Ministério da Saúde: identificando espaços e referência. in BRASIL. Ministério da Saúde. *Caderno de educação popular e saúde. Brasília, 2007.*

ROZENDO, C.A.; CASAGRANDE, L.D.R.; SCHNEIDER, J.F.; PARDINI, J.C. Uma análise das práticas docentes de professores universitários da área de saúde. *Rev.latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 15-23, abril 1999

VASCONCELOS,E.M. Educação popular: instrumento de gestão participativa dos serviços de saúde in BRASIL. Ministério da Saúde. *Caderno de educação popular e saúde. Brasília, 2007.*

EU E O PALHAÇO CUIDADOR NO AMBIENTE HOSPITALAR

Raissa Mendonça

O projeto PalhaSUS transforma vidas e realiza sonhos. Não falo dos pacientes, mas de mim. Sempre quis fazer o bem para as pessoas de uma maneira bem específica: visitar enfermarias hospitalares como palhaça. Por mais que eu tivesse vontade, não sabia como, quando e nem por onde começar. Ao conhecer o PalhaSUS, eu vi uma oportunidade para realizar os meus desejos.

Eu tinha pouca idade, estava no primeiro período do curso e não sabia bem como funcionava a universidade. A minha visão era de que tudo corria às mil maravilhas. Porém, não foi bem assim que as coisas sucederam. A partir do momento em que saí de casa para fazer a seleção do projeto, passei por várias dificuldades que quase me impediram de chegar na hora da entrevista. Confesso que, como boa caloura, até chorei. Mas, sonhos são sonhos e devemos correr atrás para realizá-los. E, por fim, deu certo e consegui fazer parte do PalhaSUS.

O primeiro contato como integrante do projeto foi na Oficina do Riso. Lá me redescobri como pessoa e percebi que os meus pensamentos iniciais se restringiam ao meu egoísmo. Naturalmente, eu tinha essa vontade de fazer as outras pessoas felizes, pois achava isso uma bela atitude; mas, como dito anteriormente, MEU sonho era ME vestir de palhaça e visitar

as enfermarias hospitalares, porque eu achava os palhaços bonitos e, portanto, queria ser uma.

Na Oficina do Riso, essa descoberta causou-me um grande impacto. Eu não podia me vestir de palhaça apenas porque achava bonito, mas eu deveria ter a responsabilidade de me tornar uma cuidadora, ser humanizada e saber entender o próximo. Minha missão não era fazer outras pessoas felizes por um momento de conversa, eu teria que ir mais além. Eu deveria ter e mostrar o cuidado humanizado para a pessoa em evidência e focar no seu bem-estar, proporcionando uma extensão da comunicação, lazer e saúde psicológica. O paciente não é apenas um paciente; é uma pessoa que ama, que é amado, que possui família, sentimentos, pensamentos e opiniões.

No entanto, eu não aprendi isso sozinha. Na verdade, a responsável por esse processo foi a minha palhaça Farofinha, o pedaço escondido de mim que achei na Oficina do Riso. Ela sempre existiu, pois somos uma só. No entanto, precisei de um estímulo para descobri-la em mim e cativá-la para mim, e isso só passei a descobrir e perceber aos poucos. Foi necessário um tempo para que eu vivenciasse várias experiências e conseguisse entender melhor este vínculo comigo mesma.

Após o período de preparação, houve o nascimento oficial de Farofinha e vieram as primeiras atuações. As primeiras vezes sempre causam nervosismo e ansiedade. É uma experiência muito singular, pois nunca se sabe o que esperar. Lembro que eu estava bastante nervosa, com um pouco de medo da realidade que poderia encontrar naquele hospital. Eu pensava que teria que trajar um personagem que ainda não conhecia muito bem (ainda estávamos em um processo de aproximação, havendo aquela timidez de início de amizades). Embora Farofinha não fosse uma personagem, era uma parte de mim ainda processo de conhecimento.

Antes da Oficina do Riso e de vivenciar as atuações nas enfermarias, eu queria reinventar uma palhaça, fazer algo original, criar piadas complexas, fazer as pessoas gargalharem e, claro, encontrar o Galetto. Entretanto, isso era muito desafiador para mim.

Ao chegar no hospital, após me produzir e entrar na enfermaria, comecei a descobrir aos poucos que Farofinha, minha palhaça, sempre fez parte de mim. Foi a partir de momentos como esse que percebi que não existia Raissa e Farofinha; éramos e continuamos sendo apenas uma. Isso significa que aquela ideia das coisas originais, de reinvenções e piadas complexas foi em vão. Isso resultou em uma palhacinha preocupada em cuidar das pessoas, valendo-se basicamente da piada da vaca amarela [DL1] e, não obstante ninguém risse disso, eu a contava assim mesmo:

“Existia uma artista muito famosa, era a Vaca Amarela. Em uma bela noite, iria acontecer um show, estava marcado para às 18 horas na melhor casa de eventos da cidade. A Vaca Amarela era muito conhecida e renomada, a casa de show lotou e todos gritavam: “Vaca Amarela, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver!”, “Vaca amarela! Vaca Amarela!”. O relógio marcava 18 horas, mas ela não apareceu. Todos estavam ali empolgados gritando em uma só voz: “Vaca amarela! Vaca Amarela!”. Passou uma hora de atraso e nada. Mas o público delirava loucamente: “Vaca Amarela! Vaca Amarela!”. Passaram duas horas e ela ainda não tinha chegado. E assim se passaram três, quatro, cinco horas... Ela não tinha comparecido ainda, mesmo assim, todos estavam empolgados esperando-a e gritando: “Vaca Amarela, cadê você? Eu vim

aqui só pra te ver!” O relógio já marcava 5 horas da manhã, mas ela não tinha aparecido. Então os fãs da Vaca Amarela ficaram tristes e foram embora.”

Eu tenho consciência de que a piada é muito ruim! A peculiaridade é observar as reações das pessoas; as caras e bocas são excelentes. Também imagino as de vocês neste momento, caros leitores. Eu a chamo de piada invertida, quem ri é apenas quem conta. Mas para contornar a situação pós-piada ruim, o procedimento correto compreende em puxar outro assunto completamente diferente, o que geralmente funciona. E só para encerrar esse ciclo de piadas, eu vou contar outra, prometo que será melhor que a última (ou não):

“Pedrinho e Joãozinho eram muito amigos, mas Pedrinho começou a namorar com Mariazinha, a ex-namorada de Joãozinho. Em uma certa noite, Pedrinho levou Mariazinha para jantar. Chegando lá, Mariazinha disse: “Ah... Joãozinho sempre me trazia aqui!”. Pedrinho não gostou do comentário, mas continuou. Entrando no restaurante, eles se sentaram em uma mesa. Mariazinha falou: “Ah... eu e Joãozinho sempre sentávamos aqui!”. Pedrinho ficou emburrado por Mariazinha estar sempre lembrando do ex-namorado, mas deixou passar. Chegou o garçom, eles fizeram o pedido e Mariazinha falou novamente: “Ah... eu e Joãozinho éramos atendidos por esse mesmo garçom!” Pedrinho ficou com raiva e enciumado, com razão. Então disse a ela: “Se você continuar a falar de Joãozinho, eu vou embora e deixo você aqui sozinha!”. Mariazinha prometeu que não ia mais falar do ex-namorado, pediu desculpas e os dois ficaram bem. Então a comida estava pronta e Mariazinha disse: “Ah... eu e Joãozinho sempre pedíamos este mesmo prato!”. Foi a gota d’água! Pedrinho foi embora, deixou Mariazinha

sozinha com o carro e preferiu voltar de ônibus para esfriar a cabeça. Chegando na parada de ônibus ele encontra alguém, adivinhem quem?

A namorada?! Joãozinho?! O próprio Pedrinho?! Não, era a Vaca Amarela que estava atrasada para o show!” Essa seria a parte que as pessoas deveriam rir, porém, quase sempre sem sucesso.

Mas voltando, se tratando de experiências, existem histórias que nos marcam para sempre. Certa vez, encontrei uma senhora sendo atendida no leito pela fisioterapeuta. Como eu estava no início do Curso de Fisioterapia, procurei interagir com as pessoas, conversando e contando piadas. Ao fazer uma manobra para melhorar a função respiratória da paciente, percebi duas situações: na primeira, a paciente sentia-se um pouco incomodada pelo próprio ambiente hospitalar; na segunda, a manobra assemelhava-se perfeitamente à coreografia da música de um grupo musical chamado “É o Tchan”. Uma vez que boa parte das músicas e coreografias dessa banda fizeram parte de minha infância, entendi a situação como uma oportunidade de socializar com a paciente. Assim, foi possível manter uma interação descontraída, de modo que o mais importante foi atingido, isto é, a paciente não foi vista restritamente como um usuário qualquer do sistema de saúde. Nós, Palhaços Cuidadores, observamos a situação e nos esforçamos para tornar o ambiente melhor e, conseqüentemente, todos que estavam ali esqueceram, pelo menos por um momento, dos incômodos dos procedimentos hospitalares.

Além dos cuidados, humanização, piadas, danças e outros artifícios utilizados para alegrar as pessoas, nossa trupe também fez uma campanha no intuito de ajudar a palhaça Farofinha. Anteriormente, mencionei sobre o “Galeto”. Durante a atuação, geralmente nos dividíamos em duplas dinâmicas e alguns já

possuíam o seu par fixo, o que não era o caso de outros como eu. Um dia, decidi compartilhar esse fato com algumas pessoas, o que originou a campanha “Um Galeto para Farofinha porque galeto com farofa é uma deliciazinha”.

Lançamos a campanha nos hospitais de atuação, sem sucesso, durante alguns anos. Tentei, inclusive, fazer com que o palhaço “Chapolim” aproveitasse o “CH” escrito em sua camisa e mudasse seu nome para “Churrasquinho”. Mas, isso não deu certo. Apesar disso, após inúmeras tentativas frustradas, e para minha alegria, surgiu um candidato para o papel de Galeto. Único problema consistia no fato de que ele não queria ser Galeto, aceitando ser minha dupla dinâmica apenas sob a condição de se chamar “Filé Mignon” (porque era mais chique). Tenho que destacar que, embora Filé Mignon seja mais chique, a combinação entre um galeto com uma “farofinha” é inigualável.

E foi em meio a essa brincadeira que passamos a ter uma carta na manga. Existiam algumas situações mais complicadas para formar um elo de comunicação e um laço de confiança. Às vezes, a pessoa estava tão triste e abatida, que não conseguíamos conversar, cuidar e entender as necessidades físicas, psicológicas e emocionais daquele ser humano. Ao mencionar sobre um Galeto para Farofinha, geralmente a comunicação fluía, sendo uma forma de obter uma maior aproximação, o que na maioria das vezes dava certo e nos deixava muito felizes.

São inúmeras histórias de vidas, amizades novas, momentos felizes e tristes; mas a atuação do Palhaço Cuidador não se resume a isso. O Palhaço Cuidador é complexo, é humano e também palhaço. Confesso que costumávamos causar uma pequena “bagunça” nos quartos e leitos. Alguns pacientes e profissionais participavam das brincadeiras, outros olhavam desconfiados. Mas os sorrisos estampados nos rostos de quase todos são os meus melhores presentes e as melhores lembranças.

Assim, enfatizo que o mais belo de toda essa ação é entender que você fez a coisa certa, sabendo entender, cuidar e amar o próximo na complexidade do ser humano.

- O impacto do Palhaço Cuidador na minha formação acadêmica: O momento em que o Palhaço Cuidador passa a fazer parte das atividades diárias e profissionais do indivíduo

Em uma bela tarde, no meu primeiro dia de estágio, comecei a atender em um hospital conveniado com a universidade. Antes disso, só tinha entrado nas enfermarias hospitalares como Farofinha. Mas, eu estava ali como Raissa, estudante de Fisioterapia. Mesmo assim, Farofinha sempre se fazia presente, embora algumas pessoas, infelizmente, não vissem isso com bons olhos.

As disciplinas do meu curso, assim como as de vários outros, são divididas por especialidades. Conseqüentemente, o aluno e futuro profissional tende a ver o outro como uma patologia, um braço, uma perna; o que acaba levando-o a esquecer do todo, da essência do ser humano. Naquele contexto hospitalar, pude observar a frieza por parte de algumas pessoas habituadas com determinadas situações cotidianas e, mesmo sabendo que aquilo isso seria comum, acabei me surpreendendo.

A bem da verdade, tudo me lembrava das situações que eu vivia durante as atuações do projeto, fossem os profissionais, pacientes, colegas de turma, corredores ou até mesmo o próprio teto. Eu ansiava por fazer piadas com alguns objetos, mas precisava me conter, pois não usava um nariz vermelho, e sim um jaleco branco e um rosto sem desenhos.

Certamente, eu teria que assumir um comportamento mais sério e profissional, mas a despeito da tentativa, as coisas

não ocorreram como planejei. Foi inevitável desvencilhar-me de Farofinha, pois, como dito anteriormente, ela e Raissa tratam-se da mesma pessoa.

Desde o primeiro contato, e até mesmo durante o atendimento, eu conversava com os pacientes, fazia a coreografia do “É o Tchan” cantando para eles e, inclusive, até cheguei a contar a piada da vaca amarela para alguns, sem, no entanto, deixar de fazer um bom trabalho. Por consequência, meu professor veio a saber disso e chamou-me para uma conversa. Ele falou-me educadamente que eu precisava amadurecer, pois determinadas atitudes não faziam sentido naquele ambiente. Chorei um pouco (escondida, pois não queria sugerir uma atitude imatura) e até tirei uma nota um pouco mais baixa que as outras pessoas.

Contudo, hoje em dia agradeço muito pelos conselhos que o docente me deu, uma vez que aquelas palavras realmente me fizeram amadurecer em alguns aspectos. Mas tenho certeza que eu fiz a coisa certa: meus pacientes melhoraram física, psicológica e emocionalmente, além de sempre sorrirem muito durante o atendimento. Os sorrisos são sempre os melhores presentes. Às vezes eles também choravam, mas porque eu era a única pessoa que estava disposta a ouvi-los com paciência, posto que nem todos os profissionais eram humanizados, nem tiveram a oportunidade que tive; nem todos descobriram o Palhaço Cuidador dentro de si.

Atualmente tenho um olhar diferenciado, pois carrego comigo a bagagem que adquiri no PalhaSUS. Eu não sou uma fisioterapeuta tratando um paciente, sou uma humana CUIDANDO de outro humano, porque “cuidar do outro é cuidar de mim”.

- Evolução como pessoa e como profissional no cuidado humanizado ao próximo

Diante das situações vivenciadas, amadureci com o passar do tempo, adquirindo maior conhecimento dentro da área que quero seguir. Mas há uma coisa que aprendi e prometi para mim mesma nunca esquecer: não deixar que o cotidiano apague o meu lado humano.

Com o tempo você percebe que é necessário buscar coisas novas, viver novas experiências para crescer como pessoa e como profissional. Devido a isso, com muita tristeza tive que parar com as atuações. Mas, uma vez Palhaça Cuidadora, sempre Palhaça Cuidadora.

Nessa busca por vivenciar novas experiências, comecei a ir aos campos de prática e estágios e observei que, muitas vezes, o ambiente hospitalar favorece o olhar apenas para si. O profissional está frequentemente preocupado apenas em realizar o seu trabalho e, no cotidiano, pode acabar se esquecendo de que o paciente necessita de cuidados, companhia e familiaridade com as pessoas ao seu redor e com os procedimentos terapêuticos.

Quando se iniciaram os estágios na Unidade de Terapia Intensiva, havia muitos pacientes sedados e, mesmo que eles não me respondessem, sempre me preocupava, e ainda me preocupo, em desenvolver um bom diálogo baseado em notícias, atualizações e até mesmo piadas. Trata-se, na verdade, de um monólogo, mas penso que a nossa conversa pode ser a única que eles terão durante o dia.

Certa vez, ao realizar um procedimento doloroso, o paciente não podia falar, porém o incômodo era visível. Nesse dia, Farofinha falou mais alto, e não importava se eu não estava com um nariz vermelho naquele momento, nem se determinado

professor diminuiria minha nota ou cobraria uma postura “mais profissional”. Farofinha estava ali, pronta para ajudar e amenizar aquele sofrimento; pronta para contar a piada da vaca amarela e convidá-lo para ser o Galeto. E isso surtiu efeito. A dor passou, as lágrimas cessaram e senti aquela sensação de dever cumprido.

São a partir desses detalhes que sabemos que o Palhaço Cuidador nos faz evoluir de uma forma absurdamente bonita. Apesar de estar mais afastada das atividades do projeto, levo comigo todos os ensinamentos, todas as vivências, pessoas, experiências e aprendizado. Farofinha torna-me uma pessoa melhor e mais humanizada, sendo a parte mais linda e humana de mim.

O PalhaSUS proporcionou-me experiências maravilhosas, ensinou-me a ser melhor como pessoa e como profissional, ensinou-me a ser humana, a cuidar do próximo, a observar a complexidade do ser humano e, conseqüentemente, desenvolveu-me como profissional, como fisioterapeuta e como atuante da área da saúde. O sentimento que define tudo que tenho pelo projeto é gratidão, por isso sou grata ao projeto por me fornecer experiências, pelas quais pude desenvolver e descobrir o melhor de mim.

O PALHASUS FACILITADOR DO RISO “ON THE BEACH” PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Germana de Medeiros Barbosa

O RELATO DE DIAS ATÍPICOS POR UMA PALHAÇA MATUTINHA

“A praia é um lugar para todos!”. Quem nunca ouviu essa frase? Nada mais coerente do que considerar todas as possibilidades e inserir aqueles com maiores dificuldades. De acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui 45 milhões de Pessoas com Deficiência, correspondendo a 23% da população brasileira (Censo Demográfico, 2010). Esses dados reafirmam a atenção que precisa ser direcionada para essa população, especialmente acerca das dificuldades enfrentadas nas questões de acessibilidade e socialização desses indivíduos.

De acordo com a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, regulamentada pelo Decreto Legislativo no 186, de 9 de julho de 2008, são consideradas Pessoas com Deficiências “aquelas que apresentam impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais

peças”. Além disso, define o conceito de acessibilidade como “a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”.

Conforme a lei estabelecida, pessoas com deficiências têm direitos em igualdade de oportunidades com as demais, como o acesso à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer. No entanto, além das propostas idealizadas, projetos, leis e decretos permanecerem no papel, a falta de conhecimento da sociedade, em geral, faz com que a deficiência seja considerada uma doença crônica, um peso ou um problema. O estigma da deficiência transforma pessoas cegas, surdas e com deficiências mentais ou físicas em seres impossibilitados e indefesos (Maciel, 2000).

Nos últimos anos, a luta pela inclusão social de pessoas com deficiências tem se tornado responsabilidade de cada um e de todos, coletivamente. Uma das possíveis formas de incentivar essa inserção é o acesso a atividades que objetivem a socialização dessas pessoas com os outros indivíduos. O lazer é um dos meios fundamentais que propiciam o sentimento de bem-estar e inclusão de todos. Há autores que elucidam a relação entre atividades de lazer e lúdicas, enfatizando que as atividades lúdicas, tais como os jogos e brincadeiras, têm como base o prazer ou o gosto de realizá-las, ressaltando o sentido humanizador dessas atividades. Já o lazer é, via de regra, interpretado como o tempo que se pratica as atividades prazerosas, com um sentido de descanso das atividades de trabalho ou obrigações (Marcelino, 2003; Mello, 2003; Mazzotta e D’Antino, 2011). Com isso, a união dessas duas vertentes

poderia auxiliar na melhora da qualidade de vida das pessoas com deficiência, objetivando uma maior socialização.

No ambiente da praia, por exemplo, é possível trabalhar a inclusão social de maneira uniforme, proporcionando a integração das pessoas em todos os níveis de classe social, cultura, idade, raça e gênero. Considerada de fácil acesso e gratuita para todos os cidadãos, a praia é um ambiente ideal para a prática de lazer, esportes e outras atividades de inclusão, além de possibilitar um debate democrático sobre os limites da acessibilidade. Além disso, é fundamental para melhorar a qualidade de vida de todos os indivíduos, possibilitando uma maior integração em um ambiente novo e, até pouco tempo, visto como inalcançável para as Pessoas com Deficiência.

Com o intuito de facilitar a inserção dos indivíduos nessas atividades, o Projeto Acesso Cidadão, localizado na cidade de João Pessoa/PB – Brasil, foi criado e projetado para atender às necessidades das pessoas com deficiências ou mobilidade reduzida às atividades simultâneas de esporte, cultura e lazer na praia. Sua inauguração aconteceu no dia 15 de dezembro de 2012, e as ações aconteciam todos os sábados pela manhã, na praia do Cabo Branco.

Durante um sábado de sol, especificamente no dia 6 de abril de 2013, uma das integrantes do Projeto de Extensão PalhaSUS, que também era membro do Projeto Acesso Cidadão, convidou toda a equipe para desenvolver uma intervenção considerada “diferente” na praia, com o intuito de aumentar a interação entre os usuários e as práticas oferecidas pelo projeto neste ambiente. Com base nessa experiência, será relatado o “diário de um dia atípico”, por parte de um ex-membro do Projeto PalhaSUS, considerando todas as atividades desenvolvidas nesse dia. Além disso, haverá um tópico específico destinado aos

relatos pessoais mais marcantes fora dos cenários de prática, vivenciados com a palhaça “Calunguinha”.

Aquecimento pré-riso

O Projeto Acesso cidadão mantinha uma parceria com a Fundação Casa de José Américo, que se localizava próximo ao nosso local de atuação. Esta casa serviu de apoio para que os personagens de cada membro do Projeto PalhaSUS fossem construídos. Cerca de dez palhaços fizeram-se presentes, todos chegaram em seus transportes, como ocorria normalmente nos cenários fixos de atuação. A sensação de ansiedade era tamanha, sabíamos que aquele era “o dia”, pois nenhuma brincadeira, música, dança, peça ou fala, estavam programadas.

“Conseguimos uma sala! Mas, onde está o espelho? Como vamos nos pintar?”, questionamos. Um dos integrantes do PalhaSUS, que sempre andava com um pequeno espelho na bolsa (20 x 15 cm) nos salvou! Isso mesmo, dividimos o espelho entre os dez membros. Foi cômico!

Então, como de costume, primeiramente, vestíamos a roupa, depois pintávamos o rosto. Cada um com seu “*look*” mais ousado; uns com macacões, outras com saias, outros de short. Nada combinando com a blusa, isso era primordial! Sem citar o restante do figurino: calçado, meia, peruca, chapéu, óculos, etc, cada um mais engraçado que o outro, específico de cada PalhaSUS. Os pequenos detalhes deixávamos para o final, especialmente aqueles que nos dava o toque mais característico: o nariz! “Ah o nariz [...] tão procurado pelas crianças!”.

Os primeiros que finalizaram a “montagem” do seu Palhaço Cuidador deram início ao aquecimento na própria sala. Este consistia de palhaçada. Nada mais coerente, não? Uns com o andar torto, postura largada; outros “esticavam” o rosto com

as caretas mais engraçadas. Havia aqueles que preferia iniciar pela fala, “soltando” a corda vocal ou utilizando-se da fala pelo nariz. Sem esquecer das danças mais esquisitas, que dava o ajuste final no corpo, para que nos entregássemos totalmente ao personagem.

E lá fomos nós, a “trupe” do PalhaSUS mais ousada, em direção à praia. O dia não estava programado e nenhum dos usuários do Projeto Acesso Cidadão tinha conhecimento de que iríamos. Chegamos de surpresa...

“On the beach”

Uma ótima porta de entrada em qualquer ocasião é o sorriso. Esse foi o principal sinal positivo de receptividade que percebi ao chegar no local do projeto, juntamente com os outros Palhaços Cuidadores. Uma energia contagiante que envolvia a todos que estavam no local ou nas proximidades.

Para entender melhor a inserção do Projeto PalhaSUS nas atividades desse dia, precisamos compreender melhor como o Projeto Acesso Cidadão se desenvolvia. Todos os sábados, das oito horas da manhã ao meio dia, uma estrutura própria para acessibilidade dos usuários era montada na praia, com tendas e passarelas para acesso ao mar, além de materiais utilizados para o lazer, como cadeiras anfíbias, que flutuavam na água, pranchas de surf e coletes salva-vidas. O projeto também contava com a participação de muitos voluntários, a maioria estudantes, encarregados de organizar esses materiais, administrar as atividades desenvolvidas e auxiliar aos usuários quanto às suas necessidades. Entre as atividades, destacavam-se o banho no mar, utilizando a cadeira anfíbia; esportes aquáticos, como o surf adaptado e o caiaque, além de esportes terrestres, como o vôlei sentado, o frescobol, a bocha e a prática de *handbike*.

Como tudo foi à base do improviso, o PalhaSUS na praia deu o que falar! Todos nós, integrantes do PalhaSUS, conseguimos nos inserir de uma forma cômica e diferente do habitual, por meio do Palhaço Cuidador, utilizando-nos do inesperado, da piada sem sentido, do riso, das danças, da expressão corporal e da interação com os usuários, facilitando e demonstrando, por meio da “palhaçada”, que cada indivíduo era capaz de superar suas deficiências e voltar a sorrir diante das dificuldades que a vida traz.

Havia sempre algum Palhaço Cuidador auxiliando aos voluntários no manejo dos usuários com a cadeira anfíbia, dentro do mar, andando de *handbike*, jogando vôlei sentado ou frescobol, criando rodas de dança e cantando com a voz mais cômica. E todo o PalhaSUS tinha o objetivo de promover a alegria; o dia animado e contagiante, aquele não esperado por muitos que enxergavam a vida com grandes dificuldades. Foi sim uma situação única vivenciada pelos integrantes do Projeto PalhaSUS, sem regras, sem esquetes programadas; tudo à base da naturalidade e do sentimento de amor e cuidado ao próximo, com um único objetivo: conquistar um sorriso, fosse das crianças, dos adultos ou dos idosos presentes no local.

Ao final do dia, foi nítida a percepção de que fizemos o bem. Plantamos a alegria no coração daqueles usuários, muitos com dificuldades de locomoção; outros sem enxergar o que acontecia ao redor; outros sem entender, mas respondiam com um sorriso. A expectativa criada pelos próprios Palhaços Cuidadores foi atendida acima do esperado, especialmente pelo retorno que tivemos dos usuários. Esses são aqueles dias marcantes, que ficam na memória e que jamais devemos deletar...

OUTROS DIAS ATÍPICOS...

Neste tópico, serão descritas duas situações marcantes vivenciadas por uma das integrantes do PalhaSUS, a “dona” da palhaça Calunguinha.

1. Vencendo os desafios da “carreira solo”

O desafio de encarar uma atuação “solo” envolve ultrapassar barreiras da vergonha, da timidez e sair da zona de conforto. Frequentemente, o Palhaço Cuidador precisa aprender que, nem sempre, haverá uma “trupe” para interagir ou desviar a atenção quando a piada não é cômica. Por vezes, o mesmo precisa atuar sozinho, entendendo que o entrosamento com o público é o maior desafio. Situações assim tanto fazem o Palhaço Cuidador como o seu dono crescerem juntos.

Assim, no dia 11 de fevereiro de 2014, no Hospital Universitário Alcides Carneiro, localizado na cidade de Campina Grande/PB, foi realizada mais uma intervenção. A palhaça Calunguinha foi convidada para atuar junto às crianças com Mucopolissacaridose. Entre estas, destaca-se o Patrick, muito atuante, inteligente e responsável por levar a palhacinha nesse campo de atuação, fora do habitual. A título de informação, essa patologia é rara, de origem genética, ocasionando mudanças na estrutura corporal das crianças e deixando-as debilitante, sem muita expectativa de vida. Na Paraíba, esse hospital é considerado referência no tratamento dessa doença. Dessa forma, todas as semanas, um grupo de crianças e adolescentes deslocam-se para Campina Grande com a esperança de melhorar a qualidade de vida por meio do tratamento.

Nesse dia, o desafio foi maior, visto que a atuação era “carreira solo”. Era a primeira vez que Calunguinha atuaria sozinha, sem os companheiros da sua Trupe. Destemidamente, a palhacinha aceitou o pedido. Ao chegar no local, calunguinha conseguiu uma sala para vestir as suas roupas, pintar o seu rosto e colocar o seu nariz. Como de costume, realizou o aquecimento prévio, com palhaçadas, falando para o espelho (dessa vez, bem menor, 15 x 10 cm) e andando esquisito.

Saindo do local, Calunguinha já havia interagido com o porteiro, com a senhora da recepção e com os outros pacientes que estavam no corredor, aguardando para serem atendidos. Alguns olhares eram de espanto; outros, gostavam da alegria. Esse é um ponto “x” que deve ser considerado. Nunca o palhaço consegue agradar a todos. É importante estar preparado para situações desse tipo. Ou seja, haverá pessoas que gostam da aproximação, da brincadeira, da piada, da dança esquisita; outras, não. É preciso dosar o limite de aproximação, porque cada conquista de um sorriso, que antes não era expresso, é uma vitória.

Passado esse caminho, Calunguinha chegou ao quarto onde as crianças estavam. Patrick já sabia que a palhacinha apareceria; os demais, não! Então, foi uma surpresa! Calunguinha chegou agitando, dançando a “coreografia da toalha”, fazendo palhaçada com as enfermeiras. Foi uma diversão! Porém, algumas crianças acabam sentindo receio da figura do palhaço e essa aproximação precisa ser cuidadosa para não gerar traumas futuros.

Um dos garotinhos que estava recebendo tratamento começou a chorar, sentindo medo. Com este, Calunguinha teve uma maior atenção e cuidado. De início, não houve aproximação. Mas, aos poucos, ao perceber a interação com as demais crianças, brincando e cantando, o mesmo foi cedendo. Analisou

as situações e, devagar, foi permitindo algumas pequenas interações, como olhares, sorrisos e envio de beijos.

De tanto insistir cuidadosamente, Calunguinha conseguiu, ao final, um abraço e um sorriso do garotinho, que, até então, tinha medo de palhaço. Essa é uma conquista incrível, o maior reconhecimento para um Palhaço Cuidador, onde a única intenção é fazer o bem e aliviar corações que sofrem.

As demais crianças interagiram de forma alegre e feliz, sorrindo com as palhaçadas de Calunguinha, pedindo brincadeiras, músicas e histórias cômicas. Mais uma experiência que ocorreu no improviso, sem nada programado. A naturalidade de um palhaço, quando está em meio a situações difíceis, acaba sendo recriada a todo instante e transparece tudo mais cômico.

Apesar das dificuldades que os pacientes enfrentavam, a energia que envolvia o local, as pessoas que lá trabalhavam, as crianças e os adolescentes, transformou tudo em amor, criaram-se laços. Não queriam deixar a Calunguinha ir embora de lá. Mas, infelizmente, a palhacinha teve que se despedir de todos. Quando estava saindo, encontrou mais dois adultos com a mesma patologia, eram bem pequenos no tamanho, porém, com idade acima de 30 anos. Como eles não tinham condições de andar, utilizavam uma motocicleta de criança. Calunguinha não perdeu tempo! Pediu para dar uma volta, pequena como ela é (1.76 m), pode-se imaginar a cena cômica. Todos riram muito, inclusive os dois rapazes, querendo conversar e fazer amizade com a palhacinha.

Este foi um dia diferente, cheio de desafios a serem vencidos. Um sentimento de superação, pois atuar sozinha e vencer os obstáculos foi prazeroso e gratificante.

2. Como é grande o meu amor por você...

No dia 17 de fevereiro de 2014, Calunguinha foi convidada para realizar uma intervenção (carreira solo) no Hospital Napoleão Laureano, localizado na cidade de João Pessoa/PB e considerado referência para as pessoas com câncer. Foi uma atuação específica, para uma única pessoa que estava com muita dificuldade de recuperação.

Calunguinha preferiu ousar. Não foi vestida com seu o macacão azul e a sua blusa de xadrez característicos. Resolveu colocar um jaleco e uma prancheta, pois queria parecer uma médica. Pintou o rosto, colocou o tênis, o seu chapéu colorido e, por fim, um último detalhe: o nariz!

Previamente, próximo à porta de entrada do quarto, Calunguinha precisou soltar o corpo e a voz, pois tinha que entrar feliz, sorrindo, dançando e fazendo palhaçada. Tinham amigos ao redor que não conseguiam conter o riso, inclusive um fotógrafo japonês, que queria registrar esse momento.

Calunguinha bateu na porta: “- Toc toc toc, pode entrar, cólicença, obrigada”, e já foi buscando o seu espaço no quarto, observando o que podia utilizar para interagir com a paciente, afinal, era tudo no improviso.

O codinome era “Vivi Beija-flor”. Calunguinha sempre gostava de apelidar os outros e, com esta, não seria diferente. Vivi tinha, aproximadamente, 36 anos. Estava muito debilitada e não conseguia andar, pois tinha câncer com metástase. Não foi fácil para calunguinha “ignorar” um pouco aquela situação e concentrar-se no seu objetivo maior: arrancar sorrisos. Obviamente que, durante a intervenção, o grande cuidado era que Vivi se sentisse cuidada e amada, não só por Calunguinha, mas pela família também. Esse pensamento vai de encontro

aos ensinamentos da Educação Popular, um método de diálogo horizontal que enfatiza as relações entre os indivíduos e o seu reflexo na qualidade de vida. Ou seja, o diálogo entre o Palhaço Cuidador e o indivíduo que está sendo cuidado, compartilhando vivências, histórias, brincadeiras, que facilitam o entendimento naquele momento difícil de uma forma mais branda.

No quarto, havia apenas a irmã de Vivi, que demonstrava sempre muito amor pela mesma. Porém, Calunginha surpreendeu-se! Achava que teria a função de levar energias positivas, felizes, arrancar risos de Vivi. Para a sua surpresa e dos amigos que entraram no quarto, Vivi tinha uma energia incrível. Sorria muito, mesmo com as dificuldades físicas. Pensava positivo, acreditando que ficaria curada. Tinha fé! Vivi parecia um anjo que iluminava aquele quarto com as mais belas palavras de incentivo. Calunginha sabia que jamais sairia a mesma daquele quarto, que estava ali para aprender e não só buscar sorrisos.

Logo, então, a palhacinha entrou na mesma “onda”. Teve a ideia de cantar e deixou que Vivi escolhesse uma linda música de sua preferência. A selecionada foi “Como é grande o meu amor por você”, de Roberto Carlos. Calunginha teve a ideia de se declarar para Vivi:

“Eu tenho tantu pa ti falhar
Mas cum palavra num sei dizê
Como é gaaaaaaaande u meu amô pu você
E não há nhada pa compara
Pá pudê lhi explicaaaaaaa
Como é gaaaaannndeeeeeee (abrindo os braços)....
U meu amôpuuu Viviiiiiiiiiii”

Esse momento foi um dos mais marcantes. Vivi cantou junto com a palhacinha, sorrindo, esperançosa com a vida, falando muito sobre o amor ao próximo. Acreditava que ficaria curada, que iria melhorar. Era um ser iluminado, irradiando luz e confiança na sua fé. Por vezes, Calunginha segurou o choro de emoção. Manteve-se firme até o fim!

Esse dia no hospital foi especial. Refleti sobre o quanto somos vulneráveis a situações que nos deixam debilitados fisicamente. Mas podemos ser fortes na fé e na esperança de continuarmos a vida. Vivi me ensinou muito nessa atuação. Sempre nas intervenções aprendemos um pouco. Já vivenciei situações complicadas e difíceis de se enfrentar. Porém, com o palhaço, podemos nos expor ao ridículo e facilitar o entendimento do outro, sempre pelo lado positivo de se enxergar. A resiliência que envolvia Vivi era envolvente, aceitando aquela situação, mas esperançosa de que sairia daquele quarto caminhando, voltando a ter a sua vida habitual. Foi um dia incrível!

Vivi faleceu um mês após, infelizmente não resistiu fisicamente. Mulher forte! A sua vontade de viver era linda, jamais deixou a doença ser maior que a força da sua fé. Confiava plenamente em ficar curada e transmitia-nos força ao mesmo tempo. Era uma pessoa do bem, querida por todos. Eu agradeço por ter vivido momentos assim com Vivi Beija-flor. Aprendi nesses pequenos grandes momentos, simples e verdadeiros, com um poder imenso de tocar o coração! Levarei para sempre comigo!

PROJETO PALHASUS E CONTRIBUIÇÕES ATUAIS

Se me perguntarem uma palavra de definição, escolheria “humanização”. De acordo com o dicionário Aurélio, humanizar significa “*inspirar a humanidade a...*”; “*adoçar, suavizar, civilizar*”;

“tornar-se humano”. Considerando que humanização é o ato ou efeito de humanizar, o projeto PalhaSUS deixou-me essa rica herança. Aproximar-se do outro, olhar nos olhos, respeitar, escutar, falar quando necessário, cuidar..

Foram dois anos e alguns meses de muito crescimento, saindo da zona de conforto, buscando ultrapassar barreiras da vergonha, da timidez e do improviso. Encarar os desafios de uma forma mais branda, respingando ousadia em todas as intervenções. Foi riso solto, foi criatividade, foi atividade!

O Projeto PalhaSUS despertou dentro de mim o que estava guardado desde criança: a menina palhaça. Com a roupa e o nariz de palhaço, eu não tinha vergonha de me expor ao ridículo, pelo contrário, faz parte! E isso foi a tampa da panela para o que eu precisava. Além de alegrar pessoas, eu conseguiria tirar de dentro de mim o meu lado mais cômico, visto por muitos como “a doidinha”. Ademais, estar de frente para um público desconhecido, de todas as faixas etárias, foi um desafio! Utilizar do improviso, da naturalidade e da postura, diante dos olhares que esperam motivos para sorrir, foi empolgante!

E hoje, utilizo de todas essas ferramentas de aprendizado para minha profissão. Além de ser Fisioterapeuta, sou estudante de Pós-graduação e considero-me humanizada, graças aos ensinamentos que obtive enquanto membra do Projeto PalhaSUS. Ao atender os pacientes, busco sempre interagir de forma cômica, mesmo sem vestir a Calunguinha, entendendo a complexidade biopsicossocial do indivíduo. Além disso, sentir-se à vontade e segura para falar em público, entender que nenhum aluno é igual e cada um precisa ser compreendido de forma diferente, também foram ensinamentos que eu consegui transpor do projeto para minha profissão.

Por fim, as contribuições para a vida, eu deixo em forma de verso:

“Gratidão é um sentimento puro
Daqueles que enchem a alma de bondade
Ô PalhaSUS você nem imagina
Que o meu coração por ti bate
E a cada pulsar vem um resquício
De riso, alegria, gratidão e saudade.
Muito obrigada!”

REFERÊNCIAS

Censo Demográfico 2010. Acesso em 27 de fevereiro de 2017;
<http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados>

Lei Nº 13.146, De 6 de Julho de 2015. Acesso dia 27 de fevereiro de 2017. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm

Maciel, M. R. C. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. São Paulo Perspec. vol.14 no.2 São Paulo Apr./June 2000

Marcelino, N. C. Lúdico e lazer. In: Marcelino, N. C. (Org.). Lúdico, educação e educação física. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003. p. 1-14.

Mello, M. M. O lúdico e o processo de humanização. In: Marcelino, N. C. (Org.). Lúdico, educação e educação física . 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003. p. 25-32.

Mazzota, M. J. S.; D’antino, M. E. F. Inclusão Social de Pessoas com Deficiências e Necessidades Especiais: cultura, educação e lazer. Saúde Soc. São Paulo, v.20, n.2, p.377-389, 2011.

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PALHASUS NA FORMAÇÃO DO TRABALHADOR DA SAÚDE MENTAL UMA REFLEXÃO

*Ivanice Jacinto da Silva
Evaneide Albuquerque Santos Candeia*

INTRODUÇÃO

A saúde mental é um campo complexo que passou por fortes mudanças de paradigma. No Brasil, um dos grandes marcos dessas transformações foi a instituição da Lei Federal 10.216/2001, que determina a garantia de direitos às pessoas com transtorno mental e redireciona o modelo de assistência à saúde mental no país. Tais mudanças foram conquistadas a partir de movimentos como o de desinstitucionalização, que reivindica o fim de um modelo de atenção à saúde excludente, cronificador e centrado na hospitalização, defendendo formas de tratamento mais humanizado e de base territorial.

O meu primeiro contato com a assistência prestada às pessoas com transtorno mental foi ainda na infância no hospital psiquiátrico Juliano Moreira, onde, após receber o diagnóstico de esquizofrenia, meu avô passou por longos períodos de internação. Por vezes, presenciei o seu choro diante do sofrimento vivenciado, além do relato de profissionais referindo uma postura agressiva do patriarca da família, fato

não identificado no convívio familiar. A minha experiência mostrou-me uma forma de cuidado incoerente e desumana, que descaracterizava os indivíduos e lhes causava sofrimento. Por esse motivo, eu não apresentava interesse em atuar na saúde mental.

Ao iniciar o curso de graduação em Terapia Ocupacional, o conhecimento que tinha sobre saúde mental era baseado na minha experiência familiar. Eu desconhecia as políticas públicas, a história e as lutas que abordavam o tema, embora eu também fizesse parte delas. No entanto, ao elaborar o Trabalho de Conclusão de Curso, fui convidada por minha orientadora a refletir sobre o porquê de escolher a saúde mental como objeto de estudo. Foi então que percebi a forte influência do projeto PalhaSUS na minha formação.

DESENVOLVIMENTO

No PalhaSUS, por meio da Oficina do Riso, iniciei uma experiência que me proporcionou momentos reflexivos — a princípio, muito introspectivas —, que me conectavam com minha infância, meus medos, minhas alegrias e minhas vontades. Esses momentos expandiram-se em direção à interação com pessoas de outros núcleos e ao aprendizado sobre o universo da palhaçaria, contribuindo para o nascimento da palhaça Florentina e preparando-me para a primeira experiência como Palhaça Cuidadora.

Nesse período de envolvimento no projeto, senti-me estimulada a encontrar o meu eu, a me encontrar com o outro e, a partir desse encontro sincero, presente e gerador de outros encontros, produzir o cuidado em todas as suas dimensões por meio do lúdico e do universo do palhaço. Tal experiência não me era oferecida nas disciplinas da graduação ou o eram de

forma superficial. No PalhaSUS era possível tanto ter acesso a esse novo olhar, quanto ser protagonista das ações geradas a partir dele.

Durante anos, a atenção em saúde foi prioritariamente desenvolvida dentro de uma lógica cartesiana que priorizava práticas excessivamente tecnológicas e uma atenção fragmentada que desconsiderava a atenção psicossocial e cultural, que deveriam fazer parte desse contexto (GARIGLIO, 2012).

A ação em saúde, tendo o conceito de cuidado como pano de fundo, desenvolve espaços de encontros entre o profissional de saúde e o sujeito/pessoa, sempre apoiados nos saberes estruturados, mas sem colocar aí um ponto final. Deve tornar o mais simétrico possível a relação entre o usuário e o profissional, possibilitando ações terapêuticas mais compartilhadas, gerando também autonomia e responsabilização do usuário em relação ao seu modo de levar a vida. Ter o conceito de cuidado como balizador das práticas de saúde e colocando a pessoa como centro da atenção implica na incorporação de outros saberes para além dos típicos da saúde (sociologia, antropologia, direito...). Deve-se ter claro que mesmo esses saberes não são suficientes para dar conta da singularidade do encontro entre sujeitos, que é sempre carregado de imprevistos e de acasos (GARIGLIO, 2012).

O Projeto PalhaSUS permite, por meio da Oficina do Riso, do Encontro de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador, do grupo de estudos e das atuações no cenário de prática, que participantes do projeto acessem modos diferenciados de fazer e compreender o cuidado. Dessa forma, o projeto contribui tanto

para a construção de um novo olhar do profissional da saúde sobre o cuidado, quanto para o desenvolvimento de modos de produção de vida que se aproximem dos princípios do Sistema Único de Saúde e da Reforma Psiquiátrica.

A atuação no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil Cirandar (CAPSi), em João Pessoa, foi o primeiro serviço substitutivo em que tive a oportunidade de atuar como Palhaça Cuidadora.

O CAPSi oferece assistência a crianças e adolescentes que apresentam problemas graves de saúde mental, como transtornos psicóticos, neuróticos e uso de substâncias psicoativas. Para acolher essas demandas, são realizadas atividades internas e externas ao serviço por uma equipe multiprofissional, como o apoio psicológico, apoio familiar, oficinas artesanais, visitas domiciliares, tratamento com medicamentos, além de outras atividades socioculturais, comunitárias e terapêuticas (João Pessoa, 2014).

Devido à incompatibilidade de horários e a problemas estruturais do serviço, a participação do PalhaSUS foi interrompida, fazendo com que o meu tempo de atuação nesse local fosse curto. Apesar disso, o aprendizado e contribuições para o serviço e para a formação profissional não passaram despercebidos.

Nesse cenário, atuamos uma vez na semana junto a adolescentes que apresentavam demandas relacionadas ao uso prejudicial de drogas. A princípio, os adolescentes apresentaram um pouco de resistência em participar das atividades, passando a impressão de que, para eles, o palhaço era algo bobo que pertencia ao universo da criança. Então, o nosso primeiro desafio foi conseguir formar vínculo com os adolescentes. O desafio posto foi sendo superado ao longo dos encontros por meio das relações do cotidiano, de atividades lúdicas e de convites

verbais para participar das atividades conduzidas pelo grupo de Palhaços Cuidadores.

Certa vez, realizamos um momento em que perguntamos ao grupo de adolescentes se alguém gostaria de compartilhar uma história marcante de sua vida. Um dos adolescentes compartilhou uma cena de violência cometido por ele na luta pela conquista de um território. Durante a intervenção, outras pessoas deveriam representar a cena de forma que qualquer pessoa do grupo poderia entrar na história e formar um desfecho diferente, os desfechos que partiam dos adolescentes sempre envolviam mais atitudes de violência. Naquele momento, a minha palhaça Florentina ficou mais no papel de espectadora. Eu tentava compreender aquela situação e encontrar o momento de entrar em cena, mas outras pessoas do grupo de palhaços começaram a intervir na tentativa de mostrar que existiam outros caminhos, de modo que, no final daquela tarde, o grupo chegou ao consenso de que o território podia pertencer a todos, evitando o conflito e o sofrimento de um dos lados.

Essa intervenção motivou-me a me aproximar mais do adolescente que compartilhou um pouco da sua história conosco. Florentina então entrou em cena por meio do jogo de dama, que eu nunca conseguia ganhar, até que o adolescente finalmente decidiu me ensinar. Nós conseguimos estabelecer aquele vínculo tão necessário na construção do cuidado.

A partir dessa relação que se formou, consegui compreender melhor a realidade daquele adolescente e quais eram as suas demandas de saúde. Comecei a pensar como poderia, por meio das habilidades identificadas pela figura do palhaço e das habilidades que eu adquiria na formação, ajudá-lo a transformar aquela situação que lhe trazia sofrimento. Comecei a tentar resgatar as atividades que para ele eram significativas, tentando despertar novas possibilidades e projetos de vida.

Tivemos bons avanços juntos, conseguimos construir uma relação de confiança: Florentina lhe ajudou a encontrar prazer e relações de apoio no seu cotidiano, e ele ajudou Florentina a ter mais força para concluir sua formação e incorporar na sua prática, enquanto trabalhadora da saúde, todas as habilidades descobertas como Palhaça Cuidadora.

Esses e outros vários momentos proporcionados pelo PalhaSUS, em que tive a oportunidade de me aproximar da história de vida das pessoas, fizeram com que eu me identificasse ainda mais com o universo da saúde mental e percebesse a necessidade de ser inteira nas ações de cuidado.

Quando na graduação comecei a atuar nos estágios, tentava aplicar aquelas habilidades e princípios que eu aprendia ao longo do projeto, como, por exemplo, ter mais iniciativa para o encontro com os outros, respeitar o espaço e o momento de cada um, estar atenta aos recursos do ambiente que eu poderia incorporar à minha prática, ver as potencialidades das pessoas e do território, dentre outras. Comecei a ouvir, por parte de professores e de preceptores dos estágios que me acompanhavam desde o início da graduação, que o PalhaSUS tinha me mudado muito e que eu estaria construindo uma identificação com a saúde mental.

Após quase cinco anos da passagem do projeto no CAPSi, ao retornar como residente multiprofissional em saúde mental, percebia, por parte da equipe, o entusiasmo em receber pessoas que passaram pelo PalhaSUS. Reconhecia-se que esses profissionais apresentavam características diferenciadas e essenciais para o cuidado em saúde mental, tais como capacidade criativa, postura humanizada e colaborativa, multiprofissionalismo e comprometimento com o cuidado para o outro.

Nesse novo encontro com o CAPSi, aceitei reavivar Florentina e desenvolver, como residente, uma intervenção

terapêutica no Dia das Crianças. Participaram da condução da atividade mais duas residentes, uma profissional do CAPSi e duas estagiárias de Terapia Ocupacional, sendo que uma delas também teve envolvimento no projeto. Assim, realizamos diversas atividades lúdicas e culturais, como danças de roda, brincadeira de “vivo/morto”, pintura no rosto, dentre outras.

Chamou a atenção da equipe o fato de que essa ação contribuiu para uma maior integração do grupo, uma vez que havia uma criança com autismo grave e, habitualmente, era pouco participativa nas atividades, não permanecendo por muito tempo no grupo; havia ainda uma resistência por parte das demais crianças do grupo em aceitar a sua presença nas atividades. Com a mediação promovida pela figura do palhaço, as crianças, mesmo com um pouco de estranhamento em relação às ações do colega, permaneceram no grupo e interagiram mais umas com as outras. A criança com autismo apresentou mais iniciativa para interações sociais e ficou por um maior tempo nas atividades.

Ao longo do período no CAPSi, era destacado pelos profissionais que os participantes do PalhaSUS eram mais sensíveis às ações em saúde mental, tendo maior iniciativa para propor atividades, disponibilizando-se a ações criativas e inovadoras e apresentando um compromisso em fortalecer e efetivar o SUS.

PEQUENO DIÁLOGO REFLEXIVO DAS AUTORAS SOBRE O IMPACTO DO PROJETO PALHAŞUS NA FORMAÇÃO DO TRABALHADOR NA SAÚDE MENTAL

Ivanice: “Evaneide, qual foi a sua primeira impressão do grupo do PalhaSUS, como assistente social do CAPSi?”

Evaneide: “A primeira vez que deparei com o grupo PalhaSUS, foi no hospital psiquiátrico, o grupo chamava atenção pela alegria e colorido nas roupas, afinal eram palhaços. Achei o nome bem sugestivo. Pensava que se tratasse “desses grupos” de animação que vão para espaços de longa permanência como hospitais, asilos entre outros, animavam e pronto. Era um grupo misto onde existiam alunos de várias áreas com base teórica sobre a questão do próprio SUS, dos sujeitos plenos de direitos e deveres, das linhas de cuidado. Ver aquele grupo chegar num ambiente tão hostil e excludente como um hospital psiquiátrico trazia não só alegria, mas trazia a luz, via-se na face dos pacientes algo contagiante que seria o sorriso e mais importante um grupo que não tinha “medo” dos ditos “loucos”. Os pacientes se envolviam, participavam, dançavam, se abraçavam.”

Ivanice: “O que você sentiu e pensou quando encontrou esse mesmo grupo em um CAPSi?”

Evaneide: “Fiquei surpresa! Pensei: ora, o que será que vão fazer aqui? No hospital psiquiátrico eu sabia, mas aqui? O CAPSi é um espaço aberto e livre. Então eu vi a grandeza do PalhaSUS. Não se tratava de simples animadores, de palhaços recreadores, eram fazedores do SUS- Sistema Único de Saúde. No brincar do grupo se percebia o olhar de fortalecimento do SUS, o empoderamento das pessoas que são assistidas num centro de atenção psicossocial. Tive a oportunidade de vê-los em ação, pensavam no sujeito, viam o sujeito. Falavam de saúde de uma maneira ampla e lúdica. Preocupavam-se em trabalhar com o grupo de adolescentes usuários de substâncias psicoativas, com muito respeito e disciplina. Passei a entender que a alegria era o primeiro ponto para acessar os adolescentes e superar as barreiras do preconceito, embora não estivessem

atrás de grandes e muros estavam à margem da sociedade. Percebi, junto com você, nessa nossa convivência, que esse olhar sensível ao usuário da rede de saúde mental, que o PalhaSUS traz para os que o vivencia, através da mensagem lúdica da palhaçaria e das ações engajadas de “cuidar”, “animar”, amplia o nosso conhecimento do território que atuamos, aprofunda e expande a nossa visão dos sujeitos em situação de cuidado. E o mais importante, aproxima pessoas de pessoas.”

E desse nosso encontro, desse nosso diálogo surgiu o nosso texto de quatro mãos, mãos palhaças que se acariciam na busca de uma compreensão maior do nosso fazer em territórios de tantas adversidades. Em todos os cenários de atuação do PalhaSUS são percebidas situações em que o sofrimento mental se faz presente. No projeto, aprendemos a perceber essas situações mesmo quando não verbalizadas. O olhar, as expressões, a organização corporal e o toque passam a ser também formas de comunicação com o outro; habilidades que fazem a diferença na atuação em saúde mental, exigindo do trabalhador um olhar menos linear, mais próximo à subjetividade que permeia o encontro com o outro.

Proporcionar sentido, forma, significado e importância ao que recebemos do encontro com o outro potencializa e efetiva as formas de cuidado em saúde mental. No entanto, mesmo com a existência de leis e políticas que solicitam a construção de ações mais humanizadas, integrais, coparticipativas e interdisciplinares, ainda é um desafio torná-las parte da rotina dos serviços. Feriott (2009) destaca que:

A abordagem complexa das demandas de saúde, atendendo ao princípio da integralidade, exige das equipes multiprofissionais e institui-

ções o desenvolvimento de metodologias que contemplem trocas criativas entre diferentes especialidades e áreas do saber, horizontalidade dos poderes, corresponsabilidades e auto-organização. No entanto, esta é uma árdua tarefa, pois implica a transformação de estruturas institucionais historicamente construídas, de valores e hábitos adquiridos pela cultura da sociedade moderna. Nesse processo é inevitável o enfrentamento de obstáculos sociais, pedagógicos, ideológicos, políticos, psicológicos, metodológicos e técnicos, e a transformação da lógica de poder que promove e mantém as dificuldades para uma práxis coletiva, assim como a cisão entre os saberes e entre o saber e o fazer.

No Projeto PalhaSUS, além da atuação nos cenários de práticas, existe também o envolvimento em lutas sociais, como no movimento da luta antimanicomial, colaborando com a comunidade em prol do desenvolvimento de intervenções reflexivas e que contribuam para a garantia do direito à saúde.

É importante ressaltar que tal projeto tem o foco na humanização da saúde, que se caracteriza como um grupo de estratégias que visa à qualificação da atenção/ativação e da gestão em saúde no SUS. Para isso, são estabelecidas atitudes ético-estético-políticas, em sintonia e harmonia com a corresponsabilidade e qualificação dos vínculos interprofissionais e entre estes e os usuários na produção de saúde (BRASIL, 2004).

Mello e Paulon (2015) relatam que existem várias pontes de conexões entre a política de humanização e a reforma psiquiátrica, porém é importante percorrer esse caminho com responsabilidade, de forma cuidadosa para a efetivação de sua

travessia do fortalecimento das políticas públicas de saúde e na humanização do cuidado em saúde mental. É dever da sociedade construir e manter essas pontes.

Como dito, o PalhaSUS tem seu foco voltado para a humanização e vem ao longo dos anos construindo várias pontes pelos serviços onde semeia sua prática. A saúde mental forma uma das pontes: percebe-se o esforço e compromisso do projeto em estimular práticas mais consistentes com a realidade de cada indivíduo e com a formação de trabalhadores sensibilizados com as dimensões do cuidado, com a humanização e com o movimento da reforma psiquiátrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fui apresentada, a princípio, a uma realidade que descrevia a saúde mental como um espaço de cuidado incoerente, que categorizava e agredia a identidade e subjetividade do usuário e sua família. Na graduação e em outros projetos, aproximei-me do campo teórico da saúde mental, mas foi no PalhaSUS que o campo teórico tomou sentido, e pude aprender que a saúde mental permeia todos os cenários de atuação, assim como o sofrimento mental, que precisa ser observado de forma singular e acolhido em todas as suas dimensões.

Na luta pelo atendimento com equidade e respeito para as pessoas com transtorno mental, todos são responsáveis e capazes de gerar mudanças que, por menores que sejam, provocam grandes impactos.

As habilidades adquiridas no projeto e o papel do Palhaço Cuidador destacam-se também na minha prática como trabalhadora da saúde mental e militante da reforma psiquiátrica. Mesmo nos momentos em que não se está com

a máscara, as ferramentas do palhaço aparecem na atuação, potencializando o cuidado e evitando a psiquiatrização da vida.

O Projeto PalhaSUS provoca o pensar sobre o cuidado, a humanização, o Sistema Único de Saúde, a cultura, o lúdico e a diversidade de abordagens em saúde, ajudando o estudante a se encontrar na sua prática profissional e a se sensibilizar com a dimensão humana do outro, incentivando o seu protagonismo e o compromisso com a ética, a estética e a dimensão política que envolve o universo da atenção em saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL, 2001. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

FERIOTTI, M. L. **Equipe Multiprofissional, Transdisciplinaridade e Saúde: desafios do nosso tempo.** Vínculo – Revista do NESME, 2009, v. 2, n. 6, p. 113-219

MELLO, V. R. C. ; PAULON, S. M.. Travessias de humanização na saúde mental: tecendo redes, formando apoiadores. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde Mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações

Programáticas Estratégicas. – Brasília :Ministério da Saúde, 2015.548 p. : il. (Caderno HumanizaSUS ; v. 5)

GARIGLIO, M.T. O cuidado em saúde. In: MINAS GERAIS, Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, Oficinas de qualificação da atenção primária à saúde em Belo Horizonte: Oficina 2 – Atenção centrada na pessoa. Belo Horizonte: ESPMG, 2012.

JOÃO PESSOA. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Centros de Atenção Psicossocial tem mais de 4,8 mil usuários cadastrados. Agosto de 2014. Acessado em: 19/01/2017. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/centros-de-atencao-psicossocial-tem-mais-de-48-mil-usuarios-cadastrados/>>

PALHAÇADA NO MANICÔMIO: O FLORESCER NO ASFALTO

Gustavo Dias

O HUMOR TRANSCENDE

Nas nossas primeiras atuações no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, a pintura da cara e a troca de roupa aconteciam em uma saleta do Espaço Inocência Poggi, ala onde eram internadas pessoas com problemas relacionados ao uso abusivo de substâncias psicoativas. Eu, palhaço Xinxo, e os irmãos da trupe já nos divertíamos nesse momento, antes de iniciar a atuação propriamente dita. Durante a transformação, ríamos, brincávamos, fazíamos piadas uns dos outros. Xinxo ia surgindo gradualmente. Eu colocava a calça... pintava os lábios... vestia a camisa... a gravata.... os sapatos... Xinxo ia chegando...

Mas o ponto de inflexão, o que marcava a chegada, era o encaixe do nariz. Um nariz vermelho comprido e redondo na ponta. Depois de o colocar, Xinxo fazia-se presente. As cordas vocais não conseguiam mais falar de outra forma que não fosse com a voz do palhaço. As pernas longas davam passos largos de forma desajeitada. Os braços pendiam feito pêndulos até as mãos se prenderem no quadril.

Isso despertava a curiosidade de algumas das pessoas internadas no Inocência Poggi. Os olhares de lado, os risos de canto de boca... palhaços... Depois de algum tempo de hesitação,

alguns deles romperam a linha do receio e pediram para se pintar e acompanhar a trupe em outras alas. Porém, a cautela freou-nos e, de início, preferimos evitar “problemas”. A estrutura organizacional hospitalar nos impunha certos limites. Xinxo queria os novos companheiros, mas não podíamos arriscar perder um campo de prática novo. Ainda era um momento instável.

Mas eles não desistiram. Todo sábado faziam seus apelos. Um deles, que chamarei de Florêncio (do latim, que floresce), chamou-me a atenção. Ele demonstrava um apreço imenso pela palhaçada. Florêncio era um jovem adolescente que vivia em situação de rua. Abandonado, iniciou cedo o uso de substâncias psicotrópicas, o uso foi sucedido pelo abuso. O álcool era o seu principal refúgio fora dali, porém trazia certos perigos.

Após um tempo de reflexão e depois de nosso trabalho ganhar um pouco mais de confiança da administração do hospital, acabamos cedendo. Por que não? Por que eles também não podem ser palhaços? Por que não podem ser cuidadores? Combinamos então que cada palhaço do grupo levaria uma peça de roupa colorida na semana seguinte para produzir a indumentária dos palhaços que viriam a nascer naquele berço insólito. Xinxo pulava de alegria. Mais tarde, ficamos sabendo, através de uma assistente social do Complexo, que Florêncio esperou ansiosamente pela oportunidade.

No dia combinado, chegamos com os panos coloridos e consentimos que três usuários do Inocência Poggi nos acompanhassem para a atuação nas outras alas. Florêncio deu cores a seu rosto de uma forma um pouco rudimentar e ingênua, vestiu prontamente seu corpo numa roupa extravagante e, com muita empolgação, já saiu entoando “voz de palhaço”. Os outros dois seguiram animadamente, porém um pouco “sem

jeito”, tocando instrumentos de percussão acompanhando o violão de Xinxo.

Ao ser questionado sobre o seu nome “palhacístico”, Florêncio resolveu homenagear a palhaça Pimentinha, da nossa trupe, e ao seu palhaço cunhou o nome Pimentão. Pimentão extravasava, brincava com todo mundo, dizia que gostava de levar alegria às pessoas. Seu jeito expansivo acompanhava-nos em todas as alas.

Eu percebia a cada sábado a evolução de Florêncio. O sorriso largo nos esperava semanalmente. Ele dizia que a oportunidade de ser palhaço deu outro significado à sua vida. Era visivelmente mais alegre. A chegada do sábado era contada dedo a dedo. Uma enfermeira do Complexo fazia comentários que corroboravam nossa percepção sobre a sua satisfação em ser palhaço. Como ela, alguns profissionais se sensibilizam de imediato com a atuação dos palhaços. Outros são mais resistentes, mas acredito que a maioria, no fundo, ao menos percebe o ambiente mais descontraído, mesmo que não queira se entregar à palhaçada.

Ao longo do meu período de atuação no Complexo, aconteceu algumas vezes de Florêncio ter uma melhora “clínica” perceptível (pela psiquiatria) e obter alta. Porém, sempre após algumas semanas na rua, o contexto de vida favorecia a recaída no abuso de substâncias, e ele acabava se envolvendo em alguma situação problemática, o que o trazia de volta ao internamento. No retorno, Xinxo escutava seu desabafo e tentava dar força para que Florêncio levantar e Pimentão voltasse a brincar nas alas do Complexo.

O PODER DA ARTE DA PALHAÇARIA

Ao observar a atuação do Palhaço Cuidador como estratégia de reabilitação psicossocial e, portanto, recurso terapêutico para as pessoas internadas no Hospital Psiquiátrico, podemos perceber que os benefícios não se restringem às pessoas usuárias do serviço, mas ao ambiente de forma geral, pois, direta ou indiretamente, atinge os profissionais na sua rígida tarefa diária. O ambiente árido de tons cinza do manicômio é colorido com pinceladas de risos nos rostos (não tão visível no caso dos aparentemente mais inflexíveis) das pessoas que trabalham nesse contexto hostil.

Os profissionais de saúde acabam percebendo que existe outra maneira de cuidar que não seja baseada predominantemente na medicação e contenção da loucura. Essa percepção é capaz de apontar mudanças no paradigma da cultura hospitalocêntrica manicomial, no sentido de propiciar a cultura de cuidado centrada na pessoa em uma abordagem psicossocial.

O manicômio caracteriza-se historicamente como uma Instituição Total com a finalidade de segregação da pessoa dita alienada, como espaço, na maioria dos casos, de constantes denúncias de práticas desumanizadas e de violência física e psicológica, que destituem o sujeito de sua condição humana.

Instituição Total é um termo desenvolvido pelo sociólogo canadense Erving Goffman (2001) para espaços fechados onde, no qual é depositado grande número de pessoas com alguma característica em comum, separadas do restante da sociedade por um período de tempo relativamente prolongado. Esses espaços estabelecem-se sob a égide de uma administração

que impõe suas normas de conduta e regras, constituindo uma hierarquia entre o corpo administrativo e as pessoas internadas.

De acordo com Foucault (2009), o fenômeno “Hospital do Loucos” surgiu na Europa no período clássico, onde se disseminou ao longo do século XVII. Em muitos casos, tais “hospitais” ocuparam os mesmos espaços físicos dos leprosários, quando estes já se encontravam esvaziados pela queda da incidência da hanseníase, que ocorreu entre os séculos XIV e XVI.

Os leprosários, construídos nas periferias das cidades, passaram a ser utilizados pela ordem hegemônica como depósitos de todo tipo de marginalizados, isto é, miseráveis, desempregados, prostitutas, delinquentes e “insanos”. As pessoas tidas como loucas eram geralmente acorrentadas, pois eram consideradas perigosas pelo senso comum.

Desenvolveu-se, portanto, um espaço propício para produção e exercício do saber médico, pois se pôde aglomerar pessoas com problemas de saúde mental como ratos em laboratórios. Segundo o psiquiatra e escritor referência em Reforma Psiquiátrica no Brasil, Paulo Amarante (2010), esse momento histórico possibilitou o nascimento da psiquiatria, um saber que respalda um tratamento moral baseado no isolamento.

Assim, surgem os primeiros médicos especialistas, que, à época, eram chamados alienistas. De acordo com Amarante (2010), essa especialidade médica não poderia ser melhor denominada, pois, qual outro campo de saber tem autorizado uma prática tão segregante e violenta? Tão alienante?

Esse campo do conhecimento foi desenvolvido e consolidado posteriormente por importantes teóricos da psiquiatria, que continuaram fortalecendo as bases do tratamento asilar, colocando-se como libertadores dos loucos de suas próprias alienações.

O palhaço propõe um cuidar diferente do tratar psiquiátrico convencional, pois neste há uma relação hierarquizada, verticalizada, onde o sujeito tratado não assume sua responsabilidade, sendo, portanto, despersonalizado e não tratado como sujeito, mas como um objeto do tratamento. O Palhaço Cuidador cria uma relação horizontal e mostra ao sujeito, a partir de seu comportamento “excêntrico” e “absurdo”, que é possível viver de uma forma diferente da que é ditada inflexivelmente pela sociedade, regida rigorosamente por exigências econômico-culturais; também mostra que ele é responsável por si mesmo e não carece de uma “tutela” que usurpe completamente sua autonomia.

O palhaço mostra o que tem de ridículo de forma caricata, ou seja, revela as fraquezas pessoais, inclusive físicas, e as enfatiza, usando roupas, cabelos e maquiagens diferentes daquelas que usualmente as ocultam. De acordo com Luís Otávio Burnier (2009), ator, pesquisador e diretor de teatro brasileiro, o palhaço não é um personagem, ele é a própria pessoa no exagero ou, simplesmente, no não ocultamento dos seus “defeitos”.

A exposição do ridículo do palhaço concede certa liberdade de ação através do cômico, com seu modo de afrontar a ordem social, ignorar o princípio do pensamento lógico e racional. E, assim como os bobos da corte e bufões da Idade Média, que ao zombarem dos seus senhores majestosos, estavam denunciando uma estrutura de poder, os palhaços, nos dias atuais, com sua aparente ingenuidade, também adquirem a liberdade de gozar de pessoas e, ao mesmo tempo, zombam de instituições e seus valores oficiais.

Essa figura criativa não é apenas um ser de denúncia às injustiças sociais. Ele traz em si a possibilidade de (cri)ação e mudança. Não é apenas um ser de protesto, mas apresenta a

necessidade de resistência e (re)afirmação de uma pluralidade de modos de ser, de outras possibilidades de existência, inclusive a da loucura.

No caso de Florêncio, os palhaços confiaram na sua capacidade e responsabilidade ao aceitarem sua proposta de atuar junto a eles. A psicanálise valoriza a responsabilidade do sujeito, enquanto forma de reafirmar sua autonomia. “O sujeito de direito deve advir, mesmo com suas alterações de sensopercepção, tornando-se responsável por sua própria história” (MONTEIRO & QUEIROZ, 2006 apud ASSIS, 2010, p.27).

Lacan (1998) também reflete sobre a responsabilidade e afirma que somos sempre responsáveis pela posição de sujeito, mesmo que submetidos a desejos inconscientes, que geram conflitos e, às vezes, os recusamos. Porém, dada a importância do inconsciente nas nossas vidas, sendo parte fundamental do sujeito, não podemos desprezar esses desejos.

O existencialismo sartriano dá fundamental importância ao binômio liberdade-responsabilidade. Para Sartre (1997), o homem é artífice dele mesmo, ou seja, ele é sua própria criação, enquanto existe. O sujeito é incompleto e vai criando a si mesmo de acordo com suas escolhas. Portanto, a liberdade de escolher está situada em um determinado campo de ação intrinsecamente ligado à responsabilidade sobre o que escolhemos.

O Palhaço Cuidador, na busca da parte saudável do sujeito, foca seu contato com as capacidades que costumeiramente não são estimuladas, ao contrário dos tratamentos convencionais que focam na doença. Portanto, o estímulo ao que é saudável pelo risível revela o potencial de resgatar a subjetividade da pessoa suprimida pela ordem manicomial.

Florêncio teve a oportunidade de fazer, de certa forma, seu palhaço interior desabrochar e floresceu essa capacidade que deu novo significado a sua vivência naquele contexto.

Para Burnier (1989), o palhaço vai se fortalecendo à medida que o tempo vai passando, o que acontece ao reconhecer suas fragilidades, a partir do momento em que ele não representa um papel, mas simplesmente é ele mesmo de forma caricata. Para o autor, isso colabora para a transcendência da condição de uma pessoa fragilizada.

Florêncio não se rendia à situação opressora e à sua dura realidade. Ele foi capaz de rir e fazer outras pessoas rirem, em uma atitude de sublimação a partir da arte do palhaço. O humor consiste em “um mecanismo de defesa peculiar, o mais sublime deles” (FREUD, 1905 apud UNGIER, 2001). Sublimação é um termo muito usado na psicanálise e, segundo Freud (2006b), a sublimação se dá quando do direcionamento de pulsões sexuais para realizações não sexuais e culturalmente valorizadas, dentre elas, a arte. Florêncio conseguiu direcionar seus impulsos para arte do cuidado de outras pessoas e de si mesmo.

O sujeito tem a capacidade de buscar superação, mesmo diante de uma realidade de miséria, não aceitando o sofrimento como única possibilidade de vivenciar o dia a dia. De acordo com Eymard Mourão Vasconcelos (2006), médico pós-doutor em Saúde Pública, essa dimensão de abertura e força do ser humano em romper barreiras e ir além de todos os limites é a sua “transcendência”. Segundo esse autor, a transcendência não está necessariamente ligada à religiosidade, sendo uma das dimensões da realidade que não é imediatamente percebida.

Historicamente, o ser humano tem-se mostrado um ser de protestação, de ação de protesto. Recusa-se sempre a aceitar a realidade na qual está mergulhado, seja ela mais adocicada ou mais violenta [...] Nos momentos mais difíceis, seu humor relativiza todas as coisas e delas ri,

mostrando que não está definitivamente encurralado. (VASCONCELOS, 2006, p.31)

Freud (2006a), em seu texto sobre o Humor, narra uma breve anedota, na qual um condenado à morte, diante da forca, em uma manhã de segunda-feira, exclama: “A semana começa otimamente! ”. Nessa narrativa, Freud quer mostrar, como destaca Vasconcelos (2006), essa capacidade do humor de ser rebelde diante da realidade dura e que permite à pessoa transcender e rir nos momentos difíceis.

“Já é hora de nos familiarizarmos com algumas das características do humor.. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer.. O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui se afirmar contra a crueldade das circunstâncias reais” (FREUD, 2006a, p.166).

O BOBO E O QUIXOTE

O Palhaço Cuidador produz, minimamente que seja, uma mudança na cultura organizacional do Hospital Psiquiátrico, dando sua contribuição para a oferta de um cuidado integral, fugindo da rotineira contenção da subjetividade. Propõe a quebra de formalidades para promover uma comunicação saudável entre o profissional e a pessoa internada através de um sorriso, de um abraço, de uma música, de uma dança, de

um olhar ou simplesmente pela atitude de escutar o sujeito na sua singularidade.

A atuação desse palhaço mostra-se como uma importante estratégia nesses espaços, tendo um grande potencial tanto na atenção da pessoa internada no Hospital Psiquiátrico, quanto no cuidado das pessoas cuidadoras (funcionárias da instituição), pois a possibilidade de fantasiar e brincar também é estendida a estas, que estão expostas a situações de pressão e estresses nesses ambientes áridos, e se elas podem ter seu estresse amenizado e o bom humor estimulado, certamente podem desenvolver suas atividades mais amorosamente. Portanto, essa prática propõe uma mudança de paradigma, do modelo hospitalocêntrico para o modelo de cuidado psicossocial, levando em consideração a pessoa de maneira integral e não em partes, como objeto de estudo do saber psiquiátrico.

Não ignoramos as limitações da atuação do Palhaço Cuidador no manicômio, cuja ação é pôr em xeque a sua própria existência. O palhaço não pode dar conta de toda a complexidade de um sujeito e nem se propõe a isso. Outras atividades artísticas e lúdicas e outras terapêuticas se fazem necessárias para as pessoas que vivem em um contexto tão desfavorável. Além disso, as atuações dão-se apenas uma vez por semana (sem falar na descontinuidade das atividades nos períodos de recesso do calendário universitário), o que não permite um acompanhamento mais amplo à pessoa usuária do serviço, nem o acompanhamento do processo de retorno à sociedade das pessoas que chegam a ter alta.

Essa forma de cuidar leva-nos a algumas reflexões acerca da internação psiquiátrica: Por que uma sociedade se vê no direito de relegar pessoas a situações subumanas, tolhendo suas liberdades dentro de um espaço cercado por muros altos? O fato de não terem seus comportamentos enquadrados nos

limites da “normalidade” justifica a captura pela “ratoeira da loucura”? Quem tem o poder de dizer se uma pessoa é ou não normal? Como uma instituição poderia produzir saúde a partir de uma violência que é o cerceamento da liberdade, além de outras formas de agressão que esse ambiente propicia?

Por fim, o Palhaço Cuidador mostra, através de seu comportamento desarrazoado e suas vestes ridículas, que são possíveis outras formas de ser e de vivenciar o mundo, pois este é palco de muita diversidade, e que o “louco” não está sozinho dentro dessa fortaleza. O bobo da corte na Idade Média era arauto das críticas sociais e, através do cômico, se fazia representante da vox populi diante de seu senhor. O nosso herdeiro do bobo se junta ao quixote contemporâneo na empreitada de derrubar o “castelo da razão”.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **O homem e a serpente**: outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

ASSIS, Juscelino Moreira de. **O riso pela lógica do Palhaço na Clinicanálise do sofrimento psíquico grave**. 2010. 102f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

BURNIER, Luís Otávio. **Prospecto do espetáculo de clown**: *Valef-Ormos*. Campinas: Lume-Unicamp, 1989.

_____. **A arte de ator**: da técnica à representação. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FREUD, Sigmund. O humor. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. XXI)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a, pp.161-169.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. VII)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b, pp.117-229.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LACAN, Jacques-Marie Émile. A ciência e a verdade. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SARTRE, Jean-Paul Charles Aymard. **O ser e o nada**: ensaios de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997.

UNGIER, Aida. **Por acaso**: o humor na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Imprinta, 2001.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. A espiritualidade no cuidado e na educação em saúde. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.). **A espiritualidade no trabalho em saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006. p. 13-160.

REFLETINDO O PROJETO DE EXTENSÃO PALHASUS SOB O MARCO DE REFERÊNCIA DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Aldenildo Araújo de Moraes Fernandes Costeira

RESUMO

O presente artigo trata de uma reflexão sobre o Projeto de Extensão PalhaSUS, a partir do estudo feito sobre a publicação aprovada no 1º Seminário Nacional da Política Popular, realizado em outubro de 2013, denominada “Marco de Referência da Educação Popular Para as Políticas Públicas” (BRASIL, 2014). A referida publicação é fruto de um amplo processo de debates, diálogos e reflexões em diversos espaços entre os anos de 2011 e 2013. A reflexão é feita mediante um recorte dos aspectos apontados no documento como bases epistemológicas da Educação Popular. O PalhaSUS iniciou-se a partir de uma formação para Palhaços Cuidadores, denominada “Oficina do Riso da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)”, como instrumento de prevenção e promoção da saúde psíquica de estudantes de medicina. Mediante intervenções vivenciais no Hospital Universitário Lauro Wanderley, sem propósito de se tornar uma prática regular, foi ganhando contornos e dimensões importantes de um trabalho de cuidado humanizado, o que culminou em um projeto de extensão. Com o passar do

tempo, mediante a prática desenvolvida, e pela potência que o Palhaço tem no encontro com as pessoas, na perspectiva de construção de diálogos horizontais, houve a aproximação do PalhaSUS com o Programa de Educação Popular e Saúde da UFPB, constituindo-se, assim, como uma prática de educação e extensão popular. Pelo que percebemos a partir do estudo do referido documento, constatamos que o PalhaSUS se configura como um projeto de extensão que está em consonância com as bases epistemológicas da Educação Popular sugeridas, em especial a dialogicidade, amorosidade, conscientização e a transformação da realidade e do mundo.

INTRODUÇÃO

A partir de reflexões trazidas pelos estudos de Vasconcelos e Cruz (2011), Vasconcelos, Frota e Simon (2006), Fleuri (2005) e Melo Neto (2006) no campo teórico da Educação Popular aplicada à formação universitária em saúde, temos reafirmado a importância da utilização de caminhos metodológicos de cuidado em saúde orientados pela palhaçaria, na perspectiva da arte e da criatividade em cultura popular. Essa metodologia aplica-se com grande potência como instrumento de Educação Popular na extensão universitária.

Esse entendimento é tido a partir de uma trajetória percorrida pelos participantes do projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), denominado PalhaSUS.

O Palhaço, ao longo da história, sempre despertou fascínio e influência nas pessoas, desde os curandeiros e pajés de tribos primitivas, com suas vestes e adereços diferentes, passando pelo bobo da corte na Idade Média, até os palhaços que se revestem do ridículo, como conhecemos mais contemporaneamente.

Esse palhaço, no século passado, influenciou o ator Michael Christensen e o médico Hunter Patch Adams, pioneiros que o levaram para o espaço dos hospitais, assumindo um papel importante no cuidado humanizado. Essa relação de encontro com as pessoas em situação de fragilidade e adoecimento passou a ser vista como uma possibilidade de reforço no enfrentamento das situações de doenças e infortúnios e, ao mesmo tempo, no conforto e compreensão do sentido da existência na fase em que a vida está próxima do final.

Os palhaços com intervenção nesses espaços foram se multiplicando à medida que iam despertando interesse nas pessoas, e estas passavam a desenvolver o seu lado palhaço para atuar nesses espaços. Tal interesse passou a ser despertado também em pessoas que não do meio artístico, e sim do meio profissional da saúde, as quais passaram a desenvolver sua veia artista nesse personagem marcante.

A partir de 2010, esse instrumento foi levado ao contexto da UFPB, para os estudantes dos cursos da área de saúde, inicialmente como uma forma de prevenção e promoção da saúde psíquica dos mesmos e, posteriormente, dando origem a um projeto de extensão que atua em espaços diversos, na perspectiva do cuidado humanizado e como uma prática de Educação Popular dentro da extensão.

Partindo do estudo da publicação “Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas”, que foi aprovada no 1º Seminário Nacional da Política de Educação Popular, realizado em outubro de 2013 e publicado em 2014, apresentaremos neste artigo o que encontramos de semelhança e aproximações do Projeto de Extensão PalhaSUS com as bases epistemológicas da Educação Popular, conforme concebida na referida publicação.

ANTECEDENTES - A OFICINA DO RISO

Na primeira década desse século, uma parceria entre profissionais da saúde e um ator palhaço, em um momento de inspiração e criação, permeadas pelos acúmulos de conhecimentos e habilidades no campo da saúde e da arte, permitiu a elaboração de uma formação para palhaços que demonstrou, com sua realização, uma surpreendente potência e resultado. Assim surgiu o primeiro trabalho sistemático que realizamos com o foco na humanização do cuidado, que denominamos “Oficina do Riso”.

Aconteceu em julho de 2004, no município de Sobral/CE, contando com a participação de um grupo de 32 participantes e com grande potencial artístico. Dentre os trinta e dois profissionais de saúde, tínhamos agentes comunitários de saúde, cirurgiões-dentistas, enfermeiros, fisioterapeutas e médicos. Estes foram selecionados no interior das equipes do Programa Saúde da Família do referido município.

Foram realizadas mais duas oficinas em Sobral, sendo a segunda com o mesmo tipo de público, e a terceira dirigida a estudantes de medicina do campus de Sobral da Universidade Federal do Ceará. Ainda nesta fase, uma última oficina foi realizada em Fortaleza para profissionais do Programa Saúde da Família.

Em torno de 110 Palhaços Terapeutas do Riso foram formados, os quais passaram a atuar em atividades de educação em saúde, nos espaços de acolhimento das unidades básicas de saúde da família e em enfermarias dos hospitais municipais.

A partir daí, nascia uma metodologia que, com os anos, foi aperfeiçoada e permitiu o nascimento de duzentos e sessenta

e cinco Palhaços Cuidadores, como passamos a denominá-los a partir dessa experiência.

Desde a primeira edição, a Oficina é realizada em cinco dias. Durante esse período, os participantes vivenciam momentos que vão desde a formação do grupo, passando pelo processo de construção do palhaço, e culminando com o nascimento destes em espaço público. É um trabalho de valorização e resgate da alegria e do amor, como valores e fundamentos humanos, na perspectiva de Adams (2002), Maturana e Verden-Zoller (2004), onde cada expressão do palhaço se revela no encontro com a criança que existe em cada um de nós. Trata-se de uma proposição ao mergulho interior na busca de uma descoberta pessoal, que acaba por resultar no desenvolvimento de uma nova forma de se expressar no mundo.

A Oficina é considerada neste trabalho como um evento de iniciação, no qual o participante adquire o aporte instrumental básico para o desenvolvimento de uma nova prática. O seu produto, o Palhaço Cuidador inicial, representa um novo papel social, que doravante poderá ser desenvolvido através de suas atuações e no contexto do grupo que compõe o projeto de extensão PalhaSUS.

São desenvolvidos três objetivos de aprendizagem: trabalhar o arquétipo da criança interior e sua espontaneidade; desenvolver os aspectos cênicos e cômicos do palhaço; e atuar no processo de humanização nos espaços de promoção e cuidados da saúde, estabelecendo diálogos horizontais e de reconhecimento do saber do outro.

Para tanto, utilizamos três instrumentos metodológicos principais, quais sejam: os jogos teatrais, na perspectiva do teatro do oprimido; a meditação oriental, baseada nas técnicas de meditação dinâmica do Osho; e as Danças Circulares, como recurso educativo e terapêutico e como forma de meditação.

A discussão teórica realizada na Oficina inclui alguns textos-base para a construção do novo papel social de Palhaço Cuidador, como a entrevista com Patch Adams, realizada no programa Roda Viva, da TV Cultura, em 2007, e a exibição do filme “Doutores da Alegria - O Filme”, com a posterior discussão sobre eles em rodas de debate. Em diversos momentos da oficina, são formadas essas rodas para discutir aspectos formadores do Palhaço Cuidador e para trabalhar o compartilhamento das emoções trazidas pelas vivências. Dentre os temas discutidos, estão incluídos os diversos tipos de palhaço, com suas características marcantes, e os principais palhaços brasileiros.

A formação do palhaço, à semelhança da jornada humana da fecundação até o nascimento, é um processo gradual e evolutivo. Ao longo da semana de realização da Oficina, os seus participantes são instruídos a desenvolverem as várias etapas de construção do seu palhaço, o que inclui o trabalho com a fala, o andar, a confecção das perucas, da roupa e as instruções de maquiagem. O atuar do palhaço é trabalhado a partir da construção de esquetes, que são realizadas em grupos, voltadas para a perspectiva do teatro de rua.

O resgate da criança interior perpassa a todos os momentos da vivência, facilitado pelas danças circulares, jogos teatrais e meditações. Estes são instrumentos capazes de despertar o ser alegre e brincante que se encontra latente no cotidiano das pessoas. As danças circulares, por exemplo, mostram-se como uma forma de brincar, ao mesmo tempo em que cada dança possui o seu contexto histórico e simbólico, que está inserido na letra e nos passos das danças. A própria estrutura do círculo, adotada na dança e em todos os momentos de compartilhamento, representa para a humanidade um símbolo antigo de unidade e convivência fraterna. É um formato

em que se quebram as hierarquias e as pessoas encontram lugar de expressão e acolhimento.

O SURGIMENTO DO PROJETO DE EXTENSÃO PALHASUS

A partir de 2010, como docente no Departamento de Promoção da Saúde (DPS) do Centro de Ciências Médicas (CCM) da UFPB, o autor deste artigo propôs a Oficina do Riso como ferramenta para prevenção de sofrimento psíquico e promoção de saúde mental dos estudantes de medicina da UFPB, atendendo também à necessidade de desenvolvimento de caminhos de cuidado na direção da humanização.

Dessa forma, iniciou-se a primeira Oficina do Riso da UFPB, que aconteceu do dia 26 ao dia 30 de julho de 2010 e da qual participaram 23 estudantes, sendo 22 do Curso de Medicina e 1 do Curso de Educação Física, além de 1 professora do Curso de Educação Física. Um dos participantes (o estudante de medicina Higor Felipe Cesar Ramalho da Silva, o palhaço Jabu) batizou de PalhaSUS o grupo recém-formado naquela Oficina.

Após o término da primeira Oficina do Riso, o grupo PalhaSUS, que ainda não possuía a perspectiva de um projeto de extensão, iniciou a sua primeira atuação ao realizar o Dia das Crianças da Pediatria do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), em outubro de 2010. A partir dessa primeira atuação e do retorno obtido com ela, o grupo PalhaSUS começou a traçar os ideais de atuações semanais em cenários de práticas preestabelecidos. Inicialmente, o primeiro cenário visitado foi a enfermaria pediátrica do HULW, aos sábados pela manhã, compromisso que é mantido até os dias de hoje.

A partir de 2011, o grupo PalhaSUS tornou-se um projeto de extensão da UFPB e pôde estabelecer um compromisso maior

com outros cenários de prática. O agora chamado Projeto de Extensão PalhaSUS ampliou os seus campos de atuação, fazendo visitas ao Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira aos sábados pela tarde, à Casa de Acolhida de idosos Vila Vicentina aos domingos pela tarde e ao Hospital Universitário aos sábados pela manhã, onde então, além da pediatria, também visitava a clínica médica do mesmo. Por fim, passou a atuar nos Hospitais Padre Zé e Hospital São Vicente de Paulo, nos anos de 2012 e 2013 respectivamente.

Os estudantes envolvidos com a Oficina e com o Projeto de Extensão PalhaSUS têm avaliado sua importância nos aspectos da formação pessoal, caracterizando a própria Oficina como um espaço de cuidado frente a situações estressantes na graduação e o cultivo do papel do Palhaço Cuidador como uma ferramenta de manutenção desse autocuidado. Referem também, com a atuação do palhaço, os aspectos de melhoria na resposta do paciente ao tratamento estabelecido e no desenvolvimento de sua relação de futuro profissional, facilitando a comunicação com os mesmos. Refletem ainda a importância que o palhaço desempenha em atividades educativas desenvolvidas em espaços de saúde, levando a uma participação mais efetiva das pessoas e valorizando o saber delas.

O ingresso do projeto no Programa de Educação Popular em Saúde – PROGEPS/UFPB, em 2011, foi outro importante divisor de águas para o grupo. A partir dessa parceria, o PalhaSUS teve a oportunidade de estruturar-se enquanto projeto de extensão na universidade e de aproximar-se de outros projetos que já trabalhavam com Educação Popular há vários anos, como o PEPASF (Projeto de Educação Popular e Atenção à Saúde da Família), PEPAST (Projeto de Educação Popular e Atenção à Saúde do Trabalhador), PINAB (Práticas Integrativas e Nutrição na Atenção Básica), PVP (Projeto Vidas Paralelas) e o também

recém-criado PROGEP (Projeto de Educação Popular em Saúde na Atenção às Gestantes e Puérperas).

MARCO DE REFERÊNCIA DA EDUCAÇÃO POPULAR

A partir da constatação da magnitude que a Educação Popular foi adquirindo ao longo dos anos em períodos de maior força, de refluxos e retomadas, vários espaços institucionais e dos movimentos sociais passaram a discutir, refletir e implementar políticas com o intuito de exercer e promover ações que caracterizam a Educação Popular.

Em 2014, o Governo Federal, através da Secretaria Geral da Presidência da República, da Secretaria Nacional de Articulação Social e do Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã, publica um documento impresso e disponível em formato digital na internet intitulado o “Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas”.

Para chegar a este marco de referência da Educação Popular, vários momentos importantes, envolvendo o Governo Federal e a sociedade civil organizada, aconteceram nos últimos dez anos. Citamos como exemplos: a consolidação da Rede de Educação Cidadã (Recid) em 2003; a criação do Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã, da Secretaria Nacional de Articulação Social (SNAS); a construção da Política Nacional de Educação Popular (PNEP) em 2012; a aprovação pelo Conselho Nacional de Saúde e a Gestão Tripartite do SUS da Política Nacional de Educação Popular em Saúde, fruto de um forte trabalho de articulação com os movimentos sociais em saúde; o debate da PNEP no Congresso Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped) em 2013.

Como explicitado no documento, para apoiar os diferentes setores do Governo em suas ações educativas e formativas, o marco de referência:

“...tem como objetivo promover um campo comum de reflexão e orientação de práticas coerentes com a perspectiva metodológica proposta pela Educação Popular para o conjunto de programas, projetos e políticas com origem, principalmente, na ação pública, que contemplem os diversos setores vinculados a processos educativos e formativos das políticas do Governo Federal.” (BRASIL, 2014, p. 24).

O mesmo documento, para a conceituação de Educação, Popular vai reconhecer a polissemia do termo, desde o direito à educação, ou seja, a educação do povo, passando pela educação para o povo, voltada à preparação de recursos humanos para servir ao mercado, à “visão de práticas educativas numa concepção emancipatória e que se vinculam a um projeto de sociedade em disputa na defesa da realidade em curso” (Brasil, 2014, p. 27). É sobre este último conceito que se estabelece o marco, reforçado pelo desafio político de afirmar que:

“a questão política da Educação Popular é a defesa de uma classe social, que se identifica com os mais empobrecidos numa sociedade marcada historicamente pela exclusão social como a brasileira, pautada na construção democrática de um projeto de nação e de mundo que supere essas desigualdades sociais.” (BRASIL, 2014, p. 29).

Essa Educação Popular em defesa da classe subalterna e do direito à escola pública de qualidade também, segundo o documento, vai defender outras bandeiras como, a diversidade étnico-racial brasileira, o acesso à moradia, a reforma agrária, o direito ao trabalho digno, a expressão de liberdade religiosa, o acesso ao transporte, o direito à participação social e comunicação, o respeito à orientação e à diversidade sexual, a sustentabilidade ambiental, etc.

BASES EPISTEMOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO POPULAR

O documento vai destacar o ideário freiriano sem estabelecer dicotomia entre os espaços do “Estado” e os da “sociedade civil”, justificando, para tanto, a visão gramsciana de Paulo Freire, afirmando que:

“O Estado é um espaço sociocultural em constante disputa, seja entre sujeitos e classes sociais que tem interesses individualistas e privatistas, seja entre aqueles que buscam concebê-lo como espaço público em formação, capaz de promover justiça econômica, social e cultural”. (BRASIL, 2014, p. 35).

Considerando que, desde os anos 1960, se produziu um conjunto de categorias importantes para orientar as experiências populares e institucionais, o documento vai apontar aquelas “que contém em si uma ideia força capaz de balizar e orientar os agentes públicos em seu trabalho cotidiano, em especial na construção e na implementação de políticas públicas no Brasil” (Brasil 2014, p.36).

Passaremos, a partir daqui, a explicitar a compreensão sobre quatro destas categorias apresentadas pelo documento oficial com o qual estamos dialogando e demonstrar de que maneira o Projeto de Extensão PalhaSUS corresponde a uma práxis destas.

Dialogicidade

Apresenta essa categoria como a mais importante em Freire, pois dela derivam as demais e é o alicerce para uma pedagogia libertadora e transformadora. Para o diálogo, é necessário conceber relações horizontais, não havendo saber maior ou menor, mas saberes diferentes, como assinala Freire:

“O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideia de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.” (Freire, 1987 p. 45 apud BRASIL p. 37).

Durante as atividades do PROGEPS-UFPB, os Palhaços Cuidadores têm uma participação determinante, exercendo os mais diferentes papéis: ora facilitando as dinâmicas de abertura dos diversos encontros, ora conduzindo debates em rodas de conversa e fóruns, ora levando a figura irônica e argumentadora do palhaço para os debates sobre Saúde, questionando as práticas e o sistema de saúde de locais onde o próprio palhaço atua.

Mostra-se, em muitos espaços de diálogo, o importante papel político do palhaço, que não se exclui ao seu papel de cuidador, sendo aquele, incondicionalmente, uma extensão deste.

O poder de alcançar e atingir as pessoas de todas as classes e condições socioculturais é uma importante ferramenta da qual o Palhaço Cuidador lança mão para vivenciar a Educação Popular fora dos limites da universidade, transformando inclusive o próprio conceito de extensão universitária.

A perspectiva do cuidado é o que guia o Palhaço Cuidador em qualquer cenário de atuação e fora dele. O arquétipo do palhaço, que remonta aos primórdios da história da humanidade, tem na sua constituição a capacidade de chamar atenção e “quebrar o gelo”, trazendo para si o foco dos erros e fracassos que, normalmente, nos fazem sentir a fragilidade da condição humana. Esse palhaço consegue abordar todas as pessoas e conversar com elas, ouvi-las, brincar e fazê-las rir. Ao fazer isso, ele está cuidando de cada uma delas. O palhaço consegue quebrar as barreiras do diálogo humano (por exemplo, ao conversar com pessoas que ele não conhece e vice-versa) e levar o cuidado a todas as pessoas que encontra.

No encontro, o palhaço é um ser integral que não esconde seus sentimentos e intenções, da mesma forma que acolhe o outro em sua legitimidade de ser.

A intervenção do Palhaço Cuidador em espaços de rodas de conversas e círculos de culturas tem demonstrado a capacidade importante que esse protagonista tem em disparar os processos, fazendo com que a fala seja democratizada, que a palavra seja exercida por um maior número de pessoas e que as pessoas se sintam mais a vontade para se expressar pelo clima lúdico e descontraído que a ação do mesmo proporciona.

Amorosidade

Das categorias apresentadas no documento, é a menos detalhada e contextualizada. Vai dizer, porém, que essa está presente em quase toda obra de Paulo Freire, principalmente, quando “suas reflexões abordam a relação homem-mulher-mundo, em que o diálogo se apresenta permeado pela humildade e esperança” (BRASIL, 2014, p.38).

Vai trazer a dimensão da alteridade do amor e colocar que a sua experiência “não traduz uma dimensão homogênea e universalizante do ser humano e do mundo, mas está histórica e socialmente contextualizada, culturalmente localizada e simbolicamente representada” (Brasil, 2014).

Patch Adams, que tem sido um ativista de referência para o PalhaSUS, destaca em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, em 2007, a sede de estudantes pelos trabalhos voltados a uma prática com referenciais humanizadores e desenvolvimento do amor em ambientes hospitalares. A postura do “Patch” não constitui uma visão piegas desse sentimento tão importante, mas corresponde a uma crítica contundente ao modelo capitalista de produção em seu novo estágio de sustentação que é a globalização e propõe intervenções que busquem vínculos de amizade e atitudes fraternas como possibilidade de reação a esse sistema tão desagregante das relações humanas (ADAMS, 2002).

Nesse sentido, observamos o crescente interesse dos estudantes em participarem das Oficinas do Riso na UFPB para a formação de Palhaços Cuidadores e em atuarem no projeto de extensão denominado PalhaSUS.

A Educação Popular é concebida neste trabalho a partir do ideário freireano, que afirma a necessidade de tomada

de consciência, pelos homens, da sua condição de opressão, reconhecendo-se como sujeito (FREIRE, 1987). Trata-se de um processo contínuo e permanente de formação, cuja intencionalidade é a transformação da realidade. Paulo Freire indica que “educador e educando (liderança e massas), co-intencionados a realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no re-criar desse conhecimento” (FREIRE, 1987 p.56).

A partir dos fundamentos das reflexões teóricas sistematizadas por Freire e diversos outros atores, a Educação Popular constituiu-se, ao longo dos anos, como um pilar teórico-metodológico inspirador de práticas sociais comprometidas com o enfrentamento das condições concretas de opressão e exclusão, articulada à diversidade humana em um processo pedagógico que valoriza a cultura, os saberes diversos, uma ética humanística de aprender a ser e a viver junto (WANDERLEY, 2010; GADOTTI, TORRES, 1994).

Nesse contexto, a Educação Popular vem tendo significado peculiar na formação universitária em saúde, uma vez que parte importante dos estudantes passa a se interessar em atuar em projetos de extensão, ao se deparar com a realidade de exclusão e opressão de segmentos da população e diante de uma opção de intervir sobre essa realidade (VASCONCELOS, 2006). A contradição entre a realidade encontrada e vivida pelo estudante e o processo educativo formal distanciado desta realidade — preso a teorias e pouco prático, propositivo e reflexivo, gerador de angústias relacionadas à dificuldade de construir vínculos significativos e se sentir útil, importante — indica uma explicação para essa procura.

Na perspectiva freiriana, educar-se é impregnar de sentido cada ato cotidiano (FREIRE, 1987). No caso de projetos

de extensão em Educação Popular, busca-se dar sentido ao ato do estudante, e ele sente-se um sujeito do processo educativo. Essa amorosidade a ser experimentada, exercitada e vivenciada, é também uma práxis. O Palhaço Cuidador, ao se deparar, muitas vezes, com pessoas desconhecidas e já estabelecer o exercício da amorosidade, é aprendiz de mão cheia, pois essa pessoa desconhecida, na maioria das vezes, é generosa na alegria e no doar gestos de amor.

E como o documento traz, Paulo Freire vai dizer, precisamos ficar atentos:

“O ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da libertação. Mas este compromisso, porque amoroso é dialógico[...]. Como ato de valentia, não pode ser piegas, com ato de liberdade não pode ser pretexto de manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela está proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens/mulheres, não me é possível o diálogo.” (Freire, 2002, p. 80 apud BRASIL p. 39).

Conscientização

Para o Marco de Referência, a conscientização consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência, pressupondo a necessidade de suplantarmos a esfera espontânea de apreensão da realidade para alcançarmos uma esfera crítica, tendo assim, a realidade como objeto cognoscível e na qual o homem passará a ter uma posição epistemológica (BRASIL, 2014). A consciência atinge maior nível mediante a maior capacidade de

“desvelamento” da realidade, e esse grau maior é conquistado mediante uma ação e reflexão constante sobre a realidade, possibilitando nessa práxis a construção do conhecimento.

Apresentando as diferenças refletidas por Freire na obra “Educação e Mudança” entre consciência ingênua e consciência crítica, destaca-se que essa última anseia pela profundidade de situações-limites, reconhecendo que a mudança é possível e necessária.

Sobre o maior nível de conscientização que o sujeito tiver, o Marco vai apontar:

“Quanto o maior o nível de conscientização dos(as) educandos e educandas, de educadores(as), mais capacitados estarão para serem anunciadores(as) e denunciadores(as) das situações-limites e desumanizantes, graças ao compromisso de transformação assumido.” (BRASIL, 2014, p. 41).

Nesse sentido, além do serviço prestado junto à comunidade, o PalhaSUS reincide nos preceitos abordados por Paulo Freire, de autonomia e libertação do indivíduo, enquanto estudantes e profissionais de saúde, frente ao regime bancário e opressor vigente dentro e fora da universidade, oferecendo práticas e reflexões de autocuidado que estimulam o cuidado também do cuidador.

Ao contemplar o aspecto estrutural do problema da educação, vários autores (Adams, 2002; Romaña, 2012) apresentam o foco no capitalismo e sua evolução, que estabelece o padrão de organização das práticas sociais e das relações humanas na sociedade atual, incluindo o fenômeno educativo.

Porém, é necessário reconhecer que, ao mesmo tempo em que criticamos o sistema imperante, também estamos

impregnados de sua ideologia, suas práticas e seus vícios. Na educação, como em outras áreas sob a influência do ideário hegemônico, o foco está centrado no racional e no mundo das ideias. Dessa maneira, a maioria das práticas educativas atuais se mantém na superficialidade e negligencia a realidade existente, sobretudo os aspectos da subjetividade, do corpo e das relações (ROMAÑA, 2012).

Apesar de diversas tentativas em propor uma educação problematizadora, voltada às necessidades da população brasileira, a partir de reformas curriculares, ainda prevalece, na formação profissional, uma educação bancária (FLEURI, 2006). No intuito de superar essa realidade da graduação, diversos projetos de extensão se estruturam no sentido de inserir os estudantes em meios populares, através de metodologias e práticas embasadas pela Educação Popular. (VASCONCELOS, CRUZ, 2011).

Esse enfrentamento ao modelo hegemônico e o exercício de uma prática embasada na conscientização permeada pelo refletir criticamente e pelo agir na realidade (ler o mundo para mudá-lo, como propõe Freire), tem no terreno da extensão popular um espaço privilegiado.

A transformação da realidade e do mundo

Partindo do pressuposto de que, se o processo educativo for dialógico e conscientizador, será sempre transformador da realidade e do mundo e, como explicita o Marco de Referência, “buscará construir novas relações econômicas, sociais, culturais, ambientais, baseadas na igualdade, na fraternidade, na justiça”, pode-se constatar neste processo o surgimento de novas condições que, além disso, “mudam as relações, as pessoas, e as relações entre as pessoas, não deixando prevalecer o egoísmo,

o individualismo, o sexismo, os preconceitos e a discriminação” (BRASIL, 2014, p. 41, 42). O participante desse processo é um protagonista dessas mudanças.

Segundo o próprio Patch Adams, em entrevista supracitada, o trabalho do profissional de saúde “não é curar, é cuidar. Nós sempre podemos cuidar. Totalmente, todo dia, o dia todo. Sempre podemos cuidar”. Seguindo esse raciocínio, o grupo PalhaSUS leva a palhaçaria para os cenários de prática com o ideal de cuidar de todas as pessoas, e não de curá-las.

Todas as pessoas, sadias ou doentes, precisam ser cuidadas. O cuidado trazido pelo Palhaço Cuidador estende-se para além dos cenários de prática e neles engloba todas as pessoas presentes, seja um profissional de saúde, usuário do serviço, paciente, funcionário, diretor do hospital, qualquer um, sem distinções. Trata-se de um cuidado universal e incondicional. Não é um processo unidirecional: quem cuida, também pode ser cuidado, e quem é cuidado, também pode cuidar, basta se permitir cuidar e ser cuidado. Como o poeta e ator Ray Lima coloca, “cuidar do outro é cuidar de mim/Cuidar de mim é cuidar do mundo”.

Muito mais do que cuidar das outras pessoas, o palhaço também exerce o papel de cuidar de si mesmo. As experiências vivenciadas por cada palhaço em seu particular são muito ricas, transformadoras e refletem no modo como esse palhaço do Projeto PalhaSUS — futuro profissional de saúde — se colocará diante dos serviços de saúde e dos próprios usuários. Além disso, ao cuidar de outras pessoas e, conseqüentemente, permitir-se ser cuidado, muitas vezes, a pessoa por trás do Palhaço Cuidador consegue encontrar um amparo para resolver os seus próprios problemas, uma vez que, por trás de cada palhaço, há um ser humano que também precisa ser cuidado.

O Projeto PalhaSUS propõe-se a atuar no contexto das relações humanas, através da palhaçaria, numa perspectiva de transformação da realidade e da busca por uma sociedade saudável, geradora de harmonia, bem-estar e segurança. Busca produzir conhecimentos que possam alimentar o debate em torno de caminhos para a Educação Popular; ao desenvolver nos estudantes em formação habilidades artísticas e de comunicação relacionadas ao atuar do palhaço e ao favorecimento das relações humanas, na perspectiva de Masetti (2003) e Adams (2002). Busca ainda possibilitar que a Educação Popular oportunize o desvelar de caminhos de formação em saúde pautados pelo cuidado humanizado, pelo compromisso e reconhecimento do outro, com a adoção de uma ética da alegria, na esteira das reflexões teóricas de Winnicott (1975).

O termo Palhaço Cuidador é utilizado aqui como um novo papel social adquirido pelos estudantes, que passam a atuar no projeto e na vida, proporcionando um cuidado centrado na sua interação com as pessoas através da palhaçaria, em diversos espaços onde seja possível a produção do cuidado, incluindo os hospitais. Dentro do conceito de papeis desenvolvido por Moreno, como “a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (2006, p. 27), o papel social é aquele que ajuda a constituir uma sociedade e, ao mesmo tempo, junto com os outros papeis do indivíduo, compõe a estrutura do eu (MORENO, 2006). Essa nomenclatura foi por nós adotada desde o surgimento da proposta, por ser a que melhor representa a nossa ação nesses espaços, o cuidado de forma mais ampla.

Tomando referências na fundamentação teórica do psicodrama, conforme Moreno (2006), concebemos que o Palhaço Cuidador tem sua matriz de criatividade na “criança interior”

presente em cada um de nós, como um papel psicodramático que favorece a entrega e a inocência do palhaço. Nesse sentido, podemos dialogar com Martin Buber, que estabelece conceitos e explicações concernentes ao desenvolvimento do eu, o reconhecimento do tu e essa relação eu e tu, que investe de significado o encontro que é de fundamental importância para a atitude do diálogo (BUBBER, 1977).

Essa prática, também para Paulo Freire, é movida por amor e respeito, em que o encontro só é permitido por um verdadeiro diálogo, ao que ele afirma que “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito” (FREIRE, 2005, p. 91).

CONCLUSÃO

Os anos noventa do século XX, após a implantação do Sistema Único de Saúde do Brasil e a implementação da atenção básica, tendo como um dos modelos mais importantes o Programa Saúde da Família, possibilitaram que diversas práticas tidas como alternativas e marginais viessem compor as intervenções dos profissionais de saúde. A arte passou a ter uma expressão significativa, possibilitando o diálogo entre os atores sociais envolvidos em um processo de uma educação que busca a libertação das pessoas e o desenvolvimento da autonomia do sujeito.

O PalhaSUS, como projeto de extensão componente de um Programa de Educação Popular em Saúde, tem trilhado um percurso a contribuir com o desenvolvimento de um

movimento muito importante e potente que é a palhaçaria. Essa palhaçaria que chegou aos hospitais levando uma abordagem mais humanizada, com o passar do tempo, passou também a fazer parte de outros espaços como os postos de saúde, praças públicas, espaços de encontros e eventos, abrindo o diálogo sobre os mais variados temas de saúde e, a partir de um conceito ampliado de saúde, tratando de questões mais gerais da sociedade, como economia, política, participação popular e controle social, dentre outros.

Este Palhaço que denominamos cuidador, como observamos ao refletir o documento intitulado “Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas” (Brasil, 2014), é, em sua essência, também educador, e, no desenvolvimento desse papel social, temos feito a opção por uma educação libertadora, como pensada por Paulo Freire, a qual foi denominada como Educação Popular. A partir do sofrimento psíquico de estudantes e da reprodução de relações de opressão no meio acadêmico foi que a Oficina do Riso pôde ser realizada na Universidade Federal da Paraíba.

Depois da primeira, vieram outras quatro oficinas, e o PalhaSUS, enquanto projeto de extensão universitária nos marcos da extensão popular, vem aprendendo a sê-lo, possibilitando que o Palhaço Cuidador seja mais um protagonista desse ambiente diversificado em singularidades e de diversas visões de mundo que é a universidade. Assim, contribui para transformar esse espaço, que muitas vezes é frio e inóspito, em um espaço alegre, ao ocupar os corações e mentes dos estudantes envolvidos, que, ao serem Palhaços Cuidadores, experimentam o comprometimento pelas transformações sociais e pela construção de um mundo novo, mais justo e de oportunidades iguais para todos.

REFERÊNCIAS

ADAMS, P. e MYLANDER M., A terapia do amor. Edição traduzida. Rio de Janeiro, RJ, Mondrian, 2002;

BRASIL, Secretaria Geral da Presidência d República. Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã. Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas. Brasília, DF, 2014

BUBER, M. Eu e Tu, São Paulo, SP, Cortez e Moraes, 1977;

FLEURI, R. M., COSTA, M. C. V. Travessia: questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular. 2a. ed. revisada.e ampliada.. Ijuí : Unijuí, 2005;

FLEURI, R. M., Formação de Profissionais da Saúde Reflexões a Partir de Vivências Estudantis In VASCONCELOS, E. M. , FROTA, L. H e SIMON, E. (Orgs). Perplexidade na Universidade: vivências nos cursos de saúde, 1ª ed. São Paulo, SP, Editora Hucitec; Edições Mandacaru, 2006 (Saúde em Debate, 169);

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987;

GADOTTI, M e TORRES, C. A. (Orgs). Educação popular – Utopia latino-americanana, São Paulo: Cortez, 1994;

MASETTI, M. Boas Misturas: a ética da alegria no contexto hospitalar. São Paulo: Palas Athena, 2003;

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão popular**. 1ª ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006. v.1. 97p.;

MORENO, J. L. Psicodrama, 10ª. ed. São Paulo, SP, CULTRIX, 2006;

ROMAÑA, M. A, Sociedade de Controle e Pedagogia Psicodramática - p. 57-70 – Revista Brasileira de Psicodrama – 1ª ed. São Paulo, SP, Diretoria de Divulgação e Comunicação da FEBRAP, junho 2012;

VASCONCELOS, E. M. , FROTA, L. H e SIMON, E. (Orgs). Perplexidade na Universidade: vivências nos cursos de saúde, 1ª ed. São Paulo, SP, Editora Hucitec; Edições Mandacaru, 2006 (Saúde em Debate, 169);

VASCONCELOS, E. M. e CRUZ, P. J. S. C. (Orgs). Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência , 1ª ed. São Paulo, SP: Hucitec; João Pessoa , PB: Editora Universitária da UFPB, 2011.

WANDERLEY, L. E. W. Educação popular. São Paulo: Cotez, 2010.

VIVÊNCIA TAMBABA E A ESSÊNCIA DA PALHAÇARIA

Paulo Bareicha

O que imaginamos quando pensamos em um palhaço? Um sábio, um tolo, um louco? Poderíamos nos reconhecer a nós mesmos? É possível que cada um tenha sua própria imagem deste personagem, muitas vezes relacionada à memória de uma experiência infantil que lhe traz nostalgia. As vivências, às vezes, são agradáveis; às vezes, não. Podemos reconhecer virtudes, como também outras características das quais não gostamos. Nessa alternância entre o que vem à luz — e reconhecemos, escolhemos — e o que fica à sombra — e não queremos ver e enfrentar, até porque nos sentimos despreparados para lidar—, é que se inscreve a “Vivência Tambaba”. Como descreveremos adiante, trata-se da experiência do contato com o palhaço interior de cada um. Esse palhaço existe, e o objetivo deste artigo é refletir sobre a essência dessa palhaçaria, componente inegável de nossa humanidade.

Cada pessoa tem na memória a figura de um palhaço, para a qual convergem, inconscientemente, vários atributos, sendo a maior parte destes relacionado à alegria e, algumas vezes, também estando associados a sensações e sentimentos ruins, como repulsa, insegurança e medo. **O palhaço possui uma estética.** Há quem tenha como referência o universo estético do circo; há quem refira rapidamente a imagem do Papai Noel ou o personagem do McDonald’s e a vários outros similares

na linha do entretenimento infantil. Podemos também incluir e relembrar muitos palhaços que tiveram ampla divulgação em programas televisivos, especialmente nos anos 80, 90 e 2000, que alimentaram, desde então, a imaginação infantil. O que vem à sua imaginação quando observa a Figura 1 e a Figura 2, exemplos de imagens relacionadas ao universo do palhaço? Transmitem sensações e sentimentos agradáveis ou desagradáveis?

Figura 1 – Foto de divulgação do primeiro Ronald Mc Donald's, 1946



Fonte: Pinterest (Creative Commons)

Figura 2 – Criança posa em foto com papai noel, 1896



Fonte: Pinterest (Creative Commons)

Souza (2012) apresenta um estudo a respeito das representações sociais da criança a respeito do circo, no contexto da música de 1978, “Circo Marimbondo”, de autoria de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos. Para as crianças do estudo, o circo é formado por personagens mágicos, fantásticos, que sobrevivem à realidade. O Marimbondo instiga tanto a admiração e a curiosidade, quanto o perigo. Ele é o trapezista, a bailarina, o mágico, a mulher com barba; ele é o palhaço. Mas, nas entrevistas e histórias contadas pelas crianças, esses personagens são identificados como seus pais — trabalhadores domésticos,

cortadores de cana-de-açúcar, pessoas comuns, conhecidas de seu cotidiano — que, de alguma maneira, exercem seu fascínio. O estudo conclui que, no conjunto, o circo é definido como um agrupamento de pessoas espetaculares que se reúnem para divertir a plateia.

Contudo, o circo do século XXI e seus respectivos personagens, que estão presentes na imaginação das crianças do estudo, é diferente do circo do século XX, que também é diferente daquele do século XIX. E todos os circos mais recentes talvez guardem pouca ou nenhuma semelhança à arena romana e ao *coliseum* da época dos Césares. Para identificar a essência de nossa palhaçaria, devemos antes compreender uma ambiguidade na matriz de identidade do palhaço (MORENO, 1975), que interfere no lugar que ele ocupa hoje em nossa sociedade.

Segundo Araújo e Vieira (2015), encontramos na Sátira X, do poeta e humorista Décimo Júnio Juvenal (por volta do ano 100 d. C.), a primeira alusão à expressão em latim *panem et circenses* (pão e circo). Sua crítica era ao povo romano, que não se ocupava com o conhecimento nem com a política, mas que se interessava exclusivamente pelo alimento e pelo divertimento. Assim, sugere a Sátira X, em tempos de crise, os imperadores devem construir arenas e entreter o povo com corridas de bigas, acrobacias e malabarismos, bandas musicais, artistas de teatro e palhaços, corridas a cavalo e, principalmente, sangrentas disputas entre gladiadores. Tornou-se também tradição a distribuição mensal de cereais e pães à população, com a presença do Imperador no Pórtico de Minucius, em Roma. Isso garantia tanto a popularidade do governante, quanto a sobrevivência da população com algum divertimento. Daí também nasceu a interpretação de que o povo se alimenta de pão e circo e de que, quando os governantes realizam eventos festivos para a população, utilizam-se necessariamente de formas de

enganar, entreter, manipular e controlar as pessoas, mantendo-as fora do foco das reais necessidades de sobrevivência.

Apesar de ser a visão mais difundida, há algumas críticas que nos podem fazer observar a emergência da arte (e das artes cênicas) como elemento de resistência, e não de acomodação das pessoas. Por exemplo, afirmar que o governo distribuía “pão” e “circo” é impreciso. Estima-se que a população mundial no ano 100 d.C. situava-se entre 200 e 300 milhões de pessoas. Já o Império Romano (sob o governo de Augusto Cezar), oscilou em torno de 45 milhões de habitantes. Roma teria a população de 1 milhão de habitantes, e o Coliseu tinha capacidade máxima para 60 mil pessoas, algo em torno da capacidade que tem hoje o estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro — o que era e é espetacular até os dias de hoje. Distribuir cereais e alimentos mensalmente em Roma significava abastecer “apenas” 1/45 avos do Império Romano, supondo que toda a capital fosse de fato abastecida. Ou seja, muito pouco. E ainda podemos pensar que, incluindo os teatros gregos, já sob o domínio romano, não havia mais que 20 arenas para combates, o que garantiria acesso a, no máximo, dez por cento da população. Então, também não é verdade que o Império oferecesse ampla “diversão” à população. Mesmo o pão e o circo eram para poucos (consultar FAVERSANI, 2000 e GARRAFFONI, 2005).

Podemos avançar nossa argumentação, considerando interessante, mas circunstancial, a crítica do sátiro Juvenal (2000) que, devido à sua origem e perspectiva aristocrática, de fato, trouxe graça e humor acrescidos de uma contestação ao Império Romano, sem, no entanto, abranger a multiplicidade de manifestações artísticas populares da época, ignorando o praticado nas ruas, praças, feiras, pequenos eventos e não exclusivamente nas grandes arenas com a presença do Imperador. Mas podemos, também, acrescentar sua leitura à de outros

cômicos como Aristófanes, que também criticou a democracia e o poder dos homens (em detrimento de mulheres, plebeus e escravos) em “Lisistrata - A greve do sexo” e “A revolução das mulheres” (2001). Ressaltamos que a comédia sempre teve um papel revolucionário na crítica à realidade e que o papel do “circo” não é exclusivamente entreter e amortecer a revolta da população. Os artistas, de modo geral, e o palhaço, em particular, exercem importante papel ao fazer uma passagem, uma ponte entre a tragédia e a comédia; uma **brecha** para trânsito entre a realidade e a fantasia (MORENO, 1975).

AGORA É SÉRIO! A BRINCADEIRA ACABOU!!

Meu universo da palhaçaria começa com o palhaço Carequinha. Como disse anteriormente, devemos buscar nossas referências para imaginar o lugar do palhaço em si mesmo. No ano de sua morte, em 2006, eu estava iniciando um Projeto de Extensão de Ação Contínua, chamado Teatro Ecopedagógico, onde desempenhava o papel de “O Nariz” (ver Figura 3), um personagem brincante criado a partir de um conto de Gogol.

Somente nesse momento histórico pude ter curiosidade acerca de sua biografia e refletir a respeito do significado e do lugar (eterno) que esse palhaço teve em minha vida. Ele foi o cidadão George Savalla Gomes e nasceu em 1915 em uma família circense de Rio Bonito/RJ. Mas nasceu “no espetáculo”, no sentido literal da palavra. Marcus Anversa (2000) relata que sua mãe estava no trapézio durante uma apresentação, quando ele veio à luz da ribalta. E, desde então, a arte circense foi um currículo “natural” de quem tinha um compromisso com o riso e a alegria.

Figura 3 – O Nariz, 2006



Fonte: O autor (Creative Commons)

Figura 4 – Palhaço Carequinha



Fonte: Pinterest (Creative Commons)

Ele foi um palhaço midiático; saiu do circo (ou levou o circo) ao rádio, à televisão e ao cinema. Utilizou a música, além do amplo repertório circense que herdou da tradição familiar, como linguagem de popularização de sua presença. Esse foi o palhaço que conheci e que me permitiu dar sentido ao termo palhaçaria, quando li, já no doutorado em artes, a afirmação de Roberto Ruiz (1987, p. 7), citando que *“há sempre um pouco de circo no coração de toda criança. Há sempre um pouco de criança no coração de todo adulto”*. Mas, como imaginar uma criança nascida em 1967, no auge do golpe militar, que escutava eventualmente até de professoras: *“vamos deixar de palhaçada. Acabou a brincadeira, agora é sério!”?*

Sério era o compromisso de ir ao circo quando passava na cidade. Não eram grandes e monumentais espetáculos como o magnífico Cirque de Soleil. Eram circos familiares, mambembes, saltimbancos, portadores de uma cultura secular que parecia estar em extinção, mas que resistiu às assimilações culturais. Era a graça e o riso fácil, do encantamento sem complicações. Alegria

gratuita e sem outras pretensões, como as piadas contadas à mesa, em família, durante aniversários e natais.

Segundo Ruiz (1987), a primeira família circense oficial chegou ao Brasil em 1830, conhecida como “Circo Bragassi”. Contudo, afirma ainda que há registro de apresentações com palhaços ainda no final do século XVII, organizadas por atores mambembes que improvisavam pequenos espetáculos e os levavam às capitânicas brasileiras. Acompanhavam tanto o ciclo econômico, quanto as datas religiosas. Durante o dia, passeavam com figurinos pela cidade, anunciando o espetáculo e, após a missa das dezoito horas, começavam a tocar instrumentos musicais que, sonoramente, convocavam a plateia a se reunir em uma praça central, onde haveria o espetáculo. Em tempos nublados, esticavam-se lonas entre carroças e improvisavam a relação próxima entre palco e plateia.

Neide Marinho (2012) acrescenta que o brincante se misturou ao longo do tempo com a procissão, tornando-se parte dela. Na narrativa do nascimento de Jesus, o brincante era “um outro rei mago” que se guiava por uma estrela (ou que vivia no mundo da lua). Ele conseguia introduzir e mesclar elementos profanos aos rituais sagrados. Na tensão da morte e da história triste, ainda há a redenção pelo riso. E a “folia dos reis” se tornava a folia dos povos. Esse personagem, como todo palhaço, carregou a ambiguidade como figurino, como instrumento de trabalho, como técnica de sobrevivência. Se, na Folia, há farda e hierarquia, o palhaço é justamente, no sistema, o **elo de ligação** entre o Mestre, o Contramestre e o Bandeireiro, e todos os demais foliões. O palhaço ultrapassa a linha divisória **entre o instituído e o instituinte**, transitando entre eles com improvisação e ludicidade, que são a estética de sua performance.

Esse brincante medieval, que traduz essa essência da palhaçaria, sobrevive no tempo porque **procura extrair vida da**

adversidade. Ele não existe apenas no circo. Ao experimentar a rua, autorizou-se a invadir e ocupar com o riso todos os espaços sociais. Não apenas com o riso, mas com a ambiguidade de suas roupas largas, da ironia, da liberdade para viver, da desorganização da aparência. Ele mistura-se para compor as imagens arquetípicas mais elementares do ser humano. Como bem exemplificado nas centenárias cartas do Tarô (Figura 5).

Sua loucura é a irreverência e sua sabedoria, o sentido de verdade. É tolo quando se despoja da pompa e da circunstância buscando o que é simples; mas é sábio quando faz a realidade rir de si mesma. Para Jaques Leqoc (2010, p. 15):

O palhaço é um arquétipo social e sua função é muito séria, sincera e respeitosa. Ele é a representação da falibilidade humana, do fracasso, da inadequação, do ridículo que existe em cada um de nós, do ridículo que é presente na sociedade. Ele não representa. Ele é!"

Em todas as alegorias tradicionais, em todos os Tarôs, há uma notável semelhança entre o brincante e o palhaço. O que vai a cavalo com seus próprios pés, o que toca flauta, mas não percebe que usa um sapato diferente em cada pé, o que se veste como um tolo, mas, de propósito, revela uma nudez coletiva incontestável. É nesse contexto que se insere a "Vivência Tambaba".

Figura 5 – Cartas de tarô número “0”, o louco.



Fonte: Pinterest (Creative Commons)

Na Figura 5 são apresentadas cartas do Tarô relacionadas ao “louco”, um brincante, errante, andarilho do mundo

VIVÊNCIA TAMBABA: UMA EXPERIMENTAÇÃO NO PROJETO PALHASUS-PB

Realizamos um treinamento sociopsicodramático no Encontro de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador do Projeto PalhaSUS, dirigido por Aldenildo Costeira e Janine Nascimento (os palhaços Al e Pimentinha). Trata-se de um Projeto de Extensão da Universidade Federal da Paraíba, iniciado em 2010, que tem como objetivo a formação de Palhaços Cuidadores, que realizam intervenções e vivências em cenários públicos vinculados ao Sistema Único de Saúde – SUS, a fim de promover a atenção à saúde, ao bem-estar e ao cuidado, tanto aos pacientes, quanto aos profissionais que trabalham no hospital.

Nossa jornada foi intensa em divertimento e criatividade. Esses dois pressupostos foram os organizadores da palhaçaria experimentada. Atribui-se a Salvador Dali a frase: *“criatividade não é descobrir uma fórmula mirabolante de sucesso instantâneo para qualquer problema. Longe disso. Criatividade é ouvir as suas próprias lamentações, mergulhar no fracasso e extrair a força necessária para emergir firme e forte”*. Essa definição expressa bem a missão do Projeto PalhaSUS e o lugar do Palhaço Cuidador. Foi com ela que começamos a Oficina.

De um modo geral, utilizamos jogos teatrais para aquecimento corporal e vocal, partindo para uma série de improvisações e jogos de papel. Utilizamos exercícios colecionados em diferentes referências (STANISLAVISKI, 2010; VIOLA SPOLIN, 2012; LABAN, 1998; LEQOC, 2010; MORENO 1975). Nas últimas horas do encontro, cada palhaço já se apresentava e agia muito à vontade, o mais espontaneamente e criativamente possível.

Foi então que surgiu, também na composição do improviso, a ideia de que pudéssemos entrar em um lugar maravilhoso chamado “Tambaba”. No dia que antecedeu o treinamento, fui apresentado pela equipe do PalhaSUS à famosa praia de nudismo paraibana e a brincadeira com o nome foi inevitável. Tambaba passou a significar entre nós uma piada de palhaço: trazia no nome tanto a ambiguidade do desejo de experimentar, quanto o receio da consequência. Venceu a ousadia.

Estar em uma situação já bem adaptada e apresentar um obstáculo a ser transposto pode bem definir a técnica sociopsicodramática da *interpolação de resistência* (MORENO, 1975). Foi assim que funcionou, como em um dos jogos propostos por Viola Spolin (2012), quando o foco era no palhaço e todos interagem como palhaço; quando o foco era nas pessoas, a interação era entre as pessoas. Até que convenciamos separar o que estava dentro do círculo do que estava fora. Dentro do círculo, arena já convencionalizada como campo de jogo, todos deveriam se despir do palhaço imaginariamente já construído e deviam agir como pessoas. Fora do círculo, voltavam a ser palhaços e interagiam com os que estavam dentro. Dentro do círculo a pessoa tinha um nome e fora dele, a mesma pessoa, palhaço, tinha outro nome. Ninguém podia sair do papel, nem quando estava dentro, nem quando estava fora. Esse foi o objetivo da Vivência Tambaba: **perceber e distinguir a linha que separa o “si mesmo” e o “palhaço que sou”**.

O compartilhamento foi incrível. Uma das palavras utilizadas foi “leveza”. De fora, sentir-se mais leve como palhaço; dentro, sentir-se “observado, analisado, enquadrado”, como pessoa. Curiosa essa observação, sentir-se em um quadrado dentro de um círculo. O que provocou, de imediato, a “construção” pelos demais de um quadrado em torno da pessoa. A forma

geométrica quadrada dentro da forma circular diminui sua abrangência, provocando a sensação de “apertamento”. A exageração da quantidade de pessoas dentro para formar o quadrado levou alguém a falar em “fobia social”. Estava posto que o adoecimento é experiência que existe. É por onde o imaginário grupal estava caminhando. Quando saiu do quadrado e do círculo, assumindo o palhaço, veio a ideia de liberdade e também de transgressão dos limites. De fato, só havíamos convencionalizado “dentro” e “fora”; mas o “fora” não havia sido explorado e correr desvairadamente pela sala pareceu um ato natural de quem saiu de **dentro para fora**.

Impressão parecida é descrita por Mark Olsem (2004) no livro “As máscaras mutáveis do buda dourado”, onde o autor busca respostas à pergunta: “*porque a inspiração e o desenvolvimento da dimensão espiritual deveriam ser relegados apenas aos poetas, músicos, pintores e dançarinos – e não aos artistas cênicos?*”. De forma sistemática, coerente e bem organizada, o autor realiza uma extensa revisão das contribuições de Stanislavski e as relaciona com a sabedoria das tradições arcaicas. Em sua linha de raciocínio, a preparação do ator em seus aspectos corporais, voz e intelecto, corre em paralelo a um certo despertar **espiritual**, muitas vezes negado, outras vezes ignorado, mas que é inseparável no trabalho do ator.

Curiosamente, Georges Minois (2003) reafirma essa possibilidade ao procurar explicar as maneiras como o ser humano utilizou o riso ao longo da história. Nesse sentido, para Minois, a capacidade de rir (e rir de si mesmo) está relacionada à evolução humana. O autor descreve como **o riso foi e é uma resposta na tarefa de enfrentamento dos dilemas humanos**. Em uma das lendas que alimentaram o universo grego, que deu origem às artes cênicas, em particular, e às humanidades, de modo geral, como as entendemos hoje, ele aponta que:

Tendo rido deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo... Quando ele gargalhou, fez-se a luz... Ele gargalhou pela segunda vez, tudo era água. Na terceira gargalhada, apareceu Hermes; na quarta, a geração; na quinta, o destino; na sexta, o tempo. Depois, pouco antes do sétimo riso, deus inspira profundamente, mas ele ri de tanto que chora, e de suas lágrimas nasce a alma humana. (p. 197).

É uma versão superinteressante da origem do universo, que desloca a origem das coisas do ato de falar e do uso da palavra, como no livro de Gênesis. O que me chama a atenção é uma espécie de “pausa dramática” entre o respirar, antes do falar. Como uma rubrica ao ato de criação fundamental pela fala, acrescenta uma gargalhada que, de fato (naquela estória), é o que deu origem à luz. E o que me instiga mais a imaginação é saber **que luz é essa que o riso produz?** E o que ilumina? Como quem sai do centro do círculo na Vivência Tambaba, percebe a linha divisória (“si mesmo” – “palhaço que sou”) e a ultrapassa, deslocando-se pela imensidão do espaço da sala não convencional e permitindo aos demais a consciência do absurdo da existência em si, do palhaço — e da palhaçaria em si, no outro e em todos.

A Vivência Tambaba também possibilitou a percepção não de um palhaço midiático ou de algo que é transmitido a milhões ao mesmo tempo. Ao contrário, o foco era para aquele que ingressava no círculo. O palhaço direcionado a um ou a poucos — a essência leve e despreziosa do muito, mas focada no pouco que pode um Palhaço Cuidador e, ambivalentemente, podendo mais do que imagina.

O texto dialógico improvisado entre o Palhaço Cuidador e a “plateia de um ou dois”, mediada pelo repertório cênico

e vivencial, propicia a retomada do **foco no que existe**, do que é, do que está pulsando. E a vida ganha uma sintonia de alegria. Olhar e ver o que está bom, **saudável**. Agir com leveza na adversidade a partir da **estética da graça**. Lidar com a finitude, com a morte, desbravando possibilidades de continuidade do riso, da felicidade, **juntos**. Ver a vida como uma brincadeira e procurar integrar pelo riso as dimensões trágicas e cômicas da realidade. **Essa é a essência da palhaçaria**.

REFERÊNCIAS

ANVERSA, Marcus. Palhaço Carequinha, um dos heróis pioneiros da televisão brasileira. **Revista TV Series**, p.10-15, Porto Alegre, outubro de 2000.

ARAÚJO, Alexandro Almeida Lima; VIEIRA, Ana Livia Bomfim. As visões historiográficas sobre o pão e circo: a plebs no contexto político social da Roma imperial, séculos I-II d.C. **Revista Mundo Antigo**, Ano IV, V. 4, N° 07, p. 27-47, Rio de Janeiro, Junho 2015.

ARISTÓFANES. **Lisistrata**: a greve do sexo. Tradução de Millor Fernandes. Rio de Janeiro, LP&M, 2001.

FAVERSANI, Fábio. *Panen et circenses*: breve análise de uma perspectiva de incompreensão da pobreza no mundo romano. **Varia História**, N.22, p. 81-87, Belo Horizonte, janeiro de 2000.

GARRAFFONI, Renata Senna. *Panen et circenses*: o século XIX e a construção de um conceito. In: **Gladiadores na Roma antiga: dos combatentes ás paixões cotidianas**. São Paulo: Anna Blume, 2005. (p. 68-91)

JUVENAL, Décimo Júnio. **Sátiras**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1998.

LECOQ, Jaques. **O corpo poético**: uma pedagogia da criação teatral. São Paulo: SESC, 2010.

MARINHO, Neide Aparecida. Palhaços e máscaras nas Folias de Reis: alegoria social, subversão e transgressão. **Algazarra**, N.1, p. 1-14, PUCSP, 2012.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MORENO, Jaco Levi. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

OLSEM, Mark. **As máscaras mutáveis do buda dourado**: ensaio sobre a dimensão espiritual da arte teatral. São Paulo: Perspectiva, 2004.

RUIZ, Roberto. **Hoje tem espetáculo?** As origens do circo no Brasil. Rio de Janeiro, INACEN, 1987.

SOUZA, Alberto Carlos. **Trilhas pedagógicas**, v. 2, n. 2, p.9-19, FATECE: Pirassununga, São Paulo, Agosto de 2012.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2012.

STANISLAVISKI, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – UMA EXPERIÊNCIA COM OS PALHAÇOS CUIDADORES DO PROJETO DE EXTENSÃO PALHASUS

Benedito Clarete de Vasconcelos

A arte de contar histórias é uma arte popular, comum nas mais diversas sociedades humanas, em diferentes momentos históricos. Suas características principais são a transmissão de conhecimentos, saberes, valores e diversão. Por ser uma prática que valoriza o saber popular, a transformação de ambientes de convivência, de ensino e aprendizagem, e de luta pela desopressão das camadas populares, a arte de contar histórias está inserida no contexto da Educação Popular, em perfeita sintonia com os novos paradigmas emancipatórios dentro dos territórios da Educação Popular, principalmente nos territórios da afetividade, das emocionalidades e das outras racionalidades.

Para estudar os efeitos da arte de contar histórias no processo de transformação e na construção de ambientes emocionais agradáveis, foi realizada uma pesquisa participante, tendo como objeto os estudantes do Projeto de Extensão PalhaSUS, da UFPB, que atuam como Palhaços Cuidadores em diferentes espaços de vulnerabilidade social e afetiva, tais como hospitais, casas de saúde, escolas e asilos de idosos.

Durante a pesquisa, foram realizadas oficinas de formação de contadores de histórias; os participantes incluíam nas suas práticas de atuação de cuidadores os saberes e conhecimentos desenvolvidos nas oficinas. O processo de avaliação utilizado foi a realização de grupo focal, que municiou dados para análise do resultado da realização da prática, apresentando seus possíveis desdobramentos e desafios.

O texto que se segue é um relato da minha experiência como contador de história na pesquisa participante, realizada na minha formação de mestrado, no PPGE, na UFPB, em João Pessoa/PB.

DESENVOLVIMENTO

A dissertação “ A Arte da Contação de História: Uma experiência de cuidado no Projeto de Extensão PalhaSUS”, aprovada em 26 de julho de 2016, sob a orientação da Dra. Elisa Goncalves Pereira, teve a seguinte estrutura: uma introdução — que apresenta a história pessoal do pesquisador como autopoiesis —, o situar-se no campo da Educação Popular, a metodologia que foi utilizada, os objetivos e objeto da pesquisa. O primeiro capítulo descreve a arte de contar história, procurando situá-la como instrumento/ferramenta de construção e desenvolvimento de ambientes emocionais agradáveis. O segundo capítulo analisa os elementos envolvidos na arte de contar histórias: o contador de histórias, a história e o ouvinte. O terceiro capítulo faz uma breve apresentação do histórico da Educação Popular, seus paradigmas emancipatórios, os novos territórios da Educação Popular e dentro dos novos territórios, além de algumas considerações sobre Educação Emocional. O quarto capítulo apresenta a pesquisa, considerando a opção metodológica, a estrutura das Oficinas de Formação

de Contadores de Histórias, o diário de campo da pesquisa nas suas três fases: formação, intervenções em diferentes ambientes e processo de avaliação por meio do grupo focal, bem como a análise de dados. E uma consideração final, que buscava apresentar as possíveis respostas às perguntas que se apresentaram durante a realização da pesquisa.

O objeto da pesquisa foi o grupo de estudantes extensionistas, participantes do Projeto PalhaSUS, que atuam no cuidado e no tratamento de pessoas em diferentes ambientes de atuação.

Ao definir e tomar contato com o objeto, observou-se que o melhor caminho a percorrer seria a metodologia da pesquisa participante, pois, no esboço da pesquisa, previa-se, em um primeiro momento, a realização de oficinas de formação inicial em contação de histórias dos Palhaços Cuidadores, e, no segundo momento, a atuação ou intervenção dos Palhaços Cuidadores em diferentes ambientes de convivência, aplicando os conhecimentos e saberes apreendidos durante a formação, sendo o pesquisador também um participante nestas práticas.

Para Streck E Adams (2013), no campo pedagógico, as práticas de Educação Popular e as pesquisas com metodologias participativas apontaram para uma educação com vistas à autonomia. O importante é sistematizar experiências para que rupturas e avanços aconteçam.

Para Lakatos e Marconi (1991), a pesquisa participante é um tipo de pesquisa que não possui um planejamento ou um projeto anterior à prática, que será construída junto aos participantes, que auxiliarão na escolha das bases teóricas da pesquisa de seus objetivos e hipóteses e na elaboração do cronograma de atividades.

Importante consideração traz-nos Carlos Rodrigues Brandão, um dos maiores pesquisadores brasileiros sobre a

pesquisa participante. Para Brandão (1984), (e também DEMO in BRANDÃO, 1994; MINAYO, 2004; FALS BORDA in BRANDÃO, 1988), a pesquisa participante é um enfoque de investigação social onde se busca a participação da comunidade na análise da própria realidade, com o objetivo de promover benefício dos participantes da investigação. Segundo o autor, trata-se de uma atividade educativa de investigação e ação social.

Para Brandão (2007), a pesquisa participante integra quatro propósitos: as abordagens participantes tem como fim o conhecimento de questões sociais a serem trabalhadas em participação; são instrumentos pedagógicos e dialógicos, possuem organicamente uma vocação educativa e politicamente formadora; aspiram participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, sensível às origens populares do conhecimento popular; e estão vinculadas de algum modo com a Educação Popular, identificando-se como um serviço ao empoderamento dos movimentos populares e de seus integrantes.

Os objetivos da pesquisa

O objetivo geral da pesquisa foi explorar a arte de contar histórias na construção de ambientes emocionais agradáveis, em diferentes ambientes e espaços de convivência. Para alcançar este objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: realizar a formação de contadores de histórias para atuação em diferentes ambientes de convivência; contar histórias em diferentes ambientes de convivência; observar as transformações emocionais provocadas pela prática de contar e ouvir histórias; pesquisar a eficácia da arte de contar histórias no desenvolvimento da consciência emocional de contadores e ouvintes; e estimular a arte popular de contar histórias.

Detalhes da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em três fases distintas, mas interligadas. Primeira fase foi a realização de “Oficinas de Formação da Arte de Contar Histórias”, para o público de oito a dez contadores aprendizes de histórias, estudantes extensionistas do grupo de Palhaços Cuidadores – PalhaSUS, da UFPB, com seis encontros semanais de três horas.

A segunda fase foi a vivência e a prática de contar histórias em diferentes ambientes de convivência, tais como hospitais, creches assistenciais, casa de idosos, escolas e espaços de vivências culturais (grupos de capoeiras e outros). Cada participante participou de, pelo menos, duas intervenções.

A terceira fase, por fim, foi a realização de um grupo focal com os contadores aprendizes, de três horas, para avaliar os resultados observados, tanto na formação, quanto nas atividades práticas.

As oficinas de formação inicial de contação de história

Para realizar a primeira etapa da pesquisa, optamos pela metodologia de trabalho conhecida como oficinas pedagógicas. Esta metodologia de trabalho aglutina de forma singular o conhecimento sistematizado, os saberes tradicionais, o aprendizado coletivo e o saber fazer. As oficinas pedagógicas têm sido utilizadas nas mais diferentes áreas do conhecimento, do saber humano e, principalmente, no fazer coletivo, sendo comum na prática da educação formal, não formal e informal. Geralmente, uma oficina pedagógica é um evento específico, com tempo de duração e objetivos preestabelecidos, em espaço de profunda interação, que permite fluir a proposta educadora

de Paulo Freire de respeito ao conhecimento e saber prévio dos participantes e a dialogicidade entre educador e educando.

Para Candau (1995), “a oficina constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de confronto e troca de experiências.” E são elementos fundamentais na dinâmica das oficinas pedagógicas a atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas, a análise de acontecimentos, a leitura e a discussão de textos, o trabalho com distintas expressões da cultura popular.

Primeiramente, foi realizada uma oficina de formação de contadores de história e de apresentação da pesquisa que seria realizada com os participantes. Para um público de trinta e seis pessoas, com duração de quatro horas de atividade, foram apresentados os pressupostos da pesquisa, a estrutura e o programa da formação. Nessa oficina, apresentou-se o contexto atual da arte de contar histórias, os conceitos mais comuns da arte de contar história, o contexto de produção, os atributos do contador de histórias e o exercício de vivenciar a arte de contar histórias. Nesse momento, foram definidos o cronograma de realização das oficinas de formação de contadores aprendizes de histórias e a inscrição dos participantes.

Para realizar a formação dos participantes, foram realizadas seis oficinas de formação de contadores aprendizes de histórias, com três horas de atividades, no período de novembro de 2015 a fevereiro de 2016, com objetivo geral único e objetivos específicos para cada oficina, para um público inicial de quinze participantes, sendo que oito participantes concluíram todas as atividades. Sabe-se que é presunção falar em formação em um período tão curto, mas acredita-se que as oficinas foram bem acolhidas pelos participantes e colaborou de alguma forma para iniciá-los na prática de contar histórias.

Nas oficinas de formação de contadores de histórias, utilizamos como apoio o referencial teórico de quatro autores e seus respectivos textos, na busca de apresentar aos participantes uma contextualização sobre a importância de contar histórias sobre os diferentes aspectos culturais, sociais, políticos e psicanalíticos que envolvem a arte de contar histórias. São eles: “O narrador”, Walter Benjamin; “Qual é o conto do contador de história: o literário ou o popular”, Gislayne Matos e Inno Sorsy; “A arte de contar histórias – Introdução”, Nancy Mellon; “Cantares e contares: brincadeiras faladas. A arte de contar histórias e as brincadeiras faladas”, Lenice Gomes.

O texto de Walter Benjamin, reconhecido escritor, filósofo e pensador, escrito no período de intervalo das duas Grandes Guerras Mundiais, ocorridas no século XX, apresenta as reflexões sobre a possibilidade do fim da arte de contar histórias, em função do estilo de vida da sociedade nos tempos da modernidade e da hegemonia da sociedade industrializada. Benjamin destaca que, na Europa, a arte de contar histórias está diretamente relacionada com a experiência de vida, com o fazer manual; que a arte de narrar ou contar de histórias tem seu florescimento nos mestres artesãos, que se utilizavam desta arte para transmitir seus conhecimentos e valores de seus afazeres, e dos marinheiros, que utilizavam tal técnica para transmitir as percepções e conhecimentos adquiridos em suas viagens. Em breve síntese, para o autor, a arte de contar histórias estava sendo esquecida porque a sociedade industrializada estava pouco a pouco substituindo a sociedade que tinha na experiência e no fazer manual os seus princípios.

No texto de Gislayne Avelar Matos (pesquisadora, arte terapeuta, contadora de histórias) e Inno Sorsy (natural de Gana, com formação na Inglaterra e França, especialista em vozes na Europa) são debatidas as diferenças do conto literário e do conto

popular. Sem entrar no mérito de julgamento de valor entre essas duas formas de narrativas, destaca-se que os contos populares são próprios da cultura oral, enquanto os contos literários são próprios da cultura escrita. Estas duas formas distintas de comunicação linguística têm características próprias: enraizado na oralidade, o conto popular tem na sua base a percepção auditiva da mensagem, enquanto o literário, enraizado na escrita, tem sua base na percepção visual da mensagem. Outro aspecto destacado está na diferença de que o conto literário é produção de um autor, que nele imprime seu estilo pessoal e sua própria visão de mundo. Os contos tradicionais, cuja origem parece encontrar-se nos mitos primitivos, não são obras de um só autor; resultam da produção coletiva de um povo, que os cria a partir das representações de seu imaginário coletivo e que encontra neles o alimento para nutrir esse mesmo imaginário.

Nancy Mellon (contadora de histórias de origem norte-americana, terapeuta especialista na cura através da arte e criadora de um método de terapia por intermédio da contação de histórias), em seu texto, destaca que a arte de contar histórias é uma arte capaz de tocar nos pontos de vibração de vários contos para estimular os pontos de vibração do leitor/ouvinte. O objetivo desse texto é encorajar a criação de histórias diferentes, saudáveis e novas para ajudar a conhecer melhor os desafios dos nossos dias. Para ela, contar histórias avivam nossos sentimentos mais profundos, despertando o senso de alegria e encantamentos, que nos fortalece em nossas, muitas vezes, confusas asoerbantes jornadas diárias.

Lenice Gomes é uma contadora de histórias, natural do estado de Pernambuco, professora do ensino público, especialista em Literatura infanto-juvenil e ministra oficinas, cursos e palestras em eventos nacionais e internacionais. Possui uma numerosa produção de livros e tem na arte de contar

histórias o principal elemento de seu trabalho. Nesse texto, ela apresenta a sua trajetória como contadora de histórias, que tem na memória afetiva o seu princípio e começo. Para a autora, a arte de contar histórias é também a arte da memória, é a tradição social efetuada pelo exercício social da oralidade, que reaviva e atualiza a memória social.

Mais três autores colaboraram de forma decisiva na formação dos contadores aprendizes, dentre eles Bruno Bettelheim, autor do clássico livro “A psicanálise dos contos de fadas”. Ele destaca, em seu minucioso trabalho, a importância dos contos de fadas na construção de um significado de vida para crianças em situação de dificuldades específicas em seu trabalho como psicanalista. Deste autor, foi apresentada aos contadores aprendizes, a análise meticulosa dos contos de fadas “Os Três Porquinhos” e “O pescador e gênio”. Segundo o autor, os contos de fadas são ferramentas ou instrumentos seguros e eficazes, quando contados e não lidos, para auxiliar as crianças na construção das suas personalidades e para a desopressão de suas emoções represadas e conflitos emocionais, colaborando sensivelmente na construção de uma vida psíquica mais saudável.

Do contador de histórias Fabiano Moraes (doutor em educação e mestre em linguística, professor do curso de pós-graduação em Arte Terapia do Instituto Félix), foram apresentados os conceitos sobre os atributos do contador de histórias: tudo saber sobre a história (onisciência — conhecer a história); tudo poder ante a história (onipotência — a escolha e a maneira de contar a história); em todo lugar da história poder estar (onipresença — estar, ao mesmo tempo, em toda e qualquer parteda história). Utilizamos ainda algumas propostas metodológicas para a estruturação de uma boa contação de histórias. Sugere que, para uma boa contação, devemos ter

clareza sobre as partes da história: introdução (situa no tempo e no espaço); desenvolvimento - fatos e ações (desenvolve a trama e a busca de solução); clímax - anuncia o desfecho (intensidade); desfecho - o final da história. Com base nesse autor, foram trabalhadas as técnicas de resumir e roteirizar a história, que possibilita um conhecimento mais profundo da mesma e permite uma maior fluidez na sua contação.

Ainda trabalhamos exaustivamente os elementos da contação de histórias propostos por Matos e Sorsy (2005), que apresentam a técnica de correlacionar os elementos do conto com as partes do corpo humano, da seguinte forma: esqueleto (mensagem, a trama); músculos (imagens para desenvolver a trama); coração (intenção e emoções e a essência do conto ou da história); sangue e respiração, intenções da contação, (gestos, vozes, expressão corporal). Os elementos propostos aqui foram apresentados de forma sintética, mas, durante as oficinas, foram estudados e debatidos com os participantes.

Cabe destacar que, durante a realização das oficinas, os participantes foram estimulados a realizar contações em diferentes ambientes, como em suas próprias casas, para seus pais, irmãos e filhos, em escolas onde realizam estágios, grupo de amigos e outros. O objetivo dessas contações era propiciar uma maior prática com as propostas desenvolvidas nas oficinas, afinar o processo de contar histórias, criar uma consciência crítica sobre as possibilidades e limites de atuar como contador de história preparar para realizar atuações como contadores de histórias nos ambientes em que os participantes fazem intervenções por meio do Palhaço Cuidador, dentro do projeto de extensão do PalhaSUS.

Os participantes demonstraram efetivo compromisso com as atividades. O clima era sempre de colaboração, curiosidade, entusiasmo e cordialidade, tanto com as práticas que foram

desenvolvidas, como com as atividades propostas para serem realizadas em seus ambientes individuais.

Na última oficina, sete participantes estavam presentes e, além das práticas de aquecimento, preparação e ensaio, foram realizadas contações de histórias para o grupo de alunos extensionistas e coordenadores do Projeto PalhaSUS, que se reúne semanalmente no CCM, na UFPB.

Contação de histórias em diferentes ambientes de convivência

As contações de histórias ocorreram em diferentes ambientes de convivência, na cidade de João Pessoa/PB, na seguinte ordem: no Centro de Educação Física da UFPB, no Hospital Universitário Lauro Wanderley, na ala de internados da Pediatria, e na Vila Vicentina. Foram realizadas, ainda, contações de história no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira e na Escola Municipal Olívio Ribeiro Campos, que foram realizadas sem monitoramento e em datas não demarcadas pelos contadores que as realizaram.

A contação de histórias no ambiente da capoeira: Projeto de Extensão GELutas, do Centro de Educação Física da UFPB

A contação aconteceu no Centro de Educação Física da UFPB, no espaço chamado “Igreja”. O contador de história aprendiz contou a história de sua autoria, “Menino, mestre fujão”, para um grupo de jogadores de capoeira, “Projeto de Extensão GELutas”, núcleo da UFPB. Estavam presentes 06 (seis) jogadores de capoeira, o contador, eu e meu filho de quatro anos.

O local escolhido foi um pequeno quiosque, sem paredes, de aproximadamente 30m², situado em frente à mata que circunda a UFPB, onde os praticantes da capoeira, alunos da universidade, se reúnem duas vezes por semana para praticar e aperfeiçoar a arte da capoeira. A contação foi feita de maneira clara, segura e passou uma mensagem de luta e resistência. Foi iniciada com a batida de um atabaque, com um canto de capoeira, e encerrada com uma chamada para o início dos jogos e da luta.

As pessoas ouviram a história, em silêncio, e pareciam envolvidos com a contação. O som do atabaque criou um clima de reflexão e propiciou pausas significativas, quando emoções como a tristeza, a alegria, o sofrimento e a solidão fluíam nas palavras contadas e cantadas ao som do vento e do farfalhar da mata em frente. O público era composto por jovens, que aplaudiram a contação de história filmada e gravada por mim. Miguel, meu filho, ouviu a história de modo atento e participativo. Alguns transeuntes que estavam passando pelo local pararam para ouvir e ver o evento.

A contação de histórias no Hospital Universitário Lauro Wanderley, na ala de internados da Pediatria

No Hospital Universitário Lauro Wanderley, na ala de internados da Pediatria, no sétimo andar, cinco participantes das oficinas de formação inicial de contação de história realizaram diferentes contações de histórias, que duraram aproximadamente três horas, iniciando às 9:00 horas e encerrando às 12:00 horas, em dois momentos distintos — nos quartos de internamento, que tinham de dois a três leitos, e no espaço de convivência infantil —, para um público constituído

de oito crianças internadas e para seus doze acompanhantes, sendo eles pais, avós e irmãos das crianças.

No primeiro momento, nos quartos, as contações foram individuais e trataram das histórias “João e o Pé de Feijão”, considerada uma história dos contos de fadas, “Davi e Golias”, uma história bíblica e “O Palhaço Espalhafato”, uma história escrita por Ana Maria Machado. As duas primeiras histórias foram contadas de forma direta, sem instrumentos de apoio; já a contação de “O Palhaço Espalhafato”, a contadora usou a técnica do varal de histórias, utilizando lâminas impressas e plastificadas, com a ilustração original do livro.

No segundo momento, no espaço de convivência infantil, seis histórias foram contadas, quais sejam “João e o Pé de Feijão”, “Os três porquinhos” (versão dos Irmãos Grimm, tradução de Ana Maria Machado), “O pescador e o gênio”, “Davi e Golias” (uma história bíblica), “O Palhaço Espalhafato”, de Ana Maria Machado, e o “O Menino, o mestre fujão”, de autoria do próprio contador, recolhida da tradição oral da capoeira.

Neste segundo momento, as histórias foram contadas e encenadas simultaneamente, em um local amplo e preenchido por brinquedos infantis. Enquanto cada um contava sua história, os demais contadores eram convidados a encenar os personagens das histórias, em improviso cênico, utilizando-se, ainda, como adereços de cenas, dos próprios brinquedos já existentes no espaço de convivência.

Durante as contações, o público, que estava sentado, assistiu e ouviu as histórias de forma participativa, interagindo com os contadores, e pôde-se observar grande envolvimento e um clima de prazer e satisfação por estar participando do evento.

A contação de histórias para idosos na Vila Vicentina Júlia Freire

A Vila Vicentina Júlia Freire é uma entidade filantrópica criada por católicos em 1944 e abriga, aproximadamente, sessenta idosos, em João Pessoa. Funciona com o apoio de voluntários, entre eles médicos e enfermeiros, e vinte funcionários contratados. No local, idosos e idosas recebem tratamento médico, psicológico, fisioterápico e ambulatorial.

Aos domingos, um grupo de estudantes extensionistas do Projeto PalhaSUS visita a casa de assistência de idosos. Lá, eles maquiavam-se, vestem suas roupas de palhaços e realizam atividades nos diferentes pavilhões que compõem aquela casa. O objetivo dos Palhaços Cuidadores, além de cuidar, é de levar o riso, a descontração e o conforto para dezenas de pessoas idosas em situação de vulnerabilidade social.

No dia da contação de história, acompanhei e participei das intervenções ali realizadas, já que uma das alunas das oficinas de formação inicial de contação de história escolheu aquele local para experimentar as contações de histórias como auxílio às suas práticas de cuidadora.

Durante, aproximadamente, duas horas daquela manhã de domingo, realizamos diversas contações de histórias nos corredores entre os pavilhões, nas áreas comuns de convivência dos pavilhões e nos quartos, para os assistidos impossibilitados de locomoção. Nas oficinas, preparamos para esse ambiente duas histórias, “O Palhaço Espalhafato” e o “Pescador e o Gênio”. Além destas, foram contadas outras histórias, improvisadas, de acordo com a necessidade do momento e da requisição dos ouvintes.

Os ouvintes receberam com boa aceitação as histórias que lhes foram apresentadas. É possível destacar a percepção de um alto grau de atenção, muita empatia e manifestação de alegria e surpresas nos ouvintes durante o processo de contação de histórias, reforçando que tais práticas colaboram de maneira significativa para a construção de um clima emocional agradável e descontraído.

A contação de história em outros espaços de convivência e práticas de cuidado e amorosidade

Não foi possível acompanhar as contações de histórias realizadas no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira e na Escola Municipal Olívio Ribeiro Campos, já que estas foram realizadas de forma espontânea. Por não ter acompanhado, não é possível descrever os detalhes dos espaços de atuação. Segundo o relato dos dois contadores de história aprendizes, as contações foram muito bem recebidas e provocaram diferentes reações, que foram detalhas durante a realização.

Grupo Focal – avaliando e refletindo sobre a arte de contar histórias em diferentes ambientes de convivência e na prática dos Palhaços Cuidadores

A principal característica da técnica de Grupos Focais está no fato de ela trabalhar com a reflexão expressa através da “fala” dos participantes (destaca-se que é uma “fala em debate”), permitindo que eles apresentem, simultaneamente, seus conceitos, impressões e concepções sobre determinado tema. As informações produzidas ou aprofundadas são essencialmente qualitativas.

O Grupo Focal foi realizado no mês de março de 2016, no CCM, da Universidade Federal da Paraíba, na sala 33, das 17:00 às 20:00 horas. O evento esteve sob minha coordenação e contou com a participação do Senhor Ernande Valetin Prado, nas funções de observador e técnico de filmagens e gravações.

Além de nossa presença, participaram também cinco estudantes extensionistas do Grupo PalhaSUS, presentes nas duas fases da pesquisa: formação em contação de histórias e atuação como contadores de histórias em diferentes espaços e ambientes de vivência. O evento tinha previsto em seu escopo a presença de sete participantes, mas, por motivos pessoais e aspectos conjecturais do dia, teve a ausência de dois destes.

Iniciamos as atividades às 17:00 horas, acolhendo os participantes, onde foi oferecido, preliminarmente, um pequeno lanche, com o objetivo de propiciar um ambiente agradável e de conforto. Após o lanche, foram apresentadas ao grupo as características do encontro, a forma de condução, as funções de cada participante e as questões que seriam debatidas durante o evento.

Durante a realização do evento, observou-se um clima de grande cordialidade, descontração, concentração e colaboração. Tornou-se prazeroso estar presente no evento; agrega-se, ainda, o fato de que todos se conheciam, pois estavam trabalhando juntos nas duas etapas realizadas. Tais aspectos, aliados ao respeito pelas posições individuais e à ausência de constrangimento, favoreceu a construção de um clima de criatividade e produtividade, propiciando um bom resultado.

A pesquisa participante e as suas práticas social, política e pedagógica – giro reflexivo

Devemos reforçar que a pesquisa participante teve seu florescimento mais consistente no Brasil e na América Latina, principalmente por sua relação direta com o movimento de Educação Popular. Essa prática de pesquisa social possui pelo menos três dimensões: prática social, prática política e prática pedagógica, de acordo com Streck e Adams (2011). Numa breve síntese, apresentamos um pouco dessas dimensões, ancoradas nas visões dos referidos autores.

Sobre a prática social da pesquisa, Streck e Adams (2011) observam que “parte-se do pressuposto de que na sociedade existem interesses diferentes, alguns deles antagônicos, e que o discurso da neutralidade mascara essa realidade”. O envolvimento em uma pesquisa significa “tomar partido”, através das relações de poder. A não neutralidade passa pela consciência dos grupos sociais e dos lados do jogo político, e o que essa ação deseja potencializar com a pesquisa. Destaca-se a importância de se estar atento ao risco de dogmatismos e idealizações daqueles que se deseja “ajudar”. Para estes autores, faz-se necessário estar em permanente suspeita aos próprios pressupostos e compromissos.

A prática política refere-se ao pressuposto de que uma das funções da pesquisa é ajudar pessoas e grupos a “pronunciar” o seu mundo e oferecer a oportunidade de traduzir essas realidades em linguagem acadêmica e de propiciar contextos para a articulação individual e coletiva da voz dos sujeitos participantes. Esse caráter político significa lidar com pelo menos três temas: a neutralidade como uma impossibilidade; a objetividade como busca de comunicação com o outro; e a

rigoriedade como compromisso profissional e ético (STRECK e ADAMS, 2011).

A impossibilidade de neutralidade, como já afirmado anteriormente, passa pela consciência dos grupos sociais e dos lados do jogo político, cuja ação se deseja potencializar através da pesquisa.

A objetividade, de acordo com Streck e Adams (2011), diz respeito às condições de comunicação entre pesquisador e o tema ou objeto. Os referidos autores citam Catia Devechi (2010), que vê, na teoria de Habermas, um instrumento capaz de superar um subjetivismo “ingênuo” que se nota na pesquisa em educação. Segundo ela,

“Trata-se de dar um sentido pragmático à pesquisa na educação, que evitaria a redução em verdades intuitivas e/ou dogmáticas, permitindo a validação dos saberes pela possibilidade do acerto comunicativo a ser colocado à prova na ação. A referência ao mundo que é de todos e a possibilidade de validação crítica dos enunciados pela comunicação fariam da pesquisa um compromisso com a prática coletiva, elemento esse que deveria ser preocupação de toda e qualquer investigação” (DEVECHI, 2010, p. 271).

Sobre a rigoriedade metódica, Streck e Adams (2011) citam FREIRE; SHOR (1986); esta se refere ao caráter ético-político da pesquisa, que evitaria que esta fosse confundida com pouco confiável, por estar na premissa da parcialidade. A rigoriedade exige permanente atenção àquilo que Freire (1996) define como pensar certo, que passa pela radicalidade de buscar a raiz dos fatos e das ideias. “Só, na verdade, quem pensa

certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias para pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas” (FREIRE, 1996, p. 30). Por isto a importância de questionar as certezas, como alguém que se coloca junto na busca das perguntas e das respostas.

Quanto à prática pedagógica da pesquisa, Streck e Adams (2011) argumentam que, na pesquisa participante, a interação de diferentes sujeitos e o contato com outra realidade, naturalmente, significa a existência de aprendizagem e ensino entre os sujeitos envolvidos, a partir do fato de que, no diálogo, toma-se distância do cotidiano, tornando-o objeto de reflexão.

Destaca-se ainda que nas dimensões do aprender e ensinar está a relação com o conhecimento, o reconhecimento do outro, a complexidade dos fatos e objetos. Outro aspecto da prática pedagógica na pesquisa é o fato de que ensinar e fazer pesquisa se inserem no mesmo objetivo de recriação e produção do conhecimento, quando se entende que o campo de pesquisa é constituído “por pessoas que têm as suas maneiras de conhecer e produzir saberes que lhes auxiliam no cotidiano, constrói-se outro entendimento das estratégias e da metodologia da investigação” (STRECK E ADAMS, 2011, p.496).

Outro fato que está inserido na prática pedagógica da pesquisa é a capacidade que se adquire, no transcorrer da pesquisa, de perceber que não se trata de trazer respostas ou de encontrar perguntas certas, que muitas vezes são pressupostos enraizados no próprio pesquisador, refém das suas vontades, ideologias ou compromissos. O importante, afirmam Streck e Adams (2011), é que a pesquisa colabore com o fortalecimento do grupo, tornando os sujeitos capazes de encontrarem as respostas para os seus problemas, formando autonomia e emancipação,

convidando os sujeitos a compreender e transformar a realidade que estão inseridos.

Por isto, podemos concluir, de acordo com Streck e Adams (2011), que a pesquisa participante é uma prática social, política e pedagógica:

“Argumentamos que é uma prática social, enquanto participa na construção de significados e sentidos que orientam uma sociedade; é uma prática política, enquanto a produção de conhecimento implica decisões de caráter ético-político, que refletem os jogos de poder e deles participa ativamente; por fim, é uma prática pedagógica, na medida em que as relações na pesquisa – entre pesquisadores, sujeitos da pesquisa, objeto da investigação e conhecimento produzido – se inserem no ensinar-aprender a sermos humanos, de uma forma ou de outra (STRECK e ADAMS, 2011, p.494).

Essas reflexões sobre as três dimensões da pesquisa participante (a prática social, a prática política e a prática pedagógica), bem como os três temas relacionados à prática política da pesquisa, não foram apresentadas gratuitamente. Apresentá-las foi uma necessidade do pesquisador, que, durante todo o processo da pesquisa, vivenciou o agudo constrangimento de escolher a melhor maneira de apresentar os resultados da pesquisa que se propunha.

O próprio sistema acadêmico, na hora de se apresentar um projeto de pesquisa, leva-nos a cometer imprecisões que só são percebidas no desenvolvimento da pesquisa. Entre estas imprecisões, está a pujante necessidade de apresentar perguntas e buscar respondê-las. Mas, como nos diz Freire (1996): qual a pergunta correta a se fazer? A princípio, propunha-se responder

se a arte de contar história poderia colaborar com a construção de ambientes agradáveis em diferentes espaços de convivência. Ora, uma pesquisa participante é um ente vivo, cujas dimensões ultrapassam o desejo ou a curiosidade do investigador.

Quando se trabalha coletivamente, a voz do coletivo, seus sentimentos, suas vontades possuem mais força que a voz de quem questiona isoladamente. A prática de participar só se aprende participando. E ao participar, temos que perceber que não existe uma ou duas hipóteses, mas toda uma poética que muitas vezes não cabe em uma resposta ou respostas, em uma análise ou em um único resultado.

Acredita-se que restringir uma pesquisa participante a responder perguntas é torná-la estéril. É negar todo o processo de construção coletiva em função de um interesse pessoal que, na maioria das vezes, é difuso, contaminado e incerto. Fazendo uso de uma metáfora absurda, seria o mesmo que querer plantar em um jardim londrino toda a floresta amazônica.

Durante a construção do referencial teórico, vislumbra-se a possibilidade de realizar uma análise com base num sistema avaliatório que propiciasse a aceitação ou refutação das perguntas que se pretendia responder. Ao iniciar o processo de pesquisa em si, entrando em contato com os sujeitos envolvidos com a realidade e contexto que viviam, percebeu-se que dar uma direção cartesiana ao processo seria o mesmo que negar todo o processo de encantamento da arte de contar história.

Ao vivenciar a arte de contar histórias com jovens estudantes — que, de uma forma sagrada, abdicam de seus prazeres e vão ao encontro dos seres menos favorecidos, em vulnerabilidade, com o objetivo de oferecer cuidado, de acolher a dor, de transformar o tédio frio e sonolento dos leitos de hospitais, de casas de assistências, por meio do riso, da

brincadeira —, provoca-se, de maneira significativa, mudança nos objetivos que cerceiam uma atividade acadêmica.

Outro fator que naturalmente movimentou de modo positivo a postura e olhar do pesquisador, foi o fato de que quando se está dentro de um processo de pesquisa, sendo esta pesquisa participativa — mesmo que o compromisso seja de transformação social, de emancipação e autonomia dos sujeitos e dos grupos —, os passos devem ser construídos coletivamente, do contrário seria a crueza de excluir a participação de quem realmente é o participante. Tal mudança de olhar alterou definitivamente a forma de encaminhar o projeto e exigiu alterações que muito enriqueceram o processo da pesquisa.

Por isto, durante a primeira fase da pesquisa, na formação de oficinas, todo processo ganhou vida, e na vida, como diz a canção, “o certo é o incerto”, ou “viver não é preciso”. A cada encontro eram realizados pontos de reflexão sobre as práticas realizadas durante as oficinas e as práticas de intervenção, previstas na segunda fase da pesquisa. Tal fato gerou naturalmente um novo rumo na forma de concretizar a pesquisa, porque, a cada reflexão, exigia-se uma nova estrutura da oficina, um novo exercício no fazer, uma magia revigorante que mantivesse acesa a vontade dos participantes.

Quando se fez a escolha de realizar um grupo focal, uma técnica comum nas pesquisas sociais, que possibilitaria uma análise mais sistemática do processo vivenciado, observou-se que o roteiro só teria validade se fosse construído em parceria e concordância com todo o processo de participação que foi desenvolvido nas fases um e dois da pesquisa.

Esta terceira fase foi realizada conforme o escopo inicial da pesquisa. Foram rigorosamente cumpridos os passos que a referida técnica exigia. Entre os passos previstos, podemos enumerar a realização do roteiro, que foi pré-elaborado

e apresentado aos participantes, e sofreu as intervenções necessárias, dentro do pressuposto do que seria adequado para o evento. Proceceu-se o encontro, foram realizadas gravações e filmagens, efetivadas as transcrições e digitalizadas. Os resultados foram encaminhados aos participantes, que fizeram a leitura e referendaram as informações colhidas.

Restava, então, a efetivação da análise dos dados. Mas, como proceder a uma análise de dados em um processo todo construído de forma participante, sem excluir os participantes? Como auferir resultados ou responder perguntas sem trair de alguma forma todo o processo que foi vivenciado? Essa dúvida pela melhor forma de apresentar os resultados ocupou longos momentos de reflexão. Qual seria a melhor técnica para se apresentar o resultado sem perder o espírito coletivo da ação? Por mais que experimentasse alternativas, sempre tinha vivas as palavras de um dos membros da banca de qualificação, “não trair a proposta de encantamento, não estagnar as emoções num rolo compressor da razão, não aprisionar numa análise positivista, um saber construído em conjunto”.

Essa jornada foi longa, cheia de dúvidas, dúvidas sagradas, fomento de muito amadurecimento. Uma sensação de cegueira, uma ausência de objetividade, que a própria subjetividade da ação expunha; esse caminhar sobre o conhecimento acadêmico e o saber vivido, as confrontações com a neutralidade do pesquisador, a rigurosidade dos dados e dos procedimentos. Esse pensar solitário consumiu muitas horas de reflexão. Mas tal fato foi clareado, mais uma vez, pela poética da Educação Popular. Em um momento de leitura sobre a pesquisa participante, sobre a melhor maneira de tratar os resultados, surgiu no horizonte um grito de oprimido, magistralmente descrito por um dos mestres da Educação Popular e da pesquisa participativa, Carlos Rodrigues Brandão:

“Um método científico é uma seta entre outras apontando um caminho entre outros. As técnicas de pesquisa e os procedimentos experimentais são o calçado que eu uso e o bastão que eu carrego ao caminhar. Mas quem caminha pelo conhecimento sou eu, uma pessoa, e o caminho por onde vou, bem sei, não é nunca único” (BRANDÃO, 2003, p. 61).

Esta pequena citação de Brandão, pequena em tamanho, mas por demais extensa em ação, preencheu o pensar de vontade de liberdade; liberdade de escrever, de dizer sem grilhões, mas de forma razoável, confiando que a água da chuva é acolhida pelo rio, e que todo rio corre imponderavelmente para o mar. Assim como a água do rio que arrasta tudo de forma violenta, desoprimindo-se das margens que o comprime, como bem cantou Bertolt Brecht.

O vivenciar de uma pesquisa participante é cheio de nuances, idas e vindas, que na maioria das vezes estão estancadas por sentimentos que não nos possibilitam ter uma visão precisa daquilo que realmente se quer ver, ou se precisa ver. Nossa visão fica restrita e repetitiva, muitas vezes copiamos e não sabemos o que copiamos, muitas vezes imitamos o que não se sabe que se imita. Acredita-se que este estancamento da visão esteja muito mais entranhado no nosso contexto cultural do que na nossa própria incapacidade de ver.

Como bem afirmam Streck e Adams (2012), a ciência que se ocupa dos métodos, da organização, da procedência, da validação e dos limites do conhecimento, bem como de sua relação com a realidade histórica, constitui-se em um espaço de relações de poder de disputa. Prevalece, neste sentido, dentro e fora dos meios acadêmicos, o paradigma da modernidade eurocêntrica, como parâmetro de um conhecimento que se

autodefiniu como superior e universal aos demais saberes. Isto incorpora um modo de ser e de agir, enraizado e enraizando uma visão prisioneira de dependência, subserviência cultural, que sustentam a uma estrutura de poder secular.

Mas a história e a realidade dos movimentos sociais e da Educação Popular não se limitam a repetir padrões, é antes de tudo resistência, luta contra a hegemonia que mantém a estrutura de dividir o mundo entre oprimidos e opressores, entre aqueles que sabem e aqueles que obedecem. Uma dessas formas de luta é a maneira de se fazer pesquisa participativa, que, ao assumir “as dimensões coletiva, dialógica e emancipatória do processo investigativo, e não apenas eventualmente de seus resultados, caracterizam um giro metodológico”, de acordo com a concepção de Streck e Adams (2012).

Giros reflexivos de encantamento poético – apresentação de percepções e resultados.

“Mas quem caminha pelo conhecimento sou eu, uma pessoa, e o caminho por onde vou, bem sei, não é nunca único” (BRANDÃO, 2003, p. 61). Comungando dessa certeza, optou-se, neste momento, em apresentar os resultados dessa pesquisa participante, abrindo mão das análises conceituais, e por enveredar por um caminho novo, que não será jamais único, mas que procura a poesia, como o rio que procura o mar. Para ter essa liberdade de expressar os saberes que vivi durante o processo de pesquisa, pretendo apresentar alguns resultados vivenciados, nomeando-os de “giros reflexivos de encantamentos poéticos”.

A escolha por “giros reflexivos de encantamentos poéticos” poderá aderir ainda mais esta pesquisa no contexto de ação da Educação Popular e dos movimentos sociais, porque,

no processo de sua construção, as suas características são o fazer coletivo, a prática do diálogo, a busca da emancipação dos sujeitos e o empoderamento da voz do coletivo.

Em uma conferência para Fronteiras do Pensamento, MORIN (2013) ensina que o grande segredo da vida é favorecer elementos que permitam uma vida poética. Acredita-se que, ao situarmo-nos no campo da poesia, poderemos colaborar mais com o fazer e o saber da prática de pesquisa, porque nisto há liberdade. É a possibilidade de libertar os saberes dos paradigmas eurocêtricos e situá-los nos paradigmas emancipadores. Para tanto, neste momento, opto por construir alguns encantos poéticos e, com eles, apresentar os resultados vividos durante o processo.

A fluidez dos “giros reflexivos de encantamentos poéticos” trouxeram à luz as reflexões observadas, alguns aspectos que poderão construir a necessária rigorosidade no tratamento dos fatos vividos e recolhidos. Trata-se da experiência vivida, os princípios da utilidade da ação e da origem dos sujeitos que vivenciaram a ação. Importante destacar que tais características estão naturalmente incorporadas na arte de contar histórias, e foram, de forma magistral, reconhecidas e apresentadas por BENJAMIM (2008), ao analisar o fenômeno de contar histórias, e decorridos anos deste a sua elucidação, o prenúncio do fim do contador de histórias, tais características podem ser facilmente destacadas no novo contexto de ressurgimento do contador e da arte de contar histórias.

Construímos quatro “giros reflexivos de encantamentos poéticos” que, de certa forma, contemplam as questões-chaves utilizadas na realização do grupo focal. O primeiro giro reflexivo contempla a utilidade da arte de contar histórias na prática de atuação dos participantes, os Palhaços Cuidadores. O segundo giro reflexivo apresenta as percepções e resultados sobre os

efeitos da arte de contar histórias na saúde/bem-estar dos pacientes/assistidos. O terceiro giro reflexivo tece reflexões sobre o processo de transformações emocionais nos ambientes escolhidos, provocadas pela arte de contar histórias. E o quarto giro reflexivo buscará apresentar as reflexões e observações do processo como um todo, seus aspectos positivos e negativos.

Durante os giros reflexivos de encantamentos poéticos, para tentar preservar e fortalecer a atuação coletiva, utilizou-se das próprias falas dos participantes da pesquisa, recolhidas da transcrição literal do grupo focal. Esclarecemos que dados recolhidos da transcrição literal receberam como único tratamento as exclusões das repetições pessoais e o agrupamento de temas afins. Com isto, buscamos manter a integridade dos dados e desenhar a unidade voz do grupo, fortalecendo o poder do coletivo.

Primeiro giro reflexivo de encantamento poético

"Tudo aquilo
que a nossa civilização rejeita,
pisa e mijá em cima,
serve para poesia."

Manoel de Barros

O primeiro giro reflexivo contemplou a utilidade da arte de contar histórias na prática de atuação dos participantes, os Palhaços Cuidadores. É preciso destacar que, o que se ocupa no plano de utilidade, traz consigo o mistério da inutilidade. Às vezes, na frase não dita, diz-se o que não se pode dizer, mas que não pode deixar de ser dito.

Quando perguntados sobre os benefícios que a arte de contar história poderia trazer às suas práticas, assim se manifestaram:

- Ajuda a prática do Palhaço Cuidador, tornando a atuação mais produtiva, criativa e dinâmica. Roteiriza e facilita o processo de aproximação. É mais um elemento na atuação do Palhaço Cuidador. Integra os demais palhaços que estão atuando na intervenção. Aumenta a interação. Aumenta o vínculo e a sintonia entre as partes envolvidas.

- É uma arte e a arte é importante para o nosso trabalho. Possibilita mudar a rotina, ora retirando da realidade e vivenciando a fantasia, ora levando a realidade. Facilita a fantasia, leva a imaginar e pensar sobre o imaginário. Tira da monotonia os pacientes.

- Melhora todo o ambiente. Aumenta a escuta, gera atenção. Provoca o esquecimento momentâneo da dor e da irritação. Provoca alegria.

- Propicia análise, avaliação e reflexão sobre o papel do Palhaço Cuidador. Fortalece a presença do Palhaço Cuidador.

Quanto à viabilidade da arte de contar histórias em colaborar com a prática do Palhaço Cuidador, foi quase unanimidade que esta arte dinamiza a intervenção/atuação do mesmo, facilita a abordagem junto aos pacientes/assistidos/alunos/familiares, roteiriza o processo de aproximação entre os palhaços e pacientes/assistidos/alunos/familiares, tornando as atuações/intervenções mais criativas e prazerosas.

Sobre as relações internas do grupo, destacou-se o papel da arte de contar história como poder de interação e integração dos Palhaços Cuidadores entre si, o envolvimento entre os sujeitos e a vivência mais harmoniosa e colaborativa do grupo.

Quanto às reflexões sobre os seus efeitos durante as atuações/intervenções, foi evidenciado a capacidade de envolver as pessoas, de vitalizar os ambientes, de colaborar com a melhora da atenção e da escuta, que propicia um estado de reflexão mais profundo; que o ambiente parecia criativo, mais participativo, mais calmo, mais alegre.

Outra observação que merece destaque é o auxílio na construção da fantasia e da imaginação dos que ouvem as histórias, como se criasse um instante de encantamento, possibilitando um “esquecimento” da dor e da irritação, e gerando distanciamento saudável das rotinas opressoras dos ambientes.

Segundo giro reflexivo de encantamento poético

"No poço da rua
Um vira-lata
Lambe a lua"

Millôr Fernandes

Neste giro reflexivo, pretendeu-se apresentar as percepções e resultados da utilidade da arte de contar história na saúde das pessoas. O palhaço caminha poeticamente pelos diferentes leitos e enfermarias como um suave cachorro vira-lata. Seu sorriso é tão poderoso que, no poço da rua, ele lambe a lua. Quando apresentada ao grupo a segunda questão-chave “No que a arte de contar história pode colaborar com a saúde/bem-estar dos pacientes/assistidos?” O grupo assim se manifestou:

- São vários fatores que atuam na melhoria da saúde das pessoas. A história tira o clima de tensão dos ambientes, um ambiente descontraído ajuda na melhoria das pessoas e no

bem-estar. Estimula as pessoas, tira do estado de sonolência e da apatia. Eles saem do seu interior e vão para fora, se soltam. Provoca uma descarga que não fica contida nas pessoas, mas que vai para fora, em forma de novas histórias. Tira do isolamento, torna as pessoas mais participativas e interativas. Provoca trocas pessoais; cria necessidades de falar, de expor, de ouvir e contar mais histórias.

- Muda o foco de atenção. Tira as pessoas, um pouco, do mundo tumultuoso e de problemas, dá um descanso, é uma válvula de escape. Faz esquecer a dor e a irritação. Acalma e anima, ao mesmo tempo. Alegria e faz sorrir. Planta uma esperança.

A averiguação do estado de saúde das pessoas, dentro de uma lógica do tratamento terapêutico tradicional, exige um acompanhamento clínico e um rigor que tal pesquisa não se ocupou e não conseguiu construir, por diversos fatores. Porém, Bisquerra (2006) e Gonsalves (2015) destacam os aspectos positivos para a saúde e o bem-estar das pessoas, quando o ambiente emocional é saudável e não tóxico, onde prevalece a presença de emoções consideradas positivas, como a alegria, o prazer, a esperança, a participação, empatia e pertencimento.

Um aspecto importante a se relatar é sobre a própria conceituação de doença e saúde. Boff (1999) e Gonsalves (2015) apontam para os diferentes olhares sobre a questão, o que nos leva a classificar como doença o isolamento, a solidão, a apatia, as desesperanças e os desequilíbrios sociais. Essa visão ampliada sobre a sanidade e enfermidade reforça a ideia de que não se pode pensar em saúde sem considerar a sua complexidade, e que a cura e o cuidado não podem separar ou desassociar os estados físicos, emocionais e sociais, visto que o ser humano é um todo.

Outro ponto a se destacar é o reconhecimento do grupo em relação às questões da saúde das pessoas. Os referidos

Palhaços Cuidadores são também estudantes de Medicina, Fisioterapia e áreas afins e estão, de alguma forma, ligados ao cuidado e à cura das pessoas. Dentro desse viés, o trabalho do Palhaço Cuidador existe fundamentalmente com a certeza de que construir um espaço acolhedor, alegre, de bom humor, afeta diretamente nos tratamentos médicos e consegue recuperações fisiológicas mais rápidas.

Por isto, a voz do grupo não hesita em afirmar que a arte de contar histórias ajuda de maneira direta na recuperação e cura dos pacientes. Eles afirmam que são vários fatores que atuam na melhoria da saúde das pessoas. Entre estes fatores, a questão emocional dos ambientes tem papel significativo na cura. Dentro da construção de ambientes emocionais, apontam que a arte de contar história possibilita a quebra de tensão, e que um ambiente descontraído ajuda na melhoria e no bem-estar das pessoas.

Eles destacam o papel da arte de contar história em estimular as pessoas, de tirar da apatia, de sair do isolamento, de tornar as pessoas mais participativas e interativas. Afirmam que acalma e anima, alegre e faz sorrir, que provoca uma descarga que não fica contida nas pessoas, mas que vai para fora em forma de novas histórias; traz esperança; que, ao mudar o foco de atenção, pode arrefecer a dor e a irritação. Além disso, rompe com o estado de sonolência e da apatia, provocando trocas pessoais e aumentando o processo comunicativo. Tais fatores, de alguma maneira, podem colaborar com a saúde e o bem-estar.

O terceiro giro reflexivo de encantamento poético

"Há de vir no vento
Admirado de si mesmo
Esse advento"
Alice Ruiz

O terceiro giro reflexivo contemplou as reflexões sobre o processo de transformações emocionais nos ambientes escolhidos, provocadas pela arte de contar histórias. As histórias chegam no vento, mudam o advento e em si mesmo são admiráveis. Sentimentalizam as emoções mansamente. Aproximam, espantam, assustam, alegram, mudam o rumo das emoções, purgam e expurgam – são as histórias na boca dos palhaços.

Os Palhaços Cuidadores participantes do Projeto de Extensão PalhaSUS atuam em cinco ambientes de cuidado: três hospitais públicos, uma casa de acolhimento de idosos e uma casa de tratamento de doenças mentais. As atuações/intervenções acontecem nos fins de semana. As atuações/intervenções geralmente são realizadas em grupos e tem duração de três a quatro horas.

Nessas visitas a esses ambientes, os Palhaços Cuidadores interagem com toda a comunidade, pacientes, assistidos e profissionais de diferentes áreas, envolvidos nos tratamentos de saúde e do cuidado. As atuações/intervenções não são programadas ou sistematizadas, mas acontecem de forma espontânea, onde o ambiente e as pessoas que neles estão determinam os caminhos a serem seguidos, ou seja, a improvisação é a chave e o grande legado do grupo de palhaços.

Nos referidos ambientes, foram realizadas práticas de diferentes maneiras, algumas individuais, outras grupais,

algumas vivenciadas por Palhaços Cuidadores em seus papéis, com os respectivos figurinos e maquiagens, outras, sem maquiagens, atuando na condição de contador de histórias.

Durante as oficinas, foi elaborado um roteiro de observação que pudesse facilitar aos participantes a melhor maneira de observar as transformações emocionais ocorridas nos ambientes e nas pessoas que ouviam as histórias. Como as contações geralmente eram feitas com a presença de mais de um participante, todos tiveram possibilidade de atuar como contador de história ou como observador do processo.

Ainda durante a formação, todos foram estimulados e exercitados a refletir sobre as transformações emocionais que ocorriam nas apresentações das histórias e os efeitos que tal prática gerava nas pessoas, individualmente, e nos grupos dos quais estas faziam parte. Era também estimulada a prática de perceber as transformações e mudanças ocorridas no próprio contador de histórias. Ou seja, a observação das possíveis mudanças geradas foi exaustivamente treinada e estava na prioridade do processo avaliativo.

Na realização do grupo focal, ao ser apresentada a questão-chave sobre o processo de transformações emocionais nos diferentes ambientes, os participantes se manifestaram conforme a seguir:

- O ambiente de hospital e de casas assistenciais tem aquele clima chato, pesado. É tenso, frio, profissional, os pacientes refletem esse clima. Uma atividade que relaxa, descontraí, faz esquecer as conturbações e os problemas, muda todo o clima do ambiente. Quebra o gelo, rompe a relação profissional que existe com os médicos e enfermeiros, torna a relação mais igual, mais humanizada. Alguns ambientes estavam agitados, tensos, depois ficaram mais alegres, mais calmos e descontraídos.

- As pessoas estavam introspectivas, descrentes; quando você conta a história, ativa a imaginação, chama para a participação e a mudança de expressão no rosto delas é percebida. As pessoas pareciam cansadas, sonolentas, desanimadas, tensas e preocupadas, depois que mudou a rotina, estavam mais descontraídas, participativas, mais alegres.

- A história é como um laço que cria relação de amizade. Você conta a história, a pessoa que houve sai para fora, quer conversar, conta uma história e começa a falar da sua vida. Estreita os laços. Traz para o ambiente do cuidado uma aproximação entre o cuidador e o cuidado, uma identificação, um clima de amizade, diferente do clima profissional, que é o dia a dia dos hospitais. A interação que a atuação causa chama para uma participação que provoca uma mudança significativa no ambiente.

- A história cria uma nova emoção nos ambientes; desperta, emotiva, e as pessoas ficam mais empáticas quando você conta a história, os pacientes ficam mais calmos, mais alegres. Isso gera uma relação em cadeia, onde os acompanhantes e profissionais se sentem melhor por perceber a melhora dos pacientes. Todos se sentindo melhor, o ambiente melhora, fica mais tranquilo, mais feliz.

- Na escola, os professores e assistentes sociais estavam descrentes com a contação de histórias (porque os alunos são muito dispersos, com pouca atenção e agitados). Os alunos, que estavam inquietos, ruidosos e agitados, ficaram em silêncio e participativos, prestando muita atenção; pareciam mais felizes, mais relaxados. A escola, como um todo, percebeu os resultados no momento da contação de história. Depois da contação, nas atividades escolares pós-evento, o rendimento e a aprendizagem haviam melhorado significativamente. Observadas as mudanças nos alunos, ficaram muito impressionados com o resultado e pediram para repetir a intervenção.

- Na casa de assistência, as pessoas estavam isoladas, distantes, sonolentas e fechadas. Depois das histórias, elas estavam brincando, contando histórias. Parece que despertaram, estavam mais participativas, mais felizes, mais comunicativas, mais acolhedoras.

- Eu mesma estava tensa, depois fui me soltando, relaxando, fui improvisando gestos movimentos, ficando mais à vontade. Eu me surpreendi comigo mesma.

Na leitura da fala grupal, desenvolvida a partir da fala individual, observava-se com clareza os efeitos e colaboração da arte de contar história nas transformações emocionais dos ambientes. Um fato que merece ser reforçado foi o processo interativo entre os próprios Palhaços Cuidadores contadores de histórias e os demais Palhaços Cuidadores, que estavam atuando nos ambientes, mas que não haviam participado das oficinas de contação de histórias. Sem nenhum acordo prévio, sem nenhuma combinação anterior, os palhaços contadores de histórias envolveram criativamente os demais Palhaços Cuidadores na contação de histórias, fazendo-os viver os personagens e participar das ações das histórias. Tudo em um clima de muita colaboração, empatia, alegria e prazer.

No hospital, onde acompanhei o processo e participei como observador e contador de histórias, as minhas percepções não diferem do grupo. Em um ambiente de clima tenso, contraído, de excessiva preocupação, houve um arrefecimento desses estados de tensão, contração e preocupação. Durante as contações, as pessoas estavam totalmente envolvidas com as histórias e as atuações dos Palhaços Cuidadores. Ocorreu um deslocamento do clima acima descrito para um clima emocional mais agradável. As pessoas pareciam mais soltas, mais comunicativas, participativas, próximas e interagindo com os Palhaços Cuidadores, com as histórias, com os personagens.

O ambiente parecia mais leve, mais acolhedor, divertido, descontraído e amigável.

Estive presente também, como observador e contador de histórias, na casa de assistência de idosos/idasas. As minhas percepções validam as percepções elencadas pelos Palhaços Cuidadores, onde o ambiente era de isolamento, ausência, apatia e contraído. Com a prática da contação de história o clima emocional foi se transformando, a aproximação tornou-se mais aguda, o processo comunicativo parecia mais fluido. Os idosos e idosas ouviam atentos as histórias, solicitavam mais, apresentaram histórias, participavam, riam, demonstravam alegria, pareciam que estavam mais relaxados, acolhedores e descontraídos.

Nas atuações para o grupo de Palhaços Cuidadores do Projeto de Extensão PalhaSUS, no CCM, pôde-se observar um bom acolhimento por parte dos ouvintes. Antes da primeira história, podia-se perceber uma certa inquietação, uma certa descrença com o processo, mas, pouco a pouco, o ambiente foi mudando. As expressões de desatenção, dúvidas, de pouca curiosidade, foram sendo transformadas em envolvimento, curiosidade, surpresa, prazer e alegria. Quando convidados a emitir avaliação sobre o processo, os que se manifestaram, expressaram contentamento, surpresa e confiança do papel transformador das histórias e a validade dessa arte no dia a dia de suas práticas de Palhaços Cuidadores.

Em uma escola da rede pública do município de João Pessoa/PB, foi realizada uma atuação/intervenção de contação de histórias. De acordo com o participante que fez a intervenção, o ambiente como um todo era bastante hostil, ou seja, um ambiente bastante agitado, barulhento, com alunos com extrema dificuldade em participar das atividades, desatentos e pouco participativos. Mas, durante a intervenção, houve um movimento

contrário, os alunos estavam atentos, participativos, envolvidos e bastante solidários com o contador de histórias.

A contadora de histórias destacou que os professores da escola estavam bastante incrédulos com a prática, desencorajando o evento e as poucas possibilidades de bons resultados para um público tão hostil a tudo o que lhes era oferecido. Mas, após a realização do evento, mostraram-se bastante impressionados com o nível de atenção e a participação maciça dos alunos e observaram as transformações no comportamento do grupo, tanto na hora do evento, como no pós-evento, nas atividades em sala de aula.

Os profissionais da escola solicitaram à contadora de história a realização de mais eventos da mesma natureza para todas as turmas. A contadora participante demonstrou enorme prazer com a realização do evento e com os resultados obtidos.

No grupo de capoeira, a percepção de transformações emocionais do ambiente ficou prejudicada, devido à ausência do contador no processo de avaliação, por questões de ordem pessoal. Estive presente ao evento, realizei gravação e filmagens. O público, composto por jovens estudantes, ouviu a história atentamente, em silêncio, e pareciam envolvidos com a contação. O som do atabaque criou um clima de reflexão e propiciou pausas significativas, reforçando os momentos emocionais da história contada.

Para Carrière (2008), a arte de contar história diverte, alegra, aproxima, subverte a ordem política e social dos ambientes e, principalmente, ensina. Bettelheim (1980) destaca a importância da arte de contar história no processo terapêutico das crianças, como elemento vital na construção de uma saúde psicológica e emocional. Mellon (2006) salienta o enorme poder de transformações emocionais quando se utiliza as histórias nos ambientes familiares e escolares.

Para Mattos (2014), desde o seu ressurgimento no meio urbano, a arte de contar histórias tem ocupado os mais diferentes territórios (teatros, escola, bibliotecas, feiras de livro, empresas, instituições federais, hospitais e outros), com as mais diferentes funções (entreter, curar, ensinar, estimular a leitura, vender livros, transmitir culturas institucionais, reagrupar pessoas, provocar a criatividade e a imaginação). Afirma ainda que, apesar de ser uma arte milenar e por ter passado pelo quase desaparecimento, começa a ganhar notoriedade e é um vasto campo de pesquisa que poderá auxiliar a sociedade a solucionar problemas, tais como o isolamento, a falta de memória, o cuidado e as questões emocionais.

O quarto giro reflexivo de encantamento poético

“Soprando no bambu
Só tiro
O que lhe deu o vento”

Paulo Leminski

Para completar estes “giros reflexivos”, mostraremos agora as considerações feitas pelos participantes, quando perguntados sobre os efeitos positivos e negativos da arte de contar histórias em diferentes ambientes. Nem sempre paramos para ouvir o som do vento penetrando nas frinchas dos bambus. Contar histórias é arte que exige escuta, que cria passagem para as imagens, revigora a imaginação. Então, vejo uma palhaça, no meio do pavilhão opaco de idosos esquecidos no tempo; ela estende um mural de histórias. Os idosos assistem aquele bailado espalhafatoso. No silêncio da desconfiança, uma narrativa vem vindo... desafia o silêncio. Cria uma unidade de

olhar e ouvir, todos atentos, surpresos. A história desafia o silêncio, de repente, todos vêm para fora, para fora de si.

Sobre os aspectos positivos, as observações, percepções e resultados obtidos dentro do princípio proposto de construir um discurso grupal pelo somatório dos discursos pessoais, assim o grupo se manifestou:

- Uma nova forma de abordagem para o Palhaço Cuidador. Ajuda a interação, integra o ambiente, torna mais fácil a aproximação e o trabalho do cuidador. Muda a rotina, os ambientes. Aproxima as pessoas. Agrega outras pessoas que passam pelo espaço.

- Acontece uma grande troca de emoções. Há muito afeto. Tira da sonolência, da apatia, quebra o isolamento. Parece que há um esquecimento momentâneo da dor e da irritação. Traz alegria. Desperta um sorriso. Torna o ambiente mais feliz.

- Aprende-se muito contando histórias, as pessoas que ouvem aprendem também. As histórias ensinam. Deixam alguma coisa a mais quando a gente vai embora. Fortalece os vínculos. Deixa uma semente de esperança e de querer mais.

Ao refletir sobre os aspectos positivos da arte de contar histórias, percebe-se que a questão traz consigo um resumo de todo o processo de avaliação. Reforça-se a questão da utilidade da arte de contar história no dia a dia dos Palhaços Cuidadores, porque apresentou uma nova forma de abordagem, principalmente no aspecto de tornar mais fácil a aproximação com os diferentes públicos. A aproximação cria uma relação afetuosa entre os sujeitos envolvidos, causando um estado de integração, fortalece elos e torna o espaço mais interativo e participativo. Para o Palhaço Cuidador, construir um ambiente integrado e de interação é fundamental para uma atuação/intervenção fluida.

Ao incluir como aspecto positivo o rompimento das rotinas dos ambientes, observa-se aí o encantamento quase natural e espontâneo no fenômeno de contar histórias; cria um espaço mágico, que possibilita a transmutação de emoções e sentimentos, tais como a apatia, a sonolência, o isolamento, a dor, a irritação, estimulando novas emoções e sentimentos como a alegria, a felicidade e, principalmente, a esperança, fator fundamental no cuidado e na cura dos seres humanos.

Ao serem consultados sobre os aspectos negativos observados nas contações de histórias, houve uma unanimidade sobre a não percepção destes. Para todos os Palhaços Cuidadores, a arte de contar histórias não apresenta fatores negativos, somente positivos, porque auxilia na abordagem, na aproximação e no rompimento das rotinas dos espaços. Somente uma participante manifestou um fator negativo:

- A impossibilidade de realizar contações de histórias para as pessoas com deficiência auditiva, que gerou um clima de estranhamento e de isolamento, ou até mesmo uma decepção por não estar participando.

Seria pouco crítico e irreal acreditar que as contações de histórias só trazem resultados positivos. Contar histórias é uma ação humana e, como bem afirmam Gonsalves (2015), Bisquerra (2006) e Maturana (2002), as emoções determinam as ações. A arte de contar história, conforme foi utilizada no contexto desta pesquisa, recebeu um cuidado especial. Durante o processo de formação dos contadores, estes foram alertados sobre a necessidade de escolher a história certa para cada público que seria visitado. As histórias e as contações de histórias foram estudadas e exercitadas, com o objetivo de trazer prazer, divertir, e semear a esperança ao público.

Histórias que estimulam práticas humanas antiéticas podem causar grandes problemas e causar desconforto para o

contador e para os ouvintes. Existem histórias que valorizam a exclusão social, que reforçam preconceitos, que estimulam a negação de valores humanos, que certamente irão trazer emoções tóxicas, como o ódio, a raiva, a diminuição da autoestima, que em nada colaboram com a saúde dos ambientes.

Nem sempre uma boa história irá agradar a todos os públicos. Nas atuações/intervenções dos Palhaços Cuidadores na ala de pediatria, um dos contadores resolveu contar ao público a sua história escolhida. A história falava do movimento da escravidão, da luta do povo africano pela liberdade e da criação da capoeira, da morte e da tristeza. Durante a contação, observei um movimento nas crianças que ali estavam, elas ficaram inquietas, a se movimentar, algumas chegaram a sair do espaço; elas não queriam aquela história. Efeito contrário aconteceu com os pais e demais acompanhantes, que ouviram a história atentamente, identificando-se com os sofrimentos dos personagens, com a luta dos nossos ancestrais.

Quando meu filho, que na época tinha três anos, recebeu de presente de sua avó uma série de livros sobre as lendas brasileiras, ocorreu algo que chamou a atenção. A princípio, o menino ficou fascinado com o presente, folheava os livros e pedíamos que lêssemos as histórias. Ocorreu que, com o passar dos dias, percebemos que o menino, que pouco medo demonstrava, passou a viver situações de extremo medo. Medo do escuro, de ficar só, medo de seres assustadores, principalmente da Mula-sem-cabeça e da Perna Cabeluda.

Vivenciar esses medos alteraram o seu comportamento, demonstrando insegurança, insatisfação. Ao perceber os motivos que causavam medo, comecei uma estratégia inversa, passei a procurar na literatura infantil histórias que combatessem os medos infantis. Então, quando ele me solicitava uma história assustadora, eu lhe oferecia uma história “desassustadora”.

O resultado veio rapidamente, os mitos assustadores foram sendo desmistificados. O medo foi diminuindo, a insegurança desaparecendo. Com o tempo, ele parou de procurar aquelas histórias. E sempre pedia histórias com o final feliz.

Contar histórias exige cuidado, preparação e consciência do objetivo que se quer atingir. Não é uma arte aleatória, descompromissada. Uma escolha errada pode causar danos ao ambiente e gerar constrangimento, repugnância e desconforto. O motivo pelo qual o grupo não percebeu os aspectos negativos, talvez se deva ao fato do extremo cuidado que tivemos na preparação das atuações/intervenções.

Ao apresentarmos os quatro “giros reflexivos de encantamento poéticos”, optou-se por apresentar os resultados da pesquisa participante de forma poética, sem seguir uma estrutura metódica de análise. Acredita-se que um tratamento metódico, neste caso, pouco colaboraria com a pesquisa e, de alguma forma, iria enclausurar ou mascarar os verdadeiros efeitos da mesma, que estão muito mais no plano da vivência do que no plano das análises de dados. Apresentaremos, a seguir, as considerações finais da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que nunca vi"
Oswald De Andrade

Um dos aspectos que gerou reflexão durante o processo de pesquisa participante foi a intencionalidade da pesquisa, que é acompanhada da necessidade de participar do processo, de atuar dentro da não neutralidade. Conforme observam Streck

E Adams (2011), a não neutralidade é uma das características da prática social da pesquisa. A pesquisa tinha um objetivo bem claro: colaborar com a construção de ambientes emocionais agradáveis. A própria palavra “colaborar” traz no seu significado o laborar junto, coparticipar, atuar junto, intervir.

A pesquisa só assumiu a condição de participativa a partir do momento em que se optou pela não neutralidade. Enquanto se pensava em ensinar a contar histórias, em formar contadores de histórias, o processo ficava no mundo das “nuvens”, no plano da racionalidade, sem emoção, e sem as emoções, não havia a ação. Ao assumir a intencionalidade e a não neutralidade, criou-se condições para romper as fronteiras da educação bancária e construir na dialogicidade uma estrutura capaz de dar vida à pesquisa.

Outro ponto que merece esclarecimento é quanto ao compromisso da pesquisa com a transformação social, com a autonomia e a emancipação dos sujeitos envolvidos por meio do diálogo. A transformação da realidade, a autonomia e emancipação dos sujeitos, que são características da prática política, de acordo com Streck E Adams (2011), visam dar força à voz coletiva e ao empoderamento dos sujeitos. Ao se construir com os participantes a estrutura da pesquisa, as práticas de ensino e aprendizagem e as escolhas das atuações, conquistou-se o compromisso com o trabalho, fundou-se a empatia emocional necessária para o fazer juntos, o que propiciou o desenvolvimento de instrumental que facilitasse as práticas pessoais de atuação, as quais, naturalmente, desencadeariam um bem-estar social maior e mais sólido.

Ao fundar uma empatia emocional grupal, construímos juntos um espaço relacional harmonioso, que fundou a prática pedagógica da pesquisa, pois no relacionar-se é que se aprende, conforme afirma Maturana (2002). A partir dessa prática

pedagógica dialógica, foi possível aprender o tempo todo uns com os outros, dentro de um clima de muita cordialidade, respeito e prazer.

Estruturada dentro destas três práticas (social, política e pedagógica), a pesquisa participante pôde acontecer. Nesse ato de pesquisar em participação, aprendemos e crescemos todos; facilitou-se a prática do Palhaço Cuidador, fortaleceu a autoestima das pessoas e do grupo, preparou-se o terreno, como uma carícia na terra, para semear os grãos da consciência. Dentro das sementes da consciência, talvez estejam todos os ingredientes da rigorosidade, rigor aqui entendido como força, como fortaleza, ingredientes necessários para o nascer, para o amor, para o transcender.

Sem querer contradizer que a pesquisa participante não deve se limitar a responder perguntas, mas propiciar intervenções nos ambientes e na transformação da realidade através da ação dos sujeitos envolvidos, consideramos que surgiram questionamentos e que, de alguma maneira, foram respondidos. O primeiro questionamento foi se a arte de contar poderia colaborar com a prática dos Palhaços Cuidadores. A resposta foi amplamente detalhada no primeiro giro de encantamento poético, confirmando que esta arte colaborou de maneira positiva e inovadora na arte do cuidado em diferentes ambientes onde foi utilizada.

Outra questão que se apresentou durante a pesquisa, refere-se ao processo de transformações emocionais nos ambientes escolhidos, provocadas pela arte de contar histórias. No terceiro giro de encantamento poético, esta questão foi de alguma forma respondida, onde o discurso coletivo do grupo participante e a percepção do pesquisador consideram que a arte de contar história provoca, de maneira significativa, transformações emocionais, tanto nos sujeitos que atuaram

como contadores, como nos sujeitos ouvintes, nos diferentes ambientes de convivências onde ocorreram as intervenções dos Palhaços Cuidadores.

Quanto à questão sobre se a arte de contar história pode colaborar com a saúde/bem-estar dos pacientes/assistidos, apesar da subjetividade e da necessidade de um aprofundamento sobre a questão, consideramos, pelas reflexões que foram apresentadas no segundo giro de encantamento poético, que as contações de histórias provocaram transformações emocionais nos ambientes e nos sujeitos envolvidos; que transformações emocionais, tais como tristeza em alegria, isolamento em pertencimento, apatia em participação, desesperança em esperança e outras, de alguma forma, alteram o estado de ânimo dos enfermos, que podem colaborar positivamente na recuperação das enfermidades ou nas mudanças de atitudes que trazem novos significados e percepções sobre o processo da saúde e da doença dos envolvidos.

A pesquisa participante, que no seu início contava com quinze participantes, foi concluída com apenas oito participantes. Alguns ficaram no meio do caminho, mas os que concluíram o processo manifestaram alegria em participar e concluir, manifestaram prazer em ensinar e aprender; tornaram-se coautores do projeto. Como coautores construíram, com os próprios corpos, condições melhores para fortalecer suas práticas como Palhaços Cuidadores, caminharam para a autonomia, para a emancipação, para o empoderamento. Empoderados fortalecem o grupo que, por seu valoroso trabalho com o cuidado humano, almeja colaborar com uma sociedade mais humana, democrática e afetuosa.

Outras temáticas apareceram no desenvolvimento da pesquisa, questões como a diferença entre contar histórias como palhaços ou como pessoas fora do personagem palhaço, sobre

as formas de construir as contações e sobre a autonomia de alterar as histórias de acordo com as necessidades do público e do próprio contador. Tais questões não foram avaliadas por não fazerem parte do escopo da proposta, e devido aos próprios limites da pesquisa.

E, finalmente, observa-se que a pesquisa participante aconteceu de forma lúdica, prazerosa, que são bons pilares para construção do conhecimento e da aprendizagem; e que, de alguma forma, buscou-se estar em coerência com os propósitos da pesquisa participante elencados por Brandão (2007): teve como fim o conhecimento de questões sociais e foi trabalhada em participação; é naturalmente um instrumento pedagógico e dialógico, com vocação educativa e política; pretende participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, de origem popular e do conhecimento popular; e, de algum modo, tem vínculos com a Educação Popular, no território da educação emocional, colaborando com a transformação social, com o empoderamento dos sujeitos participantes e dos movimentos populares.

REFERÊNCIAS E LEITURAS INDICADAS

ADAMS, T. **Educação e Economia Popular Solidária: mediações pedagógicas do trabalho associado**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2010.

ANDRADE, C. D. **Infância**. (Poesia) Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/poema_infancia_de_drummond> Acessado em 14 de abril de 2016.

BENCHEIKH, J. E. **“L’aveugle au visage de grêle”**. Dire, Paris, nº 9, 1989, pp.14-28.

BENJAMIN, W. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

_____. “Experiência e Pobreza.” In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos Contos de Fadas.** 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

BISQUERRA, R. **Educación emocional y binestar.** Barcelona: Práxis, 2000.

BORDA, O. F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado do papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa Participante.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOFF, L. **Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes 1999.

BOSI, E. **Memória e Sociedade. Lembranças de velhos.** 17. Ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador.** São Paulo Cortez, 2003.

_____: “Os Caminhos Cruzados: Formas de Pensar e Realizar a Educação na América Latina” In: GADOTTI, M.; TORRES C. A. (Org.) **Educação Popular: Utopia Latino-Americana.** São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. Pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular, Uberlândia**, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa Participante: A partilha do saber**. 2. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Fábulas Italianas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CANDAU, V. M. **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos humanos educação em direitos humanos** Novameria/PUC-Rio – 1999. Disponível em:

<http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_edh_proposta_trabalho.pdf.> Acessado em 15 de maio de 2016.

CARRIÈRE, J. C. **Contos Filosóficos do Mundo Inteiro**. São Paulo: Ediouro, 2008.

CARRILLO, A. T. A educação popular como prática política e pedagógica emancipadora. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, M. T. (Org.). **Educação Popular. Lugar de construção social coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006. _____. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.

CASASSUS, J. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

_____: Formação: **O Clima emocional é essencial para haver aprendizagem**. (Entrevista). Disponível em: <http://>

novaescola.org.br/formacao/clima-emocional-essencial-haver-aprendizagem-428245.shtml. Acessado em 01 de março de 2016.

COELHO, N. N. **A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Quirón Global, 1982.

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível em:

http://redenep.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/grupos_focais_e_pesquisa_social_qualitativa_o_debate_orientado_como_tecnica_de_investigacao.pdf> Acessado em: 20 mai. 2016.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____: **O mistério da consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEMO, P. **Pesquisa e Construção do Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 2000.

DEVECHI, C. P. V. A racionalidade comunicativa de Habermas e a possibilidade de crítica e objetividade na produção do conhecimento educacional empírico. **Linhas Críticas, Brasília, DF**, v. 16, n. 31, p. 259-273. jul./dez. 2010.

DÍAZ, R. Uma vida de conto. A arte de contar histórias no meio urbano. In: MORAES, F.; GOMES, L. **A Arte de Encantar – O contador de Histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez Editora. 2012.

FREIRE, A. M. A. Inédito viável. In STRECK, D.; REDIN, E.; ZITROSKI, J. J. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. “Alfabetização e Cidadania”. In: GADOTTI, M.; TORRES, C. A. (Org.) **Educação Popular: Utopia Latino-Americana**. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 21. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, M.; TORRES, C. A. (Orgs). **Educação Popular: Utopia Latino-Americana**. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GARCÍA, C. Muitos anos atrás, aconteceu em um lugar distante chamado Europa. A arte de contar histórias e a Europa Moderna. In: MORAES, F.; GOMES, L. **A Arte de Encantar – O contador de Histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez Editora. 2012.

GOMES, L. Cantares e contares: Brincadeiras faladas. A arte de contar histórias e as brincadeiras faladas. In: MORAES, F; GOMES, L. **A Arte de Encantar – O contador de Histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez Editora. 2012.

GOMES, E.S e Barbosa E.F. **A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos**. Instituto de Pesquisa e Inovações Educacionais - Educativa. 30 de Agosto de 2000.

GONSALVES, E. P. **Educação e Emoções**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.

GREGÓRIO FILHO, F. Mitos brasileiros de origem. A arte de contar histórias e a tradição indígena. In: MORAES, F; GOMES, L. **A Arte de Encantar – O contador de Histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez Editora. 2012.

GULLAR, F. **Na vertigem do dia**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

HAMPÂTdou. “La tradition vivante”, In: **Histoire générale de l’Afrique**. Paris: Jeune Afrique/Unesco, 1981, t.I.

JEAN, G. **Pour une pédagogie de l’imaginaire**. Tounai, Bélgica: Casterman, 1991, p.131.

KRUEGER R. Focus Groups: **A Practical Guide for Applied Research**. London: Sage Publications. 1996.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MATOS, G. A. ; SORSY, I. **O Ofício do Contador de Histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATOS, G. A. **A palavra do contador de histórias**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MELLON, N. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994

_____. **O Desafio do Conhecimento-Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 8. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORIN, E. **A poesia da vida**. Vídeo. Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y21B_vFhLbE> Acessado em: 03 jun. 2016.

MORAES, F. A voz do matuto. A arte de contar histórias e os saberes híbridos. In: MORAES, F.; GOMES, L. **A Arte de Encantar – O contador de Histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez Editora. 2012.

MORAES, F. **Contar histórias. A arte de brincar com as palavras**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2012.

NKAMA, B. O. A arte de contar histórias na África: entre o mito, a ponte e a realidade. A formação do contador de histórias na África. In: MORAES, F.; GOMES, L. **A Arte de Encantar – O contador de Histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez Editora. 2012.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas/SP: Papiрус, 1998.

PALHASUS. **Informações sobre o grupo PalhaSUS**. Disponível em: <<http://www.palhasus.com/p/fundamentos.html>> Acessado em: 10 jun. 2016.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. 25.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

PRADO, A. **Ensino**. (Poesia). Disponível em: <http://www.entreculturas.com.br/2010/08/adelia-prado-ensino/>. Acessado em 14 de abril de 2016.

RODRIGUES, A. **Pontuações Sobre a Investigação Mediante Grupos Focais**. Seminário COPEADI – Comissão Permanente de Avaliação e Desenvolvimento Institucional. 1988.

STORT, E. V.R. **Cultura, imaginação e conhecimento: a educação e a formalização da experiência**. Campinas/SP; Unicamp,

SATO, M.; RAMOS A.; SILVA, C. C.; GAMEIRO, G. R.; SCATENA, C. M. C. **Interface, Comunicação Saúde Educação**; 20(56):123-34, Botucatu/SP. 2016.

SISTO, C. O griô que eu não sou e as histórias africanas que me enveredam. As histórias africanas: uma herança viva. In: MORAES, F.; GOMES, L. **A Arte de Encantar – O contador de Histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez Editora. 2012.

SOUSA SANTOS, B. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

_____: **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

STRECK, D. R. Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares da Educação Popular. In: STRECK, D. R.; ESTEBAN, M. T. (Org.). **Educação Popular. Lugar de construção social coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 243-257, 2012.

VALLÉS, A.; VALLÉS, C. **Las habilidades sociales em la escuela.** Madrid: EOS, 1998.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações.** São Paulo: Atlas, 1997.

WANDERLEY, L. E. - **Educar para transformar. Educação Popular – Igreja Católica – Política no MEB (1961-1965).** São Paulo, Tese de doutorado na USP, 1982.

_____: Formas e Orientações da Educação Popular na América Latina. In: GADOTTI, M.; TORRES, C. A. (Org.). **Educação Popular: Utopia Latino-Americana.** – São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

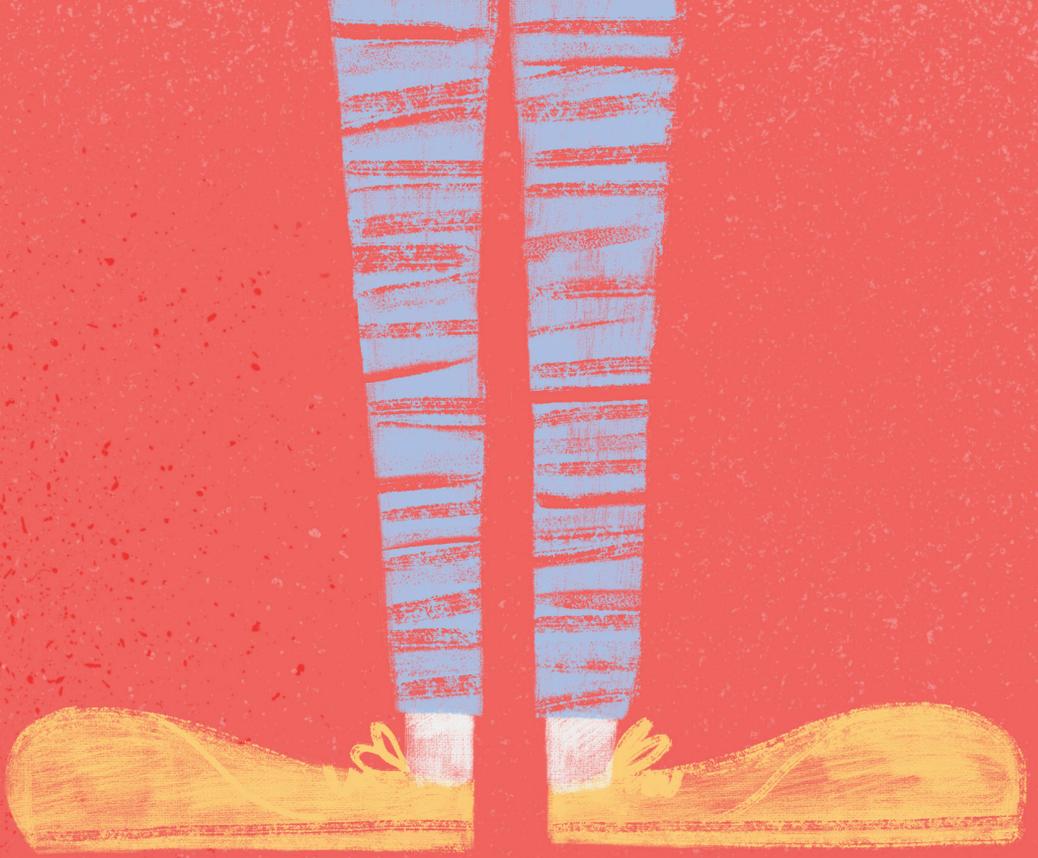
YUNES, E A Arte de Contar Histórias e as Práticas de Leitura. **Educação e Pesquisa.** In: MORAES, Fabiano e GOMES, Lenice. A Arte de Encantar – **O contador de Histórias contemporâneo e seus olhares.** São Paulo: Cortez Editora, 2012.

ZUMTHOR, P. **Introduction à la poési orale.** Paris: Seuil, 1983, p.307.

_____: A letra e a voz: **A literatura medieval.** São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

_____: **Permanência da voz. O correio da Unesco.** Rio de Janeiro, out. 1985, p.4-8.

ZÉ, Tom. **Tô.** (Música). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rBeCskNWxeY>>. Acessado em: nov. 2010.



Palhaço
cuidador

OFICINA DO RISO DO PALHASUS: EVENTO DE INICIAÇÃO DO PALHAÇO CUIDADOR

Janine Azevedo do Nascimento

A construção do Projeto PalhaSUS, bem como da Oficina do Riso, que lhe deu origem, seguiu um caminho intuitivo, motivado por diversos aprendizados e práticas cultivados pelos seus criadores ao longo de alguns anos. A combinação de múltiplas experiências trazidas do trabalho com a saúde e/ou com a arte, das jornadas espirituais e existenciais, dos enfrentamentos políticos, da aproximação com a arte e a cultura popular, do aprendizado de práticas ditas integrativas, como meditação, danças circulares, terapia comunitária, etc, confluíram para a disponibilidade de vários recursos que deveriam ser empregados em algum propósito significativo. O grande impulsionador desse processo criativo certamente foi o compromisso com as transformações no mundo e as mudanças sociais, o que nos leva a descobrir a fé nos seres humanos como capazes de “ser mais”, no sentido freireano do termo.

Nesse percurso, surgiu primeiro a Oficina do Riso, em 2004, no município de Sobral, como relatado neste livro, a partir do encontro de pessoas com formação e experiência na área da saúde e da arte. A Oficina surge de uma “fome de atos”, própria do ser humano, que é a necessidade de agir no mundo. Segundo Moreno, “a fome pela expressividade é fome de atos

antes de ser fome de palavras” (1983, p. 171). Somos seres de ação e temos o impulso de nos expressar através da ação.

Direcionadas a profissionais de saúde, as primeiras edições da Oficina tiveram como participantes alguns agentes comunitários de saúde, médicos, enfermeiros, dentistas e fisioterapeutas, que atuavam nas equipes de saúde da família e CAPS. Com inspiração original em Patch Adams, o intuito era mesmo trazer a arte da palhaçaria para o espaço dos serviços de saúde, contribuindo para a humanização das relações nestes espaços, a partir do desenvolvimento dos profissionais nesse sentido. Trata-se de uma intervenção na educação profissional que se dá muito além da sua formação acadêmica e que transcende os aspectos técnico-científicos, buscando alcançar o desenvolvimento integral do ser. Aos poucos, foi-se descobrindo o potencial desse trabalho para os diversos contextos da vida.

Já na experiência de Sobral, surgia a necessidade de manter os encontros do grupo de palhaços egressos da Oficina, embora os mesmos tenham se encontrado pouco nessa fase. Tanto os coordenadores como os próprios palhaços sentiam o impulso de criar atuações em parceria, relatar e refletir experiências vividas e fortalecer uma prática que ainda era nova e desafiadora para eles, precisando ser alimentada e estimulada. Alguns eram muito ativos e motivados nesse papel, enquanto outros apresentavam dificuldades em atuar. No entanto, todos estavam motivados a se encontrar, a partir da vivência experimentada na Oficina do Riso e da intenção de ser palhaço.

Observávamos que o palhaço formado na Oficina poderia seguir em sua atuação pela vida ou parar de atuar logo depois dos primeiros momentos, e isso dependeria, em parte, do contexto particular de cada um, mas também da possibilidade de estar em um grupo que alimentasse a ação do palhaço.

Assim, somente a continuidade poderia definir quais frutos resultariam da Oficina do riso.

Dessa forma, alguns anos depois, a realização exitosa da Oficina foi o motor que fez surgir, diante da oportunidade, um grupo/projeto de extensão que pôde fortalecer a sua destinação e dar continuidade ao que ela iniciou. Ao término da sua primeira edição na UFPB, um acontecimento muito marcante que explicita esta condição se deu na ocasião dos compartilhamentos finais, em um momento coletivo de forte emoção, entre tantas falas, risos e choros, quando um dos participantes apontou o caráter impactante da experiência, expressando a sua vontade e entendimento de que “aquilo” teria de ter continuidade e que havia, a partir daquele momento, um novo compromisso em sua vida.

Nessa perspectiva, a Oficina do Riso representa um marco destacado do cotidiano, capaz de sacudir a vivência (ou a realidade) de seus participantes, motivar, estimular, plantar novos caminhos e reflexões, embora, para o propósito das mudanças significativas, necessite de continuidade. Caracterizamos, então, a Oficina do Riso como um evento de iniciação.

Examinando os dicionários (Aurélio, Houaiss, Silveira Bueno), constatamos alguns sentidos vinculados à palavra iniciação, que tem sua origem no latim. Traz o sentido de início, de começar algo, seja uma introdução a determinado conhecimento ou habilidade, denotando um aprendizado, seja a admissão ou ingresso em uma sociedade, grupo, religião, prática ou doutrina, ou ainda, a mudança de status dentro de uma comunidade.

Consideramos que esta é uma palavra adequada para definir o que representa a Oficina do Riso para o Projeto PalhaSUS. Trata-se de um processo preparatório para o desempenho de

um novo papel social que é o de Palhaço Cuidador. Inclui o aprendizado inicial da linguagem artística da palhaçaria, bem como de conceitos, valores e práticas ligados ao cuidado e à Educação Popular. Trata-se também do ingresso na comunidade PalhaSUS, ou da mudança de status dentro desta comunidade, que é o grande grupo de Palhaços Cuidadores ligados ao projeto através de uma experiência e uma história.

O palhaço, enquanto novo ator e papel social, não estaria plenamente formado ao proceder da Oficina, mas precisaria de uma continuidade no seu processo de construção. Assim como uma criança que nasce, ainda sem consciência de sua identidade, com seu aparato físico e psíquico ainda incompletos, também o palhaço nasce incompleto, dependendo da coexistência, coação e coexperiência com as pessoas em seu entorno, para a continuidade do seu desenvolvimento.

Do ponto de vista da teoria socionômica, “a ciência das leis sociais”, criada por Moreno, esta coexistência, coação e coexperiência com as pessoas e coisas do entorno definem a matriz de identidade de uma criança, que constitui o alicerce de seu desenvolvimento integral e é representada pelo grupo social no qual este novo ser está inserido. No caso do Palhaço Cuidador, o grupo de palhaços que formam o PalhaSUS, no contexto de um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba, representa esta matriz de identidade que proporciona segurança e referencial para o novo palhaço, sendo de importância fundamental no início de seu desenvolvimento.

Observamos que, nesse trabalho, referenciado em Moreno, Maturana, Freire e outros autores, o grupo e o contexto grupal são fundamentos essenciais para a obtenção de seus objetivos, bem como para a metodologia utilizada. Trabalhamos no campo das interações que constituem o tecido social de que é feita a realidade humana. É no interior dos pequenos grupos que

a natureza humana se expressa naquilo que o caracteriza como ser humano, sujeito de relações, apto ao convívio na linguagem. Conforme o conceito de Kurt Lewin (1978), o grupo social é um todo dinâmico com características próprias, considerado além da soma dos indivíduos, sendo definido pela interdependência entre suas partes. É isto que constitui a base do trabalho do PalhaSUS e a primeira preocupação ao início da Oficina do Riso.

Entende-se nessa experiência que é também no interior dos pequenos grupos que ocorrem os processos de mudança, definida em quatro referências principais, segundo Moreno (2008), quais sejam, o potencial de espontaneidade-criatividade do grupo; as partes da matriz sociométrica universal relevantes para sua dinâmica, ou seja, a relação do grupo com a sociedade; o sistema de valores que tenta superar e abandonar; e o sistema de valores que quer concretizar.

Com essas referências, Moreno buscou alcançar a “terapia da sociedade” através dos pequenos grupos e propôs produzir revoluções, caracterizadas por mudanças sociais mais amplas em certa ordem social. Esse esforço encontra apoio no pensamento da Agnes Heller, autora filiada ao marxismo, que aponta o cotidiano e os pequenos grupos como o lugar da revolução. Para esta autora, segundo Patto (1993), na vida cotidiana, a sociedade adquire existência concreta; portanto, uma revolução só é possível quando se dá na vida cotidiana, pela subjetividade e pela participação, em um processo lento e celular, não sendo possível a revolução visível sem a revolução invisível.

No cotidiano do Projeto PalhaSUS, na dureza das reuniões administrativas, nas atuações rotineiras junto ao público de diversas instituições, nas atuações eventuais, oficinas, encontros de desenvolvimento, grupos de estudo e de trabalho, etc., nos desafios e prazeres da realidade do projeto, o Palhaço Cuidador

é desenvolvido e desempenha sua intervenção na convivência com o grupo no qual está inserido.

Além do cuidado com a formação e desenvolvimento grupal, outros três aspectos estão no foco dos objetivos de aprendizagem definidos para a Oficina do Riso, quais sejam, a busca pelo arquétipo da criança interior com sua espontaneidade e criatividade; o desenvolvimento da linguagem cênica e cômica do palhaço; e a atuação no processo de cuidado e promoção da saúde pelo diálogo horizontal e reconhecimento do outro, contribuindo com o processo de humanização deste cuidado.

O Palhaço Cuidador deve ter desenvolvido uma atitude compatível com a humanização que, numa perspectiva freireana, significa a realização plena da condição humana de ser sujeito em relação com o mundo e com os outros sujeitos. É necessário considerar as situações de desumanização que se dão nas estruturas sociais, sobretudo no setor saúde, nas quais o homem é reduzido à condição de coisa. Esta é uma situação sustentada por uma sociedade classista, dividida entre opressores e oprimidos, na qual estamos inseridos e aprendemos a agir deste modo, até que possamos desenvolver uma consciência crítica do nosso papel diante deste processo.

Na Oficina do Riso, a linguagem da palhaçaria como forma de expressão artística é trazida para o contexto das pessoas que estão em formação para atuar profissionalmente em diversas áreas, principalmente na saúde. Passa a ser trabalhada não como um meio para se obter algum resultado na formação destes futuros profissionais, mas como um propósito em si, relacionado ao desenvolvimento do potencial humano realizado também pela arte.

A arte, como forma de expressão humana que sempre esteve presente em todas as culturas, desempenha uma função importante na dimensão social e subjetiva do ser humano. Está

vinculada à criação, recriação e emoção. Assim, expressar-se através da palhaçaria representa uma forma de liberdade e de realização, além de ser uma maneira de provocar transformações na cultura, que sustenta a sociedade do jeito que ela é, violenta, exploradora e dominadora.

É necessário considerar, conforme Maturana e Verden-Zöllner (2004), que os valores predominantes em uma cultura estão associados aos comportamentos e às emoções das pessoas. Dessa forma, a mudança cultural começa a partir da consciência do emocionar que prevalece na nossa cultura e, conseqüentemente, em nós. O emocionar sustenta e transforma a ação (e a linguagem), e esta pode modificar o emocionar.

A busca pelo arquétipo da criança interior permite-nos suscitar a espontaneidade e criatividade inerentes a todas as pessoas. É através deste arquétipo que podemos acessar a natureza essencial do ser o mais livre possível dos condicionamentos culturais, o que Moreno chamou de estado pré-conserva, e o mais próximo possível da espontaneidade e criatividade que, na criança, são naturais e contínuas até que sofram distorções ao longo da vida.

O contato com as qualidades e as emoções vividas por cada indivíduo na sua infância, as características da criança, como a inocência, fragilidade, intransigência, e, ao mesmo tempo, coragem e amorosidade, entre outras, assim também como a alegria, o otimismo e até mesmo o medo, a tristeza da criança que cada um foi, todas estas qualidades e emoções podem fomentar muitas características e traços significativos do novo palhaço que nasce. Além disso, esse encontro com a criança interior pode ser uma oportunidade para atribuir novos significados aos aspectos da vida que necessitam ser transformados.

No transcurso cotidiano, do qual a Oficina do Riso se constitui um momento importante, podemos observar os ciclos de vida do Projeto PalhaSUS. Assim como se observa na natureza, o PalhaSUS tem seus ciclos, que são marcados, em seu início e fim, pela Oficina do Riso, que é o evento periódico, talvez, mais importante para a sustentação do projeto. Desde 2010, tem acontecido anualmente na UFPB, tendo tido duas edições no ano de 2014.

Antes de sua concretização anual, ocorre uma importante mobilização da comunidade PalhaSUS em torno de sua preparação. Entre os membros atuantes da temporada, tanto os mais antigos como os que se formaram na Oficina anterior se envolvem na sua realização, assim como pessoas que já não estão participando ativamente do projeto, mas se sentem e são consideradas membras desta comunidade. A motivação para o envolvimento e o esforço voluntário de cada um na oferta da Oficina para os novos participantes vem, principalmente, da experiência subjetiva e marcante que cada um teve quando do contato inicial com esta proposta.

A preparação requer um importante esforço coletivo, em que se estuda a metodologia, se ajusta a programação, se providencia a estrutura necessária de material, local onde vai ocorrer, alimentação dos participantes e equipe de trabalho, dentre outras coisas. A Oficina ocorre no decurso de cinco dias, em caráter semi-intensivo, com alimentação no local, iniciando às oito horas da manhã e terminando às dezessete horas a cada dia, e se estendendo um pouco no último dia, com o nascimento dos novos palhaços em algum lugar público.

O grupo se divide em grupos menores para a realização das tarefas, tanto aquelas mais vinculadas à logística, como as que dizem respeito à sua execução metodológica. Há sempre voluntários para todas elas, no entanto, quase todos querem,

em algum momento, participar da condução da Oficina para estar mais perto e observar as mudanças acontecendo com os novos participantes. Esta fase de preparação e realização traz alguns desafios e crescimento a cada membro do grupo, bem como a coesão grupal, provocando grandes aprendizados individuais e coletivos. É como reviver a mesma experiência por outro ângulo, refazer um percurso já transcorrido sem saber em que destino vai dar, como se fosse a primeira vez em uma experiência que já aconteceu, desta vez com outro grupo de pessoas, outro momento na vida, tudo novo de novo.

A partir de uma leitura simbólica, a Oficina do Riso representa a fecundação, gravidez e parto dos novos palhaços. O momento espontâneo e criativo que dá início a algo novo na vida do projeto e dos seus novos integrantes.

Para alcançar o seu propósito criativo, a Oficina do Riso baseia-se em três principais instrumentos metodológicos consonantes com os seus princípios teóricos, quais sejam, a meditação oriental, baseada nas técnicas de meditação dinâmica do Osho; os jogos teatrais, na perspectiva do teatro do oprimido; e as Danças Circulares, como recurso educativo e terapêutico e como forma de meditação. Permeando todas as atividades realizadas com base nesses recursos, temos o compartilhamento nas rodas de conversa, a leitura e reflexão de textos, a observação e o apoio individual pelos facilitadores.

A meditação está na base de todo o processo de autoconsciência e autotransformação promovido pela Oficina. Tomamos fundamento na filosofia e conhecimento oriental, sobretudo nos ensinamentos do Osho, um polêmico mestre indiano que teve muitos seguidores e desenvolveu métodos de meditação ativa, talvez mais adequados para as pessoas da nossa cultura ocidental.

Em vários momentos da Oficina, a meditação é trazida como forma de alcançar uma consciência plena da vivência, no momento em que ela acontece. É necessário que cada participante seja o observador de si mesmo, a testemunha de tudo o que se passa consigo e com o seu contexto, suas emoções, pensamentos e atitudes. Trata-se de uma observação compassiva, paciente, livre de julgamentos e aberta a inúmeras possibilidades que se revelam diante daquele que se entrega e se dispõe a interagir com o mundo e com as pessoas, sem se deslocar de seu estado de relaxamento no seu próprio centro. É também uma jornada de autoconhecimento em que o próprio fenômeno de observar e aceitar a nós mesmos como somos já é o início de uma transformação. Não parece muito natural para as pessoas do mundo moderno, mas ao ampliar gradualmente a observação e conseqüente integração entre o corpo, os pensamentos e as emoções, pode-se alcançar essa transformação.

A meditação é realizada simplesmente em vivermos no presente e relaxarmos naquilo que somos. Dessa forma, podemos experimentar um profundo prazer, que não está vinculado a uma fonte específica, mas à própria existência, que, segundo aponta Osho, é feita de uma matéria chamada alegria. Através da meditação, é possível acessar a essência de cada momento e viver de forma mais alegre e intensa, com mais clareza e criatividade. Através dessa prática, é possível acessar e tomar consciência dos elementos internos que darão origem a novos padrões de atitude, ao desenvolvimento da dimensão do cuidado e ao crescimento pessoal.

Os jogos e exercícios do teatro do oprimido são utilizados na Oficina para desenvolver os recursos pessoais de comunicação, de interação e de intervenção dos participantes, através do corpo, das emoções e da ação. Considerando o teatro como uma

forma de conhecimento e uma “arma”, Boal (1991) adverte que ele deve ser também um meio de transformar a sociedade. A proposta de um teatro popular, político e atuante, nascido na América Latina, onde tomou o caminho do povo reunido, nas ruas, nos circos, etc., certamente tem muito a contribuir com o propósito transformador da Oficina do Riso.

Os exercícios trabalham o corpo, seu espectro de possibilidades de movimentos, recursos de expressão e de ação, ajudado o ator a conhecer melhor seu corpo nas relações com outros corpos, com o espaço, com a gravidade e outras forças, possibilitando a tomada de consciência de seus padrões de movimentos, suas atrofia e hipertrofia. Os jogos são interações ou diálogos que exigem interlocução, trabalham a comunicação e são voltados para o exterior. Esses recursos do teatro do oprimido ajudam a desenvolver a linguagem cênica que, como afirma Boal (1997), cria a possibilidade de se libertar das opressões e inventar o futuro.

As Danças Circulares Sagradas foram introduzidas na Oficina do Riso, a partir da sua primeira edição na UFPB, trazendo o aprofundamento da dimensão espiritual, a ludicidade, a estética e a leveza dos símbolos e ciclos da vida em comunidade e da dança dos povos. Trata-se de uma proposta fomentada pelo coreógrafo alemão Bernhard Wosien, que iniciou, a partir dos anos 70, um movimento de coleta das danças tradicionais europeias, no intuito de resgatar essa forma de expressão e resistência da cultura popular.

Ao incorporar as Danças Circulares, dispomos de um meio pedagógico e terapêutico, segundo Wosien (2000), capaz de desenvolver a integração do indivíduo com o grupo e o seu encontro consigo mesmo. Nessa proposta, a prioridade é o prazer na convivência e o entusiasmo na participação, entendendo que

a dança promove um desenvolvimento integral da pessoa em combinação com uma maior harmonia e coesão grupal.

O fundamento essencial do Projeto PalhaSUS é o grande grupo de pessoas que o compõe e que se modifica ao longo dos semestres letivos com a entrada e saída de vários membros, embora seja preciso destacar que, para além dos integrantes em atividade, existe um grupo ainda maior de Palhaços Cuidadores que estão vinculados entre si, a partir da experiência no projeto, e que criaram uma identidade e um vínculo afetivo com este.

No caminho da diferenciação e evolução deste e de outros tantos grupos, está o desafio da transformação e do crescimento pessoal, como afirma Marino (1999). Isso denota a complexidade da vida social, bem como a estreita ligação e interferência entre as dimensões pessoal, grupal e institucional.

O produto da Oficina do Riso é o Palhaço Cuidador em processo de desenvolvimento, ou seja, o palhaço inicial, que vai ter continuidade no contexto do projeto de extensão, na convivência com os outros palhaços extensionistas e no desempenho de seu papel junto ao seu público nos hospitais, instituições e diversos espaços possíveis.

A Oficina do Riso provoca um impacto significativo na experiência existencial de quem se entrega à sua proposta. Através de sua metodologia, alcança uma vivência emocional, corporal e cognitiva que, de forma cuidadosa, dispara questionamentos, crises e reflexões na maneira de sentir, pensar e agir das pessoas. Busca alcançar uma conscientização do universo cultural no qual estamos inseridos e da posição que cada um assume mediante os valores estabelecidos e mesmo dos valores que cada um assume como seus.

Passada a iniciação, fica o desafio: como garantir o desenvolvimento desse papel de Palhaço Cuidador? Alguns, por diversos motivos que precisam ser melhor compreendidos,

não alimenta esse papel, descomprometendo-se com a rotina das atuações nos cenários, talvez, em grande parte, devido às exigências da rotina acadêmica de muitos dos cursos. A semente é plantada na Oficina, mas, certamente, não é condição suficiente para a continuidade no projeto, mesmo que seja considerada um marco importante na vida de muitos.

Diante dessa realidade, a cada fase, temos nos preocupado em dar continência a esse palhaço que nasce. O Encontro de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador é uma das estratégias que usamos. Esses encontros mensais buscam trabalhar tanto o aperfeiçoamento da linguagem da palhaçaria e outras expressões artísticas, quanto os aspectos emocionais mobilizados pelas atuações.

Apesar da diversidade de destinos dos Palhaços Cuidadores nascidos nesse rito de passagem, temos a consciência de que a experiência marcante da Oficina promove mudanças na trajetória de vida de cada um dos seus integrantes. Um novo olhar fica disponível na linguagem do palhaço, o olhar a partir do nariz. Nariz de palhaço, tênue divisão entre a criança meditativa, espontânea e criativa, e o homem e mulher ameaçados pelas conservas sociais. O Nariz é a esperança de renovar o olhar para o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, A. Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BOAL, A. Encontro Marcado com a Arte: Augusto Boal, gravado em 1997. Disponível em: <http://www.encontromarcado.net/sec_perfil.php?id=23&type=1>

FREIRE, P. Educação e Mudança. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

MARINO, M. J. O grupo no Processo Educativo. Linhas Críticas. v.4, n.7-8, p.87-97, jul./98 a jun./99. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/6740/5442>>

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MORENO, J. L. Quem Sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama. Edição do estudante. São Paulo: Daimon, 2008.

MORENO, J. L. Fundamentos do Psicodrama. São Paulo: Summus, 1983.

OSHO. Meditação: a primeira e última liberdade. Um guia prático à meditação. Shanti Editora:

PATTO, M. H. S. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, UNESP; São Paulo, v.16: 119-141, 1993. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/MH/o_conceito_de_cotidianidade.pdf>

WOSIEN, B. Dança: um caminho para a totalidade. 2ª edição. São Paulo: Triom, 2000.

E O QUE É O PALHAÇO CUIDADOR

Camylla Luckwu

Quem é o Palhaço Cuidador? De onde vem esse Palhaço? O autocuidado do Palhaço Cuidador. Palhaço como ser transformador.

Desde sempre, e através dos tempos, as pessoas se dedicam à arte de fazer rir. Os primeiros palhaços surgiram há pelo menos 4 mil anos atrás — havendo relatos de sua existência na Grécia, Roma, China e até em civilizações americanas, como os astecas —, com o intuito de divertir as pessoas e tornar a vida mais leve, dinamizando a convivência em comunidade. No oriente, existiam os “lubyet”, que eram figuras cômicas das dinastias chinesas e atuavam como desastrosos assistentes dos príncipes e princesas, tendo grande influência na sociedade, uma vez que podiam sugerir importantes mudanças no agir dos imperadores. Na Malásia, existiam os “P’rang”, que utilizavam máscaras com olhos enormes e bochechas desproporcionais, formando uma figura bizarra e, ao mesmo tempo, cômica. Em Bali, encontramos os irmãos Penasar e Kartala. Enquanto o primeiro é ordeiro, o outro faz tudo às avessas e de maneira atrapalhada.

Durante a idade média, surgiram os bobos da corte, também conhecidos como servo-sião, que ficaram muito famosos entre os séculos XIV e XVI, e “desapareceram” por volta

do século XVII. Eles eram contratados pelas cortes europeias na Idade Média e pagos para divertir os reis e seu séquito, podendo até fazer o rei mudar de opinião sobre algo e, muitas vezes, influenciando em suas decisões. No entanto, era geralmente um artista cômico e, muitas vezes, desagradável, que apontava de forma grotesca os vícios e as características da sociedade. Com o passar do tempo, o palhaço foi se modificando, acompanhando as diversas culturas e seus costumes que, naturalmente, mudam e se adaptam através das gerações e em virtude das diversas necessidades, até surgir os palhaços artistas do circo.

Os primeiros circos modernos surgiram por volta de 1766 e geralmente continham palhaços em interação com algum tipo de animal, na maioria das vezes um cavalo. Com as modificações ao longo do tempo, surgiu o “clown”, um personagem múltiplo, também visto como um estado, o estado de *clown*. Desse modo, a multiplicidade de tipos e modos de se exercer o ofício são inúmeras, desde personagens mais óbvios até os comediantes mais sutis. No decorrer da história, certos tipos se consolidaram e se estruturaram com características fixas.

Os palhaços mais comuns são o Branco e o Augusto, que se vestem de roupas coloridas e chamativas e usam a cara pintada de branco, divertindo as pessoas através de números que aconteciam na abertura do espetáculo e nos intervalos para distrair o público enquanto o próximo número estava se aprontando. Diversas lendas dizem que o termo “Augusto” nasceu com um personagem no Circo Renz de Berlim (1865), encarnado por um August, um moço de jeito enfadonho e beberrão. Diz a lenda que ele era um cuidador de cavalos e, certo dia, como era alcoólatra, entrou no palco bêbado. E, uma vez que os europeus costumam ter a pele mais clara, seu nariz e maçãs do rosto avermelham quando ingerem álcool. Muitos dizem que deriva daí o nariz de palhaço e a maquiagem. Esse

é o espírito do Augusto, brincalhão, exagerado e atrapalhado. Ainda na mesma lenda, diz-se que o companheiro do Augusto entrou para tentar tirar o amigo do picadeiro e, estando sóbrio, tentou de todo jeito fazer o amigo se regrar. Então, acredita-se que dessa tentativa nasceu o Branco, que, na maioria das vezes, é aquele personagem que se aborrece com o Augusto e sempre tenta comandá-lo, tentando desfazer as suas trapalhadas.

Ao passar do tempo os circos ficaram famosos pela figura do palhaço que, já dotados de muitos talentos, passaram a ser equilibristas, acrobatas, músicos, malabaristas e domadores. No entanto, os palhaços mantiveram sempre a mesma essência ao provocarem o riso, fazendo uso de tombos e situações em que seu parceiro está em apuros, além de piadas sobre os defeitos, vícios e manias das pessoas. Apresentavam-se geralmente com um parceiro, utilizando-se do cômico e de números que acabaram se tornando clássicos reproduzidos por circos famosos até hoje.

Hoje em dia, os palhaços ocupam espaço não só nos circos e estão presentes nas ruas, teatros, televisão, cinema, eventos e em vários e infinitos espaços, inclusive espaços de cuidado como hospitais, casas de repouso para idosos, complexos psiquiátricos, penitenciárias e outros. Mas, quem é esse indivíduo capaz de adentrar zonas de risco e zonas de conforto e manter uma conexão entre si e entre pessoas institucionalizadas, marginalizadas, excluídas e maltratadas? O que faz? Qual seu propósito?

Esse indivíduo é o Palhaço Cuidador. Além de proporcionar saúde e um ambiente mais saudável, ele foi concebido para levar ao âmbito hospitalar e institucional o que ninguém esperaria que fosse possível: a alegria. Essa figura aborda o que há de mais saudável no paciente para que suas limitações sejam esquecidas momentaneamente. A partir disso, procura-se despertar no

paciente a capacidade de sonhar e sorrir com mais frequência, ajudando-o no seu processo de tratamento.

Com esse entendimento, deu-se início ao Palhaço Cuidador na Oficina do Riso, conforme descrito no capítulo “Um breve relato histórico sobre a construção do PalhaSUS”, levando, assim, essa perspectiva aos cenários de prática. Essa figura surgiu para atender à demanda por uma atuação mais humana, sensível e personalizada.

É importante diferenciar o Palhaço Cuidador do Palhaço de Hospital. O Palhaço de Hospital é um profissional que tem formações artísticas em diversas áreas da arte, assim como um palhaço circense. Ele vai para o hospital a fim de levar alegria através de sua formação, seja malabarismo, perna de pau, peças de teatro etc. Por meio dessas ações, seu principal objetivo é proporcionar a transformação do riso, fazendo várias trapalhadas, piadas e encenações engraçadas. Esse tipo de atuação teve início em meados de 1986, quando Michael Christensen, um palhaço americano diretor do Big Apple Circus de Nova Iorque¹, apresentava-se em uma comemoração de um hospital daquela cidade e, então, pediu para visitar as crianças internadas que não puderam participar do evento. Improvisando, ele substituiu as imagens tristes da doença e da internação por outras alegres e engraçadas.

Já o Palhaço Cuidador trabalha de uma forma peculiar. Dentro do Projeto PalhaSUS, ele é desenvolvido, treinado e trabalhado na Oficina do Riso para levar o bem-estar através da humanização, da escuta sensível e do acolhimento. O objetivo principal do Palhaço Cuidador é o cuidado. Tudo é feito, pensado ou improvisado, na perspectiva do cuidado para levar o riso, o amor, a alegria, o abraço, o acolhimento e a arte, de modo

1 O Big Apple Circus é um circo baseado em Nova York. Inaugurado em 1977, mais tarde se tornando uma organização sem fins lucrativos, tornou-se uma atração turística.

a transformar a saúde do ambiente. A perspectiva principal do Projeto PalhaSUS é justamente o desafio de atuar com a palhaçaria através da arte de cuidar, utilizando a figura do palhaço cuidador para isso.

A atuação do Palhaço Cuidador vai além das técnicas, procedimentos e medicalização utilizados no campo da saúde, visando ao acolhimento do paciente, por meio da escuta, do olhar, da distração e do conforto nas palavras mencionadas. Assim, não se trata apenas de uma palhaçaria; é um olhar apurado, capaz de, por exemplo, transformar objetos comuns em matéria-prima para o saber mútuo; capaz de ser a distração importante para quem está com dor e causar o riso solto em quem estaria chorando, além de, principalmente, ter a capacidade de perceber olhares e entender que o indivíduo, às vezes, não quer ser incomodado nem quer sorrir, mas só quer um abraço, um aconchego e ser prioridade naquele lugar que, por ora, é sua casa.

Ele abre um mundo novo e cria um ambiente de cuidado dentro do contexto institucional ou hospitalar; propõe uma outra lógica, redimensiona lugares, desestabiliza relações estruturadas de poder, estimula a comunicação e chama a atenção para a ligação entre corpo e indivíduo, movimentando imaginação e crença em uma perspectiva concreta. Os Palhaços Cuidadores possuem o treinamento e aprendizado desse olhar apurado, caracterizado pela humanização, o qual vem quebrando os paradigmas do método cartesiano², particularmente no contexto hospitalar. Logo, o Palhaço Cuidador trabalha dentro de uma relação simétrica, permitindo que a vulnerabilidade do indivíduo

2 O **Método cartesiano**, criado por René Descartes, consiste no Ceticismo Metodológico - duvida-se de cada ideia que pode ser duvidada. Descartes institui a dúvida: só se pode dizer que existe aquilo que pode ser provado, considerando o ato de duvidar e o uso apenas da razão como indubitável.

seja posta de lado, deixando prevalecer, naquele momento, o cuidado, o sorriso, a escuta e a interação humana.

Dentro dos princípios de um Palhaço Cuidador, um dos mais importantes é a sua criança interior como um estado do ser do palhaço. De fato, seu mundo é bem diferente daquele do hospital, mas seu universo está muito próximo ao das crianças. Consiste em alguém que fala sem pensar, não tem medo de opinar, de protestar, de mostrar insatisfação e de exigir mudanças para o agora; também não hesita em demonstrar carinho, cuidado e afeto sincero. Essa proximidade no jeito de ser entre o palhaço e a criança gera uma identificação por parte dos dois e cria rapidamente uma grande cumplicidade entre ambos, tendo como intrínseco no Palhaço Cuidador a imaginação, a criatividade e a coragem para mudar o mundo. A imaginação do palhaço permite-o ser quem ele quiser naquele momento e, juntamente com a sua criatividade em prol do Projeto PalhaSUS, tornar um quarto de hospital, um asilo para idosos ou uma ala psiquiátrica em um palácio, em um lugar acolhedor; transformar um suco sem açúcar na bebida mais cara do mundo e o soro, por exemplo, em água de coco.

A estrutura hospitalar, desde a sua organização setorializada, com suas áreas ambulatoriais, de internação e de tratamento intensivo, até a hierarquização da equipe de Saúde, está associada à descoberta do corpo humano como objeto de investigação científica. O Palhaço Cuidador vem para se apossar de todas essas estruturas e criar um mundo novo a partir disso. Um espaço de ser cuidado, de cuidar do outro e de cuidar de si.

Em se tratando de autocuidado, esse é um fator mais importante na vida do Palhaço Cuidador. O autocuidado é importante, pois é a atenção e a ação que se exerce sobre si mesmo para preservar e cultivar uma boa qualidade de vida de maneira responsável, autônoma e livre. É uma boa

oportunidade para perceber e avaliar seu estado no momento e agir beneficentemente sobre eles, seja emocionalmente, em espaços de conversa e desabafo; fisicamente, através de atividades físicas, uma boa alimentação, cuidado da higiene; ou mentalmente, permitindo-se um tempo de lazer para recarregar as energias diante dessa vida cronometrada. É impossível separar o corpo, a mente e a emoção. Lembrando que o autocuidado não significa estar “bem” o tempo todo, mas sim acolher os confortos e desconfortos, ver as causas e escolher agir ou não sobre elas.

É essencial se colocar em um lugar de cuidado, estar bem consigo mesmo, proporcionar cuidado a si mesmo, para que, assim, seja possível cuidar de outra pessoa. Por esse motivo, a figura do Palhaço Cuidador possui sempre estima e humor elevado, sempre está bonito e bem cuidado. Ele estimula muito o autocuidado não só nos pacientes, como também nos cuidadores, nos profissionais de saúde e nos familiares. Muitas vezes, são encontradas em hospitais e instituições famílias cansadas e carentes de cuidado, que não cuidam de si e, assim, não conseguem cuidar do familiar enfermo. O mesmo ocorre com profissionais. O Palhaço Cuidador busca incentivar o autocuidado nessas pessoas, mostrando-lhes o que há de mais belo nelas, para que, com isso, elas possam resgatar o seu autocuidado, tornando-se capazes de melhor cuidar do outro.

É certo que todos nós precisamos de cuidado, e essa é a proposta principal do Palhaço Cuidador dentro do projeto. É essencial cuidar de nós mesmos antes de cuidar do outro. Pensando nisso, o PalhaSUS promove aos extensionistas momentos de vivência e cultivo do autocuidado como, por exemplo, o Curso do Autocuidado. Nele, é possível aprender o que é o cuidado, e por que é importante, através de práticas de cuidado consigo mesmo e com os colegas. Dentro do curso é onde se enraíza a principal vertente do PalhaSUS, que tem

como pensador influente e inspiração para suas práticas o médico norte-americano Patch Adams, famoso por sua metodologia inusitada no tratamento de enfermos. Durante o curso de medicina, Adams tornou-se conhecido pela conduta proeminentemente feliz e apaixonada pelos pacientes. Depois de formado, ele fundou o Gesundheit Institute, o primeiro hospital a unir completamente todas as formas de terapia, na Virgínia (EUA). Adams viaja pelo mundo, indo a áreas críticas, em situação de guerra, pobreza e epidemia, espalhando alegria, o que é uma excelente forma de prevenir e tratar muitas doenças. Além de médico, humorista, humanista e intelectual, Patch Adams é também um ativista em busca da paz mundial, pois, segundo ele, seu intuito não é apenas mudar, através do humor, a forma como a medicina é praticada hoje.

O Palhaço Cuidador também traz consigo essa vertente política, no intuito de transformar a realidade do lugar onde se insere e de sempre ter uma opinião sobre tudo. Ele também é crítico, dado que a própria figura do palhaço abre brechas, em muitas conversas, para a realização de uma crítica de forma irônica, onde a indagação é feita, mas o clima humorado permanece. Um meio facilitador desse processo é a Educação Popular, onde o Palhaço Cuidador também está inserido, tratando-se de um método de educação que valoriza os conhecimentos prévios do povo e suas realidades culturais na construção de novos saberes. Esse tipo de olhar, muito desenvolvido pelo grande educador Paulo Freire, diz que na sociedade existem duas figuras marcantes: o oprimido e o opressor.

A relação oprimido-opressor ocorre quando, por exemplo, um indivíduo é submetido a algo que ele não quer fazer por uma pessoa que o está oprimindo, ou seja, o opressor tem controle sobre o oprimido e, muitas das vezes, o sonho do

oprimido é se tornar o opressor, pois foi assim que o ensinaram. O Palhaço Cuidador vem por meio da Educação Popular para quebrar esse paradigma, utilizando-a como recurso libertador do sujeito, empoderando-o através do amor e da humanização, levando informação para que, de forma autônoma, ele exerça um novo papel no ambiente, como um ser crítico, com opiniões e objetivos.

Isso é percebido, por exemplo, em atuações de outros grupos de palhaços em zonas de guerra e pobreza, onde falar de fome é tabu. O palhaço consegue abrir espaço para tratar desses assuntos através de peças teatrais e conversas onde há um enfrentamento das autoridades, onde um povo sem voz é incentivado de maneira lúdica a se impor. À primeira vista, a figura de um palhaço desafiando regras e enfrentando autoridades pode parecer estranho, o que causa um impacto inicial e gera um recuo por parte do opressor a fim de ouvir o que ele tem a dizer; o opressor também fica receoso de discutir com um palhaço que está ali fazendo críticas de forma tão engraçada, satirizando o problema e o tratando, ao mesmo tempo, de maneira amorosa. Através disso, o Palhaço Cuidador do Projeto PalhaSUS traz consigo uma mensagem de amor ao próximo que, se praticada por todos, certamente irá mudar o mundo para melhor.

Sendo assim, o papel do palhaço facilita o acesso aos pacientes, que estão acostumados a serem abordados por profissionais de saúde e se surpreendem ao encontrarem com um palhaço em uma instituição. Dessa forma, os abraços, conversas e carinhos fazem parte do momento de interação. Os pacientes são estimulados a saírem da rotina da hospitalização e a fazerem o que gostam. A visita do Palhaço Cuidador é opcional, ou seja, eles têm o direito de escolher se serão visitados ou não; e essa escolha torna-se muito significativa por ser uma

das únicas em que o indivíduo tem poder na posição em que se encontra; e é por isso que essa relação de troca de cuidado que a visita do Palhaço Cuidador proporciona é extremamente importante e de grande potencial.

REFERÊNCIAS

PALHACEMOS WORDPRESS. **História do Palhaço**. Disponível em: <<https://palhacemos.wordpress.com/historia/>> Acesso em: 4 de fevereiro de 2017

O PALHAÇO. **História do Palhaço**. Disponível em: <<http://www.opalhaco.com.br/component/content/article/2-uncategorised/8-pesquisas-historia-do-palhaco.html>> Acesso em: 4 de fevereiro de 2017

REVISTA HOSPITAIS BRASIL. **Palhaço Cuidador, Terapeuta ou Palhaço de Hospital**. Disponível em: <<http://www.revistahospitaisbrasil.com.br/noticias/palhaco-cuidador-terapeuta-ou-palhaco-de-hospital/>> Acesso em: 4 de fevereiro de 2017

WIKIPÉDIA. **Bobos da Corte**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bobo_da_corte> Acesso em: 4 de fevereiro de 2017

MUNDO ESTRANHO. **Quem eram os bobos da corte?**. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/historia/quem-eram-os-bobos-da-corte/>> Acesso em: 4 de fevereiro de 2017

WIKIPÉDIA. **Patch Adams**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Patch_Adams> Acesso em: 4 de fevereiro de 2017

O GUIA DOS CURIOSOS. **10 Curiosidades sobre Patch Adams.** Disponível em: <<http://guiadoscuriosos.uol.com.br/categorias/2159/1/patch-adams.html>> Acesso em: 4 de fevereiro de 2017

PORTAL DA SAÚDE. **Autocuidado.** Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/autocuidado.php>> Acesso em: 4 de fevereiro de 2017

AUTOCUIDADO. **Autocuidado.** Disponível em: <<http://www.autocuidado.com/autocuidado/>> Acesso em: 4 de fevereiro de 2017

ORIENTAÇÕES MÉDICAS. **Autocuidado é a melhor opção para qualidade de vida.** Disponível em: <<https://www.orientacoesmedicas.com.br/autocuidado-e-a-melhor-opcao-para-qualidade-vida/#gs.C6zzD68>> Acesso em: 4 de fevereiro de 2017

O IMPACTO DO PALHAÇO CUIDADOR NOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE

*Aldenildo A. M. F. Costeira
Bruna Valério Correia
Mariana Lopes Martins*

INTRODUÇÃO

Ambientes clínicos e hospitalares apresentam adversidades a serem enfrentadas. Assim, tanto no plano material, quanto no afetivo, é fundamental incentivar recursos de humanização, onde se busca desmistificar, simplificar e parodiar procedimentos de saúde, o que pode resultar em alívio, conforto e bem-estar físico, psicológico e social ao doente, aos acompanhantes e à equipe de saúde (ARAÚJO; GUIMARÃES, 2009).

As práticas profissionais adquirem ganhos qualitativos quando as ações de cuidado são dotadas de intencionalidade. Assim, é importante conhecer a razão da atitude ou cuidado para ser possível oferecer realmente aquilo que se deseja e que seja significativo para a pessoa cuidada. A assistência à saúde demanda participação interdisciplinar, pois nenhuma categoria profissional consegue contemplar, por si só, a totalidade humana na vivência do processo saúde-doença (HOGA, 2013). Diante disso, surge o Projeto de Extensão PalhaSUS, um grupo composto por estudantes de diversos cursos da Universidade Federal

da Paraíba (UFPB), que propicia intervenções com foco na humanização, pois considera que o processo de cuidado em saúde envolve interações humanas. Logo, como cenários de práticas, o projeto abrange o Hospital Universitário Lauro Wanderley, Hospital São Vicente de Paulo, Lar de idosos Vila Vicentina, Hospital Padre Zé e o Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira.

O grupo PalhaSUS é orientado pela Educação Popular em Saúde, que apresenta potencialidades de mudanças significativas na formação dos profissionais da saúde. No contexto de crise do próprio paradigma científico que sustenta o processo de formação do profissional, algumas práticas na área da saúde em contextos sociais marginalizados ensejam o surgimento de perspectivas educacionais e profissionais deveras instigantes (FLEURI, 2006).

Uma das formas que podem ser utilizadas para constituir a humanização faz-se através da participação de palhaços. Existem dados que mostram a inserção do palhaço em hospitais desde a época de Hipócrates. Patch Adams, médico, conhecido por utilizar a performance do palhaço nos hospitais dos Estados Unidos, enxerga essa prática como uma maneira de trazer o amor de volta ao sistema de saúde e levar a alegria para o ambiente hospitalar (SPITZER, 2002).

“Se permitirmos que a estratégia do amor permaneça apenas como uma terapia, estamos dando a entender que há momentos nos quais ela não é necessária. Mas, se nós nos comprometemos a cultivar o amor como contexto, nós seremos continuamente chamados a criar uma atmosfera de alegria, amor e riso” (ADAMS, 2002, p. 447-448)

A partir desta perspectiva, o projeto cria o termo “palhaço-cuidador”, sendo este não só um “personagem” palhaço influenciado pelo circo, mas um palhaço que busca a humanização no sistema de saúde vigente. E, partir disso, o projeto de extensão PalhaSUS traça objetivos para suas ações:

- Proporcionar, através da atuação dos Palhaços Cuidadores nos cenários de práticas, o cuidado diferenciado para as pessoas assistidas;
- Promover a reflexão crítica sobre a realidade da saúde e as relações entre usuários e cuidadores;
- Debater com a comunidade acadêmica, equipes de saúde e extensionistas, as potencialidades da Educação Popular em Saúde como estratégia de transformação das práticas de saúde;
- Promover a reflexão do profissional de saúde em relação ao seu trabalho;
- Desenvolver e aperfeiçoar nos participantes habilidades artísticas e de comunicação relacionados à ação do palhaço e ao favorecimento das relações humanas;
- Trabalhar junto aos profissionais de saúde, estudantes e comunidade a percepção de saúde como trabalho construído de forma interdisciplinar;
- Incentivar nos profissionais das instituições contempladas pelo projeto a adoção de uma ética da alegria;
- Proporcionar a todos os participantes a adoção de práticas de autocuidado;
- Promover aproximação dos extensionistas com a realidade social, cultural, econômica e política das comunidades acompanhadas;
- Favorecer o desenvolvimento de pesquisas que avaliem o desenvolvimento e a repercussão dessa prática.

Com a perspectiva de colaborar com o alcance dos objetivos propostos pelo projeto, o PalhaSUS desenvolveu um grupo focal, no ano de 2014, onde foram compartilhados relatos e vivências dos extensionistas durante as atuações nos cenários de práticas. Tal grupo teve a finalidade de registrar de forma qualitativa as experiências proporcionadas ao longo do calendário de atividades, além de promover uma significativa reflexão entre os palhaços cuidadores envolvidos, através do processo de escuta, identificação e acolhimento.

DISCUSSÃO

O palhaço cuidador

Ser palhaço não é só colocar um nariz vermelho, uma roupa engraçada e saber contar uma piada. O palhaço é um arquétipo social e sua função é muito séria, sincera e respeitosa. Ele é a representação da falibilidade humana, do fracasso, da inadequação, do ridículo que existe em cada um de nós, do ridículo que é presente na sociedade (ABREU; GELAMO, 2014).

O Palhaço Cuidador é o profissional de saúde que se utiliza do arquétipo de palhaço para potencializar a ação do cuidado, além de permitir que o melhor e o pior das pessoas seja visto, e que os outros percebam suas qualidades e defeitos de uma maneira natural. Assemelhando-se a uma criança, já que a figura do palhaço é a busca pela essência infantil, o palhaço cria-se e recria em cada situação, buscando sempre o seu melhor enquanto artista, pessoa e profissional.

“Por mais que sejamos palhaços, devemos saber até onde podemos ir. Conhecer o limite que o outro nos impõe”. Palhaça Atrasadinha – Vila

Vicentina, para o grupo focal de relatos de experiências, 2014.

Do ponto de vista da estrutura e do funcionamento institucional das organizações hospitalares, o “palhaço-doutor”, como pode ser conhecido o Palhaço Cuidador do PalhaSUS, por ter o compromisso e o entendimento de que sua intervenção é potencialmente a do cuidado terapêutico, integra um grupo de voluntários que vem se expandindo e introduzindo importantes questionamentos sobre o papel do profissional da saúde no cuidado voltado ao paciente. O palhaço, por fim, afeta todo o meio em que atua, atingindo direta ou indiretamente todas as pessoas nas instituições, transmitindo um reflexo dessa relação para o próprio usuário dos serviços prestados.

Além da modificação nos ambientes e nas pessoas com quem se relacionam, o Palhaço Cuidador promove mudanças nos indivíduos que se permitiram ser palhaços. Afinal, para se doar de maneira completa, é preciso estar aberto para se conhecer e, assim, descobrir seus potenciais e limitações, transformá-los, melhorá-los ou simplesmente aprender a lidar com eles.

Os Palhaços Cuidadores apresentam características próprias e específicas para o tipo de atuação proposta pelo projeto. Em sua formação, não são utilizadas apenas técnicas circenses e teatrais, mas busca-se o conhecimento de si mesmo para caracterização desta nova forma, bem como realizam-se estudos a respeito da humanização, do papel do Palhaço Cuidador no campo da saúde e como este palhaço deve modificar a formação dos estudantes. A partir disto, esses palhaços constituem-se da personalidade de cada um, da sua formação técnica em saúde, da humanização em sua forma plena, do cuidado para com o outro e de suas próprias individualidades enquanto pessoas.

Assim, nascem os palhaços com as mais variadas formas. Alguns mais tímidos e emotivos, outros falantes e exagerados; tranquilos, enérgicos, sensíveis, engraçados ou até sérios. Alguns raros cantores, percussionistas, dançarinos, e outros que não possuem nenhuma habilidade artística, mas que carregam a mesma vontade e compromisso de estimular o cuidado holístico e proporcionar um pouco de conforto no processo de hospitalização ou institucionalização dos pacientes e usuários do sistema de saúde.

Há palhaços que, seja pela afinidade ou pela curiosidade, escolhem ambientes onde podem lidar com crianças enfermas, adultos em cuidados psiquiátricos, com idosos em situação de abandono, com pessoas em cuidados paliativos ou em situação de vulnerabilidade social. Ao fim da gestação, nasce o palhaço e com ele seu campo de atuação.

O papel da humanização e modificação da visão do profissional

Durante a formação profissional em saúde, os estudantes aprendem em sala de aula sobre o conceito de humanização, porém, não podem vivenciá-lo e este passa despercebido quando são inseridos no campo de trabalho. Tal fato leva a uma realidade em que os usuários dos serviços de saúde se queixam de serem vítimas de maus tratos, sendo esta uma demanda atual e crescente no contexto brasileiro (HOGA, 2003).

A formação do profissional de saúde, cada vez mais especializada, e suas difíceis condições de trabalho, restringem sua disponibilidade tanto para o contato com o paciente quanto para a busca de formação mais abrangente. Sendo necessária a reformulação da formação, principalmente no papel de cuidador (MARTINS, 2003).

Sendo assim, segundo Hoga (2003), a humanização do processo de acolhimento depende também da atuação adequada e da receptividade demonstrada por todos os trabalhadores que entram em contato direto ou indireto com os usuários. Estar ciente das características da pessoa a ser atendida aumenta a possibilidade do vínculo profissional/paciente, um aspecto essencial da assistência humanizada. Assim, a ideia do Palhaço Cuidador, através da extensão universitária, vem para quebrar essa formação e permitir ao estudante vivenciar a humanização em saúde. A partir disto, o mesmo passa a reconhecer a sua importância e a aplicá-la na prática profissional, nos seus respectivos ambientes de trabalho.

“A humanização é o cuidado mútuo e holístico do indivíduo, que tem como fatores primordiais a promoção, prevenção e proteção da vida do ser humano...” Palhaço Txui Txuin Txun Fly - Hospital Padre Zé, para o grupo focal de relatos de experiências no projeto, 2014..

Rogers (1992) afirma que o terapeuta deve vivenciar bem sua relação com o paciente e nela estar perfeitamente integrado. A noção de ‘congruência’ do terapeuta, isto é, o fato de ele ser verdadeiramente ele mesmo, o que denomina também sinceridade ou autenticidade do terapeuta, remete à consciência que ele pode ter do modo como vivencia a relação com o paciente e de sua atitude em relação ao mesmo.

“Temos que ver o paciente com uma pessoa, um amigo, que se quer o bem. É você ver a pessoa no geral, e não de uma maneira só. É se colocar no lugar do outro.” Palhaça Farofinha – Hospital Universitário Lauro Wanderley, para o gru-

po focal de relatos de experiências no projeto, 2014..

O terapeuta também deve demonstrar respeito ao paciente, pois a medida que ele aceita com confiança e compreensão todas as facetas da experiência de seu cliente como elementos integrantes de sua personalidade, ele experimentará, a seu respeito, um sentimento de respeito incondicional. Além disso, é essencial que o terapeuta explique compreensão empática no tocante ao sistema interno de referências de seu paciente, isto é, uma compreensão em relação à pessoa e não em relação ao assunto, e esforce-se por lhe comunicar este sentimento, isto é a empatia que é indispensável à terapia (ROGERS, 1992).

“A humanização se faz presente, por exemplo, no simples fato de ir ao médico e perceber que ele te recebe bem e conversa, e a partir disso, você se sente mais à vontade para falar sobre seu problema...” Palhaça Dorminhoca – Hospital São Vicente de Paulo, para o grupo focal de relatos de experiências no projeto, 2014.

A compreensão empática é uma das vertentes que o Palhaço Cuidador utiliza ao dar suporte emocional aos pacientes e ser facilitador do trabalho nos espaços de cuidados. A humanização no hospital é importante, pois o paciente passa a ser tratado como pessoa que é, com todos os tipos de sentimentos que a interação pode suscitar, e não mais apenas um doente.

“Onde eu atuo, eu vejo que eles realmente gostam da gente. É tanto que muitos dizem sobre a nossa importância lá e pedem para irmos em outros hospitais e clínicas”. Palhaça Atrasadinha

– Abrigo de Idosos Vila Vicentina, para o grupo focal de relatos de experiências no projeto, 2014

Apesar da importância do riso como um instrumento mundialmente reconhecido pela capacidade de quebrar barreiras e potencializar a construção de vínculos em qualquer ambiente de trabalho onde haja interações humanas, para Valiate e Tozzi, 2001, o riso como ferramenta dialógica ainda é pouco difundido entre os profissionais e os usuários dos serviços de saúde.

A partir das atuações, o Palhaço Cuidador muda totalmente a maçante estrutura hospitalar através da facilitação e suavização dos espaços, o que proporciona uma liberdade ao paciente para se expor, auxilia aos profissionais no desenvolver dos tratamentos e cuidados, uma vez que, a terapêutica não só se volta aos usuários dos serviços de saúde, mas aos profissionais, que são compreendidos também como sujeitos necessitados de atenção e afeto. E nessa busca por momentos de alegria, procura levar um bem fisiológico a todos os profissionais, com a perspectiva de que repassarão aos usuários e aos outros profissionais que se relacionarem. Logo, o Palhaço Cuidador torna-se um facilitador para a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade do trabalho.

Interferência do palhaço cuidador no sistema de saúde

Para realizar mudanças nos processos de produção de saúde, pode-se apostar em uma política de humanização do SUS para definir a humanização como a valorização dos processos de mudança dos sujeitos na produção de saúde.

“Quando se fala sobre o SUS e suas diretrizes, deve ser pensado no embasamento teórico-prático que a universidade proporciona. E a partir dessa reflexão, é importante ressaltar que as ações do PalhaSUS, como extensão universitária, podem promover um andamento dessas diretrizes”. Palhaço Txui Txuin Txun Fly - Hospital Padre Zé, para o grupo focal de relatos de experiências no projeto, 2014.

Ao se trabalhar com humanização, a melhora do ambiente hospitalar traz benefícios, como a redução do tempo de internação, aumento do bem-estar geral dos pacientes e funcionários e diminuição das faltas de trabalho entre a equipe de saúde, e, como consequência, os hospitais também reduzem seus gastos, trazendo benefícios para todos (MAZZETI, 2005). Ademais, quanto melhor a atuação do profissional, melhor para o Sistema Único de Saúde, por acelerar a obtenção de êxito no processo de diagnóstico e tratamento das doenças, assim, tecnicamente, diminuindo a grande demanda de pacientes e intervindo na promoção de melhores condições de saúde para a população.

“Quando melhor se é enquanto profissional, melhor para o SUS, porque se o médico, por exemplo, consegue obter informações necessárias para a melhora do paciente através da conversa, mais terá êxito em tratamentos e menos pessoas hospitalizadas”. Palhaça Farofinha - Hospital Universitário Lauro Wanderley, para o grupo focal de relatos de experiências no projeto, 2014.

Levando uma forma lúdica de perceber amplamente o usuário, o Palhaço Cuidador proporciona uma visão holística do indivíduo, unindo corpo, mente e espírito em um eixo principal. A partir dessa proposta de humanização, procura-se contribuir para a transformação da assistência e modelo de saúde.

CONCLUSÃO

Entende-se que a universidade, enquanto instituição acadêmica, forma o profissional, mas o que determinará os adjetivos atribuídos a ele, para além do título de graduado, é a sua vivência e suas experiências reais, que podem ser proporcionadas por projetos como esse.

Assim, pode-se assegurar que as práticas de extensão universitária orientadas pela Educação Popular em Saúde, em vez de servir meramente para atenuar e acobertar desigualdades sociais e assegurar a estabilidade do sistema econômico-político vigente, apresentam potencialidades de mudanças significativas na formação dos profissionais da saúde (FLEURI, 2006).

Em suma, a arte da palhaçaria tem proporcionado a nós e ao nosso público uma forma de ver e sentir os espaços de cuidado de maneira diferente, tornando-se uma potente maneira de propagar a humanização e o amor como forma de saúde.

LEITURAS SUGERIDAS:

ABREU, L. A.; GELAMO, R. P. Palhaço: Um arquétipo social. SEIC, 2014.

ADAMS, Patch. Humour and love: the origination of clown therapy. *Postgraduate Medical Journal*. 2002; v.72 n.922, p 447-8. Disponível em: < <http://www.dreamdoctors.org.il/UserFiles/>

[humor%20and%20love%20the%20origination%20of%20clown%20therpay%202002.pdf](#)>

ARAÚJO, T. C. C. F.; GUIMARÃES, T.B. Interações entre voluntários e usuários em onco-hematologia pediátrica: um estudo sobre os “palhaços-doutores”. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, n.3, p. 632-647, 2009.

FLEURI, R. M. Formação de profissionais da saúde: reflexões a partir de vivências estudantis. In: *Perplexidade na Universidade: vivências nos cursos de saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006. ed. 1, v.1, p. 231-264.

HOGA, L. A. K. A dimensão subjetiva do profissional na humanização da assistência à saúde: uma reflexão. *Revista Escola Enfermagem*, São Paulo, v.38, n.1, p. 13-20, 2004.

MARTINS, M. C. F. N. Humanização da assistência e formação do profissional de saúde. *Psychiatry online Brasil*, v.8, n.5, 2003.

MAZZETTI, M. Especialistas garantem benefícios de humanização de hospitais, 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u3854.shtml>>. (Acesso em 05/02/17).

ROGERS, C. R. The Necessary and Sufficient Conditions of Therapeutic Personality Change. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v.60, n.6, p. 827-832, 1992.

SPITZER, P. Clown Doctors! Churchill Fellow, 2002. Disponível em: < <http://www.ebility.com/articles/clowndoctors.php>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

VALIATE F, TOZZI, V. A busca da humanização no ambiente hospitalar através dos Especialistas do Riso. COMSAÚDE – 2001.. Disponível em: < http://www.projedoradix.com.br/dsp_abstr.asp?fuseaction=10a&id=173 > Acesso em: 22 nov. 2017.

O PAPEL POLÍTICO DA PALHAÇA CUIDADORA NA FORMAÇÃO EM SAÚDE POR MEIO DA EXTENSÃO POPULAR

*Aline da Silva Alves
Luciana Maria Pereira de Sousa*

Este texto, escrito por duas mulheres e Palhaças Cuidadoras, sistematiza a experiência da palhaçaria em cenários de aproximação de diálogos com trabalhadores e usuários da saúde e busca retratar o potencial político-transformador dessas ações, por meio da Extensão Popular na formação em saúde.

EXTENSÃO POPULAR: ESTRATÉGIA POLÍTICA E METODOLÓGICA NA FORMAÇÃO EM SAÚDE

A formação em saúde, coerente com os pressupostos do Sistema Único de Saúde, demanda que a inserção dos estudantes em formação transcorra os espaços da sala de aula e firme ações e estratégias coesas com a realidade social e seus cenários de atuação. Dessa forma, tem-se por objetivo a conscientização dos trabalhadores da saúde, em prol de uma mudança de postura que possa superar a lógica biomédica ainda vigente, através da construção de propostas inovadoras com intencionalidade política clara, que priorizem o diálogo, o protagonismo estudantil e comunitário, a afetividade, o respeito ao senso

comum e à cultura, o compartilhamento das experiências e a indissociabilidade entre universidade e sociedade (LEITE et al, 2014).

Nesse sentido, a Extensão Universitária, aliada do ensino e da pesquisa, propõe-se a oferecer espaços de aproximação dos sujeitos sociais com a realidade, por meio de ações que também envolvem a comunidade, para contribuir com a universidade em uma relação de construção compartilhada de saberes.

Nessa direção, a Extensão Popular parte da Extensão Universitária, avançando, contudo, no que se refere à sua intencionalidade política. Desse modo, começa a surgir, então, uma Extensão Universitária embasada nos princípios da Educação Popular (EP), denominada de Extensão Popular. Trata-se, portanto, de uma extensão que atua em espaços comunitários, buscando a transformação social e propondo uma troca de saberes entre a universidade e a sociedade (RIBEIRO, 2009).

Segundo Cruz (2011, p. 48), “no campo da Extensão Popular, EP configura-se em um jeito de estar no mundo, de pautar as relações humanas e sociais, de conduzir o processo de trabalho, o processo educativo”.

Então, como o mesmo ressalta, a Extensão Popular configura-se como

[...] uma possibilidade de se direcionarem Projetos para ampliar a hegemonia dos setores subalternos da sociedade. É um trabalho fundamentalmente educativo, que assume variadas formas pedagógicas, a saber: cursos, rodas de conversa, aulas, oficinas, reuniões, atividades coletivas, campanhas, ações conjuntas, conversas informais, etc. (CRUZ; 2011, p. 47).

A extensão, nesse pensamento, configura-se e concretiza-se como trabalho social útil, com a intencionalidade de pôr em mútua correlação o ensino e a pesquisa, em uma perspectiva política de permanentes mudanças, até as mais profundas que se fizerem necessárias (MELO NETO, 2009).

Sendo assim, a participação em projetos de extensão orientados pela EP passa a ser uma maneira de preparar os estudantes para um mercado de trabalho marcado pelas novas políticas sociais (VASCONCELOS, 2011).

A extensão popular vem se configurando como um novo jeito de formação universitária e de percepção do mundo, como destacado por Melo Neto (2011), que afirma que vivenciar essas experiências no seio da universidade tem uma importância enorme. Nós estamos ressaltando outro jeito de fazer academia. Ao falar de extensão popular, não estamos dizendo que vamos extinguir com a universidade e as coisas como estão. Até porque o outro jeito, o estático, tem provocado muitos conhecimentos importantes para nós. Mas estamos dizendo que nós podemos e estamos pensando de outras formas. Aliás, sempre podíamos e poderíamos, mas não estávamos pensando. Então, a extensão traz uma nova visão de mundo para os nossos profissionais, outras formas de pensar e encarar o mundo.

Dessa maneira, a Extensão Popular tem como pretensão fazer com que o modelo hegemônico universitário de ensino e investigação seja questionado, gerando uma prática de acordo com as reais necessidades da maioria da população. Afirma-se, assim, que a lógica que rege a universidade não pode ser a de mercado, mas o interesse da sociedade (SERRANO, 2010).

Dentre os vários desafios, a Extensão Popular, ou como denominada pelo autor Serrano, a Extensão Universitária Popular, deve promover uma formação cidadã e humanizada, sensibilizando e formando os profissionais para práticas éticas

e solidárias, além de fazer com que os atores envolvidos tenham uma formação para a cidadania e para o estabelecimento de laços com o local, com sua cultura e potencialidades (SERRANO, 2010).

Através da Extensão Popular, cabe ao sujeito acadêmico uma postura e caráter transformador, como é ressaltado por Cunha (2002):

O sujeito acadêmico como “sujeito” de mudança, como um intelectual crítico e reformador, sustentado por um certo “esclarecimento” científico, ao agendar diferentes propostas demandadas em nome de uma política social mais equitativa, se coloca como um importante ponto de inflexão e negociação entre diferentes agentes, atores e poderes (p. 41).

Contudo, esse sujeito não consegue alcançar sozinho a transformação social que almeja. Para tanto, uma característica muito tocante da Extensão Popular é o cultivo da construção coletiva e a valorização do trabalho em grupo; tais princípios contribuem para uma formação de profissionais articulados, que promovem uma construção coletiva do conhecimento.

Não se faz Extensão Popular sozinho, ou seja, o trabalho precisa ser realizado por todos. Por isso mesmo, deve ser conduzido e cuidado por todos. Todas as pessoas que compõem um grupo, nesse trabalho social, precisam ser corresponsáveis ativas do processo, não apenas em seu planejamento, tampouco na concretização. Em Extensão Popular, é preciso horizontalizar as relações. Isso exige que as avaliações sejam feitas com todos, em roda, no mesmo espaço onde todos tomam as decisões (CRUZ, 2011).

Esse trabalho construído constantemente de forma coletiva não é fácil, uma vez que a Extensão Popular se dá através de vários sujeitos (extensionistas, professores, comunidade), com diferentes experiências e onde é preciso respeitar o tempo de cada sujeito, praticando a necessidade de retroceder em certos momentos para que haja um avanço posterior de maneira democrática e prolongada.

Sabemos que existem ainda inúmeras práticas de Extensão Universitária realizadas através de práticas puramente pontuais, informativas e assistencialistas. Contudo, através da inserção dos princípios da Educação Popular, tem sido possível a realização de uma extensão universitária mais comprometida com as classes populares, construída com a comunidade, valorizando seus saberes e desenvolvendo uma formação estudantil humanizada, socialmente comprometida e reflexiva.

Como reflexo desses coletivos, as conquistas referentes à Educação Popular no âmbito acadêmico já são efetivas, principalmente, no que diz respeito à sua prática, pois passou de uma prática subversiva, semiclandestina, para uma prática alternativa pontual, restrita à extensão. Para mais, tal prática vem sendo utilizada ultimamente como forma e proposta de orientar as políticas de ensino, extensão e pesquisa (VASCONCELOS, 2011).

Nesse contexto, surge na UFPB, em 2012, o PROGEPS (Programa de Educação Popular em Saúde), com o objetivo de aproximar e construir processos que fortalecessem os projetos de extensão popular que já realizavam suas ações no campo da Educação Popular em Saúde (EPS). Entre vários projetos, o PalhaSUS fez parte desse programa, o que permitiu a inserção das autoras deste capítulo, extensionistas do Projeto PINAB (Práticas Integradas de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica), adentrassem no universo da palhaçaria e experienciassem

processos e construções de encontros e fortalecimento da EPS através da palhaçaria. O PROGEPS desenvolveu ações, como cursos (Cursos Comunitários de Saúde; Curso Caminhos Metodológicos para sistematização em Educação Popular, e a parceria no curso “Atenção à Saúde dos Pobres, Oprimidos e Marginalizados), oficinas (Oficinas de Planejamento e Avaliação, Oficinas de Cenopoesias), vivências integrativas, reuniões de formação e organização, o Fórum Permanente de Educação Popular em Saúde (espaço político de articulação com a sociedade em seus vários níveis, onde já foram discutidos temas como Educação Popular e Espiritualidade; O papel da Educação Popular na Atuação dos Profissionais na Estratégia Saúde da Família; Política Nacional de Educação Popular em Saúde; Análise da conjuntura da Educação Popular e Saúde; Práticas de Educação Popular em Saúde: que dificuldades e caminhos temos encontrado em nosso dia-a-dia?; dentre outros). Também foram feitas sistematizações dessas experiências, através de resumos, artigos, capítulos de livro, vídeos, documentários, etc.

O PALHAÇO CUIDADOR COMO FERRAMENTA EM POTENCIAL NA EXTENSÃO POPULAR

No campo da Extensão Popular, a figura do Palhaço Cuidador representa uma ferramenta de caráter potencializador das ações e dos encontros possibilitados por ele. Esse sujeito traz consigo uma visão e reflexão crítica sobre o mundo de forma leve, mas profunda; cheia de cores, mas realista. Através do riso e da expressão do ridículo, ele consegue aproximar as pessoas e conduzir o diálogo suave e envolvente.

Como colocado por Matraca, Wimmer e Araújo-Jorge (2011, p. 4129), “o diálogo é a essência da comunicação humana, sempre com um locutor, que apresenta um tema discursivo,

e um interlocutor, que percebe, reage, responde e constrói sentidos com o discurso emitido.” Ressaltam também que, na pedagogia de Paulo Freire, o diálogo é abordado como uma ação essencialmente humana, um ato de amor, coragem, liberdade e confiança no próximo. Freire define que o pensamento crítico se constitui a partir do diálogo. Nesse sentido, Brito et al. (2016, p. 554) afirma que “[...] o diálogo com os palhaços é realizado na horizontalidade, é uma ação humana, amorosa, corajosa, capaz de suscitar liberdade e confiança mútua [...].”

O Encontro entre a Extensão Popular e o Palhaço Cuidador configura-se como uma importante união de forças e avanços, na perspectiva da produção de um cuidado em saúde, dialógico, crítico, emancipatório e amoroso, construído com leveza, alegria e transformador das relações de cuidado e vida.

O palhaço vive sempre o presente conectado constantemente a tudo que acontece à sua volta e sempre em busca de soluções criativas para problemas cotidianos, muitas vezes repetitivos, na vida humana. Ele não age simplesmente, ele saboreia cada movimento, cada gesto, tudo integrado com a autenticidade conquistada pelo contato com sua essência. Portanto, está sempre acessível às soluções inovadoras para problemas que lhe são apresentados. Por isso, é capaz de abordar barreiras impostas pela doença, dor, alienação e angústia, com flexibilidade e em contínuo humor adequado às mudanças de condições e circunstâncias (BRITO et al., 2016).

Além disso, Matraca, Wimmer e Araújo-Jorge (2011, p. 4134) colocam que:

O Palhaço é um agente secreto social pronto para a revolução, tendo como estratégias o riso e a alegria. Sua história é a de um herói às avessas que, de forma criativa, encontra sempre so-

luções para sua arte, indo onde o povo está, de vila em vila, de cidade em cidade, de reino em reino, estando disponível ao encontro e aprendizado da cultura com a qual entra em contato. Sua matéria básica para criar são os costumes locais, o idioma, como os principais traços folclóricos e culturais, construindo o maior espetáculo da terra, que geralmente denuncia as diferenças e desigualdades do local visitado (MATRACA, ARAÚJO-JORGE E WIMMER, 2011, p. 4134).

Através do Projeto de Extensão Popular PalhaSUS e das relações com outros projetos que formaram o PROGEPS na UFPB, foi possível aproximar esse diálogo e construir ações voltadas para a Educação Popular em Saúde, com o envolvimento dos Palhaços Cuidadores, que foram, a cada dia, produzindo reflexões e ações mais fortes e transformadoras.

A arte e a Extensão Popular expressam um papel fundamental no processo de aprendizagem em saúde e também na relação do cidadão com o seu meio ambiente. A união entre ciência, arte e educação, potencializa-se com o uso da palhaçaria e da música para a promoção da saúde com alegria nas ruas da cidade, para além do formato hospitalar (MATRACA, ARAÚJO-JORGE E WIMMER, 2014).

Através do riso, os Palhaços Cuidadores conseguem aproximar, quebrar barreiras e suavizar os diálogos entre os sujeitos. Com seu discurso brincante e amoroso, desarma as posturas e preceitos das pessoas. Por meio do lúdico e expressividade, permite que os sujeitos reflitam sobre a realidade, promovendo um ambiente de cuidado e transformando as relações.

Vemos o riso como um fenômeno universal, uma potência agregadora dependente de vários aspectos, como a cultura, a

história e a saúde. No transitar entre prática e teoria, nasce a Dialogia do Riso, um conceito baseado na Educação Popular em Saúde, na gestão participativa, nos círculos de cultura e rodas dialógicas, tendo como premissa a constituição de vínculos e a promoção da alegria, ao invés de focalizar em restrições, obrigações e prescrições. A Dialogia do Riso indica fortalecer o exercício da cidadania, compartilhando conhecimento, brincando e promovendo saúde e alegria (MATRACA, ARAÚJO-JORGE E WIMMER, 2014).

Os autores Matraca, Araújo-Jorge e Wimmer (2011, p. 4130) destacam também que o riso é um “fenômeno universal que desperta interesse por ser transversal e dialógico”. Quando se refere a transversal, aponta que o riso pode estar condicionado a aspectos da cultura, da filosofia, da história, da saúde, entre outros. No que se refere a dialógico, explica que, ao trilharmos os sentidos do humor, nos deparamos com a comédia e o escárnio que existe por traz de cada riso, como um código de comunicação inerente à natureza humana. Assim, o riso e o humor são mutantes, assim como os costumes e as correntes de pensamento.

EXPERIÊNCIAS DE DIÁLOGOS DE PALHAÇAS CUIDADORAS COM A COMUNIDADE POR MEIO DA EXTENSÃO POPULAR

A experiência como Palhaças Cuidadoras teve início com a Oficina de Formação de Palhaças Cuidadores em 2013, oferecida pelo projeto PalhaSUS, na UFPB, para extensionistas de projetos de Extensão Popular que faziam parte do PROGEPS. O objetivo dessa oficina era integrar estudantes para além do Projeto PalhaSUS em ações que contassem com a estratégia da palhaçaria, na lógica do cuidado e se estendessem além dos campos de atuação firmados pelo projeto. Através da Oficina, dentre vários novos palhaços, nasceram Fofinha e Luloca, oriundas de extensionistas do Projeto

PINAB, vinculado ao Departamento de Nutrição e Departamento de Promoção da Saúde da Universidade Federal da Paraíba.

Fofinha e Luloca foram as primeiras palhaças do projeto PINAB e participavam, no período de 2013 a 2014, de um grupo operativo que desenvolvia atividades na Unidade de Saúde da Família Unindo Vidas, no Bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa. Participavam do grupo extensionistas e Agentes Comunitários de Saúde (ACS) com propósito de fomentar ações de cuidado à saúde do trabalhador. O grupo era conhecido como Grupo de Encontro de Trabalho Saúde do Trabalhador, ou apenas GET, e partia da proposta de impulsionar estratégias que viabilizassem a participação ativa dos ACS's, criando formas de intervenção a partir da demanda que esses trabalhadores apontavam, na perspectiva de superar os desafios encontrados e fortalecendo a autonomia e protagonismo coletivo em todo processo (ARAÚJO et al., 2017).

A inserção do ACS na Saúde da Família está pautada na representação de vínculo e no elo da relação serviço-comunidade, o que o torna também um potente “mediador” de tensões da comunidade, por atender às inúmeras demandas de saúde. Dessa forma, por atuar como mediador a partir do conhecimento amplo da realidade local e do modo de vida dos indivíduos, ao mesmo tempo, gera constantes sofrimentos para esses trabalhadores no enfrentamento desses problemas no cotidiano (SILVA, 2002).

Para Galavote (2011), a produção de saberes e as práticas dos ACS's devem propiciar várias possibilidades da relação com o outro e consigo mesmo, de forma a potencializar uma produção de saúde vinculada à cidadania, à autonomia dos sujeitos e coletividades, nos modos como, no dia a dia, vão se construindo novas formas de viver e lidar com a vida, inclusive nos espaços institucionais em que se constroem as várias e diferenciadas modelagens do trabalho em saúde.

Nesse contexto, para consolidar a proposta do GET, eram realizados encontros de discussão e problematização, estudos e sistematização da experiência. Nos encontros de discussão, também aconteciam práticas de cuidado em saúde, que eram desenvolvidas junto com os ACS's; essas práticas também eram chamadas de "cuidando do cuidador". Reflexologia, meditação, dança, massagem individual e coletiva, musicoterapia e comensalidade eram desenvolvidas como estratégias de cuidado e sintonia do grupo. O papel das Palhaças Cuidadoras, desde o início do grupo, era tornar o diálogo mais suave, quebrando as barreiras do academicismo e da linguagem bastante formal e técnica que carregamos da universidade.

Reunir o grupo, sentar em roda e propor exercícios e expressividade corporal que tocasse o universo do outro era tarefa que demandava uma adesão por partes dos trabalhadores que, muitas vezes, não estavam acostumados a sair da rotina, mesmo estando no ambiente de trabalho. E não foi tarefa difícil para as palhaças. As duas, em parceira com outros colegas extensionistas, conseguiam aglutinar os sujeitos para uma aproximação confiante no grupo. Ao mesmo tempo, uma abertura para o cuidado e empatia em cuidar do outro, que não necessariamente se tratava de algum usuário da comunidade, mas, ali pertinho, um companheiro ou uma companheira de trabalho que também vivenciava limitações semelhantes.

Ao passo que se vivenciavam momentos de cuidado e confiança, os trabalhadores compreendiam a importância do caminhar juntos e a necessidade de somar esforços para lutar pela transformação do que acreditavam e queriam construir. Para as palhaças, ainda estudantes, perceber que parte dos avanços observados no sentido do compartilhamento entre a equipe advinha da confiança recíproca com a estratégia da palhaçaria, era acreditar no potencial sócio transformador do fazer em saúde

que não se aprendia no conjunto de componente curricular, mas da formação pessoal que é carregada com cada pessoa, ainda que pouco se referencie essa formação em contextos onde é valorizado apenas a postura profissional e técnica.

Extrapolando o diálogo com a equipe de trabalhadores, o grupo de extensionistas também era convidado, junto com as Palhaças Cuidadoras, a participar de ações na comunidade, como visitas domiciliares e atividades com crianças em comemoração ao Dia das Crianças. A equipe compreendia o papel das palhaças como parceiras de aproximação, de representação do novo, mais alegre e mais leve.



Palhaças Cuidadoras, Fofinha (à esquerda) e Luloca (à direita), em Roda de Conversa com Trabalhadores da Saúde da UBS Unindo Vidas (2014)

Outro alcance compartilhado com as Palhaças Cuidadoras é referente à experiência com o Fórum EPS (Fórum Permanente de Educação Popular em Saúde na Paraíba). O Fórum EPS surgiu a partir das vivências do PROGEPS, buscando aprimorar a articulação de diferentes iniciativas que atuam na promoção da reflexão crítica das diferentes realidades na área da saúde e, ainda, promover maior visibilidade às ações desenvolvidas pelas práticas de Educação Popular em Saúde, criando uma rede que viabilizasse o fortalecimento do compartilhamento de experiências.

Foram realizados quatorze encontros do Fórum EPS, no período de julho de 2012 a março de 2015. Os encontros aconteciam bimestralmente, discutindo temas como “Análise de conjuntura da Educação Popular em Saúde”; “Política Nacional de Educação Popular em Saúde: caminhos, necessidades e estratégias na Paraíba”; “Dificuldades e caminhos encontrados em nosso dia-a-dia”; “Educação Popular em Saúde e os caminhos do SUS na Paraíba”; “O papel da Educação Popular na atuação dos profissionais da Estratégia Saúde da Família”; “Educação Popular e Espiritualidade”; “Reforma Política: diálogos nos espaços de Extensão Popular”; “Movimentos Sociais e participação popular”, dentre outros.

Os encontros do Fórum aconteciam em espaços abertos a todos que tivessem interesse em participar. Reunia atores sociais, movimentos populares, estudantes, professores, extensionistas, moradores de comunidades que vivenciavam as experiências dos projetos de extensão e gestão pública, que se envolviam no fortalecimento da Educação Popular como caminho para constituição de novos horizontes para o cuidado, gestão, formação e participação em saúde.

Nesse contexto, as Palhaças Cuidadoras uniam-se a outros palhaços dos demais projetos que constituía o PROGEPS. Era um grupo de Palhaços Cuidadores responsável pela tecnologia leve

de protagonizar diálogos. Envolviam-se nas místicas, dinâmicas, estruturação, organização e proposta metodológica dos encontros do Fórum EPS.

A maioria dos estudantes que davam vida aos Palhaços Cuidadores eram vinculados aos cursos da área da saúde e compreendia a extensão popular como caminho contra-hegemônico para participação na construção de um mundo mais justo e solidário, através do reconhecimento dos saberes populares e da necessidade de unir-se a espaços que fomentassem protagonismo e autonomia dos sujeitos envolvidos.

Expor-se ao ridículo na palhaçaria era como retornar às bases de onde saíam e deixar-se ser novamente, no intuito de compreender os aprendizados espalhados e buscar formas de aproximá-los em torno de uma transformação da realidade, marcada por muita resistência e luta da classe trabalhadora em torno da superação de fronteiras.



**Acolhimento com Palhaços Cuidadores no 6º Encontro do Fórum
EPS, em 2013**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao aproximar a palhaçaria e as ações de extensão popular, novas possibilidades de problematização da realidade podem ser percebidas e experienciadas com alegria, cuidado, intencionalidade e leveza, fortalecendo práticas de Educação Popular em Saúde, por meio de seus estudantes, trabalhadores e população atingida por elas.

Na formação dos estudantes, especificamente na área da saúde, a possibilidade de se tornarem Palhaças Cuidadoras, a partir do caminho da extensão popular, possibilitou uma ampliação do olhar como pessoas e profissionais de saúde.

Para as autoras, que na época eram estudantes do Curso de Nutrição, foi possível perceber o papel dos nutricionistas de maneira mais comprometida com os direitos sociais, com os saberes populares, com o empoderamento do sujeito, com o discurso dialógico horizontalizado e envolto na alegria, riso, singeleza, simplicidade e postura crítica-política com um caráter transformador da realidade. É possível acreditar no poder político-transformador da extensão popular e da palhaçaria como caminho para o enfrentamento das iniquidades e para a construção de um mundo possivelmente justo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. S.; ALVES, A. S.; SOUSA, L. M. P.; FAGUNDES, M. G.; ALENCAR, I. C.; CRUZ, P. J. S. C. Pesquisa em Extensão Popular: uma reflexão sobre o trabalho de Agentes Comunitários de Saúde em João Pessoa – Paraíba. In: Pedro José Santos Carneiro Cruz et al (org). **Extensão Popular Caminhos em Construção**. João Pessoa: Editora CCTA, 240p., 2017.

CUNHA, L. S. Extensão Universitária Brasileira: as tensões das propostas acadêmicas. In: José Francisco de Melo Neto (org.). **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA - diálogos populares**-. 2002. Disponível em: <<http://www2.uesb.br/pedh/wp-content/uploads/2014/02/Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-di%C3%A1logos-populares-Jos%C3%A9-Francisco-de-Melo-Neto.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

CRUZ, P. J. S. C. Extensão Popular: A Reinvenção da Universidade. In: VASCONCELOS, E. M ; CRUZ, P. J. S. C. (org.). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; 420 p., 2011.

LEITE, M. F.; RIBEIRO, K. S. Q.; ANJOS, U. U.; BATISTA, P. S. S. Extensão Popular na formação profissional em saúde para o SUS: refletindo uma experiência. Ver Interface, Botucatu, v. 18,n. 2, 2014.

MELO NETO, J. F. Extensão popular – A universidade em movimento. In: VASCONCELOS, E. M ; CRUZ, P. J. S. C. (org.). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; 420p., 2011.

MELO NETO, J. F. Entrevista com o Prof. José Francisco de Melo Neto. **Revista Extensão Cidadã**, Ano 4, n. 7, 2009.

RIBEIRO, K. S. Q. S. A Experiência na Extensão Popular e a Formação Acadêmica em Fisioterapia. **Cad. Cedes, Campinas**, v. 29, n. 79, p. 335-346, set./dez. 2009.

SERRANO, R. M. S. M. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**. 2010. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf >. Acesso em: 19 ago. 2014.

SILVA, J.A., DAMALSO, A. S. O agente comunitário de saúde e suas atribuições: os desafios para os processos de formação de recursos humanos em saúde. *Interface – Comunic, Saúde, Educ*, 2002. Disponível em: <http://www.interface.org.br/revista10/debates1.pdf>

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular na Universidade. In: VASCONCELOS, E. M; CRUZ, P. J. S. C. (org.). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; p. 420, 2011.

O QUE EU ERA ANTES DE ME ENCONTRAR

José Erivonaldo Ferreira Paiva Júnior

Eu, jovem, paraibano e sertanejo. Minha saída de casa aos 12 anos de idade para estudar acabou por me fazer não ter muita perspectiva sobre a vida e sobre as suas belezas. Isso contribuiu para gerar um alguém com os pensamentos voltados apenas para crescer e gerar frutos a partir das escolhas feitas. Graças a isso, tive que amadurecer mais rápido que os outros adolescentes e, junto com o amadurecimento, vieram as grandes responsabilidades.

Ao mesmo tempo, houve tempos remotos, logo após o meu ingresso na universidade, eu me encontrava submerso em um ego acentuado que predominava e dominava o meu ser. Eu não sabia qual era o real sentido da vida, se esta possuía algum valor ou se existia alguma explicação para cada ação. Não sabia se o material era o mais importante ou se os sentimentos também o eram, nem sabia o porquê de habitarmos esse plano. Não sabia se a maneira como estava vivendo realmente valia e valeria a pena; se nada além do escolhido para viver importaria, questionava-me, então, como ficariam as outras pessoas nessa história?

Nada além do que me rodeava fazia muito sentido, nem parecia ter um real lugar no mundo, de modo que eu sempre me perguntava por que estaria aqui, qual seria meu papel no mundo” “e se eu deveria ter alguma função além das que eu já

praticava”. Esses questionamentos sempre povoavam a minha cabeça e ela não conseguia se desassociar de tudo o que eu fazia.

Sempre achei que a vida se resumia apenas a mim, na minha totalidade, quando, na verdade, nada se resume apenas a uma única pessoa. Sempre existe alguém que necessita do olhar empático e humano, principalmente nos dias atuais, onde a correria da rotina vigora e os contatos interpessoais diminuíram.

Até que certo dia encontrei um projeto de extensão cheio de cor, vida e amor, que me proporcionaria uma das maiores reviravoltas da minha existência. Ao me deparar com alguns integrantes do Projeto PalhaSUS, em conversas informais, pude me aproximar da ideologia do projeto e, só de saber quais os seus princípios e as atividades realizadas, entendi que ali eu poderia aprender a ver a existência de outra forma, mais bonita, dando importância às suas particularidades.

Após alguns momentos de contato com as experiências transmitidas pelos participantes do projeto, passei a me questionar sobre essas vivências, até então alheias, e pude imaginar que aquelas pessoas conseguiam coisas que, para mim, naquele momento, eram fora do normal. Eles conceberam uma frase marcante e provocante para a vida, a qual afirma que “um sorriso pode modificar os sentimentos de alguém, mesmo que por um minuto”. Ouvir esse tipo de comentário fez-me atentar para a ideia de que aquele minuto modificado para as pessoas que estavam em vulnerabilidade poderia não apenas modificar as suas vidas, mas também a de quem estivesse se propondo a levar leveza, ou seja, poderia também ter um peso positivo mais significativo do que qualquer coisa.

Com o passar dos dias, passei a me interessar. Busquei entender de que maneira um “simples sorriso”, uma “simples palavra” de incentivo, um gesto de carinho e amor conseguiria

modificar a realidade de um ser humano, como afirmavam aquelas pessoas. Criei coragem e, com grandes expectativas, fui até o projeto no intuito de criar proximidade e realmente conhecê-lo na sua essência. Com grande honra, pude participar de um dos momentos mais ricos, onde a energia que habitava era a do amor e cuidado mais puros. Aquelas pessoas futuramente seriam minha família, e elas nem podiam imaginar o quanto seriam capazes de tornar esse alguém melhor. Vejo a família como instrumento fundamental na formação de qualquer pessoa, então a união da minha família de sangue com a família PalhaSUS formaram um ser humano repleto de virtudes.

Até aqui foi um longo processo, cheio de medos, mas, acima deles, a coragem imperava. O primeiro contato vinculado ao projeto, lembro-me como hoje, ocorreu em uma nublada manhã de sábado, no auditório do Centro de Tecnologias (CT) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Esse encontro, intitulado Seminário Anual do PalhaSUS, ficou guardado na minha memória devido à felicidade daqueles que ali brincavam de serem humanos, falando da riqueza que é ser palhaço e de participar de um projeto tão magnífico. Cada momento de aproximação foi de grande valia.

No meu segundo contato, desta vez numa manhã de sol, ocasionado em virtude do processo de seleção, pude fazer palhaçada e mostrar meu lado engraçado. Fui incumbido de escrever três lembranças em um papel, sendo uma boa, uma triste e uma feliz, e noticiá-las depois disso. Ler a palavra “noticie” me fez buscar algum meio de fazer aquelas pessoas rirem. Sem titubear, gritei um “extra, extra” seguido das notícias. Foi um momento para nunca esquecer, dado que o riso tomou de conta de todos e pensei, convencendo-me de que eu também poderia ser alguém engraçado.

À tarde, ainda no processo de seleção, participei de um lindo momento cheio de energia pura, ligada ao íntimo de cada um. Nele, cada um tinha total liberdade de expor seus sentimentos sem medo de julgamentos ou de olhares repreensivos. Foi um momento de seres humanos enxergarem outros seres como humanos. Para caracterizar completamente aquele instante presenciado, foi-nos proporcionado vivenciar danças circulares, compartilhamento das emoções e experiências. Durante o decorrer da tarde, fomos convidados a nos dividir e fazer uma apresentação em forma de peça teatral, retratando alguns momentos de dificuldade das pessoas com deficiência. Encantei-me com a forma lúdica de envolver um assunto tão denso de criticidade e pela maneira iluminada que muitos conseguiram enxergar aquelas situações. O cansaço já era notório, mas a vontade de permanecer era tão grande, que nada poderia estragar aquele momento ímpar da minha vida. Chegando em casa, eu não conseguia parar de pensar na sorte que estava tendo em participar daquele dia inexplicável, tamanho era o amor que me habitava.

Posteriormente, chegou o dia da Oficina do Riso, o grande momento esperado por todos que querem ser palhaço. Abdiquei de passar mais uma semana em casa, no sertão, ao lado da minha família, para poder apreciar essa vivência, ressaltando que, de forma alguma, me arrependi da decisão. Ao chegar na Oficina, saudade do aconchego de casa era o maior sentimento que me habitava, porém, com o passar das horas, percebi que era ali onde eu devia estar, e minha felicidade era imensa por poder estar participando daqueles dias de amorosidade sem fim. Esses dias proporcionaram-me uma total imersão nos recônditos do meu ser, uma semana inteira de autoconhecimento e de apropriação daquilo que estava guardado dentro mim. Cada instante experimentado fez-me

refletir e buscar implacavelmente por maneiras de preencher algumas percepções vagas que eu tinha sobre a vida.

Após me conhecer intimamente, tive a maior certeza de ter encontrado o meu lugar no mundo. A partir de então, passei a ser ávido pelo projeto, pela figura do palhaço e, principalmente, por aquele que acabara de “nascer”. Um menino que estava escondido no meu interior resolveu florescer em prol de outras pessoas, e isso era/é incrível. Assim, Txui Txuin Txun Flai, um palhaço de codinome cuidador, mostrou-me o maior sentimento de todos, o amor. Aquele amor puro e cristalino, na sua essência; não o amor carnal por outrem, mas o amor por pessoas que sequer conheço. Nessa ocasião, meus olhos brilharam e passei a ser alguém melhor, melhor para mim e para aqueles que, de alguma forma, necessitavam de mim.

Ao me deparar com tantas circunstâncias positivas acerca de tudo o que havia absorvido dessas ocasiões, continuei com as reflexões introspectivas proporcionadas pelo projeto. Era incrível o modo como eu era capaz de modificar pensamentos negativos sobre a existência e diminuir os sentimentos de dor e sofrimento do outro com o auxílio daquele que eu desconhecia dentro de mim. Isso é real e extraordinário.

Passei a concentrar meus esforços e também a observar que tudo que os integrantes do projeto haviam me dito era a mais valiosa verdade. Eu conseguia melhorar a situação de muitos e passei a ver o quanto eu posso ser útil e importante para eles naqueles momentos. Sentia-me realizado a cada atuação e contato com o outro, levando disso os melhores conhecimentos. Eu estava sempre em transformação, pois, a cada aprendizado absorvido uma parte de mim sofria uma metamorfose positiva.

À medida em que o tempo passa, os aprendizados crescem na mesma proporção, e a quantidade de coisas assimiladas impressiona. A experiência é o melhor professor, e eu, como

bom aluno, estava disposto a absorver tudo o que vivenciava de novo.

Passei a compreender que a percepção do Palhaço Cuidador não é apenas caracterizada pelo ser cheio de anedotas nos momentos da atuação, pois essa figura vai além da personagem atribuída ao ser engraçado do palhaço. O papel do Palhaço Cuidador não se resume somente às práticas “palhacísticas”, mas ao modo de lidar com as pessoas e com as diversas situações e traquejos do dia-a-dia. Essa percepção é capaz de gerar transformações grandes e íntimas na existência de qualquer um.

Além disso, também pude perceber que o Palhaço Cuidador e eu somos um só e que, independentemente de estar “cedendo meu corpo” para a caracterização, somos dois seres indissociáveis. Com isso, cada ação exercida gera uma reação no outro (sendo esta uma via de mão dupla). Refleti sobre o quanto é incrível e belo ser transformado todos os dias e, principalmente, sobre como alguém que estava adormecido dentro de mim é capaz de nutrir tanta positividade em relação à vida e às reais querelas do cotidiano.

Um aspecto negativo das vivências do projeto é que, em dados momentos, nós sofremos rejeição por sermos palhaços, pois as pessoas têm dificuldade em nos enxergar como cuidadores. Na maioria das vezes, isso acontece de maneira discreta e por parte de algumas pessoas que menos esperamos.

O Palhaço Cuidador interage também com os profissionais de saúde, e alguns deles não são tão adeptos desse tipo de prática. Por um certo preconceito, eles alegam que ali não é lugar para seres tão coloridos, pois segundo eles, lá é ofertado um serviço de saúde, no qual o maior cuidado que deve ser oferecido é o fisiológico, o cuidado com a doença, o que vai de encontro à concepção de que o ser humano depende do

seu bem-estar emocional e mental para se reestabelecer sua saúde de maneira integral. Desse modo, aquele local passa a ser um ambiente onde apenas a seriedade deve prevalecer, e nós, enquanto palhaços cuidadores, não somos bem-vindos. Eu, particularmente, passei por situações onde pude enxergar que a presença de Txuin não possuía a aceitação de alguns dos profissionais, no entanto, o que mais me motivava a estar atuando era a grande receptividade dos usuários e isso sempre foi o maior incentivo.

Algo que deve ser evidenciado é a facilidade que o palhaço cuidador tem de criar vínculos e amizades nos campos de práticas; se em alguns ambientes existem pessoas que não são adeptas ao palhaço, em outros, podemos observar o quanto o palhaço é querido e incentivado a continuar com a bela ação.

Em alguns momentos durante a prática, deparamo-nos com a ideia convencional de que todo palhaço deve saber contar piadas. Porém, no caso do Palhaço Cuidador, trata-se de algo mais particular. Somos preparados durante toda a vida de palhaço para saber observar as necessidades do outro e, a partir disso, se moldar às situações do ambiente. Costumo dizer que, se o usuário do serviço de saúde estiver disposto a submergir ao mundo do palhaço, dali será feito o maior campo de diversão de todos; caso ele não queira sair do seu “mundo” naquele momento, o palhaço busca se inserir nele com uma palavra de apoio ou com uma demonstração sincera de afeto e amor.

À parte dos inconvenientes, o Palhaço Cuidador possui um grande diferencial: o olhar de cuidado que transcende a relação saúde – doença, além do processo de humanização existente na sua didática com o usuário, para que assim ele possa se sentir vivo e também alguém importante. Toda essa experiência de contato humano entre as pessoas promove

uma visão mais descentralizada sobre as questões paciente-profissional, facilitando o processo de interdisciplinaridade. Sendo assim eu posso trazer essa ideia para o meu cotidiano, ou seja, mais uma vez buscando meios de sempre me transformar.

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra “cuidado” significa preocupação; atenção maior em relação a algo/alguém; qualquer coisa feita de maneira aprimorada; muito bem-feito. Para aqueles que buscam promover a magnitude expressa por esse conceito, todas essas definições geram responsabilidades, e o Palhaço Cuidador se prontifica, mediante as suas ações, a estar imbuído no contexto dessa palavra.

Fico me questionando o que me teria ocorrido, caso não houvesse descoberto esse ser introspectivo cheio de cor que estava dentro de mim, e, embora seja difícil me imaginar sem me conhecer verdadeiramente de dentro para fora, tenho a certeza de que eu não seria o que sou hoje.

Costumo dizer que Txuin (apelido carinho cedido aos mais íntimos devido ao tamanho do meu nome de palhaço) é a melhor parte de mim, pela qual nutro grande apreço, pois ela só exala amor, cuidado e proteção. A concretização desse sentimento ocorreu quando uma usuária do serviço de saúde em que eu atuava, no Hospital Padre Zé, se referiu ao meu palhaço dizendo: “Você me trouxe um motivo para querer continuar vivendo”. Como foi maravilhoso ouvir algo tão forte e saber que pude causar tamanho impacto na vida daquela pessoa. De fato, eu estava no lugar certo, fazendo o que era certo e, o principal de tudo, querendo estar sempre ali.

Mesmo após tantos momentos magníficos experimentados na pele, durante um tempo de afastamento do projeto e das práticas no cenário, esqueci-me de como a vida realmente é e de todas as transformações que ela já havia me proporcionado (a empatia, o respeito, o carinho pelo

outro, a humanidade, o sorriso exuberante, a fala adocicada, o cuidado para com o outro, dentre tantas características). A correria da vida diária fez-me esquecer por um momento que eu sou alguém empático e repleto de amor para oferecer. Em meio a este breve esquecimento, conheci a melhor pessoa do mundo que, infelizmente, provou desse alguém seco sem que, de nenhum modo merecesse me suportar em meio a essa fase. Mesmo assim, ele resolveu ficar ao meu lado e a cada dia que passa, fica a gratidão por sua presença em minha vida cresce e por ter se tornado alguém essencial para a minha existência.

Assim, o cotidiano, a massificação da academia como objeto produtor de mercadoria, o excesso de atribuições e a grande carga de responsabilidades inerentes ao final de um curso de graduação, atrelados a problemas pessoais, fizeram-me esquecer de quem eu realmente sou por alguns instantes. Porém, ao mínimo contato com meu Palhaço Cuidador, pude gozar novamente de todas aquelas sensações gostosas que me fizeram alguém melhor. Tudo isso ocorreu para que, dessa vez, nunca mais abrandasse todo aquele sentimento de amor e cuidado que havia se apoderado de mim, de modo que voltei a me importar com as reais preocupações do mundo. Com o passar do tempo, adquiri experiências inimagináveis, tornando-me alguém repleto de bons sentimentos, com um olhar diferenciado que apenas as pessoas que participam desse projeto são capazes de entender e descrever, pois vai além da compreensão material das coisas.

Hoje, após conclusão do Curso de Fisioterapia e atuando na profissão, posso colocar na prática fisioterapêutica tudo o que foi aprendido enquanto Palhaço Cuidador. A mesma consciência do palhaço Txui Txuin Txun Flai habita em cada passo, gesto, olhar humano e carinho ofertados ao outro, partindo do pressuposto de cuidar do outro na sua integralidade

sem se restringir apenas à objetividade do tratamento para determinadas patologias.

Sinto-me extremamente privilegiado por poder gozar com tanta veemência dessas práticas de cuidado. Sinto-me ainda mais especial por conseguir propagar as grandes vivências experimentadas durante a participação no projeto PalhaSUS, que consistiu em uma fase colorida da minha vida, não apenas nas interfaces do palhaço, mas também em virtude da riqueza e realidade dos momentos.

PALHASUS: A DESCOBERTA DA AMOROSIDADE

Lucas Emmanuel

I - O NASCIMENTO DE LELÉ

O ano era 2010, e eu cursava o segundo semestre do curso de Medicina na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Recebi um convite por e-mail com a chamada “I Oficina do Riso da UFPB”. O e-mail havia sido encaminhado por uma colega de sala que já havia se inscrito. *“Bora fazer também? Todo mundo da sala vai participar!”*. De fato, não era *“todo mundo da sala”*, mas havia 12 inscritos da minha turma. As inscrições já estavam no último dia, e eu acabei perdendo o prazo, pois não sabia desse detalhe. No dia seguinte, esperançoso, enviei um e-mail para a organização da oficina solicitando minha inscrição fora do prazo, caso houvesse alguma vaga remanescente. Como o universo sempre foi muito amigo e generoso comigo, após a desistência de outra pessoa, recebi por e-mail **“INSCRIÇÃO CONFIRMADA - I OFICINA DO RISO – UFPB”**.

Inicialmente, meu intuito em participar da oficina era matar a minha curiosidade, pois sempre gostei de tudo relacionado às artes, principalmente ao teatro e à música. Pelo cartaz da chamada, a oficina seria algo próximo disso (com o “bônus” de envolver espaços de cuidado). *“Hum... Seria legal participar dessa experiência com a nova galera da turma”*. E fui.

Na bagagem, levei meu desejo de aprender mais sobre a arte do circo, minha paixão por música e teatro, e minhas angústias decorrentes do curso.

*“A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte”*
(Trecho de “Comida” - Titãs)

A oficina chegou, e toda a vivência foi surpreendente do começo ao fim. Não era nada do que eu esperava, e todas as minhas expectativas tornaram-se ridículas depois da experiência. Passadas as quarenta horas de imersão em regime semi-intensivo, dentro de um “útero-ginásio”, dei à luz o meu palhaço “*Lelé da Cuca*”, que já chutava dentro da alma, querendo nascer há muito tempo, como uma fome que não passava nunca.

Lelé nasceu descabelado, desajeitado e feio, como a maioria dos recém-nascidos. Porém, também chegou cheio de entusiasmo e energia, querendo dar vazão a todo o reboiço que me sacudia por dentro. Com ele, tive a oportunidade de passear minha loucura solta por aí, resgatando a espontaneidade que as normas sociais me fizeram esquecer.

II - O QUE LELÉ ME ENSINOU SOBRE SAÚDE

A ausência de doença nunca serviu como parâmetro de bem-estar ou saúde. O equilíbrio vital estudado há milênios pelos povos orientais, através de chacras e meridianos energéticos, ao meu ver, consiste em um modelo muito mais completo de

avaliação de saúde do que o modelo biomédico cartesiano ocidental, por aquele considerar o conjunto das partes mais importante do que as partes do conjunto isoladas, como o faz este. A dosagem das taxas, a incansável tentativa de mensuração do corpo, o estudo dos desvios das médias e a patologização de tudo aquilo que foge do padrão estabelecido é o atual conceito de saúde. Triste, não é? A vida reduz-se a uma soma de variáveis detectáveis por exames complexos e valores absolutos. A busca incessante pela obtenção dessa saúde, por si só, gera sofrimento e adoecimento, o que talvez seja o maior problema de saúde pública no ocidente: o medo de não se enquadrar nos parâmetros das *curvas de Gauss* da saúde. Como é possível falar de saúde sem valorizar também outras variáveis imensuráveis ou mais subjetivas como felicidade, amor, carinho, sorrisos, paixões, medos, prazeres, inseguranças, desejos? O laboratório que faz esses tipos de dosagens talvez seja o mais barato e simples de todos: a *amorosidade*.

Lelé podia não saber lidar muito bem com dores localizadas (como a de uma unha encravada ou um dente inflamado), mas me ensinou muito sobre as dores da alma, aquelas dores inespecíficas, que não se sabe explicar de onde vêm e para onde vão, mas que causam mais sofrimento que qualquer outra. Para esse tipo de sensibilidade clínica não houve nenhum livro acadêmico que me desse orientações, embora seja uma demanda muito recorrente entre as pessoas que procuram algum cuidado de saúde.

III - MAS E AÍ? O QUE FAZ UM PALHAÇO-CUIDADOR?

Aprendi que palhaço pode ser triste também. Sim, porque a vida muitas vezes também é. Nos cenários de prática, descobri

que palhaço também chora, porque ele sente. Na maior parte do tempo, meu palhaço está rindo e brincando, porque fazer isso é bom e traz uma sensação gostosa dentro da alma, como cócegas. Mas a vida não é feita só de coisas boas e, por isso, muitas vezes, Lelé fica apenas calado, atento, ouvindo uma história triste, contada por quem sofre com ela. O violão ora toca, ora apenas apoia meus braços, enquanto Lelé escuta.

Com o passar do tempo, após várias atuações em cenários distintos, observei que muitas pessoas veem no palhaço a oportunidade ímpar de traduzir sua própria existência e, algumas vezes, isso não demanda nada além de escuta e silêncio. Pode ser uma história de amor não retribuído, o relato de uma vida de sofrimentos, um delírio perturbador, um sonho não realizado ou um segredo nunca antes revelado a alguém. O desejo dessas pessoas é de serem acolhidas, e só. O que mais pode ser cuidar, senão desenvolver a sensibilidade de acolher o desejo ou o medo do outro com amorosidade?

*“Desde o tempo em que nasci
Logo aprendi algo assim
Cuidar do outro é cuidar de mim
Cuidar de mim é cuidar do mundo”
(Ray Lima - Cenopoeta)*

O palhaço Lelé ajudou-me a desenvolver esse conceito de cuidado e oferecê-lo às pessoas antes de adquirir o saber científico do funcionamento das células do corpo humano e suas reações químicas. O curso de Medicina diz que esses conhecimentos são essenciais para cuidar de alguém. Embora de extrema e inquestionável importância, compreendo hoje que esses conhecimentos têm pouca valia se não forem aplicados com amorosidade. Hipócrates, quando disse “curar quando

possível, aliviar quando necessário e confortar sempre”, creio que não imaginava que a medicina ficaria surda ao longo de sua frase. Lelé, bagunçando a História e reformulando a frase do Pai da Medicina diria: “Confortar sempre, sorrir quando possível e curar se necessário!”.

Foi com poucos meses de existência que meu palhaço escreveu um dos menores poemas da literatura portuguesa, o poema “A Cura”, de sua própria autoria:

A Cura
:)
(Palhaço Lelé)

IV - COMO O PALHASUS ME FEZ MÉDICO

A nova consciência que adquiri no PalhaSUS quanto à saúde, cuidado e bem-estar, foram primordiais, inclusive para me manter no curso em momentos que me vi desestimulado e desencantado com a Medicina e os seus espaços de cuidado. O projeto também teve uma forte influência na minha aproximação com a Medicina de Família e Comunidade, por encontrar nessa especialidade uma identificação importante com os conceitos que vinha desenvolvendo, tais como estabelecimento de vínculo com os pacientes e a ênfase na saúde e na prevenção de agravos. Cada vez mais, o ambiente hospitalar só me era aprazível quando estava de Lelé, pois era quando me sentia um cuidador de verdade, ao contrário da correria do jaleco branco com prancheta na mão, cheio de parâmetros para coletar de pacientes, com quem não tinha tempo de conversar direito. Como bem escreveu Fernando Pessoa, sob a caneta de seu heterônimo Ricardo Reis: “*põe quanto és no mínimo que fazes*”.

V - O SENSO POLÍTICO DO PALHAÇO

O PalhaSUS foi determinante também para minha iniciação na extensão popular. Foi através do projeto que conheci outros grupos de ação comunitária e o universo apaixonante da Educação Popular – EP. Os primeiros aprofundamentos sobre Paulo Freire aconteceram nas reuniões de discussão teórica do projeto, onde refletíamos e debatíamos sobre nossa prática e líamos textos dos grandes teóricos da EP. Já havia estudado superficialmente o autor nos primeiros períodos do curso, mas nada que se comparasse à leitura de Freire após vivenciar a Educação Popular nas instituições de saúde e nas comunidades carentes, com a cara pintada, conhecendo histórias reais e incríveis de pessoas complexamente comuns, contadas por elas mesmas.

Somente após a segunda Oficina do Riso, o PalhaSUS passou a ser um projeto de extensão universitária, graças aos esforços constantes dos seus idealizadores e também pai e mãe do Lelé: Aldenildo e Janine (palhaços Al e Pimentinha). Eu tive a imensa alegria e privilégio de ser um dos primeiros monitores do projeto, que após alguns anos passou a contar com seleção de bolsistas para apoiar os estudantes monitores. A bolsa foi muito importante para mim, pois naquela época eu não morava com minha família e o dinheiro ajudava a bancar os gastos com as xérox, alimentação e o lazer. A monitoria foi uma grande oportunidade também para conhecer pessoas de outros cursos e construir amizades maravilhosas, suavizando a pressão e o estresse do curso de Medicina.

Durante quatro anos, integrei o Programa de Extensão Popular em Saúde – PROGEPS/UFPB, representando o PalhaSUS, período em que pude conhecer vários outros projetos da

universidade, que misturavam diversas pessoas, cursos e ciências diferentes, imergindo ainda mais na Educação Popular e me apaixonando especialmente pela Educação Popular em Saúde.

VI - A DESCOBERTA DA AMOROSIDADE

Cada vez mais insatisfeito com a limitação do conceito de saúde apresentado pela universidade e praticado nos serviços, encontrei na Extensão Popular uma rica fonte de aprendizado prático sobre cuidado e bem-estar. Foi através dos textos da Educação Popular que conheci a expressão “Amorosidade” e me identifiquei imediatamente com o seu significado, pois, segundo Freire, o conceito era a tradução da forma como eu compreendia o processo de cuidado e construção de vínculo entre pessoas, ou ainda, como deveria ser o exercício da medicina aos meus olhos.

Na prática de ação do Palhaço-Cuidador, o objetivo é promover Encontro entre as pessoas, aproximar os corações. Esse Encontro consiste em uma interação afetiva verdadeiramente acolhedora e livre de julgamentos, pautada exclusivamente na celebração do próprio Encontro e em sua qualidade de promover vínculos. A partir da intencionalidade aplicada à promoção de bem-estar e cuidado, todo o cenário e contexto em que o Encontro acontece tornam-se favoráveis à alegria. Por sua vez, a alegria é a unidade fundamental da saúde: quando se está alegre, há saúde. Uma vida saudável é constituída de momentos alegres frequentes. Este raciocínio justifica a importância da Amorosidade na construção do cuidado – ou mais que isso, o condiciona. Para cuidar com amorosidade, o Palhaço-Cuidador se faz valer da alegria ou da potência terapêutica do Encontro.

Muitas ferramentas da Amorosidade que Lelé usa para estabelecer vínculos com as pessoas que encontra nos cenários de prática servem como estratégia de aproximação com meus pacientes na rotina de trabalho e foram muito importantes na construção do meu perfil de atendimento e de abordagem às pessoas. Como exemplo, poderia listar o humor, o riso, a valorização do toque e do olhar, a qualidade de se fazer presente durante o Encontro, sem fingimentos. Assim como o palhaço não pode ser um fingido, também não o deve ser o cuidador, com riscos de jamais alcançar a confiança do seu paciente se o fizer.

Amorosidade pode ser considerada sinônimo de *intencionalidade*. Ter intenção de algo implica em desejar algo de forma verdadeira, colocar-se inteiro no intuito de adquirir o que se pretende alcançar. Logo, a Amorosidade é uma relação de vínculo, de comprometimento, em que não cabe fingimentos nem dissimulação. O Palhaço Cuidador não finge, ele busca a espontaneidade. Por vezes, precisa ser duro com alguém e manifestar seu desagrado com a atitude que outra pessoa tomou. Quer dizer que palhaço também sente raiva? Claro que sim! Ser palhaço é acolher os sentimentos que vem de dentro, sejam eles bons ou ruins. A diferença está na forma de lidar com os impulsos para transmitir os positivos e transmutar os negativos. Palhaço que leva beliscão no bumbum sabe como é importante a assertividade de demonstrar sua desaprovação e seguir o conselho do médico Che Guevara: *“hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás!”*.

VII – O PALHAÇO-CUIDADOR-MÉDICO

Através do contato que tive com a Extensão Popular e todo o universo da Educação Popular em Saúde (EPS), nasceu

meu interesse em estudar e pesquisar a Amorosidade. Ainda na graduação, integrei uma pesquisa junto ao núcleo de estudos “Inéditos Viáveis”, conduzido pelo professor e amigo Pedro Cruz, a quem tenho imensa gratidão e admiração. A pesquisa deu origem ao meu Trabalho de conclusão do curso de Medicina, com o título “A Amorosidade como um dos princípios da Educação Popular em Saúde: um estudo bibliográfico em publicações de coletivos nacionais da área”. Neste estudo, realizei uma revisão bibliográfica nos principais textos nacionais sobre Educação Popular em Saúde e fiz um levantamento de como a expressão “amorosidade” e seus cognatos estavam sendo empregados, comparando os conceitos e suas aplicações práticas.

Ao fim da graduação, ingressei na residência médica em Saúde da Família e Comunidade pela UFPB, onde pude aprofundar ainda mais minha experiência com o cuidado e desenvolver novos conhecimentos clínicos. Frequentemente, meu Palhaço Cuidador participa de ações e atividades educativas na unidade de saúde, escolas ou na comunidade. A amorosidade que eu pesquiso se manifesta na rotina, no cotidiano, seja em casa ou no trabalho. Encontro-a nesses espaços, sempre me ensinando novas possibilidades e formas diferentes de fazer e pensar.

Sigo buscando conhecer e praticar cada vez mais a cultura do amor e da paz, em tempos em que as pessoas parecem andar afastadas de si mesmas e dos outros. A família PalhaSUS fortaleceu minha esperança em dias melhores e sinto-me orgulhoso em fazer parte dessa história! Costumo dizer que não me tornei um médico Palhaço Cuidador, mas um Palhaço Cuidador médico! O palhaço Lelé sempre está comigo, independente do nariz vermelho.

Juntos, convidamos você que lê este livro a participar da revolução do amor e transformar o mundo em um lugar de felicidade para todos e todas!

Bora? :)

O IMPACTO DA ATUAÇÃO COMO PALHAÇA CUIDADORA NA FORMAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL³

Natália Luiza Matos de Sousa Silva

Durante a graduação tive contato direto com a palhaçaria e conheci um universo rico e contagiante através do projeto de extensão PalhaSUS. Esse momento ocorreu inicialmente no V Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde, na cidade do Rio de Janeiro, onde conheci os palhaços Lelé e Êta da Silva e me encantei com o que vivenciei junto a eles. Foi incrível ser testemunha da alegria e simplicidade manifestada naquele lugar através da intervenção dos palhaços com o público presente.

Naquele mesmo dia, fui almoçar com um grupo de amigos da universidade e encontrei, de forma inesperada, os estudantes Lucas e Renato, que davam vida aos palhaços que conheci na intervenção. Então, tive acesso às informações sobre o projeto e já terminamos a conversa afirmando que no próximo semestre estaríamos juntos no PalhaSUS. Assim, retornei à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e tive a oportunidade de participar da III Oficina do Riso, coordenada pelo professor do Centro de Ciências Médicas, Aldenildo Costeira, no ano de 2012, permanecendo no projeto por três anos.

³ Texto baseado na monografia intitulada como “A experiência de tornar-se palhaço e a influência na relação de cuidado” de Natália Luiza Matos de Sousa orientado pela professora Carmen Teresa Costa no ano de 2015.

Meu primeiro contato com a Educação Popular em Saúde (EPS) aconteceu no segundo período da graduação, quando dei início às minhas vivências no Projeto de Extensão Popular e Atenção à Saúde da Família (PEPASF) da UFPB, coordenado até então pelo professor Eymard Mourão de Vasconcelos. Tínhamos uma grande articulação dentro da comunidade junto à associação de moradores, onde desenvolvíamos um trabalho de conscientização acerca de seus direitos dentro da sociedade, especialmente nos âmbitos da saúde e educação. Quando entrei no PalhaSUS, minha experiência na EPS foi a florada, pois passei a ter a Docinho para incentivar o empoderamento e a autonomia dos internos no hospital.

Tornar-me palhaça foi uma surpresa para muitos que me conheciam, uma vez que sempre temi muito a figura do palhaço, já que ela me remetia a lembranças ruins da minha infância. Porém, quando presenciei a intervenção realizada pelo PalhaSUS naquele encontro, senti-me motivada a conhecer o mundo da palhaçaria.

A Oficina do Riso proporcionou-me conhecer um pedacinho do mundo do Palhaço Cuidador, onde utilizamos a figura do palhaço com a proposta de humanização, de modo a permitir a construção de vínculos fortes com as pessoas, sejam pacientes, cuidadores ou profissionais.

Aprendi que o palhaço vai além da cara pintada e de algumas risadas. Entendi que o Palhaço Cuidador tem como papel fundamental o cuidar do outro. Sendo assim, durante a oficina, encontrei-me com a minha palhacinha, batizada com o nome de Docinho, que desconstruiu todos os medos adquiridos na infância.

Através dela, revelavam-se em mim novas maneiras de ser, de rir, de me relacionar e até novas formas de ver o mundo, o que dificilmente expressaria sem a personagem. Também aprendi a ser uma pessoa mais sensível e percebo-me mais espontânea para

me expressar de forma carinhosa e lúdica. A cada encontro que tinha com minha palhaça, especialmente aos sábados, quando eu atuava em um hospital psiquiátrico, eu encontrava-me com a criança que habita em mim. Percebo que, além de dar boas risadas, o ser palhaço não é apenas rir sem motivos, mas sim interagir com o outro, escutando, conversando e aprendendo a ver o mundo com outras lentes.

Por meio das relações ou interações, acolhemos pessoas e, com elas, acolhemos seus sonhos e pesadelos. A minha experiência como palhaça Docinho foi um divisor de águas na minha forma de me relacionar. Eu era muito tímida, o que, por muitas vezes, me atrapalhava no contato com as pessoas. No entanto, quando estava no hospital e vivenciava as dificuldades que muitos passavam para se comunicar, a espontaneidade da Docinho facilitava e mediava o contato com as pessoas em situação de internamento, fazendo com que o encontro fluísse.

A partir dessa nova percepção, fui em busca de conhecer mais sobre o envolvimento do papel do palhaço no âmbito da saúde e constatei que é crescente as atuações em hospitais, instituições, asilos e abrigos. Essa busca deu-se através do meu Trabalho de Conclusão de Curso, onde destaquei alguns grupos que trabalham com a palhaçaria voltada para as práticas do cuidado, sendo eles a ONG Doutores da Alegria, o Experimentalismo Brabo e o Projeto de Extensão PalhaSUS.

A ONG Doutores da Alegria atua em hospitais desde 1991, visitando crianças hospitalizadas, seus pais e profissionais de saúde. Mediante o uso da paródia do palhaço, brinca-se de ser médico, utilizando-se da alegria e do lado saudável das crianças como referência, o que colabora para a transformação do ambiente.

O Experimentalismo Brabo é um coletivo de provocação artística, cujas ações promovem a reflexão sobre a solidariedade e a cultura da paz, com o imenso desafio de provocar condições

de redescoberta. Para tanto, busca-se a formação de seres pensantes, politizados e com capacidade de escuta e voz ampliada, usando a arte como caminho de expressão e reflexão.

O Projeto de Extensão PalhaSUS caracteriza-se pelo foco na humanização, considerando que, no processo de cuidado em saúde, é necessária a interação humana. Os Palhaços Cuidadores unem o saber acadêmico à arte para favorecer essa interação. O projeto é formado, em sua maioria, por participantes da área da saúde que vivem uma constante busca pela melhoria da qualidade dos serviços de saúde, já que entendem como limitadas as interações realizadas pelo trabalho técnico, no modelo biomédico, no qual se perde a perspectiva dos sujeitos envolvidos.

A Terapia Ocupacional permitiu-me estudar o papel do palhaço, posto que a mesma tem por objeto de estudo e abordagem as ocupações humanas e sua complexa relação com os processos de saúde e doença, sejam de indivíduos, grupos e comunidades. O Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da UFPB utiliza como referência pedagógica o documento denominado “Estrutura da Prática da Terapia Ocupacional: domínio e processo” (AOTA, 2010), cujas áreas de ocupação identificadas tratam das atividades de vida diária (AVD) e das atividades instrumentais de vida diária (AIVD), como descanso e sono, educação, trabalho, diversão, lazer e participação social em seus papéis e funções. O papel do Palhaço Cuidador relaciona-se de várias maneiras de acordo com o documento citado, podendo ser classificado como trabalho para alguns, brincar/lazer para outros. O papel do palhaço vivenciado nas relações de cuidado com o outro interfere na comunicação, autonomia e participação social de maneira lúdica, priorizando a alteridade no cuidado de si e do outro.

A minha experiência como palhaça mostrou-me a necessidade de ter mais equilíbrio. Na nossa vida, é necessário que enfrentemos as dificuldades com leveza, buscando ter alegria

e prazer em nossas atividades. Foi ao presenciar diferentes situações nas nossas intervenções que passei a refletir sobre a real importância das nossas ocupações. Existe uma certa preocupação dos terapeutas ocupacionais em relação à capacidade de trabalho, à produtividade, ao desempenho e às habilidades em diversas áreas da ocupação humana. Entretanto, a palhaçaria ressalta a importância do riso e do prazer para o equilíbrio de todas essas atividades.

Falar da figura do palhaço é criar a oportunidade de “contar a história desse personagem fascinante e ajudar os futuros palhaços a compreenderem melhor as imensas possibilidades do seu papel ... Que cada um se sinta à vontade para realizar suas escolhas. Que riso provocar? Rir do quê? Com quem? Compreendendo melhor o que é um palhaço poderemos escolher, com mais consciência, o palhaço que queremos ver e aquele que queremos ser.” (CASTRO, 2005).

Refletindo sobre isso, posso afirmar que a Docinho ainda vive em mim e sei que ela não é apenas uma personagem; ela faz parte do meu dia a dia e está presente nas mais diversas formas de cuidado.

A realidade que vivencio como terapeuta ocupacional exige equilíbrio, empatia e tranquilidade ao falar e ao ouvir. O que vivi como Palhaça Cuidadora me permite ser uma pessoa mais leve, bem-humorada e otimista diante de situações adversas. Dessa experiência tão rica e cheia de significados, eu aprendi que cada indivíduo deve se sentir livre para realizar suas escolhas e desafiar as tendências em todas as esferas, inclusive na intelectual, desbravando um mar de ideias sem perder o espírito de coletividade. Para mim, a Docinho que carrego em mim se faz presente com sua leveza e humor, fazendo-me ter a certeza de que as experiências vividas nas intervenções como Palhaça Cuidadora jamais seriam adquiridas em uma sala de

aula. Portanto, sugiro a todos que busquem o melhor para si e amem-se, pois, é assim que seremos capazes de oferecer o mesmo para o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo 3ª ed. Tradução do original publicado pela American Occupational Therapy Association (2014). Occupational therapy practice framework: Domain and process (3rd ed.). American Journal of Occupational Therapy, 68(Suppl.1), S1-S48.<http://dx.doi.org/10.5014/ajot.2014.682006>. Traduzido para o português por Alessandra Cavalcanti (UFTM), Fabiana Caetano Martins Silva e Dutra (UFTM) e Valéria Meirelles Carril Elui (FMRP-USP); autorizada para publicação em português, acesso aberto na Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo. 2015;26(ed. especial)

CASTRO, ALICE VIVEIROS DE. **O Elogio da Bobagem – palhaços no Brasil e no mundo** –Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

Doutores da Alegria. Disponível em: <https://www.doutoresdaalegria.org.br/>. Acessado em 04 de setembro de 2014.

Experimentalismo Brabo. Disponível em: <https://ebrabo.wordpress.com/>. Acesso em 04 de setembro de 2014.

SOUSA, NATÁLIA LUIZA MATOS DE. **A experiência de tornar-se palhaço e a influência na relação de cuidado** / Natália Luiza Matos de Sousa. - João Pessoa: [s.n.], 2015. 53f. Orientadora: Carmen Teresa Costa. Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.

O PALHAÇO CUIDADOR NA ERA DA SUPEREXPOSIÇÃO DA CULTURA DA IMAGEM E DO SOM

Anderson Rio Branco de Menezes

INTRODUÇÃO

A transformação do mundo analógico para o digital trouxe revoluções na forma de vida do ser humano que são irreversíveis. A criação dos computadores pessoais, o surgimento da internet e o conseqüente aparecimento das redes sociais estabeleceram novas conexões e modos de organização de vida, comunicação e interação global anteriormente nunca vistos.

A democratização e popularização da internet fez com que cada indivíduo, na privacidade do seu lar ou de qualquer lugar da Terra, pudesse se manifestar e fazer declarações, desde questões políticas a estéticas, rompendo fronteiras físicas e podendo ser acessado instantaneamente por sua comunidade local ou por toda aldeia global.

As grandes redes sociais promoveram um volume de compartilhamento de informações, difusão de ideais e opiniões, expressão de sentimentos, declarações de todos os tipos e modos, eventos e mobilizações. Todavia, não sabemos se, nesse volume, há profundidade de conteúdo ou uma mera

espetacularização da vida privada e/ou dos problemas sociais e econômicos que nos atingem cotidianamente.

O mundo virtual trouxe-nos um novo campo de realidade compartilhada, e as relações humanas passaram também a ser mediadas e midiaticizadas por esse fenômeno. Marcar um encontro, relacionar-se afetivamente, conhecer novas pessoas, ter acesso a novos saberes, não carecem mais da presença física em lugar algum, bastam poucos cliques e tem-se acesso a um mundo ilimitado de saberes.

A cultura das tecnociências atualmente desenvolvidas, aliada às disseminadas tecnologias de comunicação, ensejam um grande desafio para a promoção de atos de cuidado. Longe de propor um antidiscurso contra o uso de tecnologia — o qual seria estéril e infundado, afinal fazemos uso dela como forma de disseminar e semear os atos do Palhaço Cuidador —, propomos uma reflexão atenta e cuidadosa sobre os efeitos dessa superexposição, por um lado de autopromoção, por outro, de exposição do sofrimento alheio, como muitos fazem.

Os Palhaços Cuidadores não são personalidades midiáticas de entretenimento e ocupação de tempo. Seus encontros reais ou virtuais têm uma intencionalidade de cuidado.

A ERA DE SUPEREXPOSIÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS

Simões (2016) diz que as chamadas plataformas de socialização surgiram mediante as necessidades de comunicação da internet, que buscavam mitigar as distâncias geográficas e propiciar diálogos e interações mais céleres.

Recuero (2009) expõe que essas redes sociais são relações entre distintos atores sociais, dentre os quais estão as empresas, grupos de todas as naturezas, além de pessoas, obviamente. Tais atores alimentam, com um alto grau de

constância, um conjunto de relações que mantêm a interação contínua através das redes.

As redes sociais viabilizaram e permitiram a um grande público, ou a um conjunto de pessoas que são seguidoras de um outro, a criação de uma audiência particular, para o qual é exibido a linha do tempo de uma vida privada. Dalmaso (2013, p.2) diz que as redes sociais são “uma verdadeira arena pública de relatos da vida privada, de situações do cotidiano e de manifestações performáticas do nosso eu”.

Essa performance do Eu, facilitada pelos instrumentos das redes sociais, é denominada por Sibilia (2008) como ferramentas para criação de si, com uma construção de identidade voltado para a apreciação do outro pelo Eu compartilhado. Essa autora situa esse tipo de construção social da personalidade nas mídias sociais como alinhada aos valores do capitalismo, isto é, as personalidades são mercadorias, como produtos com valor de troca, razão pela qual os indivíduos se autopromovem, buscando aceitação no mercado simbólico das imagens.

Dalmaso (2013) expõe que o contexto das redes sociais se direciona para uma narrativa da vida em seus fatos rotineiros, os quais são exibidos de uma maneira estilizada e romantizada; isto porque não basta viver a vida, é necessário compartilhar e aguardar o retorno positivo da audiência particular.

Dal Bello (2007), em suas pesquisas sobre cibercultura e subjetividade, denomina essa realidade de autoexposição nos espaços de virtualidade como fenomenologia do “apareSer”. Essa fenomenologia descreve a natureza híbrida e complexa de ser e estar entre as dimensões presenciais e comunicacionais das redes digitais. Segundo esta autora, não seria possível ser alguém reconhecido sem estar, sem “apareSer” na visibilidade midiática. A lógica do “apareSer” configura-se da seguinte forma

[...]o interior está no exterior; a essência na aparência, a realidade na representação, a imagem vira corpo, a visibilidade confere invisibilidade (em meio ao excesso), o privado torna-se público, a multiplicidade reúne-se sob a unidade de uma identidade e a universalidade do ser humano esparrama-se na pluralidade de formas de vir a ser e publicizar-se. O sujeito busca seus contornos, mas confunde-se com a rede na qual é produzido. (Dal Bello, 2010, p. 11).

No PalhaSUS, as imagens ou conteúdo produzidos em vídeos são um meio, um instrumental, para alcançar uma sensibilização de pacientes, familiares, trabalhadores e instituições sobre a importância do cuidado integral. As produções audiovisuais não são, portanto, um fim em si mesmo. Não importam os *likes* ou o aumento de seguidores nas suas redes sociais, mas sim um compartilhar de uma experiência real, alocada em um momento da vida em que se necessitou de uma presença alegre ante a aridez do instante

DOS FUNDAMENTOS DO CUIDADO

Boff (2005) declara que as palavras estão “grávidas de significados existenciais” e que o vocábulo *Cuidado*, em sua origem latina e na tradução erudita desta palavra, no livro “Ser e Tempo”, do filósofo do cuidado Martin Heidegger, dimensionam a palavra com o significado de *Cura*.

Essa dimensão de cura estaria relacionada não como um ato isolado, um evento fortuito, mas com um *modo-de-ser*, que se revela com duas significações básicas, a saber: cuidado como uma atitude de solicitude, de pensamento e atenção no outro, de demonstração da importância do outro em sua vida;

e cuidado como preocupação inquietante pelo envolvimento implicado em afeto que se tem por alguém. (Boff, 2005)

Ainda segundo este autor, esse modo-de-ser se concretiza quando a “pessoa sai de si e se centra no outro”, fundamentando uma nova aliança entre os seres humanos e destes com a natureza. Esse cuidado é o paradigma de um novo tipo de relacionamento com as coisas, uma *forma de ser-no-mundo*, mais que um ato isolado ou um comportamento numa prateleira de virtudes.

Boff (2005) posiciona esse cuidado como uma dimensão ontológica, constitucional da essencialidade e singularidade da espécie humana, visto que, sem o cuidado, não seríamos seres humanos, como aponta o filósofo Martin Heidegger.

A Fenomenologia do Cuidado, isto é, as experiências e práticas de cuidado como fenômeno na nossa consciência, impulsionam-nos ao cuidado para fora de nós na relação com o outro. Essa atenção do ser humano ao outro é o que dá valor ao cuidado, não o valor do capital, mas o valor *per si* do que importa, do que nos faz ser-no-mundo, o valor inerente com o qual nos conectamos às alteridades do mundo.

Segundo Boff (2005), esse Cuidado é estruturante de um novo Ethos. Originalmente, essa palavra grega designava morada, habitat, mas ganhou um sentido conotativo na filosofia grega relativo à norma ética de um povo e sua estrutura social revelada em hábitos, costumes, culturas e comportamentos fundamentais em dada sociedade. O Ethos do Cuidado possibilitaria uma sociedade solidária, empática, íntima, em comunhão com o outro, conectada ao sentimentos e necessidades da alteridade, seja do ser humano, seja da natureza.

Da dimensão filosófica do cuidado, passamos à dimensão constitucional dada no ordenamento jurídico nacional, a Constituição Federal de 1988, conhecida como constituição

cidadã, da qual podemos extrair princípios fundamentais que dão base legal ao cuidado do outro. Dos princípios fundamentais, dois são destacáveis no âmbito do cuidado: a cidadania e a dignidade da pessoa humana.

Bonavides et al (2009) define cidadania da seguinte maneira

É a condição de acesso aos direitos sociais (educação, saúde, segurança, previdência) e econômicos (salário justo, emprego) que permite que o cidadão possa desenvolver todas as suas potencialidades, incluindo a de participar de forma ativa, organizada e consciente, da construção da vida coletiva no Estado democrático.

O Princípio Constitucional da Dignidade da Pessoa Humana é exposto na obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”, de Immanuel Kant, que entendia que os seres humanos têm em si mesmos uma razão finalística, não sendo um meio para qualquer fim. Disse Kant (2004)

No reino dos fins, tudo tem ou um preço ou uma dignidade. Quando uma coisa tem preço, pode ser substituída por algo equivalente; por outro lado, a coisa que se acha acima de todo preço, e por isso não admite qualquer equivalência, compreende uma dignidade.

Inserida no escopo da nossa constituição, a Dignidade da Pessoa Humana qualifica como condição *sine qua non* o respeito, a segurança, a proteção contra atos que atentem contra direitos e garantias fundamentais e que impeçam o cidadão de exercer plenamente os benefícios e deveres da cidadania.

Nesse sentido, tudo que promova e fortaleça a cidadania, bem como aponte para dignidade da pessoa humana, recebe apoio conjuntural dos Palhaços Cuidadores. Além daqueles princípios constitucionais, o PalhaSUS coaduna-se com os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, a saber: “construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Brasil, 1988). Nesse sentido, deseja ser parceiro, ator e promotor de ações, eventos e projetos que defendam tais princípios e objetivos.

Antes de serem pacientes ou usuários de qualquer serviço de saúde ou assistência social, as pessoas às quais dispensamos a atenção do Palhaço Cuidador são seres humanos cidadãos com direitos adquiridos, pelos quais nos juntamos na reivindicação ou os apoiamos na realização plena do exercício de um direito de cidadania. Palhaços no hospital ou palhaços em luta junto a Movimentos Sociais são palhaços que cuidam para fortalecer, apoiar, reivindicar ou manter direitos de cidadania e direitos sociais como a “educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.” (Brasil, 1988)

Tendo discutido o cuidado sobre a ótica da filosofia e da Constituição Federal, passamos a analisar o cuidado dentro do processo saúde-doença. Relativo a isso, comumente, atribui-se ao cuidado em saúde um rol de procedimentos que apontam um tratamento de adoecimento do corpo. Ayres (2003) provoca uma reflexão ao discutir o cuidado em saúde, não especificamente como medidas terapêuticas procedimentares

que visem à restauração isolada da saúde do indivíduo, mas, visando à reconstrução das práticas de saúde. Ele aponta que o cuidado dentro do processo saúde-doença deve se situar em um movimento por parte de trabalhadores, instituições e serviços de atenção à saúde para a valorização da *presença do outro* nas unidades assistenciais, na melhoria da interação *eu-outro* e na construção de práticas profissionais que abarquem o caráter interdisciplinar e intersetorial do cuidado.

Nesse sentido, o que Ayres (2003) propõe é a superação do uso das tecnologias de saúde voltadas para as ciências biomédicas, que atendem as necessidades de saúde exclusivamente para corporeidade. É preciso avançar na análise das demandas do outro para que recebam maior cobertura de cuidado, por meio de fazeres e práticas que se situam em áreas e em conceitos da psicologia, da arte, do teatro, da antropologia, dentre outros, que, segundo esse autor, gerariam ações de saúde mais enriquecidas de cuidado e compreensão.

O PalhaSUS, como espaço de promoção e cuidado em saúde, situa-se nesse campo para além da clínica tradicional, propondo o encontro humano como instrumento para alívio do sofrimento, um *voltar-se à presença do outro*.

AS IMAGENS DO PALHAÇO CUIDADOR

A fotografia responde ao avanço tecnológico da sociedade, sendo ela portanto um produto social (Canabarro, 2005) que apresenta e representa certos tipos de discursos expostos em imagens. Além de produto social, configura-se também como produto cultural que revela ao mundo uma leitura da atualidade, gerada pelo olhar socialmente construído do fotógrafo. (Canabarro, 2005)

Na história, a fotografia constituiu-se como registro documental da nossa civilização. Ela permite mostrar ao mundo, seja pela seriedade do fotojornalismo ou por uma mera e despreziosa *selfie*, um retrato identitário de quem somos, como nos organizamos, nossas opções estéticas e éticas.

É exatamente nesse contexto que se atua no registro fotográfico e em toda produção audiovisual promovido pelo grupo PalhaSUS. No registro fotográfico, propõe que haja uma congruência entre aquilo que é registrado e a realidade que se vivenciou. A imagem não pode falsear a realidade.

As cores, os sorrisos, os gestos do palhaço, são quase naturalmente cativantes. Ainda que algumas pessoas possuam alguma fobia específica relacionada a esta figura, no geral, os palhaços atraem atenção, imagens e divulgação.

O foco do Palhaço Cuidador não é o culto à imagem do palhaço, mas a geração de atos de cuidado. O alvo não é a imagem de si, ainda que suas cores, sua roupa, seus sapatos, faça-nos chamar atenção. A atenção que deve emanar do Palhaço Cuidador é o próprio cuidado. Não somos palhaços de “*plástico*” ou comercial, alienados a interesses econômicos ou de uma indústria de entretenimento, que buscam capturar potenciais consumidores, usando estratégias do mercado de consumo.

As imagens dos Palhaços Cuidadores não são exclusivamente processadas no sensor de uma máquina fotográfica ou de um aparelho celular, mas sim, são guardadas nas células de memória e afeto daqueles que são visitados em seus momentos de dor e sofrimento, para os quais a presença do palhaço é reconfortante.

CONCLUSÃO

Nessa era de comunicação instantânea, um acontecimento parece só existir se for publicado, exibido, divulgado. Para as nossas ações, o acontecimento real é o reconhecimento expresso no sorriso no rosto, no abraço, no acolhimento de nossa presença nas mais distintas instituições. Esse acontecimento pode se transformar em imagens físicas, isto é, fotografias ou vídeos, ou imagens virtuais guardadas na lembrança de pessoas atendidas por nossa passagem.

Os fundamentos do cuidado da Palhaço Cuidador baseiam-se filosoficamente no *Modo-de-ser para o Outro*, constitucionalmente no reconhecimento dos direitos de cidadania desse Outro e no Processo Saúde-Doença na superação da exclusividade do tratamento sobre a perspectiva biomédica.

Fotograficamente ou em suas mais distintas mídias, o registro e a divulgação baseiam-se nessa preocupação com o outro, no reconhecimento dos direitos de cidadania, que devem ser preservados, e na relação de cuidado em saúde, multiprofissional, integral, popular e comunitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, J. R. C. M. Care and reconstruction in healthcare practices, *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.8, n.14, p.73-92, set.2003-fev.2004.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. *Inclusão Social*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, out.mar. 2005.

BONAVIDES, Paulo; MIRANDA, Jorge; AGRA, Walber de Moura. *Comentários à Constituição Federal de 1988*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2009. p. 7.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CANABARRO, I. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. *Estudos Ibero-Americanos*. XXXI (2): 23-39, 2005.

DAL BELLO, Cíntia. Espectros virtuais: a construção de corpos-sígnicos em comunidades virtuais de relacionamento. *E-Compós*. Brasília: Compós, v. 10, dez-2007.

_____. Sorria, você está sendo indexado! A questão da privacidade em plataformas ciberculturais de relacionamento e projeção subjetiva. In: *Simpósio Nacional de Cibercultura*, 4., 2010. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2010.

DALMASO, S. C. . A vida exposta nas redes sociais: Apontamentos sobre identidade, construção e representação do eu. In: VII *Simpósio Nacional da ABCiber*, 2013, Curitiba. *Anais do VII Simpósio Nacional da ABCiber*, 2013.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes e Outros Escritos*. Trad. Leopoldo Holzbach. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 65.

RECUERO, Raquel *Redes sociais na internet / Raquel Recuero*. – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura) 191 p.

SIBILIA, PP. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

SIMÕES, Maria Luiza Fialho de Lima. *Sou visto, logo existo: uma análise comparativa dos espetáculos do Instagram, Instagram Stories e Snapchat*. 2016.74 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

QUEM É O PALHAÇO CUIDADOR E DE ONDE VEM?

Maria Martins

Um ser que brota lá de dentro
E traz consigo os sentimentos
Aflorados, como flores ao vento

E assim ele nasce
Resgatando a criança do seu interior,
Que chega espalhando amor
Por todo lugar que passe

Esses palhacinhos nascem
Quando essa criança brota
Uma oficina eles fazem
Onde o palhaço se apronta

Após a longa jornada,
Onde é só um embrião,
A palhaçada é preparada,
Pois agora nascerão

E correm pra Praça da Paz,
O local do nascimento
Aproveitam o momento

Que a sua criança traz

Agora esse palhaço
Está pronto pra cuidar,
Pra ouvir e pra falar
Em todo e qualquer espaço

E você acredita
Que ainda aparece gente
Que vem confundindo a gente
Com palhaço animador?

O Palhaço Cuidador
Tem o papel de CUIDAR
A função de animar
É consequência do amor

Esse bando de palhaço
São um monte de estudantes
Que arrumam um espaço
Para serem atuantes

Nasceram na oficina,
Da qual já lhes falei antes
Em um projeto que fascina
Todos seus participantes

O projeto é o palhaSuS
De onde os palhaços são vindos
E tem a oficina do riso
Onde eles nascem!

O verso acima, eu não rimei
E não foi sem querer não!
Apenas observei
Se você estava prestando atenção :)

O IMPACTO DO PALHAÇO CUIDADOR NO EXTENSIONISTA

Maria Martins

Todos que ali chegam
Sabem da sua capacidade
Sabem o quão forte são
Esse “ali” é um lugar
Onde se transformarão.

Dispostos a dar cuidado,
Vivendo nisso engajados,
Buscando humanização.
A vivência do cuidar é muito gratificante,
Mas pode ser desgastante
Se não souberes lidar.

São muitos casos vividos
Depoimentos sofridos
Tens que saber amparar
Para que tu não se abale
Faz com que a dor se cale
Para um sorriso brotar

A vivência do palhaço,
Além de gratificante,

Pode ser impactante
Se tu não se preparar

É por isso que se visa
No projeto palhaSUS
União e abraSUS
Leva, o autocuidado pra vida
Tratando qualquer ferida
A qual tu tragas de lá.

O AUTO CUIDADO DO PALHAÇO CUIDADOR

Maria Martins

Pra quem se doa
e cuida de uma forma humanizada
ouve histórias bem contadas
por seus próprios personagens
narradores impecáveis
que trazem histórias tristes...
boas porém difíceis
do que já passou ou passa

Em prosas improvisadas
elas surgem disfarçadas
quase como um desabafo
na garganta um nó de laço
a gente chega a sentir

Cada história é um caso:
tem as que nos fazem rir,
pois lá nem tudo é tristeza,
havendo delicadeza
em algumas que ouvi

Muitas vezes o que ouves
na tua mente permanece

e se deixares te enfraquece,
pois talvez não estivesse
preparado para ouvir

E por isso é importante
que tu te cuide também
porque pra levar o bem
do calor de um sorriso
eu te digo que é preciso
que você esteja bem!

Então digo é necessário
que esteja preparado
pratique o auto cuidado
pra quando for atuar

Pois você como palhaço
vai ser um bom cuidador
aprende a lidar com a dor
e a sorrisos levar.

Cenários da vida



ATUAÇÃO DOS PALHAÇOS CUIDADORES NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY

*Esthefany Bezerra Alcântara
Jussara Lima Soares*

PALHASUS E SUA HISTÓRIA DE HUMANIZAÇÃO

O Projeto de Extensão PalhaSUS tem atuado desde o ano de 2011 e tem-se destacado cada vez mais na cidade de João Pessoa/PB. Estudantes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) são iniciados nas artes da palhaçaria ao se disponibilizarem para fazer visitas e levar um cuidado diferenciado a pessoas que estão em alguma situação de vulnerabilidade social ou de saúde.

O PalhaSUS propicia intervenções com foco na humanização, pois considera que o processo de cuidado em saúde envolve interações humanas. As relações entre profissionais de saúde e usuários dos serviços têm sido cada vez mais desumanas ou verticais. Nessa realidade, o projeto, por meio dos palhaços, tem realizado uma contribuição positiva no tratamento e cuidado das pessoas assistidas e na formação dos estudantes e trabalhadores, despertando-os para o autocuidado no papel de cuidador.

Os extensionistas atuam em cinco cenários, dos quais quatro são hospitais, e o outro, uma instituição de longa

permanência para idosos. O pioneiro nessas atuações é o Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), que a cada ano vem se tornando um lugar gratificante para se trabalhar, uma vez que ali se encontram diversos tipos de pessoas, cada uma contendo histórias diferentes que levam à reflexão do verdadeiro sentido da vida.

Na hospitalização, observa-se o descuido para com os aspectos psicológicos, pedagógicos e sociológicos envolvidos nessa situação. Intervenções no contexto hospitalar devem buscar promover condições favoráveis à reabilitação comportamental de cada pessoa, a fim de recuperá-la dos efeitos de experiências adversas. Além disso, o atendimento não deve se restringir ao individual de cada paciente, mas a todo o contexto da internação, desde a estrutura ambiental até a assistência em áreas que correspondam às suas necessidades.

Dessa forma, compreendemos a humanização como estratégia de cuidado que amplia e melhora as relações humanas, já que ela se preocupa com o sujeito na sua integralidade e singularidade. Para tanto, trabalha-se a promoção, prevenção e tratamento da saúde, de modo a valorizar o contato (olhar, ouvir, sentir, tocar) nas nossas relações.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY

Os participantes do projeto, a partir de formação prévia na Oficina do Riso da UFPB, desenvolvem o papel do Palhaço Cuidador, aperfeiçoando uma tecnologia leve, cujas habilidades dependem do exercício em espaços privilegiados de desenvolvimento do cuidado. Essa oficina ocasiona momentos de curiosidade e descobertas do seu próprio eu, relacionando-o com a sua figura de Palhaço Cuidador.

Depois do nascimento, os palhaços seguem para seus campos de atuações. Um desses campos é o HULW, que passou a ser um local de atuação até hoje, a partir de um convite para uma primeira participação dos palhaços, a qual originou o projeto de modo continuado. As ações ocorrem todos os sábados pela manhã.

O Hospital Universitário, fundado em 1980, é o hospital-escola da Universidade Federal da Paraíba, autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação. É situado no Campus Universitário I, no bairro Castelo Branco, no município de João Pessoa/PB. O HULW representa estrutura de saúde de referência para todo o estado da Paraíba.

O fluxo de pacientes que frequentam o HULW consiste em pessoas de diferentes realidades. Algumas são pessoas de boa situação financeira; outras vivem em bairros pobres da capital. Há também pacientes que moram em cidades vizinhas ou em cidades mais longes, como no sertão, e, portanto, muitas vezes não possuem parentes próximos que os possam acompanhar durante o internamento.

A atuação do palhaço no Hospital lembra a todos que, embora o ambiente esteja espacial e funcionalmente organizado de maneira a neutralizar a disparidade, esta permanece. Por meio das brincadeiras que o palhaço propõe, a estranheza pode visitar a ordem, o extraordinário pode acordar o tédio, e todos têm a chance de praticarem juntos um lugar diferente do habitual; lugar onde todos são inevitavelmente semelhantes e, ao mesmo tempo, únicos.

O Palhaço Cuidador tem como diferencial o cuidar, pois busca ver o indivíduo de forma holística, além de prezar as relações humanas. Outro ponto importante é que ele realça o aspecto do encontro, onde se dispõe a acolher o outro naquilo que ele é e nos seus desejos. No entanto, nem sempre o contato

é fácil, é necessário respeitar o paciente em suas condições naquele momento.

O ato de transformar uma enfermaria em um ambiente afetivo, alegre, mais colorido e preenchido de risadas, motiva os pacientes a acharem graça nas situações que estão enfrentando e a pensarem de uma forma mais positiva, interagindo com outros pacientes e trabalhadores. O Palhaço Cuidador foca na parte mais saudável da pessoa ao promover o riso, a escuta e o desenvolvimento do cuidado humanizado, causando reflexão sobre a saúde e outras questões que nos rodeiam.

COMO SÃO FEITAS AS VISITAS NA CLÍNICA MÉDICA E NA PEDIATRIA

As atuações no cenário ocorrem aos sábados pela manhã, no horário das oito horas até o meio dia, acrescentando o tempo de 15 minutos para começarmos a nos caracterizar. Às oito e quinze, trocamos de roupa e começamos a nos maquiar. Às oito e meia, iniciamos nossas atuações. Nossa trupe é composta por aproximadamente 10 Palhaços Cuidadores e, ao chegar ao andar específico da atuação, dividimo-nos em dois grupos. Damos início pela Clínica Médica, no 5º andar, e ficamos, em média, duas horas visitando os pacientes em seus leitos. Por volta das dez e trinta, descemos para a Pediatria, no 4º andar, onde ficamos o restante da manhã.

Na Clínica Médica, encontram-se duas alas, onde os pacientes ficam alocados e separados por sexo e por gravidade da patologia. Adultos e idosos são distribuídos conforme a idade. Já a Pediatria possui apenas uma ala, onde encontramos crianças de várias idades, acompanhadas de seus responsáveis. Voltamos nossa atenção às crianças hospitalizadas, com a intenção de manter vivas suas possibilidades de criar, sonhar e rir. Essa

atitude também acaba afetando àqueles que as acompanham e à Equipe de Saúde responsável por seus cuidados, que são capazes de melhorar plausivelmente ao nos encontrar.

O PALHAÇO E AS SUAS ARTIMANHAS EM UM CUIDADO DIFERENCIADO

O Palhaço Cuidador é um ser que se utiliza dos artifícios da arte da palhaçaria para facilitar os processos integrativos da humanização em saúde, baseando-se nos princípios do amor, cuidado, carinho, respeito e integralidade do ser humano. Por este motivo, ele torna-se um protagonista no que se refere a ampliar os laços de leveza e bem-estar daqueles que estão passando pelo processo saúde-doença, transcendendo a visão biológica e tecnicista apenas da doença.

Com o intuito de mudar a rotina dos pacientes e do ambiente hospitalar, que muitas vezes acaba se tornando enfadonha, atuamos sempre com amorosidade e dedicação aos pacientes, o que pode ser demonstrado através de um sorriso, um abraço, uma conversa e, até mesmo, de um olhar. Ao fim das atuações, saímos carregados de esperança, lições de vida e reflexões sobre o que realmente é importante para nós. Em cada atuação, aprendemos como lidar melhor diante de situações difíceis, a amar e cuidar cada vez mais do próximo e a enxergar além daquilo que é mostrado.

CONCLUSÃO

Para mim Jussara Lima Soares, estudante do nono semestre de Enfermagem na UFPB e Palhaça Cuidadora “Jubs”, o PalhaSUS tem sido concebido de diversas formas, dificultando, assim, uma conceituação única. O projeto promove

oportunidades memoráveis para com os indivíduos e com a sociedade, acarretando em um grande crescimento espiritual com dimensões afetivas intensas, o que favorece a ampliação do olhar sobre a saúde e o reconhecimento da necessidade de trabalhar além da doença. Além disso, me proporciona a capacidade de interagir em grupo e, conseqüentemente, extinguir as reais dificuldades.

Já para mim, Esthefany Bezerra Alcântara, Terapeuta Ocupacional pela UFPB e Palhaça Cuidadora “Teteca”, o PalhaSUS foi um projeto encantador que muda toda minha visão, gerando um grande amadurecimento na vida pessoal e profissional. Em cada atuação que fiz, foi gerado um aprendizado maior no enfrentamento de novos desafios que não imaginava poder enfrentar um dia. Para mim, amar e cuidar de pessoas que nunca vi na vida é algo difícil, mas a experiência proporcionou-me sair com muitas histórias de vida e de superação, observando que meus problemas são bem pequenos se comparado ao daquelas pessoas. Com o decorrer das atuações, foi possível aprimorar essas situações que, no começo, eram um desafio. Hoje em dia, posso afirmar que sou outra pessoa, com uma nova visão do que é o amor e o cuidado, sobretudo de como esse trabalho foi importante para a saúde física e emocional dos pacientes. Certamente o mundo seria bem melhor se todos pudessem passar por experiências como essas, a fim de terem um olhar mais humanizado sobre o outro, trazendo para si uma visão mais compreensiva e amorosa para com as pessoas ao seu redor.

MINHA HISTÓRIA NO PROJETO PALHASUS

Natalia Barros

Em 2010, eu estava cursando o primeiro semestre do Curso de Fisioterapia no Centro Universitário de João Pessoa (Unipê). Então, uma professora de uma determinada disciplina exibiu o filme “O Amor é Contagioso”, de Patch Adams, como atividade, no intuito de elaboramos um resumo. Ao assistir a esse filme, apaixonei-me pelas atitudes do personagem principal, de modo que falei para mim mesma que um dia seria palhaça para visitar as pessoas internadas nos hospitais. Isso tornou-se um sonho para mim.

Por questões pessoais e financeiras, fui impossibilitada de continuar no Curso de Fisioterapia, tendo concluído apenas um período. Então, lutei durante 2 anos para passar no vestibular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No ano de 2012, fui classificada através da lista de espera para cursar Terapia Ocupacional.

No entanto, antes de iniciar o meu período letivo, houve uma greve na UFPB e minhas aulas, que deveriam começar em agosto, iniciaram-se em novembro. Através de uma publicação em uma rede social (Facebook) de uma amiga, tomei conhecimento das inscrições abertas para o Projeto de Extensão Popular PalhaSUS. Então, li o edital e perguntei à minha amiga se ela também se inscreveria.

Para participar do Projeto PalhaSUS, seria necessário comparecer a um Seminário e, em seguida, esperar uma lista para ser selecionado e, então, fazer uma entrevista. Assim, eu e minha amiga fomos ao Seminário. Após isso, passamos na seleção para fazer entrevista. Porém, devido à incompatibilidade dos horários com os meus dias, infelizmente, não pude entrar para o projeto; minha amiga, no entanto, conseguiu fazer parte.

Mas, apesar desse revés, fui perseverante e não desisti. Estava no quarto semestre de Terapia Ocupacional e realizei novamente minha inscrição para participar do projeto PalhaSUS. Dessa vez, pude indicar os meus dias disponíveis já no ato da inscrição. Assim, aguardei o dia do Seminário, etapa essencial para ser selecionado pelo projeto e que é também importante para conhecer a história do projeto e os cenários de prática.

Por conseguinte, fui selecionada através da lista de homologados e entrei no Projeto PalhaSUS. Por um período de seis meses, fiquei como colaboradora, indo a plantões e reuniões do Colegiado Gestor. A última etapa para fazer a Oficina do Riso consistiu em uma entrevista. O Palhaço Chapolin convidou as pessoas a entrarem em uma sala do Centro de Ciências Médicas (CCM). Ao entrarmos, o coordenador do projeto deu-nos uma saudação inicial e disse-nos que seguiríamos algumas etapas para saber algumas habilidades e potencialidades de cada pessoa e qual cenário cada um gostaria de ir. Por fim, tivemos de escrever uma carta para nosso Palhaço Cuidador.

Posteriormente, aguardei o resultado da seleção da Oficina do Riso e vim a saber que eu havia passado. Uma enorme alegria transbordou em mim, pois vislumbrei a possibilidade de realizar um sonho que eu tinha há muito tempo. Tive que enfrentar alguns obstáculos para adquirir alguns materiais, o que quase me impediu de participar da Oficina, não sem contar com grande ajuda das pessoas do projeto.

Por fim, havia chegado o grande dia da Oficina do Riso, que ocorreria no Ginásio de Práticas Integrativas. Foram dias intensos que culminaram com o nascimento da Palhaça Cuidadora “Amorosa” na Praça da Paz, na cidade de João Pessoa. Minha palhaça havia nascido na V Oficina do Riso, no dia 5 de setembro de 2015.

A Palhaça Amorosa teve as suas primeiras atuações no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW). Todas as sextas-feiras havia uma reunião do Colegiado Gestor e, nos sábados, atuações no HULW.

Quando chegava a sexta-feira, eu organizava a roupa e os acessórios da minha palhaça na minha bolsa, deixando tudo preparado. No sábado, eu acordava cedo e fazia minha oração para me preparar espiritualmente. Tomava um banho, já vestia algumas vestimentas da Palhaça Amorosa, tomava meu café da manhã e saía de casa para pegar o ônibus. Chegava no HULW, abraçava os meus irmãos palhaços e assinava a lista de frequência.

Às oito e quinze, começávamos a nos maquiar. Em seguida, tomávamos o elevador para chegar à Clínica Médica. Chegando lá, fazíamos uma roda para nos apresentar. Dividíamos a trupe, e uma parte dela ia para ala A e outra ia para a Ala B; ou simplesmente escolhíamos uma ala, isso dependia da quantidade de palhaços presentes para a atuação.

Passado um tempo, resolvi participar da seleção para bolsistas. Para tanto, compareci à entrevista individual com os coordenadores do projeto, na qual me foram feitas algumas perguntas que consegui responder. Ao sair o resultado, eu havia sido selecionada para ser bolsista.

Em seguida, tivemos que participar de uma maratona de atuações nos cinco cenários onde o projeto PalhaSUS atua. A mesma teve início em um sábado e terminou no domingo

seguinte pela manhã na Vila Vicentina. Tratou-se de um momento enriquecedor, por meio do qual eu pude quebrar alguns paradigmas. A exemplo disso, posso destacar o cenário do Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, do qual só ouvia falar no colégio privado onde eu estudava. Lá, era comum dizer-se que, se alguém fizesse bagunça ou fizesse alguma coisa errada, iria para o “Juliano Moreira”. Por esse motivo, eu havia criado um receio de ir lá. Estive presente nesse dia da maratona e retornei outras vezes, em virtude das atuações do projeto.

Foi uma grande responsabilidade ser bolsista, dado que eu devia cumprir os horários, organizar e planejar as reuniões do Colegiado Gestor e EDPC (Encontro de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador), calendário de atuações, tomar decisões, cuidar da trupe onde eu atuava e coordenar o Curso Autocuidado. Nesse período pude aprender bastante, como a agir com autonomia das coisas, sem deixar que outros decidissem por mim.

Com a minha Palhaça Cuidadora, deixei viver a criança interior que estava escondida no meu coração. Estou aprendendo a escutar as pessoas com atenção, quesito no qual eu me distraía facilmente antes; estou aprendendo também a ter um olhar de cuidado para com as pessoas, não apenas o olhar pela doença, mas um olhar humanizado. Amorosa quebrou paradigmas meus, tais como falar através do microfone, participar de congressos e outras participações públicas.

UMA EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE PEDIATRIA

Certo dia, numa atuação, encontrei uma menina que estava triste e deitada na cama; não queria comer, nem sair, e as palhaças a chamaram para brincar. A criança foi com a palhaça Amorosa e brincou de correr no corredor no hospital. Na hora do

almoço, a criança chamou a palhaça Amorosa para acompanhá-la na refeição. A mãe da menina ficou impressionada, porque sua filha se alimentou bem. Na despedida, abraçamo-nos, e a palhaça Amorosa deixou sua “marca de coração” no rosto da menina e, no final, a criança demonstrou estar bem alegre. Posso dizer que eu havia ganhado aquele dia e deixado uma semente de amor pela criança.

Após o recesso de meio do ano da Universidade, retornamos às atividades do projeto. Voltamos às atuações na Pediatria. A minha palhaça entrou em um quarto e encontrou aquela mesma menina em uma situação que ela não poderia imaginar: deparou-se com a piora do seu estado de saúde. Fiquei em choque, de modo que até mesmo sua mãe percebeu a minha reação. “Durante o recesso, a menina havia entrado em coma e ela estava se recuperando aos poucos”. Ela havia ficado com algumas sequelas, sem movimentos dos membros superiores e inferiores. Admirei a fé e força da mãe da menina através da conversa com os palhaços. Motivamos a mãe a continuar com a força e fé para apoiar a sua filha, que precisaria, e, em seguida, nos despedimos com um abraço.

Em contato com os profissionais de enfermagem, fiquei sabendo que a menina e sua mãe haviam voltado para casa. Passei a ter contato com a mãe apenas por meio das redes sociais. Quando eu estava estagiando na área da Geriatria, no HULW, tive a grande surpresa de reencontrar a mãe e poder conversar com ela; sua filha estava, então, fazendo a reabilitação.

No ano 2017, a Palhaça Amorosa encontrou a mãe e a menina novamente na área de Pediatria do HUWL. A menina estava internada por causa de dores abdominais. Conversamos bastante, e a palhaça Amorosa, neste momento, compartilhou alegria, amor e abraços. A mãe da menina pediu-me para que não desistisse do projeto e continuasse firme.

UMA EXPERIÊNCIA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA

Eu ainda não era palhaça. Estava em um processo de formação para ser Palhaça Cuidadora, mas era colaboradora. Comecei a conhecer os cenários de atuação, quando cheguei no HULW para visitar a Clínica Médica. O que me chamou a atenção foi uma jovem que não falava por causa do procedimento de traqueostomia, mas usava os seus pés para tocar no livro de figuras. Depois aprendi que se tratava de uma comunicação alternativa.

Os palhaços descobriram que ela gostava das músicas do cantor Luan Santana. Em todas as atuações, a jovem pedia para que os palhaços cantassem as músicas do seu cantor preferido.

Quando me tornei uma Palhaça Cuidadora, sempre ia visitar essa jovem nas atuações e criei um vínculo com ela e seus pais. A sua situação de saúde foi progredindo e, apesar de não mais se comunicar pela comunicação alternativa, porque não tinha movimentação dos pés, passou a se comunicar mexendo as sobrancelhas. Os palhaços passaram a se comunicar através das sobrancelhas, foi um tempo de adaptação para mim.

No início de julho de 2016, infelizmente, recebemos a notícia do falecimento do pai e, alguns dias depois, também da filha. Minha palhaça e eu, com o decorrer do tempo no projeto, estamos aprendendo a lidar com a morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estou em um processo de amadurecimento. A cada dia que passa, eu aprendo com minha palhaça, meus irmãos palhaços, minhas irmãs palhaças e meus pais palhaços. A palhaça Amorosa está transbordando de amor, paz e cuidado,

que ela quer espalhar por aí, pois o mundo está cheio de dor e sofrimento.

Atualmente estou como voluntária no projeto PalhaSUS, participando das reuniões do Colegiado Gestor, das atuações e EDPC. Concluí o meu curso no dia 27 de junho de 2017 e faz 4 anos que estou no Projeto PalhaSUS. Tenho muito amor por esse Projeto, não sendo à toa que sou a Palhaça Amorosa. Sou grata ao projeto PalhaSUS, pois ganhei mais uma família.

DE PALHAÇO E LOUCO, TODO MUNDO TEM UM POUCO

*Iago Freitas Dantas de Sousa
Karina Vieira da Costa
Tayná Thaís Cavalcante de Araújo*

A atuação de palhaços em espaços de cuidado em saúde vem crescendo no Brasil, e sua importância é cada vez mais reconhecida. Um dos primeiros grupos de palhaçaria em hospitais foi o “Doutores da Alegria” que, desde o ano de 2007, com o Programa Palhaços em Rede, focam na qualidade da intervenção que é oferecida nos hospitais. Existe uma rede com mais de 1.100 grupos de palhaços cadastrados em todos os estados brasileiros⁴. Contudo, são poucas as experiências citadas de palhaços em ambientes manicomial e de saúde mental. Teria a palhaçaria algo a contribuir para a relação das pessoas e das instituições com a loucura? Seria também o palhaço um maluco? Explanaremos sobre estas questões ao longo deste texto, partindo das nossas experiências no Projeto PalhaSUS.

Em 1957, a Organização Mundial da Saúde define que “o hospital é parte integrante de um sistema coordenado de saúde, cuja função é dispensar à comunidade completa assistência à saúde, tanto curativa quanto preventiva, incluindo serviços

⁴ (<<https://www.doutoresdaalegria.org.br/escola/palhacos-em-rede/>> Acesso em: 15/02/2017)

extensivos à família em seu domicílio e, ainda, um centro de informação para os que trabalham no campo da saúde e para as pesquisas biossociais” (PEDROSA, 2004, p. 20). O hospital é um espaço em que prevalece, dentre outros sentimentos e emoções, a dor, o medo, a ansiedade, a angústia e a limitação diante da doença. O período de internação gera também alterações à rotina de todo indivíduo internado (DAIAN, PETROIANU, ALBERTI, 2009; MASETTI, 2003). Diante disso, o Palhaço Cuidador atua na perspectiva de transformação social, não somente por meio do riso, mas da dialogicidade, imaginação, amorosidade e cuidado, o que envolve o toque, abraço, brincadeiras e troca de experiências.

A loucura sempre intrigou a humanidade. Conforme aprendemos com Foucault (1961), ao longo da história, a ideia do que foge ou não ao “normal” sofreu diversas transformações, mas sempre foi acompanhada pela exclusão daqueles que não se encaixavam no comportamento padrão. Diversos modelos manicomiais antigos se mantêm até hoje, inicialmente, idealizados para serem ambientes de acolhimento e cuidado, entretanto, logo se converteram em ambientes de violação dos direitos humanos. Quando um indivíduo é institucionalizado, leva consigo seus desejos e necessidades que, muitas vezes, não são atendidos, o que, conseqüentemente, leva à diminuição do bem-estar pessoal; é o caso de muitas pessoas com doenças mentais.

Nesse sentido, o manicômio se converte numa instituição total, conforme o conceito formulado por Goffman (1961). Após a reforma psiquiátrica no Brasil, ocorreram mudanças significativas, mas ainda são necessárias transformações em prol dos pacientes, que são seres biopsicossociais. Ao Palhaço Cuidador, cabe tornar único, através do olhar, cada paciente; há

uma individuação do sujeito, que deixa de ser “mais um louco” para se tornar alguém singular.

Dessa forma, o palhaço é visto como alguém que promove a quebra da rotina hospitalar e do ritmo dos acontecimentos. Por subverter a lógica, ele altera a própria imagem do hospital, ao transformar um posto de enfermagem em um “balcão de pizza” e “multar” uma maca por excesso de velocidade, por exemplo. É exatamente o fato de não ter medo de ser ridículo que cria uma oportunidade para brincar e se relacionar com as pessoas. Além disso, o palhaço ajuda a lembrar da vulnerabilidade da condição humana, em um ambiente como o hospital, no qual se exige a perfeição (BESTETTI, 2005; MASETTI, 2003).

Louco e palhaço se confundem. O palhaço encontra, no contato com os pacientes, a loucura que há dentro dele, como em um espelho, o que estimula, de forma lúdica, o pensamento crítico acerca do que é ou não “normal”. Nossa presença lembra que os que estão dentro e fora da instituição não são tão diferentes, o que está entre ambos é apenas um muro.

O PalhaSUS atua desde o ano de 2011 no hospital psiquiátrico Juliano Moreira, localizado na cidade de João Pessoa/PB, onde enfrenta diversos desafios e acompanha o processo de transformação, do qual também faz parte. Há alguns anos, o Juliano Moreira vem passando por uma série de mudanças que visam humanizar o tratamento oferecido, como a retirada de algumas grades e revitalização de espaços que permitem uma maior liberdade aos indivíduos. Mas ainda são necessárias muitas intervenções.

Ao chegar ao Hospital Psiquiátrico, os palhaços começam um processo de aquecimento para a entrada, onde se arrumam e já começam a interagir entre si e com os transeuntes, incorporando aos poucos os personagens. As atuações geralmente começam na recepção ou local de acolhimento, com os funcionários e

familiares que esperam para visitar seus entes internados. A partir da percepção do local, a intervenção pode ser modulada para melhor qualidade de interação com as pessoas que estão internadas.

Com base nas nossas observações, a presença do palhaço pode possibilitar relaxamento, e os problemas são esquecidos, mesmo que por alguns instantes, assim como os preconceitos que possam existir. Por meio do diálogo, as pessoas sentem-se menos sozinhas e podem trocar experiências e aprendizados. O Palhaço Cuidador passa a perceber que aquelas pessoas também ensinam e observa o que há por trás de cada ser, suas histórias e como chegaram até o hospital.

Ao fim da atuação, é perceptível o bem-estar das pessoas e/ou a angústia de verem os palhaços partirem. Muitos dos pacientes relatam o quanto a nossa atuação alegrou o dia e foi além da rotina hospitalar. Muitas vezes, ao se deparar com o cenário, o extensionista também está cheio de preocupações e acaba se distraindo ao atuar; mas, ao se despedir, também há uma comoção e preocupação de como os pacientes ficarão, como serão tratados e até que ponto os mesmos retornarão às atividades de vida diária.

Antes de se depararem com o espaço, há o pensamento dos extensionistas de que a maior dificuldade nas atuações será com os pacientes, mas, ao vivenciá-las, nota-se que o maior obstáculo está no diálogo com alguns profissionais, que trabalham no local desde antes da reforma psiquiátrica e ainda possuem um olhar meramente biomédico. Eles estranham a relação de afeto e, principalmente, o contato físico entre os palhaços e as pessoas que estão sendo cuidadas. Além disso, muitos estão estressados, cansados e deixam de ter empatia com as pessoas. Com isso, o palhaço tenta contornar as situações com brincadeiras ou demonstrações de carinho e, às vezes, saindo

do ridículo e conversando seriamente, pois há situações que demandam tal atitude.

Certa vez, os palhaços Aleroado (Iago Sousa) e Risadinha (Mikaelly Leite), ao verem uma das funcionárias com os longos cabelos soltos, começaram a tecer exagerados elogios, falando que jamais a viram com os cabelos tão bonitos. A mulher passou então a contar o quanto eles estavam descuidados, narrando que, depois de muito sofrer na vida, havia deixado de se preocupar com eles. A conversa enveredou-se pela história daquela pessoa, que terminou agradecendo, muito emocionada, por ter encontrado quem a ouvisse e acolhesse.

Há também o profissional humanizado, este ajuda nas atuações, entende que o ser humano é biopsicossocial, ajuda os palhaços quando necessário e também é ajudado, por exemplo, quando solicita que o palhaço convença o usuário a tomar remédio ou tomar banho. Já ocorreram episódios em que o palhaço foi o único capaz de conter surtos de agressividade. Certo dia, o palhaço Apoial (Aldenildo Costeira) conseguiu, através de um demorado abraço, que uma paciente se acalmasse e aceitasse tomar a medicação apropriada. São inúmeros os depoimentos sobre a importância do palhaço no hospital, que complementam a atuação com o uso de instrumentos musicais e da arteterapia, motivando ainda mais a participação e as relações com benefícios mútuos.

Quanto aos estudantes e futuros profissionais de saúde, os professores recomendam rotineiramente que não se crie um vínculo com o paciente, porque isso pode afetar o bem-estar psicológico do profissional. Mas, no papel do palhaço, um vínculo é criado e essa relação parece benéfica para ambos os lados. O extensionista passa a enxergar o indivíduo além da doença e a ter atitudes mais humanizadas em suas práticas; já o paciente passa a confiar no palhaço, o que contribui para

uma melhor escuta, troca de experiências e ajuda até mesmo na administração de medicamentos por parte dos profissionais presentes no cenário.

Ao se deparar com a vida acadêmica, o estudante da área de saúde passa a compreender o indivíduo e a estudá-lo de forma mais cartesiana, isto é, por partes, o que não é maléfico até certo ponto, porque possibilita uma maior compreensão de cada aspecto do ser e traz avanços científicos. A partir da interação com o paciente, há a possibilidade de aprendizado, tanto no aspecto de observar o que foi aprendido em sala de aula, vendo na prática as realidades de cada pessoa e ambiente, como também ao incentivar o aluno a perceber o indivíduo como um ser biopsicossocial, ou seja, inserido em um sistema. Em um ambiente como o hospital psiquiátrico, muitas das pessoas chegam com a sua doença em fase aguda, o que nos atenta a escassez de ambientes ou de profissionais que possibilitem promoção à saúde.

O futuro profissional também passa a enxergar que o paciente é mais receptivo a atividades lúdicas, até mesmo por vivenciar e notar que a própria figura do palhaço se torna uma potente ferramenta de interação e transformação. Diante disso, passa a viabilizar práticas mais integrativas e que geram mais conforto ao paciente.

A musicalidade também se faz bem presente, integrada à palhaçaria. Os palhaços cantam e dançam livremente, ainda que, às vezes, sem afinação ou coreografia, como forma de aproximação das pessoas que não os conhecem. Por vezes, os pacientes trazem à tona músicas significativas para eles, de modo que o repertório dos palhaços é ditado pelo gosto dos usuários, sem que se faça qualquer julgamento da letra ou gênero da canção. Músicas próprias da periferia são cantadas

junto a hinos religiosos, e as pessoas sentem-se à vontade para expressar sua subjetividade e manifestar seus talentos.

Outro recurso usado são as dobraduras e origamis; após uma capacitação com a artista Lena das Dobraduras, as palhaças Fadinha (Natália Monteiro) e Aprince (Tayná Araújo) levaram alguns papéis coloridos à atuação, no intuito de ensinar aos usuários como transformá-los em flores de papel. Ao chegarem, foram surpreendidos por uma mulher que estava presa em um quarto e, através das grades, a entregaram alguns papéis. Acontece que a paciente já conhecia algumas técnicas de dobraduras e acabou por ensinar às palhaças novas formas de usar o papel. Ela demonstrou grande habilidade em fazer as flores de papel e manifestou, emocionada, o desejo de escrever uma mensagem para sua mãe no centro da flor que fizera. Na mensagem, ela pedia perdão e declarava seu amor. Aprince e Fadinha sentiram-se honradas e comovidas por viabilizarem e fazerem parte desse momento.

Uma potencialidade da atuação no hospital psiquiátrico é a imaginação dos pacientes, que não se prendem a julgamentos e convenções sociais. Em uma de suas atuações, a Palhaça Pancadinha (Karina Vieira) conta que, ao chegar no quarto de uma paciente, perguntou se poderia entrar em sua casa, a mesma respondeu com um sorriso, e elas logo deram asas à imaginação. Onde um quarto com uma simples cama de ferro se torna a casa dos sonhos, logo se deliciaram com um enorme banquete, ligaram a TV e conversaram sobre diversos assuntos. Em outra atuação, a Palhaça Aprince lembra que uma usuária falou que era estilista e logo os palhaços, juntos com ela, organizaram um desfile, batizado de “Juliano Fashion Week”, com acessórios, como bolsas plásticas, que guardavam roupas e um sutiã para o palhaço mais bonito do desfile. Por ser uma instituição que abriga pessoas de outras cidades, as mesmas sentem falta de

seus familiares, de tal modo que, quando o palhaço chega, algumas pessoas veem nele uma figura com quem estabelecer um laço de afeto, até mesmo chamando-o de filho e guardando itens que o lembram, como um simples fio de cabelo da peruca.

A necessidade de sentir-se cuidado e inserido no espaço é muito presente nesses usuários. Um diferencial notável do palhaço cuidador é que ele leva esse olhar humanizado, de aconchego, onde não só o paciente é acolhido, mas o próprio palhaço. Ao dar um abraço, há mutualidade, sinceridade, sensações. Há vezes em que não se consegue controlar a emoção, o que é impactante na figura do palhaço, pois o mesmo é visto como alguém que só leva risos; mas, no aspecto humano, é um sentimento intenso de empatia, humanização. Durante as atuações no hospital, houve várias situações assim e que são consideradas as mais marcantes. Alguns palhaços relatam também que, ao chegar no ambiente, esquecem de todos os problemas pessoais; é como se aquele lugar fosse um espaço de lazer, de autocuidado, de conexão com o espírito de criança, em que prevalece a leveza e o olhar, livre de total preconceito. Também se confundem, portanto, os papéis de cuidador e paciente, pois não se sabe quem está cuidando de quem, rompendo a assimetria comumente estabelecida na instituição.

As fronteiras entre sadio e patológico, ciência e loucura, razão e afeto, tornam-se tênues com a interação entre o usuário de saúde mental e o Palhaço Cuidador. A luta antimanicomial ainda tem um longo caminho a percorrer, e seus próximos passos não estão claros para todos os envolvidos. Como mudar não somente a estrutura física, mas nossos “manicômios mentais”? Ou seja, como mudar a mentalidade equivocada de muitas pessoas sobre o universo da loucura? O PalhaSUS certamente não possui respostas prontas para estas e outras questões, mas é próprio do Palhaço Cuidador experienciar primeiro para,

depois, entender e amar incondicionalmente o que não cabe em sua compreensão.

Portanto, o Projeto PalhaSUS tem grande relevância social. Com afeto e irreverência, os palhaços revelam um paciente dotado de sentimentos, vontade e habilidades que vão além de um diagnóstico. Tanto para os profissionais do hospital quanto para os extensionistas do PalhaSUS, esta é uma possibilidade de crescimento. Afinal, como gostam de cantar os internos do Juliano Moreira, “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar pra pensar, na verdade não há”. (RUSSO, 1989.)

REFERÊNCIAS OU SUGESTÃO DE LEITURA

FOUCAULT, M, **História da Loucura**, 7ed. São Paulo: Perspectiva, 2003

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MATRACA, MV, WIMMER, G, ARAÚJO J.T. C. **Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria**. Cien Saude Colet. 2011; 16(10): 4127-38.

OLIVEIRA, Arlene de Sousa Barcelos. **Palhaço no hospital: percepção da influência do pronto sorriso como instrumento de aprendizagem no ensino da graduação em medicina**. 2014. 106 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

PATCH ADAMS – O Amor é Contagioso (Patch Adams, 1998).

PEDROSA, T.M.G. **Estabelecimento da correspondência entre os requisitos do instrumento de acreditação hospitalar**

brasileiro da organização nacional de acreditação- ONA (2004) - e as normas da série NBR ISO 9000:2000. Dissertação. Mestre em Ciências da Saúde -Infectologia e Medicina Tropical, Faculdade de Medicina da UFMG, 2004, 154f

THEBAS, C. **O livro do palhaço.** Coleção profissões. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

VILLA-LOBOS; RUSSO. **Pais e filhos.** Interprete: Renato Russo. In: Quatro Estações. Produtor: Maurício Carvalho. EMI, 1989. CD (46:27) faixa 2 (5:08).

DAS CINZAS A COLORAÇÃO, DA INSTITUCIONALIZAÇÃO A HUMANIZAÇÃO: A(S) HISTÓRIA(S) QUE “ESCOLHEMOS” TRILHAR...

*Francisco Jocelio de Leite Moura
Manuelle Clebiana de Lira Silva,
Mikaelly Duarte Leite*

INTRODUÇÃO

Se você espera neste texto uma história daquelas de contos de fadas ou que tem um final feliz, queremos te dizer: a história ainda estamos tentando escrever, e isso não depende só de nós, depende também de você. Aqui encontrarás choros, histórias, sofrimento, mas também alívio, arte, sorrisos e superações. Neste trabalho-arte, foram colocadas as vivências mais marcantes e tocantes que uma alma pode sentir; se tiveres sensibilidade e uma pontinha que seja de esperança de um mundo melhor, chegarás ao fim sabendo que o afeto e o amor sempre valerão a pena, e que, entre o “Normal” e o Louco, existe uma linha tênue e que estamos sempre sujeitos a mudar nossas posições.

Em um célebre conto, “O Alienista”, de 1881, o escritor Machado de Assis retrata com precisão e humor os conceitos e condições dos tratamentos de doenças mentais. Trata-se de

uma profunda reflexão sobre a loucura, a forma como a ciência encaminha suas ações de cura e a fragilidade dos tratamentos. Abaixo, explicitamos de forma resumida, a referida história.

O Dr. Simão Bacamarte, logo após alcançar estima em sua profissão de médico no Brasil e na Europa, volta para Itaguaí, sua terra de origem, a fim de empenhar-se ainda mais em sua carreira. Depois de um certo tempo na cidade, casa-se com D. Evarista, que era viúva e tinha mais ou menos vinte e cinco anos. Além disso, não era considerada nem bonita e muito menos simpática, e Bacamarte a selecionou por acreditar que ela lhe geraria bons filhos, fato que não aconteceu, pois ela não teve nenhum.

Em um determinado dia, o Dr. Bacamarte decide empenhar-se ao estudo da psiquiatria e cria, em sua cidade, um manicômio denominado Casa Verde, para colocar todos os loucos da cidade, bem como da região. O manicômio fica lotado dentro de pouco tempo, e o médico fica cada vez mais obcecado pelo trabalho. Inicialmente, as pessoas internas eram loucas e os casos eram aceitos pela sociedade. No entanto, Dr. Bacamarte, em um dado momento, passou a considerar que todos eram loucos e a internar pessoas que provocavam espanto, como, por exemplo, um dos casos em que internou Costa, um homem que perdeu toda sua herança emprestando dinheiro para os outros, mas não conseguia cobrar quem lhe devia.

À medida em que essas internações vão prosseguindo e deixando a população da cidade alarmada, Evarista estava em uma viagem pelo Rio de Janeiro. A população tinha esperanças que, após sua volta, o alienista iria cessar as inesperadas internações. Mas, mesmo depois de seu retorno à cidade, o Dr. Bacamarte permaneceu procedendo da mesma forma.

Com o passar do tempo, as pessoas da cidade vão ficando mais tensas e o senhor barbeiro Porfírio, que sempre desejou

entrar no meio político, resolve preparar um protesto. Contudo, ao descobrir que Bacamarte não mais recebia dinheiro pelos internos, percebeu que não havia interesse econômico sujo, e o movimento perdeu força. Porfírio, ainda instigado por sua ganância de chegar ao poder, provoca a Revolta dos Canjicas (Porfírio era conhecido por Canjica). As pessoas da cidade vão para a casa do Alienista para reivindicar, mas ele as recebe de modo equilibrado e racional. A população parecia estar controlada, mas se revoltam mais uma vez quando Bacamarte dá as costas e volta a seus estudos.

Nesse contexto, a força armada da cidade aparece para apaziguar a população. Todavia, de forma surpreendente, a polícia junta-se à população e Porfírio sente-se o líder da revolução e encaminha-se à Câmara dos Vereadores a fim de destituí-la. Desse modo, Porfírio, com poderes, convoca o Dr. Bacamarte para uma reunião, porém não o despede e, aliando-se a ele, as internações continuam a acontecer na cidade.

Posteriormente, cinquenta Revolucionários dos Canjicas são internados. João Pina, outro barbeiro, rebela-se e faz uma enorme confusão, resultando na destituição de Porfírio. E, mais uma vez, a história se repete, e o novo governo fortalece a Casa Verde. As internações vão acontecendo de forma rápida e até a esposa do alienista é internada, depois de ficar uma noite inteira sem dormir, porque não conseguia escolher a roupa que usaria numa festa.

No final, 75% da população estava internada na Casa Verde. Bacamarte observou que sua hipótese não estava certa e decide libertar todos os internos e reestruturar suas ideias. Ele passava, então, a acreditar que, se grande parte mostrava desvios na personalidade e não seguia um padrão, portanto, louco era quem preservava estabilidade nas ações e permanência de caráter. Firmado em sua nova teoria, o Alienista volta a internar

as pessoas, sendo o vereador Galvão um dos primeiros, pois ele havia sugerido na Câmara uma lei que proibia os vereadores de serem internados. No entanto, outras pessoas são consideradas curadas ao demonstrarem algum desvio de caráter.

Mais tarde, o Dr. Bacamarte verifica que, mais uma vez, sua teoria está errada e decide soltar todos os internos novamente. Como só ele se julgava ter uma personalidade perfeita, o alienista resolve ficar trancado sozinho na Casa Verde para sempre por compreender que era o único anormal da cidade.

Buscamos, com esse texto, trazer reflexões para o mais íntimo de nós, para dizer que cada ser humano é único e possui sua singularidade e que, por essa razão, somos especiais na nossa diversidade e coletividade, a fim de que possamos construir um mundo de mais cores.

Entre estigmas, preconceitos e torturas, é fundado, no dia 23 de junho de 1928, o que hoje é conhecido como Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, localizado na Av. D. Pedro II, nº 1826, no bairro da Torre, em João Pessoa. Na época conhecido como manicômio, o local recebeu este nome em homenagem a um dos pioneiros da psiquiatria brasileira, sendo o primeiro professor universitário a citar e incorporar a teoria psicanalítica em suas aulas, além de ter representado o Brasil em congressos internacionais, como os de Paris, Berlim, Lisboa e Milão nos anos de 1900 (PARAÍBA, 2012).

Ainda de acordo com o site Paraíba (2012), o ambiente psiquiátrico comportava 232 leitos, sendo 132 leitos masculinos e 100 femininos; 12 eram direcionados à internação de adolescentes com transtorno mental associado ou não à dependência química, sendo 06 seis masculinos (Ala Clifford B) e 06 femininos (Ala Clifford A); 28 leitos direcionados ao acolhimento de dependentes químicos adultos, dos quais

16 são masculinos (Espaço Inocência Poggi) e 12 femininos (Alas Clifford A e Clifford B); 16 leitos direcionados ao cuidado de pacientes geriátricos e moradores do serviço; 102 leitos direcionados aos pacientes adultos do sexo masculino portadores de transtornos mentais não associados à dependência química ou, salvo casos especiais, associados à dependência química (Alas Ulisses Pernambucano e Luciano Ribeiro de Moraes); 74 leitos são direcionados a pacientes adultas com transtornos mentais não associados à dependência química ou, salvo casos especiais, associados à dependência química.

Este hospital, descrito anteriormente e tudo aquilo que só se pode ver e sentir quando se está mais próximo, foi contemplado ao se tornar alvo do Projeto de Extensão PalhaSUS, por ser um ambiente que necessita de mudanças, quebra de paradigmas, humanização dos cuidadores e, principalmente, da sensibilização de toda a sociedade. Nesse ambiente, o projeto traz o Palhaço Cuidador — agente transformador social que usa a arte e as tecnologias leves de cuidado, como a escuta qualificada, o diálogo e o olhar — como principal ferramenta para entender e contribuir para uma integralidade de cuidado, assim como demonstrar que existem outras formas de cuidar além da medicalização.

Na sociedade atual, o sistema de saúde ainda considera o ser humano como uma máquina, mesmo que já tenhamos evoluído nestes aspectos; mas, por vezes, ainda nos consideramos uma máquina complicada e que deve ser vista e cuidada por partes, como descreve o modelo mecanicista. Não se faz nada para entender e tocar a alma e o coração do outro que está em sofrimento. É muito mais fácil medicalizar tudo e esperar a cura, não que isso não seja necessário, mas, na maioria das vezes, existem fatores extrínsecos que podem ter desencadeado algumas patologias e, para tratar alguma doença, é necessário

conhecer o que a desencadeou, e acreditamos que isso é possível através das relações humanas e do afeto.

Em alguns espaços em que o cuidado em saúde é o foco, a arte não conta como intervenção médica e está fora da prática convencional. Tudo que é fora da imagem — remédio, formulários, profissionais de saúde, paciente e uma curta conversa para identificar o que deve ser feito — está, geralmente, “descartado”. Daí, surge um dos principais papéis do Palhaço Cuidador: mostrar que o cuidado vai além do que se pode ver; ele parte para o sentir e compreender.

Na direção explicitada acima, Nise da Silveira, famosa psiquiatra brasileira, aluna de Carl Jung, foi e continua sendo uma valiosa inspiração para muitas pessoas, inclusive nós. Ela enfrentou muitos psiquiatras, manifestou-se contra os tratamentos de sua época, como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, camisas de força, lobotomia, etc. Nise acreditava no afeto, na arte e na expressão e contribuiu significativamente para os enfrentamentos atuais.

Inicialmente em nossas atuações, percebemos que uma parte da equipe que atuava no Complexo não entendia nosso trabalho, talvez por não ter conhecimento sobre a arte da palhaçaria e o papel do Palhaço Cuidador. Entendemos que esta pode ter sido a referência de ‘cuidado’ que tinham, utilizando apenas métodos de contenção. Dessa forma, o nosso papel não era apenas atuar junto aos pacientes, mas também junto aos cuidadores, para que eles se tornassem reprodutores de novas práticas de cuidado, a fim de, por conseguinte, tornamo-nos mais fortalecidos para a conscientização e sensibilização de toda a sociedade, mostrando que isolar e apenas medicalizar não é a solução, afinal, não tem comprimido que resolva isso, quando o que todos precisam é de inclusão social.

A princípio, durante as atuações do projeto, percebíamos que, ao chegar nas alas em que os usuários estavam, a maioria encontrava-se dopada de medicamentos, alguns contidos por tecido, amarrados nas camas ou jogados em meio ao pátio junto às suas próprias fezes. Sempre após as atuações, questionamos como realmente deve ser tratada a criatura humana e como, de fato, é tratado aquele ser humano, o que nos faz refletir sobre a canção do cantador popular Ray Lima: “bocados de molambos molhados, manchando o chão; bocados de molambos molhados, manchando o chão; mas o que tinha dentro era gente ainda, era gente ainda”.

Os questionamentos eram muitos: como pode alguém sobreviver a tudo aquilo? Aquele realmente era um espaço de cuidado ou continuava fortalecida a ideia inicial de que o que importa é excluir? Questionamentos sempre tivemos, mas nunca obtivemos nenhuma resposta. Contudo, em nós, a cada dia, crescia a ideia de que valeria a pena cada sábado dedicado e que tudo aquilo poderia ser intitulado como intervenção, afinal, criar espontaneidade, permitir que cada pessoa demonstre, conte como se sente e fale sobre sua vida, coisas que deveriam fazer parte do cuidado em saúde mental, são uma forma de intervir e, muitas vezes, modificar a realidade.

Refletíamos a cada dia sobre como aquelas pessoas eram até mais fortes que nós, porque além de resistir a perdas, processo de institucionalização e serem barradas por um mundo que a maioria considera normal e padronizado, contavam suas glórias, suas histórias e, ainda assim, contavam suas esperanças e planos futuros. A partir daí, compreendemos que a alegria é possível mediante o entendimento do processo de resiliência das histórias de vida. Os sorrisos e abraços que nos foram dados mostravam-nos o caminho a seguir e ajudavam-nos a

não desistir de cada um, mesmo enfrentando a resistência de algumas pessoas da equipe de saúde local.

Não deixávamos de perceber que no espaço existiam poucas opções do que fazer, poucos recursos, por vezes, poucas esperanças para o futuro, mas, a cada dia, percebíamos que o maior recurso estava ali, na nossa frente: a relação e a troca de afeto com o outro.

Em nossas práticas, tentávamos levar sempre algo concreto, como bolas, instrumentos musicais, além de cuidado, amor e trocas emocionais. Contudo, diversas vezes éramos barrados, impedidos e até julgados, o que nos fez estar certo sobre a música que uma das pacientes internada no complexo cantava sempre: “Os meus heróis estão calados nessa hora, pois já fizeram, escreveram sua história, devagarinho eu vou achando meu espaço, e não me esqueço das riquezas do passado” (Julinho Marassi e Gutemberg). Imaginamos, assim, quantas pessoas poderiam ter morrido em lugares como este, talvez por solidão, tristeza, alta dosagem de medicamentos, choques elétricos ou até por não terem confiança em quem contar o que se passava dentro de seu coração.

Incrível é perceber o quanto a arte e o afeto, principalmente as canções, direcionaram nossas práticas, e o quanto isso era libertador para eles e, mais ainda, para nós. Às vezes, chegávamos à conclusão de que os papéis se invertiam, os ditos “loucos”, por vezes, éramos nós. Com nossos gritos e músicas que estremeciam os espaços, tudo se tornava um instrumento de brincadeira e libertação. Foi lá que encontramos os melhores atores, cantores, piadistas, irmãos, pais, compositores e até revolucionários. Quantos talentos se perderam ou se perdem entre quatro paredes solitárias!

Quem dera, ao menos uma vez, pudéssemos parar para ouvir nossos pacientes como paramos, frequentemente,

para ouvir nossos pensamentos em dia de insônia, e assim pudéssemos nos colocar no lugar do outro e juntos cantar: “Lá no tempo em que nasci, Logo aprendi algo assim: Cuidar do outro é cuidar de mim, Cuidar do outro é cuidar de mim, Cuidar do outro é cuidar de mim, Cuidar de mim é cuidar do mundo. Outro mundo, outros tempos; Outros fins, outro começo; Sabidos são os afetos, O amor é terapêutico” (Johnson Soares, Júnio Santos, Ray Lima). Mas, infelizmente, os questionamentos são constantes e nos perguntamos sempre: Quem cuidará de mim? Quem cuidará do mundo? Procuramos sempre responsáveis a quem culpar pelo estado do mundo, assim como tiramos sempre nossas responsabilidades desse mundo dito banal. Não nos preocupamos com as coisas simples, parece-me que o complicado é tão mais atraente. Pobres homens e mulheres, é tão mais fácil calar aquele que grita com remédios do que ouvir que, às vezes, ele tem a razão.

É preciso tecer novas histórias e saber que deve existir o diferente sem a sombra do medo que implica dizer que sou “louco”. Passou-se o tempo das imagens sem cor, é necessário soltar o grito, sem ter medo de, um dia, ser isolado de todo o convívio social. Vamos cantar, vamos gritar: “Chega de só pensar, Tá na hora de agir. Chega de só chorar, Tá na hora de sorrir. Chega de só lutar, Tá na hora de conquistar. Chega de silêncio, Tá na hora de gritar, Cidadania já!” (Cirandas da Vida).

Chega de falar ou mesmo tentar convencer de que nosso objetivo vai além de humanizar, talvez sejamos sonhadores ao almejarmos a extinção dos manicômios, mas em nosso coração restam as histórias contadas e vividas que nos fazem crer que pode haver um mundo melhor e que trancar não é tratar, mas: “sonho parece verdade quando a gente esquece de acordar, e o dia parece metade quando a gente acorda e esquece de levantar, ah o mundo é perfeito [...]. Descobrir o verdadeiro sentido das

coisas é querer saber demais, querer saber demais” (Teatro Mágico).

Dessa forma, abaixo serão descritas algumas histórias vividas e presenciadas. Tenha sensibilidade ao lê-las, pois, para que elas pudessem ser descritas, existiram dores, pessoas, tristezas e esperanças de uma nova história. Ao adentrar na vida de uma pessoa, existe mais do que corpos físicos; existem almas sedentas de mostrar sua emoção, seu sentimento e sua vida. Aqui, nomes fictícios serão dados aos personagens para tentar vivificar os momentos e as emoções sentidas pelos nossos pequenos e coloridos corações.

ESSE CARINHO QUE NOS CONSTRANGE, CHAMA-SE: RECIPROCIDADE

“E se me achar esquisita, respeite também. Até eu fui
obrigada a me respeitar”
(Clarice Lispector)

Seria mais uma frase de Clarice Lispector, não menos importante, que poderia ter passado despercebida na correria da vida, mas ela foi dita por alguém especial e eu guardei-a no coração.

Parecia ser um sábado daqueles em que nos preparamos para ouvir, abraçar, pular e cantar, mas no enredo da história, as surpresas foram se revelando. Maria, uma adulta com cerca de trinta anos, tinha em sua vida a liberdade de viver, ir e vir, usufruir de seu contexto familiar e vida acadêmica e teve que, obrigatoriamente, mudar seu trajeto. Interna no Juliano, conta o quanto é difícil sair do patamar de uma vida “normal” para estar entre paredes, trancafiada em um ambiente que não tem muito

o que fazer a não ser cantar suas canções preferidas e contar como era sua vida antes de chegar naquele local.

Entre palavras e olhares que expressavam o quanto, para ela, era doloroso estar naquele lugar, saía de seus lábios, e mais ainda do seu coração, o não entendimento do porquê estava ali. Contava-nos como era a sua vida e como era viver na normalidade de seus dias junto a seus amigos, família e universidade, até o dia em que foi levada ao complexo psiquiátrico. Parecia que estávamos vendo seu mundo parar de girar e estacionar em apenas uma direção, seus olhos contavam o quanto era triste tudo aquilo. Diversas vezes, contou-nos que era uma pessoa “normal” e que agora estava ali, e que aquilo poderia acontecer com qualquer pessoa.

Mas o que mais chamou a atenção foi a forma que ela repetia inúmeras vezes a frase de Clarice Lispector citada acima, que dizia que suas diferenças tinham que ser respeitadas, porque ela mesmo aprendeu a se respeitar.

E parece que, como em um filme, novela ou até quem sabe um livro, os lugares foram invertidos. Estávamos ali em sua frente, aprendendo que o respeito vem de dentro para fora e percebendo o quanto temos um mundo doentio e padronizado. Constantemente, temos vivido pelo respeito dos outros. Sim, vivemos fazendo o que é normal para a sociedade, aquilo que, aos olhos humanos, serão bem vistos e quem sabe até nos beneficiamos com nossos bons feitos, somos como robôs andando de um lado a outro, seguindo passos.

-Gritar?

-Isso é Loucura, interne-o!

- Dançar na chuva ou rir sozinho na rua?

-Ele é esquisito, não chegue perto dele.

Realmente, parece que estamos destinados a sermos pessoas que seguem ritmos e passos para, mais uma vez, não parar em um ambiente em que as grades são as únicas coisas que você pode ver, e os remédios e o sono tomam conta da maior parte do seu dia. Temos que prender o grito dentro da gente, guardar todo o estresse em uma caixinha e apenas sorrir. Isso! Devemos ser robôs que sabem sorrir! Não podemos ter angústias, nem chorar tudo que, por muito tempo, dói dentro da gente, não podemos ter insônia, falar sozinho, nada disso, devemos apenas sorrir e seguir o fluxo, caso contrário, seremos destinados a ter nossos dias com remédios e grades e um cenário bem preto e branco e não é isso que queremos, é?

Mas de tudo podemos ter certeza...

“Ostra feliz não faz pérola. Ostra, para fazer pérola, tem que ter um grão de areia dentro dela. O grão de areia faz a ostra sofrer e a ostra faz a pérola para deixar de sofrer. As histórias vêm porque estou sofrendo”

(Rubem Alves)

Felizes são os que encontram ostras e histórias em sua vida, elas sim reconhecem o valor das histórias, porque podem ver o sofrimento. Estamos certos de que esta ostra que encontramos nos acrescentou. O Palhaço Cuidador é, antes de tudo, um ser reflexivo e que se preocupa em viver e mudar situações com afeto, carinho, amor e consciência. Mas, na maioria das vezes, ele é o alvo de tudo isso e acaba recebendo mais do que doando, e isso é o que mais nos motiva a seguir, saber que temos muito a aprender e que todo esse carinho é uma via de mão dupla, cuja definição se chama: reciprocidade.

NA PELE DE PALHAÇO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE SER PALHAÇOS CUIDADORES

Quando falo que sou palhaço, as pessoas acham engraçado, zombam de mim e chegam a nem me dar importância, insinuando “entrou na universidade para ser palhaço?”. Mas, quer saber?! Ser palhaço é coisa muito séria, é no mundo do palhaço que eu me perco de mim e me encontro no outro, sou liberta das amarras que em mim foram criadas por esta sociedade. É com o palhaço que eu vejo atrás do muro, o sorriso, a tristeza e desvendo os maiores mistérios, pois não preciso pedir que me contem, porque o olhar das pessoas revela-me tudo. Revela o quanto você esperou por este momento, por este abraço e até pelo meu silêncio. Ser palhaço é saber que tudo tem seu momento, mas que não existe melhor momento de estar com o outro do que agora. Porém, entre tantas entrelinhas, uma palavra ainda não foi dita: cuidador. Porque acima do palhaço está o olhar com cuidado, abraçar com cuidado, amar com cuidado, e é de toda a junção de cuidados que eu nasci, nasci Palhaço Cuidador, um agente social capaz de transformar a realidade e provocar reflexões. Sou Palhaço Cuidador que se deixa adentrar pelo mundo do outro, abraçando-o e trilhando os caminhos do afeto. Sabemos que, lá no fundo, tudo isso é uma troca, quando penso que vou fazer o bem, sou abraçada e acolhida pelo amor, do jeito que não posso escapar daquele jeito que eu só sei amar.

DO ÓCIO DE DIREITOS E SOLIDÃO À RODA DE ESCRAVOS DE JÓ, CUMPLICIDADE E AFETO

Fazemos escolhas todos os dias. Nesse dia, especificamente, escolhemos ir ao encontro do outro. Era véspera de Dia das Mães, dia perfeito para estar junto à família, vivendo e usufruindo de todo o afeto que o colo e o afago de uma mãe, ou de um ente querido, pode proporcionar. É no abraço que nos sentimos protegidos e cuidados, é com a presença de quem amamos e de quem nos ama que nos sentimos impulsionados e prontos a seguir adiante. Mas, e quando você está privado desse contato? E quando as paredes são nossa única forma de comunicação e expressão? E quando a única voz que ouvimos é a da nossa mente, lembrando-nos das inúmeras vezes que as palavras duras nos transpassaram a alma? Infelizmente, os caminhos são outros, a realidade está longe de como realmente deveria ser e, nem sempre, o local que estamos condiz com o ambiente que gostaríamos de estar.

Arnaldo, um senhor que aparentava ter seus quarenta e sete anos, indignado, aproximou-se, iniciando o diálogo de como estava se sentindo na véspera do Dia das Mães. Além disso, reclamava dos direitos que deveriam usufruir naquele espaço, do ócio, da falta de atividades, de jogos e de seu lazer interrompido. Entre tantos metros que faziam do espaço um lugar propício para atividades diversas, avistávamos sempre um colchão inflável no meio do pátio com piso de cimento grosso, sujo, que ficava exposto ao sol, único “divertimento” que os usuários do serviço tinham, além de uma televisão pequena entre grades e que era manipulada pela equipe de apoio. Sua revolta comoveu-nos e fez-nos exercitar a criatividade espontânea que está dentro do Palhaço Cuidador.

Decidimos modificar a realidade e invadir o mundo da “ilusão”. Propomos um jogo com objetivo de modificar, por um breve momento, os sentimentos que tomavam conta daquele espaço, proporcionar um acolhimento e vínculo mais fortalecido. Escravos de Jó foi a brincadeira escolhida, a falta de materiais fez-nos dar continuidade ao jogo com uma garrafa. Sim, usamos apenas uma garrafa! No momento, foi algo tão natural e prazeroso, que não nos demos conta de que necessitaríamos de mais materiais ou garrafas para que a brincadeira ficasse completa e, por incrível, que pareça, até hoje, não tínhamos parado para pensar sobre isso.

Obedecendo às regras do jogo, sentamos no meio do pátio, junto aos pacientes do local, explicamos as regras e demos continuidade ao jogo. No decorrer do jogo, um dos cuidadores entrou na ala em que estávamos, conduziu o diálogo com fortes palavras que nos feriram a alma, gritando: “Se eu fosse vocês, tinha vergonha na cara, esse chão é sujo, eles defecam e urinam e vocês aí sentados”, dizia ele, com as mãos levantadas e indignado. E, nesse momento, o dia parecia não ter fim, as palavras ecoavam em nossos ouvidos. “Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma, a vida não para. Enquanto o tempo acelera e pede pressa, eu me recuso faço hora vou na valsa, a vida é tão rara. Enquanto todo mundo espera a cura do mal, e a loucura finge que isso tudo é normal, eu finjo ter paciência. E o mundo vai girando cada vez mais veloz, a gente espera do mundo e o mundo espera de nós, um pouco mais de paciência...” (Lenine).

Um dos palhaços teve uma reação espontânea e inesperada, levantou-se e disse: “Se na sua casa não tem água, na minha tem!”. Talvez, essa não tenha sido a melhor atitude a ser tomada, mas a revolta adentrou seu corpo. Como pode o ser humano ser classificado e estigmatizado dessa forma? O

que difere pessoas em sofrimento psíquico de nós? Por que eles podem estar sentados a todo momento no chão dito sujo por fezes e urina, e nós temos que criar vergonha, que tipo de espécie somos nós, delicados demais para estar ali? Os usuários ali não eram vistos como humanos, tudo era lhes tirado, sobretudo a dignidade e humanidade.

Depois de ser deixado tomar pela emoção e revolta momentânea, os palhaços se voltaram aos jogadores, recebendo as seguintes palavras: “É desta forma que nos tratam, isso é revoltante! Vocês vêm aqui tentando diminuir essa situação, mas a realidade é essa, somos a todo momento tratados desta forma. Obrigada por tirar uma parte do seu sábado para vir até aqui e animar meus amigos.” E deu continuidade à sua história... Relatou que estava ali porque pediu para ser interno, teve um ato de coragem e denunciou um homicídio na rádio de sua cidade, sendo ameaçado em seguida. Como refúgio, pediu para seu filho interná-lo. Seu filho, relutante, viu que esta seria a forma de proteger seu pai e o fez.

Depois do momento de tensão, um dos pacientes agradeceu-nos e pediu para fazermos uma oração. De olhos fechados, sentimos nossas almas tão unidas e interligadas que uma paz tomou conta de nosso coração. Enquanto isso acontecia, lágrimas saiam dos olhos de um dos integrantes do grupo, alguns olhavam para o céu, pareciam pedir alguma resposta ou quem sabe até se comunicar, e o abraço selou esse momento.

E o que falar depois disso, se as palavras deram lugar a sorrisos e olhos agradecidos? Não modificamos a situação da solidão ou a tristeza de passar um dia das mães longe de seus entes queridos, mas trocamos abraços, sorrisos, e isso não tem preço. Talvez esse tenha sido um dos maiores super atendimentos que um dia fizemos, e o término foi concluído com uma canção do próprio grupo: “E ainda se vier noites traiçoeiras, se a cruz pesada for, Cristo estará contigo. O mundo pode até fazer você chorar,

mas Deus te quer sorrindo” (Padre Marcelo Rossi). E, dessa vez, a lágrima tomou o lugar do sorriso, o nosso coração inquieto e questionador levou-nos a viver uma experiência maravilhosa e que nunca será esquecida. E, mais uma vez, relembramos a canção do compositor e poeta Ray Lima:

“Está louco!
Disse o doutor
Enlouqueça!
Disse o poeta.

Não há nada escrito na testa além do Amor”

A BELEZA DE SER GENTE

Certo dia, uma das palhaças que lhes escreve parecia distraída e distante em um sábado de atuação... parecia que estava assistindo tudo em sua volta. Enquanto os outros palhaços iam ao encontro dos usuários na praça, ela buscava ficar mais afastada (fisicamente), estava conectada com algo mais superior e que transcendia. Não mais enxergava com os olhos todas aquelas pessoas, ela enxergava a alma delas e o quanto elas eram coloridas e doloridas por dentro... parecia-lhe que aquela coletividade despertava um sentimento grandioso ao passar a enxergar a contemplação da beleza do semblante humano (singularidade)... eram luzes únicas e coletivas.

Ao passar por cada pessoa naquela praça, nada era dito, os olhos investigavam a beleza e, o nariz, farejava emoções e, por vezes, o sorriso acompanhado de lágrimas surgiam por entre os espaços. Pode-se constatar que os maiores recursos no trabalho em saúde mental são o afeto e o encontro com o outro, na rede de interações, pois, a partir disso, o sofrimento mental pode ser acolhido e transformado. Faz-se necessário

enxergar a beleza de ser gente, mediante a vinculação entre os sujeitos envolvidos no cuidado. E assim gritamos: que sejamos humanos capazes de acolher outros humanos!

Nesse momento, temos necessidade de gritar (o que agora estamos sentindo, revivendo e colocando para fora, através da escrita, muita coisa de nossa trajetória) o que nossa alma e lembrança está cheia, a fim de que outras pessoas, atores e protagonistas dessa sociedade possam também refletir e sentir conosco todo esse amor, para que, assim, propaguem para este universo.

Para excluir as pessoas do convívio social, surgiram os manicômios, sendo loucos os que apresentassem comportamentos que desviassem do padrão considerado “normal” pela sociedade. Mesmo com a reforma psiquiátrica, ainda nos deparamos com práticas atrasadas. Camisas de força e eletrochoques perdem força, dando lugar a outros métodos de contenção química, física e psicológica.

Não era difícil se deparar com práticas como estas no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, entretanto, algumas modificações aconteceram. Muitos progressos podem ser reconhecidos, como é o caso do fechamento do Sanatório Clifford em 2015, que funcionava dentro do Complexo, representando um passo importante na reforma psiquiátrica e luta antimanicomial na Paraíba. Contudo, há muito no que avançar, pois não adianta eliminar estruturas físicas, quando as maiores barreiras estão na compreensão e sensibilização dos trabalhadores e da sociedade acerca do cuidado ofertado às pessoas em sofrimento mental.

Muitas vezes fomos incompreendidos, mas, com o passar do tempo, fomos sendo vistos de outra forma. Hoje nos sentimos respeitados e esperados, é como se fizéssemos parte da equipe; talvez eles tenham entendido que amor com amor se paga, ou

talvez o amadurecimento tenha chegado, fazendo-nos crer que tudo tem seu tempo.

Hoje, vemos as mudanças e, mais uma vez, nossos olhos se enchem de lágrimas, dessa vez, de alegria; as grades que os aprisionavam estão no chão, a arte se faz presente, a expressão acontece através da música ou de desenhos, porque, agora, eles têm um espaço para isso. A praça Nise da Silveira mostra a imagem que um dia vislumbramos: o pássaro de asas abertas, pronto para alçar voos. Tudo está evoluindo, a passos curtos, mas aquilo que parecia impossível está dando lugar a algo concreto e, ansiosos, esperamos pelos próximos capítulos desse livro que é a vida. Ainda é imperioso desinstitucionalizar a sociedade e as pessoas em sofrimento mental.

Hoje, as paredes falam e contam das saudades e dos pedidos de socorro. São frases fortes que encontramos na parede de cerâmica; muitos que escreveram aquelas mensagens foram conhecidos por nós e hoje nos resta olhar e “admirar a evolução” e acreditar que o mundo tem jeito e que, de tijolo em tijolo, a gente pode construir o nosso mundo. Mas esse tijolo não pode ser padronizado, daqueles que vemos por aí; ele tem que ter componentes diferentes, afinal nem tudo precisa ser igual... “Amor é bicho instruído. Olha: o amor pulou o muro, o amor subiu na árvore. Em tempo de se estrepou. Pronto, o amor se estrepou. Daqui estou vendo o sangue que escorre do corpo andrógino. Essa ferida, meu bem, às vezes não sara nunca, às vezes sara amanhã.” (Carlos Drummond de Andrade).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Enquanto houver você do outro lado, aqui do outro eu consigo me orientar! A cena repete, a cena se inverte, enchendo a

minha alma daquilo que outrora eu deixei de acreditar”. (Teatro mágico)

Não consigo definir quem sou eu sem falar daquela que eu considero a melhor parte de mim, aquela que me ensina todos os dias que só se vive o hoje, que aprendeu que o outro tem muito mais a contribuir do que eu mesma, que a tristeza pode, todos os dias, dar lugar a alegria. Não tem como não falar de você sem encher meus olhos de lágrimas e meus lábios com um sorriso; sim, isso pode acontecer no mesmo momento, até isso foi você que me ensinou. Com você, pude receber meus melhores abraços, os melhores elogios e, sem sombra de dúvidas, pude conhecer o melhor do amor; pude perceber o outro através de paredes que tentaram me colocar, com você consigo ver por trás dos muros que o mundo ainda tem jeito, não do meu jeito, mas do jeito que um dia nós, juntos, poderemos construir.

Através desse nariz, pude sentir o cheiro de almas sedentas de amor, que são estigmatizadas e maltratadas todos os dias, e que por um abraço sentem-se amadas e protegidas, nem que seja por um momento. Na verdade, eu sinto-me mais amada do que qualquer outra pessoa, pois é no seu abraço que encontro a verdade e no seu sincero sorriso que esqueço aquilo que me atormenta ou me amedronta, esqueço de mim para abraçar não mais com braços, mas com a alma.

Você é aquilo que um dia eu sonhei ser e é com você que aprendo todos os dias que não preciso de um nariz para amar assim. Mas é que ainda me encontro limitada a me doar assim, entretanto, sei que a vida é um desconstruir-se para reconstruir. Hoje estou me desconstruindo, um dia não precisarei tirar o nariz ou a camada de tinta do meu rosto; nós seremos indissociáveis, eu serei você e você será eu, para sempre, e assim como em um lindo conto de fadas, seremos felizes para sempre: eu, você e todo o mundo.

AGRADECIMENTOS

A todos os palhaços e palhaças que trilharam essa caminhada e que passaram pelo Juliano Moreira (carinhosamente, apelidamos de “Juju” por nos fazer lembrar das pessoas que conhecemos)

Agradecemos a todos os trabalhadores desse local, que nos afetaram e permitiram ser afetados.

De modo especial, agradecemos a todos os usuários que tivemos contato. Gratidão por todo aprendizado, encontros e por construírem a nossa artefaria como pessoa em várias dimensões.

REFERÊNCIAS OU SUGESTÃO DE LEITURA

Alive Inside- Documentário

A história da Loucura- Foucault-Livro

O Amor é contagioso- Filme

Bicho de sete cabeças- Filme

Um estranho no ninho- Filme

Teatro mágico- Músicas

Política Nacional de Humanização

Política Nacional de Saúde Mental

Nise: O Coração da Loucura (2016)-Filme

Ouvidores de Vozes- Documentário

Holocausto Brasileiro- Em formato livro e também documentário.

O alienista- Livro, referência: ASSIS, Machado. O alienista. Rio de Janeiro: Três livros e Fascículos, 1984.

REFERÊNCIAS USADAS NO TEXTO

ASSIS, Machado. **O alienista**. Rio de Janeiro: Três livros e Fascículos, 1984.

ALVES, Rubem. **Ostra Feliz Não Faz Pérola**. Editora: Planeta, 2014.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 35. ed. Rio de Janeiro: Record,

1996. 276 p. LENINE. **Paciência**. CD: Perfil, 2009.

LIMA, Ray. Cantigas e Músicas Populares. Universidade Popular de Arte e Ciência (UPAC), 2013.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LOS HERMANOS. **Casa pré-Fabricada**. CD: Bloco do Eu Sozinho, 2003. MARASSI, J. & GUTEMBERG. **Aos Meus Heróis**. CD Julinho Marassi & Gutemberg Ao Vivo, 2002.

O TEATRO MÁGICO. **Sonho de uma flauta**. CD: Segundo Ato - Ao Vivo, 2009.

PARAÍBA. Secretaria Estadual de Saúde. **Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira**. João Pessoa, 2012. Disponível em: <<http://paraiba.pb.gov.br/complexo-psiQuiatrico-juliano-moreira-completa-84-anos-com-marco-da-humanizacao-nos-servicos/>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2017.

ROSSI, Marcelo. **Noites Traiçoeiras**. Álbum: Minha Benção, 2006.

PROTAGONISMO DO PALHAÇO CUIDADOR NO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO HOSPITAL PADRE ZÉ, CENÁRIO DE ATUAÇÃO DO PROJETO PALHASUS, PERSPECTIVA DO EXTENSIONISTA

*Geniele Severiano da Silva
Gyselle Iwie Oliveira de Araujo*

INTRODUÇÃO

Atualmente, o termo humanização tornou-se comum nos textos destinados à formação dos profissionais de saúde, campanhas e, principalmente, nos discursos. No entanto, na prática, lá nos consultórios, nas enfermarias e nos blocos cirúrgicos, as vivências são outras, porque, infelizmente, há usuários e pacientes que vivenciam situações desconfortáveis, evidenciadas pela visão cartesiana, na qual a mente e o corpo são separados. Sendo insuficiente essa divisão, resolveram categorizar o cuidado humano da seguinte forma: o psicólogo estaria responsável pelo psíquico do paciente, o médico pelo corpo e, a vida espiritual, estaria delegada aos cuidados de um guia, padre ou pastor. Ainda dentro dessa lógica de dividir o indivisível e sendo o corpo tão grande, inflados pelo modismo da especialização, fizeram os “istas”, e agora temos

o cardiologista, pneumologista, imunologista, nutricionista e outras especialidades. Essa compartimentação expõe a necessidade de redescobrir a visão de um ser humano integral.

Essa conduta moderna tornou a relação entre profissionais da saúde e pacientes menos simétrica, logo, o diálogo entre ambos vem restringindo-se à apresentação de seus nomes e informações sucintas sobre o quadro clínico do enfermo, ficando nítido o quanto esses indivíduos estão passivos de suas ações, no que diz respeito à sua privacidade, direito de escolha, informações completas sobre a doença e tratamento, além dos maus tratos e irrelevância para com seu sofrimento. Aprendemos na prática a importância do diálogo e a alegria gerada ao formarmos vínculos com outra pessoa, tornando-nos seres mais potentes, pois somos capazes de construir e mover mais afetividade e amor quando não estamos sozinhos.

Tentando fugir dessa divisão e colaborar com a recuperação e melhoria dos tratamentos terapêuticos, o Projeto de Extensão PalhaSUS, desenvolvido no CCM (Centro de Ciências Médicas) da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), apresenta a figura do Palhaço Cuidador, que atua em diferentes cenários que se dedicam ao cuidado humanos, como hospitais, casas de longa permanência e outros. Muitos podem estar se perguntando “como assim?”. Antes, estávamos falando da humanização, depois do não-humano e agora vimos com a figura do palhaço? Sim, diante das dores, exames, futuros diagnósticos e até prognósticos, encontramos aquela figura colorida, de peruca, nariz “pequeno” e todo espalhafatoso, que consegue despertar o sorriso do seu “público” desde quando pergunta “com licença, posso entrar?”, permitindo que o outro possa se distrair um segundo de sua dor. Diferente do palhaço tradicional, que visa causar o riso através das imperfeições de quem está ao seu redor, o Palhaço Cuidador foca no que há de saudável no

paciente, permitindo que o mesmo possa viajar por sua história, à medida que o usuário vai dando abertura e confiança.

Apesar do palhaço tradicional e do Palhaço Cuidador trilharem caminhos diferentes, como a troca de um palco no teatro ou no circo pela realização de um palco na enfermaria, ou o formato em que a plateia está disposta, seja ela em um banco de circo ou na cama de um leito, o que realmente importa para ambos é transmitir a alegria e permitir que essa emoção contagie todo o ambiente, mesmo que por alguns instantes. Independente do espaço com o qual nos deparamos, a nossa ação/atuação será sempre voltada à prática do cuidado, moldando a performance a cada público específico. É sobre a experiência como participantes do Projeto de Extensão PalhaSUS, atuando como Palhaças Cuidadoras no Hospital Padre Zé, que pretendemos refletir neste texto.

DESENVOLVIMENTO

Em 2015, o extensionista do PalhaSUS era preparado com as reuniões de Colegiado Gestor, o Curso de Autocuidado, os Encontros de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador (EDPC) e a Oficina do Riso, para então ser inserido em algum cenário. As reuniões de Colegiado Gestor costumavam possuir pautas que despertavam sentimentos de cuidado e reflexão; era rotina receber um abraço cheio de carinho durante a reunião, formar um círculo com os irmãos palhaços e pensar como a semana foi carregada e que, finalmente, estávamos ali para cuidar e sermos cuidados, compartilhando escuta e mensagens.

A Oficina do Riso trabalha o nascimento do Palhaço Cuidador, reforça os aspectos de autocuidado e cuidado ao outro, práticas meditativas e a palhaçaria. O conjunto de atividades da Oficina prepara os participantes para atuarem com reflexões

sobre o autocuidado, a percepção sobre o mundo e as questões acadêmicas (provas, trabalhos, seminários e sua imensa carga horária) com mais tranquilidade, evitando os colapsos emocionais com as atividades obrigatórias da graduação. Por um momento, paramos as nossas vidas agitadas para apreciar o aqui e o agora em sua totalidade, durante a formação de Palhaço Cuidador.

Após a Oficina, passada uma semana, retornamos para a rotina da reunião do Colegiado Gestor, no entanto, como “palhaços formados”; nesta reunião é realizada a divisão dos novos Palhaços Cuidadores entre os cenários de atuação.

Nosso picadeiro de atuação está nas enfermarias do Hospital Filantrópico Padre Zé, fundado em 1965 pela inspiração do Monsenhor José da Silva Ribeiro Coutinho. Este hospital é considerado uma obra de amor ao próximo, pois o Monsenhor, compadecido com o sofrimento de pessoas enfermas, começou a pedir ajuda pelas ruas para construir um local que abrigasse os doentes que vinham do interior do estado da Paraíba. O ambiente é bem distribuído e transmite uma paz, que nos faz pensar: “Será que estamos realmente em um hospital?”. A parte externa do hospital possui flores, lindos jarros, bancos de madeira, imagens religiosas e uma igreja que funciona todos os domingos, mas, que está sempre aberta para acolher o público do hospital. Pelos corredores, com paredes no tom salmão, encontramos mais imagens e quadros religiosos, além das caixas de som que, em alguns momentos, se tornam nossa música de fundo. Em nosso tempo de atuação, o hospital contava com duas alas, sendo uma feminina e outra masculina, 16 enfermarias e 110 leitos, atendendo a um público diversificado, desde moradores de rua, indígenas e indivíduos em estágio terminal.

Antes de iniciarmos nossas atuações, as quais ocorrem semanalmente, caracterizamo-nos de palhaços em uns dos

banheiros do hospital. Esse é o momento mágico de fazermos uma leve separação da nossa identidade diária e fazer surgir um novo ser, o Palhaço Cuidador, que, a cada atuação, se renova. O corpo é tomado por uma roupa colorida e os pés por um calçado espalhafatoso ou chamativo, algo que pouco usamos na vida social, porque seria brega ou fora de moda, mas a ocasião nos permite ser livres, visto que a criatividade nesse espaço não tem limites.

Após a vestimenta e os adereços, vem a maquiagem; assim, passado o branco por todo o rosto, feitas aquelas bochechas coradinhas, um pouco de amarelo ou azul nas pálpebras, em seguida, os toques finais particulares de cada um e, por fim, o nariz. E nesse instante, as cores vão transformando o semblante cansado — aflito ou irritado, devido aos problemas da vida pessoal, ou àquela prova monstruosa que se aproxima — e surge o nosso palhaço, a cara engraçada, que chora e ri ao mesmo tempo. Antes de sairmos do nosso camarim improvisado, damos aquela aquecidinha na voz para o “bom dia” ser cantado sem desafino — ou não. Naquele momento, estamos prontos para a atuação, sujeitos sem idade, considerados o “amigão” de muitos, os representantes máximos da palhaçada.

Travestidos de palhaços, seguimos para as enfermarias; geralmente, toda a trupe atua primeiro em uma ala e depois segue para a próxima, destinando uma hora tanto para a ala masculina, quanto para a ala feminina. Esta divisão dificilmente ocorre de maneira exata, pois há quartos que exigem mais tempo, em outros, nossa passagem é mais rápida, principalmente quando a maioria está dormindo e não queremos atrapalhar o descanso e o sono.

Antes de adentrarmos os quartos, passamos pelos postos de enfermagem, que ficam logo no início de cada ala. Lá, cumprimentamos os profissionais, dando um “bom dia”

e, aos que nos permitem uma maior abertura, fazemos um elogio e algumas brincadeiras, permitindo que os mesmos saiam da rotina. Assim, transformamos o balcão de um posto de enfermagem no balcão de uma lanchonete, trocando o soro por uma “água de coco”, a injeção com uma coloração amarelada por “suco de abacaxi” e os comprimidos por uma variedade infinita de “doços”.

Nesse cenário, não existem leitos destinados a crianças; o atendimento é focado em adultos e idosos, um público menos sensível à figura do palhaço. Com as crianças, o palhaço sente-se confortável, a sua imagem gera o riso; enquanto com o adulto, este sente-se fragilizado demais pelo processo de adoecimento e não vê grandes motivações para rir. Vamos nos adaptando para conseguir promover um momento de cuidado entre o adulto e o Palhaço Cuidador.

Quando a abertura para nos aproximarmos dos adultos é menor, usamos algumas técnicas para conseguir algum nível de interação: inicialmente, perguntamos se podemos entrar na enfermaria; cumprimentamos leito a leito; realizamos a aproximação ao paciente em dupla, quando percebemos que o mesmo está interessado na figura do palhaço, mas, ao mesmo tempo, com estranhamento; fazemos piadas entre a dupla, requisitando a ajuda do paciente para elaborar a resposta e, assim, conseguimos, muitas vezes, conhecer um pouco mais o paciente. Em outras ocasiões, a figura do palhaço é bem aceita, devido à possibilidade de poder falar o que se tem vontade, sem ter medo de ser julgado, pois o palhaço é a figura mais próxima do ridículo.

O nosso relacionamento com os funcionários do hospital é iniciado desde a saudação que damos ao senhor que fica na guarita; em seguida, falamos com a recepcionista, que mais tarde se transforma na comissária de bordo e nos chama pelas

caixinhas de som, espalhadas pelos corredores das enfermarias, dizendo “Atenção, PalhaSUS, por favor, comparecer à Nutrição!”. Nesse momento, sabemos que nosso tempo já se esgotou e é hora de nos despedir dos pacientes. Há também a equipe de saúde de plantão, como os médicos, a equipe de enfermagem e a assistente social, que por sinal, são bem gentis e acolhedores.

Já as mulheres da copa, estas temos certeza de que possuem um lugar especial em nossos corações por sempre prepararem nossos lanches com tanto amor. A equipe de higiene, esta nos persegue ou nós a perseguimos, pois, na maioria das ocasiões, ela está no quarto em que atuaremos, mas, em nome da boa convivência e da harmonia, passamos para o próximo quarto; em alguns momentos, eles permitem a nossa entrada, pois alegam terem terminado o serviço, todavia, são pessoas de alto astral e abertas ao diálogo.

Por fim, os psicólogos, que estão sempre à nossa disposição e preocupados com o sucesso da nossa atuação. São estes profissionais que possuem a imensa responsabilidade de adentrar os sentimentos, medos e aflições dos pacientes, realizando esse processo através da escuta qualificada. Eles que usam o poder da fala e do olhar para fazermos experimentar novas opções. Eles, assim como os Palhaços Cuidadores, olham para o paciente e o compreendem pelo seu olhar e pelo silêncio, sabendo como iniciar o ato de cuidar, de fortalecer e de aliviar o sofrimento daquele ser.

Em contrapartida, há alguns funcionários que não entendem o nosso objetivo e pensam que estamos ali apenas para brincar ou, mais grave ainda, que estamos atrapalhando o seu trabalho. Não existe nenhuma forma para apaziguar sem o diálogo, por isso tentamos mostrar o nosso trabalho com as atuações dentro das enfermarias, sem que seja necessário explicar. Para nós, é importante causar um efeito positivo

sobre esses profissionais para que eles saibam que, não necessariamente, a figura do palhaço precisa exercer esse papel de cuidar com a fala e olhar, mas que também podem ser agentes transformadores de saúde, trazendo alegria e simplicidade no cuidado em saúde.

Assim, de forma sutil, tentamos conquistar um relacionamento amoroso com aqueles que se mostram fechados à figura do Palhaço Cuidador. Mostramos a eles o nosso respeito à sua profissão, sempre abrindo o espaço onde estamos para priorizar o bom atendimento ao doente. Em alguns momentos, servimos de ponte entre o paciente e a equipe de técnicos de enfermagem, acionando-os quando um paciente venha a sentir dor ou sua medicação (soro) tenha chegado ao fim.

Com perseverança a cada atuação, as nossas saudações, que antes ficavam ao vento, devido à ausência de respostas, vão se materializando, mesmo que em tons ásperos. Para a trupe, isto é sinônimo de conquista, prática de amorosidade e resiliência, aprimorando nossa capacidade de mudança diante das adversidades, ressaltando nossas qualidades como agentes de transformação em saúde. Percebemos com as atuações que o Palhaço Cuidador ajuda a ampliar o olhar sobre a promoção de saúde e do modo que a promovemos, levantando questionamentos acerca da humanização, do cuidado e do autocuidado. Com o passar do tempo, percebemos nas vivências no hospital que a doença não é a protagonista do ambiente, mas sim o paciente e sua história de vida, o que é pouco valorizado pelos profissionais de saúde verticalizados.

Em nossas atuações, buscamos praticar a escuta, a qual percebemos ser um dos meios de desenvolver o cuidado de forma mais simples e de grande valor, não apenas com os pacientes, mas também, com os acompanhantes, aos quais dedicamos uma parcela do nosso tempo. Estes carregam em

sua face uma expressão de cansaço, devido aos longos dias e noites mal dormidas, à angústia pelos resultados dos exames do parente ou amigo que se aproxima e à preocupação pelos que ficaram em casa, sejam os filhos pequenos, o pai, a mãe ou esposa/o do doente. As vivências permitiram aos nossos ouvidos escutarem inúmeras situações de vulnerabilidade e, aos nossos olhos, enxergarem cada gota de lágrima derramada diante das vírgulas e pontos de uma história marcada por espinhos, defasada por perdas significativas, violência e carência afetiva.

Difícil é manter a figura do palhaço diante dessas situações, onde percebemos a difícil história de vida do outro. Mas, já dizia e nos questionava uma voz experiente “quem disse que palhaço não pode chorar?”. Insistimos em sermos forte, em mostrar ao outro que podemos consolá-lo; ao invés de enxugarmos as lágrimas juntos, queremos mesmo emprestar o nosso ombro e o nosso ouvido para o outro, mesmo que por alguns minutos. Duro é olhar para um paciente acamado — completamente dependente, de idade avançada e com um diagnóstico cruel e, como se já não fosse duro o suficiente, tendo um filho ou esposa (o) ao lado, sofrendo com o seu estado — e ainda querer falar palavras positivas. Nesse momento, encontramos-nos vazios e, por alguns segundos, ficamos paralisados, até que algo nos saia. Involuntariamente, abrimos nossa boca e dizemos para aquele familiar acreditar que tudo vai ficar bem, deixando de lado todo o conhecimento científico e, principalmente, a razão.

Em umas das atuações, conhecemos um senhor, cujo nome ainda recordamos. O mesmo possuía um quadro clínico desafiador e, durante três semanas, fomos ao seu quarto esperançosos ao vê-lo. Não tivemos muito contato, mas tivemos o prazer de conhecer sua família, uma esposa sorridente e muito esperançosa e filhas lindas e simpáticas que, no entanto, não conseguiam disfarçar a aflição em que seus corações estavam

mergulhados. Na terceira semana, a trupe levou um violão, e umas das palhacinhas tocou e todos, tanto da trupe como daquela enfermaria, se propuseram a entoar um único cântico. A música escolhida foi “Chão de Giz”, de Zé Ramalho. Nesse dia, o Sr. F.A havia tido uma complicação na madrugada, e as filhas não conseguiram conter as lágrimas diante da música.

As filhas contaram-nos que o pai gostava muito de cantar e tocar nos barzinhos, e aquela era umas de suas músicas preferidas. De fato, não havia como conter a emoção diante das recordações de quando o pai estava saudável. Assim, formamos um círculo diante do leito daquele senhor e cantamos “No mais, estou indo embora”; a trupe emocionou-se. Após a música, abraçamos as filhas daquele paciente e tentamos dizer algumas palavras de esperança e nos despedimos. No final de semana seguinte, voltamos ao seu leito, e outra pessoa o estava ocupando. Tivemos a triste notícia de que, naquela semana, ele tinha falecido. Sim, aquela música tinha sido o nosso adeus ao Sr. F.A. Esse homem mostrou-nos o quanto nos envolvemos e criamos laços em tão pouco tempo; essa experiência ensinou-nos que não é preciso meses e nem anos para alguém marcar a nossa vida.

Mesmo diante de dias difíceis, encontramos alegria e diversão nas enfermarias do hospital; são pacientes que cantam e fazem-nos cantar e dançar, que nos dão conselhos e dicas para nosso aprimoramento, que nos ensinam receitas de bolos e medicamentos naturais, e, de mais valioso, dão-nos conselhos, revelando-nos, assim, sua história e cultura. É nesse espaço que aprendemos na prática sobre a Educação Popular. Com as atuações de Palhaço Cuidador, conseguimos nos aproximar da perspectiva da Educação Popular, onde buscamos sempre conhecer e valorizar os saberes do outro em uma troca de

experiências, dando continuidade com uma problematização e discussão nas reuniões do Colegiado Gestor.

Somos formados para atuarmos com qualidade, eficiência e resolutividade, o que, muitas vezes, não engloba um modo de atuar com trocas significativas com o paciente, de modo que somos apenas transmissores de informações e não construtores de conhecimentos. O processo de humanização não deve ser apenas visto como o ato de tornar humanas todas as atividades que o profissional desenvolve, mas deve ser vista também como uma organização social de saúde que trabalha em prol de um atendimento com respeito e solidariedade para com os pacientes, e é essa a reflexão que deve ser feita pelos profissionais de saúde futuros e atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar no ambiente hospitalar como Palhaço Cuidador nos proporciona construir o profissional que seremos ao término da graduação, pois, como falar de humanização, ou mesmo aprender, e, futuramente, sermos um profissional humanizado, estando presos às teorias ou discussões em sala de aula? Compreender o ser humano como integral, dentro do processo de cuidado, na prática de atuação, é vital para o nosso desenvolvimento como profissionais de saúde. Logo, cumprimentar o paciente, saber como o mesmo está, destinar a este um pouco de nossa atenção e fazer-se cumprir a empatia, são atitudes que vivenciamos nos cenários de prática.

Assim, acumulados os anos de prática na arte de ser Palhaço Cuidador, vamos nos formando com a consciência dos benefícios de cuidar do corpo, da mente e da alma. Aprendemos com todas as experiências de atuações no PalhaSUS que o conjunto que forma o corpo. E, de modo a fazer com que as

experiências vivenciadas durante a participação no projeto fossem integradas ao cotidiano, aproximamo-nos de nossos pacientes com o cuidado que aprendemos e desenvolvemos.

Certamente, tais experiências marcaram nossas vidas, seja profissionalmente, como mencionado no parágrafo anterior, como no que tange à vida pessoal de cada extensionista, pois não há como passar ileso das situações relatadas neste capítulo; o vínculo, a empatia, estar sensível a dor dos outros e saber escutar, foram ações aprendidas e praticadas semanalmente, algo que conseguimos ultrapassar para além das definições materializadas em livros e artigos.

Em suma, torna-se importante dizer que o papel de Palhaço Cuidador transcende as piadas, a voz diferenciada e os acessórios espalhafatosos; é ter uma trupe unida e em harmonia, é ser humanizado e saber balancear as personalidades do eu e do palhaço; obviamente, não há uma distância quilométrica entre o Palhaço Cuidador e o palhaço tradicional, pois as essências se misturam.

DICAS DE LEITURAS E FILME

1. *O amor é contagioso: o filme* retrata a trajetória de um jovem estudante de medicina, Patch Adams (interpretado por Robin Williams), que realiza várias reflexões durante sua formação acadêmica a respeito da postura dos profissionais de medicina frente à humanização. Ao visualizar que o distanciamento dos médicos poderia interferir negativamente na recuperação do quadro clínicos dos pacientes, Patch Adams busca um comportamento diferente e inovador dos outros colegas de turma, quebrando os paradigmas, utilizando-se de nariz de palhaços e outros adereços extra hospitalares, para se aproximar dos pacientes

e criar vínculo, acreditando na relação horizontal e no poder da humanização na promoção da saúde.

2. *O corpo como princípio*: O texto de Mário Fernando Bolognesi aborda reflexões acerca do corpo do artista, alegando que o corpo é a matéria-prima do espetáculo do circo. O estudo também pontua o olhar histórico sobre o circo, o qual foi organizado no século XVIII e firmado no século XIX.

3. *Palhaços pela própria natureza*: o texto retirado do livro “O livro do Palhaço”, de Cláudio Thebas, retrata a origem do palhaço. O autor exprime que todo mundo nasce palhaço, sem exceção. No entanto, com o passar do tempo, as crianças que nasceram superdotadas diante da palhaçaria (atrapalhadas, espontâneas e engraçadas) vão sendo podadas pela sociedade, à medida que são reprimidas “isso é feio” ou “que ridículo”, deixando o palhaço intrínseco em estado latente ou morto.

4. *A ética da alegria no contexto hospitalar*: O livro de Morgana Masetti resulta da observação e inquietação da psicóloga em relação às pessoas que estão sob tratamento em instituições hospitalares. A autora aborda subtítulos como “A força dos encontros”, “A ética da alegria”, “A liberdade de criar” e outros. Também se torna interessante ressaltar a discussão de Morgana em “Os discursos cifrados” referente ao termo humanização, buscando fugir da lógica cartesiana, a qual fragmenta mente e corpo, além de segmentar o cuidado em saúde. Entre as páginas do livro, encontramos relatos de experiências que variam entre o cotidiano de um hospital e as memórias de uma infância.

A IMAGEM DA VELHICE DESASSISTIDA PELO ABANDONO E SUA VERDADEIRA VERTENTE DE AMOROSIDADE E CUIDADO

*Brenda Costa de Sousa
Hedna Maiara Bernardo Pereira*

INTRODUÇÃO

O ato de sentar e ler sobre alguma história pode ser algo bem cansativo; o interesse pode acabar logo e, muitas vezes, fechamos o livro e acabamos esquecendo dele na estante. As palavras são longas, o sono toma conta, e os olhos relutam em continuar abertos, tentando manter o foco. Ao abrir esse capítulo, uma nova história será contada, a imaginação poderá ser ativada e ela poderá leva-lo a um espaço repleto de idosos carinhosos que tanto se alegram com os Palhaços Cuidadores presentes em sua instituição.

Vamos adentrar a realidade vivida na Instituição de Longa Permanência Vila Vicentina Júlia Freire, que é a morada de 65 idosos, donos de histórias marcantes, aventuras exóticas e amores inigualáveis. Espaço que, para muitos, pode ser acolhedor; para outros é sinônimo de assombração, tristeza e solidão, resultando em uma tentativa de exclusão e um mergulho na depressão. Para mudar essa realidade, os Palhaços Cuidadores do PalhaSUS chegaram aos poucos a este cenário para tentar

algo novo, levando um pouco de amor e cuidado àqueles que se encontram em um estado mais vulnerável.

Mas, antes de tratarmos das histórias, é necessário que conheçamos um pouco da instituição. A Vila Vicentina Júlia Freire é uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, localizada em João Pessoa/PB, mantida por doações. A missão era ir mais longe, explorar o desconhecido e conseguir conquistar o lar de idosos, rico de sentimentos bons, histórias divertidas e aventuras vividas ao longo de uma vida.

O lugar tem as estruturas simples, assim como também o são as pessoas que ali habitam. Localiza-se atrás de uma igreja e, apesar de ser algumas vezes invisível aos olhos de algumas pessoas, avance o primeiro portão para que se iluda com uma cena aparentemente triste de alguém sentado, geralmente caracterizado pelo cabelo branco, rugas, roupa simples e um chapéu. A aproximação, mesmo timidamente, é o suficiente para que essa pessoa de cabeça baixa o olhe e dê-lhe um “bom dia” acompanhado por um sorriso; com isso, abrem-se as portas para algo diferente, novo e incerto. Não é necessário andar muito, as saudações e os abraços são os mais especiais. Afinal, não é qualquer pessoa que tem acesso a essas gentilezas e, embora possa parecer insignificante para algumas pessoas, o fato de se sentir querido alguém que mal o conhece, mas o cumprimenta da forma mais singela e única, é algo extremamente especial.

DESENVOLVIMENTO

Diante do aumento da população idosa, surge uma grande questão: como está a qualidade de vida desses idosos e o que está sendo feito para proporcionar um melhor conforto aos mesmo? Muitas são as formas que visam melhorar a qualidade de vida desses idosos institucionalizados. Uma delas é a visita

de Palhaços Cuidadores regularmente a essas instituições. A Instituição de Longa Permanência Vila Vicentina Júlia Freire, que é abarcada pelo nosso projeto, PalhaSUS, possui visitas regulares desses palhaços.

O Palhaço Cuidador utiliza a arte da palhaçaria como facilitador dos processos integrativos da humanização em saúde, tendo como princípios a atenção, o cuidado, o respeito e o carinho. Assim, ele torna-se o protagonista e principal responsável por humanizar o local de atuação. As intervenções não possuem planejamento prévio, pois é preciso analisar o estado emocional do outro, para que possamos proceder de algum modo. As atuações não são focadas apenas nos idosos, havendo envolvimento com os cuidadores e administradores do local.

Para atuar com os idosos, é necessário sair totalmente da zona de conforto e inovar a cada ida ao cenário, pois se tratam de pessoas que necessitam de atenção redobrada, não significando, no entanto, que elas aceitem atuações monótonas, o que demanda muita energia, inovação e o dobro de criatividade. Um carrinho de compras se transforma em navio pirata, comandado pelo capitão mais idoso da história de todos os mares, acompanhado pelos seus ajudantes de bordo atrapalhados; o corrimão é a barra dos palhaços bailarinos, que recebem instruções das melhores e mais experientes professoras de balé; as cadeiras de rodas se transformam em verdadeiros carros de corridas e um balde com graveto forma a maior escola de samba da instituição, com assistas engraçados e bastante animados. As conversas variam entre atualidades do mundo, piadas bobas que arrancam gargalhadas e algumas aventuras vivenciadas ao longo de toda uma vida.

Essas inovações são capazes de mostrar a existência do amor e cuidado, tão questionados e duvidados pelos idosos,

e que sua presença está nos mínimos detalhes. Os palhaços chegam, e mostram uma maneira diferente de amar e cuidar. O aprendizado é compartilhado e grandes experiências, ensinamentos e aventuras são vivenciados. Ambos aprendem a ter a esperança de novo, conseguindo reavivar aquilo que estava morto em si; arrancam sorrisos sinceros, mesmo pensando que sorrir não era possível; seguram as mãos e falam que tudo vai ficar bem e, realmente, tudo fica bem. O medo é afastado e as assombrações, na verdade, são fantasias. A tristeza, que antes guiava o dia e os sentimentos, acaba sendo cortada pela raiz, deixando apenas a alegria. Os momentos bons são recordados e envolvidos em um “abraço de urso”.

Muitos não conseguem descrever em palavras o tamanho da felicidade que sentem ao ver o Palhaço Cuidador passando pela porta de seu quarto e pedindo licença para adentrar. Ambos sentem a necessidade de proteção e cuidado, estão juntos lutando contra qualquer doença, medo ou insegurança, sem deixar os sentimentos bons morrerem e sem vergonha alguma de esconder a vontade de cuidar. A memória pode vir a falhar, pois é o que se espera quando a idade vai avançando; o tempo pode querer apagar as lembranças de um corpo ou de um rosto conhecido, mas nunca será capaz de deletar aqueles sentimentos e boas ações que eles conseguiram e souberam transformar em um grande momento. Muitos não conseguem imaginar como um Palhaço Cuidador pode atuar tão bem com idosos, duvidando de sua capacidade e de como poderia acontecer. De fato, o início é incerto, um pouco confuso e bastante incomum, afinal, são pessoas estranhas que farão parte de suas vidas, mas o tempo consegue mostrar que teremos os melhores momentos, risadas e trocas de experiências. É o momento que possibilita olhar através do ser humano e conhecê-lo profundamente.

Há quem diga que as atuações são apenas gargalhadas e momentos bonitos, mas não se trata apenas disso. Em muitas atuações, os palhaços precisam estar emocionalmente preparados para lidar com situações como a morte de alguns idosos minutos antes da atuação, surtos psicóticos, brigas entre os próprios idosos ou cuidadores exaustos do trabalho e com problemas familiares, necessitando de um ombro amigo para aguentar a jornada. A longa convivência faz com que sentimentos bons apenas cresçam e o amor floresça no coração dos palhaços, idosos e cuidadores.

De repente, aquela pessoa que arrancava os sorrisos atrapalhados dos palhaços e que fazia acreditar que os idosos eram crianças de cabelos brancos acaba partindo, deixando na memória apenas os momentos engraçados, conflituosos e amorosos, que, ao serem lembrados, geram sorrisos largos em todos e uma vasta saudade. Os olhos cobertos de lágrimas e o coração apertado por tamanha saudade e indignação, não são capazes de abalar nenhum Palhaço Cuidador. É uma luta dobrada tentar confortar àqueles que estão sofrendo pela perda de seu amigo. É necessário começar a se adaptar com a perda, sendo bastante doloroso para todos e dando a impressão que prédio parece ter desmoronado, de modo que cada parte dele precisará ser construída novamente aos poucos e com cuidado. Cada um ajuda como pode e, assim, todos conseguem se reerguer e seguir a vida, assim como todos imaginam que seria o desejo daquele que partiu. A saudade sempre existirá, mas a lembrança das coisas boas vai motivar cada um a continuar, até que chegue o dia de todos conseguirem seguir sem sentir a dor da saudade. Mas ficamos sempre felizes em poder dizer que conhecemos uma pessoa incrível que nos mostrou o real significado do que é verdadeiramente o “Palhaço Cuidador”.

O cuidado começa a ter um significado, os sorrisos carinhosos e de gratidão, que antes não podiam ser entendidos, passam a ser reconhecidos. A sintonia entre os Palhaços Cuidadores, idosos e cuidadores é grandiosa. O cuidado é uma via de mão dupla, o carinho vem das formas mais simples e também de um jeito bruto. Um beliscão, um puxão de cabelo ou até mesmo um xingamento, servem como início de uma amizade duradoura e segura. Trata-se de uma forma de mostrar insegurança e total proteção, mas também dá espaço para brincadeiras e gargalhadas ao lembrar do fato. Alguns não desejam uma brincadeira imediata, repletas de gargalhadas, querem apenas um ombro amigo, no qual podem contar as aventuras de uma juventude e as tristezas de um abandono. Derramam lágrimas de dor, implorando para que um ente querido retorne à vida e complete-o como antes. Um beijo na testa serve de consolo, o abraço é a tentativa de completar o vazio, e o ato de escutar é o remédio que faz a dor ficar anestesiada por um longo período. As partes quebradiças são coladas com um pouco de cuidado e são moldadas com o carinho e amor, que são bem distribuídos e acabam criando verdadeiras esculturas, transformando a dor em arte. Ao analisar os fatos, é possível ver que conseguimos plantar pequenas sementes que trarão frutos suculentos, com boa aparência e deliciosos.

O jardim está florescendo e o vínculo foi devidamente estabelecido. É então chegado o momento em que todos necessitam da presença dos Palhaços Cuidadores, questionando sobre sua presença e contando os dias para o domingo chegar. Alguns tentam esconder a felicidade com a fisionomia fechada, um jeito ranzinza, mas o primeiro “bom dia” já é suficiente para as brincadeiras rolarem e o sorriso frouxo se espalhar pelo rosto. Mas o vilão das atuações chega duas vezes no ano: recesso. São de quinze a vinte dias de completa tortura para

todos da instituição. É o momento em que podemos sentir a falta dos Palhaços Cuidadores no recinto e a extrema necessidade de sua presença. Os domingos, para eles, passam a ser apenas um dia comum, monótono e que demora ainda mais para acabar. O questionamento é sempre o mesmo: “quando que os palhacinhos vão voltar?”. E essa pergunta não é feita apenas pelos idosos, mas também por aqueles que trabalham para a manutenção da instituição e por alguns visitantes, que já conhecem e reconhecem a importância do projeto PalhaSUS no local.

A Vila Vicentina está sempre em polvorosa: muitas atividades são realizadas, como a festa dos aniversariantes do mês, que ocorre em todo último domingo de cada mês. É um momento de extrema confraternização, comemoração e troca de saberes, pelo qual a maioria dos idosos espera ansiosamente e acaba aproveitando como verdadeiras crianças travessas. É a hora oportuna para a banda da instituição tocar as músicas dos anos sessenta até os dias atuais, misturando todos os ritmos, tendo o forró como favorito. A energia passada por todos é contagiante. Podemos presenciar os maiores pés de valsas, que animam a todos e não desejam parar de dançar em nenhum momento. Os calos nos pés, as varizes dilatadas e o cansaço não são barreiras para impedir a continuidade da dança. Os palhaços são os maiores parceiros, tentando, a todo instante, acompanhar os passos rápidos e seguidos, que rodopiam em todo salão.

Apesar de parecerem sempre atuações ativas, com tamanha intensidade, todos os palhaços em determinado momento acabam apresentando algumas dificuldades. Muitas pessoas, ao verem um palhaço, imaginam que todos são animados, extrovertidos e que não perdem o fôlego. Mas eles são os primeiros a demonstrar cansaço e procuram a quase todo

instante um lugar para sentar e descansar, pois a disposição dos idosos na festa ultrapassa a dos jovens. Há também aqueles que são tímidos e não conseguem ir ao centro do salão para dançar, preferindo interagir com os idosos acamados ou com aqueles que apenas não gostam de festas. Mas, uma coisa é certa: sempre haverá a banda harmônica palhaçística, com cantores, bateristas e até dançarinas. A animação está em todos os cantos, e as aventuras e vergonhas são vividas sempre em conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Palhaço Cuidador é a forma mais pura e ingênua de um ser, sendo o meio direto de transformação do eu interior de um ser humano. Possibilita uma ampliação de conhecimento, aprimorando a forma de cuidar do outro e de si. A fluidez é tão natural que, sem perceber, o pensamento torna-se horizontalizado, e o eu interior fica cada vez mais holístico. Os preconceitos são desprendidos, e a igualdade é tomada como orientação única e de extrema importância. Muitas pessoas não conseguem entender como o Palhaço Cuidador consegue administrar tantas emoções, mas possuem a capacidade de sentir todo esse afeto extremamente aflorado.

Essa categoria de palhaço atua não somente nos cenários de prática, mas também no dia a dia das pessoas, auxiliando na convivência com familiares e na interação social, sendo o maior responsável por inibir a timidez dos indivíduos. Com o passar do tempo, tornamo-nos mais experientes, pois, com os anos, surgem várias histórias e aventuras que nos transmitem maturidade. Nessa vida precisamos ser úteis, a fim de sermos vistos e amados. Será que com a velhice vem a inutilidade e, com isso, nossa importância diminui? Embora essa indagação

possa parecer um pouco exagerada, é preciso que analisemos, se falamos sobre amor e cuidado, todas as suas faces.

Ações simples — que muitas vezes não importavam na juventude, tais como aquelas palavras ditas com carinho, mas que passaram despercebidas, ou aquele olhar que foi ignorado — podem ficar mais escassas ou até mesmo desaparecerem com o tempo. Talvez esse seja o motivo pelo qual, no decorrer dos anos, essas atitudes se tornem mais importantes e necessárias a tal ponto que um pequeno gesto de carinho vindo do outro é algo que causa emoção, agradecimento e alegria.

Uma imagem ou até mesmo um olhar conhecido e acolhedor pode trazer o sentimento de confiança e cumplicidade àquele cujo olhar demonstra a singularidade das pessoas atrelada à complexidade do ser humano. Palhaço Cuidador é capaz de perceber essa singularidade, experimentando desde o lugar mais calmo até o abismo da mente de cada idoso, tendo sempre como resposta um olhar acolhedor, que, no curto ou no longo prazo, será correspondido

No transcorrer de suas atuações, o Palhaço Cuidador lida com situações bastante inusitadas que podem ser julgadas de forma preconceituosa por terceiros. No entanto, com o olhar ingênuo e desprendido de julgamentos de um palhaço, as mesmas passam despercebidas e são ignoradas, afinal, o próprio palhaço é um ser estigmatizado. Quando se planeja uma ação, sempre acreditamos que tudo dará certo dentro daquilo que julgamos como correto. Entretanto, a realidade vivida é distinta e desafiadora. A palavra “sim” soa como um ato maravilhoso, e a maturidade adquirida com a reflexão de um “não” recebido é o que nos faz evoluir. Essa palavra que gera um sentimento de negatividade, na verdade é um modo de defesa, que vai sendo esquecido aos poucos e trocada por sentimentos alegres e maduros.

Ao darmos uma chance ao novo, ficamos sujeito, como no caso do palhaço, a experiências diferentes e, às vezes, até mesmo contraditórias. No entanto, quando refletidas, elas mostram que precisamos humanizar as relações, e isso precisa ser repassado para as pessoas que nos cercam. Essa humanização, vista com novos olhos depois da formação de Palhaço Cuidador, inspira e transforma não só o estudante, mas também a essência do ser humano, o profissional que se encontra em ciclo de formação acadêmica e os profissionais que já atuam.

CONTEXTO HOSPITALAR SOB O OLHAR DO PALHAÇO CUIDADOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO PALHASUS

*Dalyane Lucia Santos Chaves
Letícia Nayara Gonçalves*

INTRODUÇÃO

Um ambiente hospitalar pode se tornar um espaço inóspito de acordo com as experiências pessoais vivenciadas por seus usuários. De certa forma, falar em internação, hospital, doença e tratamento, traz à tona uma realidade dura de enfrentar para todos os personagens dessa história, isto é, tanto para quem tem que se submeter a isso, como para quem tem que conviver com essa realidade cotidianamente em seu trabalho, como a equipe médica e profissionais de saúde, por exemplo. Nesse sentido, a figura do Palhaço Cuidador traz leveza e um colorido a mais na dura rotina de um hospital, além disso, quando associado ao tratamento tradicional, pode ser crucial para a recuperação de um indivíduo que se encontra em um processo saúde-doença, através de uma arma muito eficiente: o riso.

O PalhaSUS é um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba – Campus I, que trabalha com essa perspectiva

do palhaço. Existente desde 2010, é formado por estudantes acadêmicos dos mais diversos cursos e áreas de conhecimento, sua principal vertente empregada é a humanização. Esta, por sua vez, ocorre por meio de atuações e abordagens junto a pessoas que estão internadas ou institucionalizadas, por meio da figura do Palhaço Cuidador.

O Palhaço Cuidador é um personagem que se utiliza da arte como uma estratégia de cuidado e atenção a indivíduos que, talvez, se encontrem em uma das fases mais difíceis de sua vida em decorrência da internação hospitalar ou da institucionalização. Soares (2007) afirma que o palhaço nos convida a lembrar da nossa própria humanidade e, expondo-se ele mesmo ao ridículo, revela inútil a pretensão de sermos uns melhores do que os outros. Além do ridículo, esse personagem carrega consigo princípios de amor, carinho, cuidado, atenção, humanização, olhar integrado e diálogo horizontal.

É pertinente, portanto, elencar os cenários de prática do Projeto PalhaSUS. O mesmo possui abertura para atuar em cinco cenários, sendo três hospitais (onde os extensionistas atuam junto aos pacientes que se encontram em enfermarias, incluindo a hemodiálise em um deles), uma instituição de longa permanência para idosos e um complexo psiquiátrico, todos localizados na cidade de João Pessoa. Dentre estes cenários, destacamos o Instituto Walfredo Guedes Pereira, mais conhecido como Hospital São Vicente de Paulo.

Descrevendo de forma breve, mas não simplista, a atuação no Hospital citado, chamado carinhosamente pelos integrantes da trupe de “São Vivi”, ocorre nas enfermarias — que incluem a ala vascular, clínica médica e a ala oncológica — e na Hemodiálise — espaço destinado para a realização de um procedimento alternativo a pacientes com insuficiência renal —, todos os sábados pela manhã, no horário das oito horas ao

meio dia. Em virtude do espaço físico do Hospital ser extenso, a trupe do São Vicente atua de forma alternada entre esses dois ambientes, ou seja, em um final de semana a atuação ocorre na hemodiálise e, no sábado seguinte, nas enfermarias.

A atuação nas enfermarias ocorre após a aceitação unânime dos pacientes, preservando, assim, a vontade destes em receber a intervenção ou não. O fluxo dos pacientes nas enfermarias é bem variado, caracterizando uma rotatividade mais intensa. Isto significa que um paciente visitado durante uma atuação, provavelmente, não se encontrará mais na atuação seguinte, que ocorrerá somente em 14 dias. Já a hemodiálise é um espaço que requer mais cuidado por parte dos palhaços. A abordagem palhaçística nessa ala ocorre sempre regada a cautela, pelo motivo de que todos os pacientes realizam a diálise em um único espaço.

O processo de filtração sanguínea é um processo fisiológico realizado cotidianamente pelos rins em condições normais de saúde, porém os pacientes que possuem insuficiência renal realizam esse processo de forma artificial três vezes na semana, via de regra. Isso significa que os usuários da hemodiálise são fixos em relação aos pacientes das enfermarias, permitindo que a trupe estabeleça vínculo afetivo mais estável com eles, além de receber o feedback das intervenções palhaçísticas no decorrer dos encontros.

Aqueles que desconhecem a abordagem do projeto e o papel social do palhaço, julgam que o Palhaço Cuidador está ali apenas para fazer “palhaçada”, o que também fazemos se necessário, embora este não seja nosso único foco e nem tampouco nosso único objetivo. Como já foi mencionado aqui, a presença do Palhaço Cuidador em um hospital carrega consigo uma abordagem que transcende o divertimento por simples divertimento.

Nós não temos um picadeiro e a nossa plateia não são famílias felizes que estão ali para assistir a mais um lindo espetáculo. Ao contrário, nosso picadeiro é um hospital e nossa plateia são pessoas no leito, que se encontram em um processo saúde-doença delicado, na maioria das vezes, e famílias que, talvez, estejam passando por um dos momentos mais difíceis de suas vidas, tendo seus entes queridos doentes, com alguns conquistando a tão sonhada cura e a recuperação, e outros não. É justamente nesse impasse que a magia acontece.

As atuações não possuem um roteiro pronto ou algo planejado previamente, ou seja, cada visita é única, e o desenrolar dela ocorre por meio da interação entre paciente e Palhaço Cuidador, de modo que, cada sábado, a trupe vivencia resultados distintos. Vale ressaltar que nem todas as atuações são fáceis e completamente alegres, pois algumas são baseadas em dores e sofrimento

Na prática com eles, percebemos que a aprendizagem é uma via de mão dupla, pois aprendemos muito mais do que ensinamos e, no fim de cada atuação, só o coração de alguém que possui esse tipo de experiência pode reconhecer o quanto é gratificante e recompensador. Nessa linha de pensamento, esse texto trará a visão dos extensionistas do Projeto PalhaSus, atuantes no Hospital São Vicente de Paulo, acerca dos benefícios conquistados por tal intervenção. Como o texto alicerça-se na atuação em apenas um dos cenários do Projeto PalhaSUS, a importância da figura do Palhaço Cuidador se aterá ao ambiente hospitalar.

DESENVOLVIMENTO

A princípio, é importante tratar da combinação entre hospital e palhaçaria. Em um primeiro momento, esses dois

termos parecem não se encaixar, devido à representação que ambos têm: o primeiro representa um espaço duro na sociedade, sem humor e monótono, ao contrário do segundo, que representa a alegria, o ridículo e a descontração. Mas, na verdade, veremos que a inserção da palhaçaria no ambiente hospitalar é até uma união ideal.

Já é de conhecimento que hospitais, via de regra, trabalham com tecnologias duras, as quais incluem exames, cirurgias, procedimentos, consultas, etc., onde a visão da patologia sobre o indivíduo quase sempre predomina. Não há espaço e nem tempo para um diálogo horizontal, um atendimento mais integral e, muito menos, para o lúdico, que podem ser ferramentas e abordagens poderosas para o alívio do sofrimento espiritual e emocional. Esses fatores muitas vezes não são culpa dos profissionais de saúde, que por vezes são vencidos pela rotina ou engolidos pelo sistema saúde-doença. Nessa perspectiva, o palhaço torna-se um protagonista valiosíssimo.

A figura de um ser desajustado, inocente e lúdico, vem para desconstruir e apaziguar toda essa tecnologia dura e ofertar um atendimento humanizado ao indivíduo, lembrando aos profissionais de saúde a importância da magia do lúdico. É por meio da criatividade do palhaço e do seu improvisado que o posto de enfermagem se torna uma “lancheonete que aceita pedidos delivery”, o suporte do soro e de medicação se transforma em um chique e estiloso varal de roupas e os soros fisiológicos se tornam “água de coco”.

Soares (2007), em seu trabalho de tese, pôde descrever, através de sua experiência pessoal ao acompanhar grupos como os Doutores da Alegria nos hospitais, a importância da presença de um ser tão único e diferente nesse espaço. A autora alega que a presença do palhaço em um hospital não é exagerada e afirma que

Num primeiro momento, o que me saltou aos olhos foi uma extrema delicadeza nas suas atitudes, uma esperteza sutil por trás das suas palavras e uma explícita disponibilidade para ir de encontro às necessidades do outro: fosse a criança enferma, seus pais ou responsáveis, a equipe de saúde que trata dela, o faxineiro ou o profissional da segurança. (SOARES, 2007, p. 16).

Os extensionistas do Projeto PalhaSUS também possuem experiência em atuação hospitalar, por meio do personagem de seu palhaço. O cenário de interesse aqui é o Hospital São Vicente de Paulo, onde as atuações ocorrem todos os sábados, no horário das oito horas ao meio dia. Como já mencionado, a intervenção ocorre nas enfermarias e na hemodiálise. Este último é um espaço único, onde as pessoas realizam a diálise, que corresponde a um procedimento em pacientes com insuficiência renal crônica, onde o sangue é filtrado através de um rim artificial. Exemplificando, em condições normais de saúde, a filtração sanguínea é realizada cotidianamente pelos rins e, quando estes falham, a diálise pode ser um tratamento alternativo. Assim, tal procedimento deve ser realizado, normalmente, três vezes por semana, com duração média entre três e quatro horas, dependendo da necessidade médica e particularidade de tratamento de cada indivíduo. Dessarte, os pacientes desse serviço são fixos, de modo que eles se encontram realizando a diálise todos os sábados no mesmo horário.

Na hemodiálise, diferentemente das enfermarias, não é possível “bater na porta” e pedir permissão para entrar ou perguntar aos pacientes se querem receber tal visita, uma vez que todos se encontram distribuídos em um único espaço. Desse modo, o contato com os pacientes desse serviço é feito sempre

de maneira individual, respeitando-se as normas de silêncio e de afastamento em relação àqueles que não aceitam a figura do palhaço, não obstante, realizamos tentativas de abordagens diferenciadas a estes, respeitando seu tempo e sua condição.

Como os pacientes são fixos, o vínculo afetivo entre palhaços e usuários é estabelecido, sendo possível acompanhar a evolução e os efeitos positivos da intervenção palhacística como um elemento beneficiador para a vida destes indivíduos. Desse modo, é inevitável, por parte da trupe, perceber a transformação positiva, não só em relação aos pacientes, mas também com relação ao ambiente hospitalar. Como já foi mencionado, a intervenção do palhaço não é algo sem retorno, de modo que, atuação após atuação, é possível aprender e acrescentar experiências únicas ao seu repertório individual, e o mais interessante é que esse relacionamento é uma via de mão dupla.

Soares (2007), ao dizer que “um palhaço de hospital também atua quando não faz rir” é perfeitamente compreensível, pois a intenção principal do Projeto de Extensão PalhaSUS é o cuidar, de modo que as piadas e travessuras em um momento delicado, principalmente para o paciente, não são tão apropriadas. O cuidar está muito além da risada; está na escuta, no acolhimento, no conforto passado através de um longo aperto de mão e no abraço. São ações consideradas simples, mas que se tornam raras em se tratando do contexto hospitalar.

Remetendo à inocência da infância, todos os que lá estão presentes, desde os pacientes até os profissionais, ganham um papel e, inconscientemente, transformam-se em personagens. E, como em todo bom conto de fadas que se preze, a existência de um personagem contrário a todas as boas ações praticadas pela “Princesa” também é realidade na Hemodiálise do Hospital São Vicente de Paulo.

O termo “Rainha Má” é atrelado, por nós da trupe, a uma profissional da saúde responsável pelo setor, pois, através de suas atitudes discriminatórias demonstradas no momento da intervenção palhaçística, é nítida a sua aversão à figura do palhaço. Assim, a presença dos palhaços é inibida, tornando o ambiente mais dramático, opressor e constrangedor, tanto para os pacientes como para os palhaços.

Encontramos uma contradição no papel exercido por ela, pois a mesma, na sua posição de prover cuidado ao enfermo, na prática, coloca seu plano de uma vilã que planeja “destruir” toda a boa magia. Porém, é sabido que há uma razão para toda essa “maldade”, até então desconhecida, pois relatos de bondade por parte dela também são existentes.

Em contrapartida, os profissionais, tanto da saúde como da limpeza e da cozinha, demonstram um exacerbado afeto e carinho pela trupe na ala da enfermaria, pois, comumente, ao final das atuações, a trupe é presenteada com um copo de suco por uma das “fadas madrinhas” (profissional responsável pela distribuição da alimentação nas enfermarias), fugindo do cenário em que a “Rainha Má” oferece uma maçã envenenada à Princesa. Obviamente, utilizamo-nos dessa analogia para descrever, por meio dos contos de fadas, uma narrativa real e concreta.

Toda estória encantada possui seu “Final Feliz”, e não é diferente no conto de fábula do “São Vivi”. Encerramos a breve narrativa designando o papel de herói, desempenhado pelo príncipe, para cada integrante da trupe do São Vivi, uma vez que estes assumiram a missão de resgatar o amor e o cuidado, a fim de devolver a esperança para os pacientes do hospital, tornando o período de hemodiálise e da hospitalização menos oneroso.

CONCLUSÃO

O Projeto PalhaSUS, enquanto proposta de extensão universitária, oferta aos graduandos estratégias e vivências que permitem uma trajetória acadêmica mais humanizada. Essa experiência se torna ímpar e extremamente importante, principalmente para os estudantes dos centros das Ciências da Saúde e Ciências Médicas, uma vez que são submetidos ao longo da formação — seja por meio de estágios ou de disciplinas teórico-práticas que oportunistam tal relação estudante-paciente — ao contato direto com pacientes que carregam distintas histórias de vida, instigando-os à reflexão de que, acima de futuros profissionais, somos pessoas, de modo que, ao lidar com um ser humano, sejamos apenas outro ser humano.

Assim, o Projeto PalhaSUS, embora dentro da lógica acadêmica, convida seus extensionistas a se despirem de todas as técnicas e conhecimentos teóricos nos momentos de atuação e a vivenciarem o contato puro e sincero, a partir do momento em que paramos para o outro e ouvimos o que ele tem a nos dizer e ensinar. O papel do palhaço — à medida que oferece ao paciente uma oportunidade de fugir, momentaneamente, do ambiente hospitalar e das enfermidades que o levaram até lá — proporciona ao estudante extensionista, o conhecimento de um lado desconhecido do paciente que, em sua maioria, é inibido, devido à postura séria adotada culturalmente pelos profissionais da saúde.

REFERÊNCIAS

MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www>

[seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/196/70.>](http://seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/196/70)

SOARES, A.N.M. **Palhaço de Hospital: proposta metodológica de formação**. Tese submetida ao Programa de Pós Graduação em Teatro do Centro de Letras e Artes da UNIRIO. Rio de Janeiro, novembro de 2007.

O PALHASUS NO HOSPITAL SÃO VICENTE DE PAULA – SOB O OLHAR CUIDADOR DE COISINHA E ACANALHADA

*Andrêza Roberta B. dos Santos
Ana Paula Lucena de Farias*

INTRODUÇÃO

O ambiente hospitalar é caracterizado e estereotipado por ser inóspito, onde há dor e sofrimento. No entanto, é também mesclado com alguns momentos de alegria, principalmente quando alguém tem alta ou recebe a notícia da cura de sua doença.

O hospital torna-se um lugar monótono, onde todos estão centrados no processo saúde-doença. O palhaço entra nesse cenário com o intuito de tirar a atenção da doença, criando um ambiente mais agradável e divertido. O cuidado de forma integral com o outro faz parte das atuações, através da preocupação com as palavras e brincadeiras, do respeito com sua condição de saúde e, principalmente, da transmissão da certeza de que sua vida não se resume apenas àquele momento em que está precisando dos serviços hospitalares.

O PalhaSUS é um projeto de extensão universitária que possibilita o cuidado através do Palhaço Cuidador a pessoas em realidade de sofrimento, seja físico ou psíquico, e de isolamento e vulnerabilidade social, possibilitando, assim, o encontro daquele

que está na função de cuidar com aquele que necessita do cuidado. O projeto proporciona o desenvolvimento de atitudes mais humanizadas.

O projeto tem cinco cenários de atuação: o Hospital São Vicente de Paulo, o Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), o Hospital Padre Zé, o Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira e a Vila Vicentina. Assim, evidenciaremos nestes escritos um pouco de nossa vivência semanal nas enfermarias e hemodiálise do Hospital São Vicente de Paulo.

O PALHASUS NO HOSPITAL SÃO VICENTE DE PAULO

A atuação do PalhaSUS no Hospital São Vicente De Paulo acontece regularmente aos sábados, das oito horas da manhã ao meio dia. Os integrantes da trupe fazem a preparação com roupas, sapatos, maquiagem, perucas e demais acessórios coloridos, que caracterizam a imagem espalhafatosa de Palhaço Cuidador. As atuações tomam lugar não apenas quando entramos em contato com os pacientes do hospital, mas já enquanto nos preparamos, interagindo, brincando, cantando e nos divertindo como uma forma de aquecimento. As intervenções são divididas entre o ambiente das enfermarias e da hemodiálise. A trupe, através dessas atuações, realiza a escuta, faz brincadeiras, danças e atividades lúdicas, promovendo, assim, o cuidado.

O lúdico pode ser considerado um catalisador de qualquer adversidade, inclusive das relacionadas ao período de hospitalização, porque proporciona a ressignificação e o reequilíbrio do mundo do indivíduo. Utilizando-o como estratégia, é possível desmistificar a imagem do hospital como um espaço solitário, de modo a conceber um espaço mais humanizado e integrativo, onde haja vida, alegria, solidariedade

humana e encontros entre as pessoas que proporcionam troca de experiências.

“Palhaços Cuidadores” são voluntários que adotam a figura do palhaço, utilizando-se de intervenções lúdicas e de cuidado em ambientes hospitalares visando ao bem-estar físico, psicológico e social do paciente internado. Eles aparecem como figuras incomuns no Hospital São Vicente de Paulo, trazendo não só alegria, como também disposição para ouvir, aconselhar, acalantar choros e compartilhar sorrisos. É perceptível que a presença dessas criaturas espalhafatosas, coloridas e muito alegres modifica o ambiente hospitalar, antes tomado pela monotonia e focado no tratamento do paciente de forma tecnicista.

Nosso objetivo, no entanto, é fazermo-nos presentes ali para levar um olhar mais sensível e atento, enfocando não apenas na doença, mas no paciente e em tudo o que o circunda. Em nossas intervenções, buscamos fazer com que os pacientes expressem as suas experiências, sejam elas negativas ou positivas, a fim de que possamos fortalecer sua autoestima e contribuir no processo de recuperação.

A figura do palhaço, enquanto ser cômico, está sempre vinculada à tentativa de fazer as pessoas rirem, uma vez que essa associação já está enraizada culturalmente. Por esse motivo, encontramos em nossa prática pessoas que se fecham por não quererem sorrir. No entanto, vale ressaltar que este não é o nosso propósito final de intervenção no hospital, ou seja, não trata do fim, e sim de um dos meios da intervenção.

Ao chegar ao quarto, os palhaços pedem consentimento ao paciente para entrar, sendo reservado ao paciente o direito de aceitar ou não a intervenção. A maior parte dos pacientes acredita ser benéfica a nossa presença no hospital, mesmo que, para ele, o papel do palhaço não fique claro naquele ambiente.

Os acompanhantes são aqueles que depositam as maiores expectativas em nossas atuações. Eles, muitas vezes, veem o palhaço como um alívio, como alguém que vai mudar a situação, seja esta de dor, de resistência ao remédio, à alimentação ou ao tratamento. Quando essas expectativas não são atingidas, surge um sentimento de impotência, ainda que não se possa demonstrar.

No cenário em questão, tentamos trazer conosco uma nova forma de interação e, com criatividade, buscamos saber lidar com as mais diversas situações que possamos vir a nos deparar, interagindo de forma lúdica com os usuários e respeitando o espaço de cada um. Sendo assim, através das atuações, almejamos alcançar o objetivo maior do projeto, que é formar profissionais e pessoas mais humanizadas.

COISINHA E ACANALHADA: UMA HISTÓRIA DE AMOROSIDADE.

O Hospital São Vicente de Paulo acolhe-nos todos os sábados pela manhã, a princípio, em sua sala de espera da Urgência e Emergência, onde aguardamos os companheiros de nossa trupe. É ali que ocorre nosso primeiro contato com o hospital e seus pacientes e onde, desde já, conhecemos algumas histórias através de acompanhantes que esperam o horário da visita; é ali que despertamos do sono matinal que vem se prolongando desde o levantar da cama, e onde a atuação começa, mesmo que a figura do palhaço não esteja presente fisicamente; é ali onde começa nossa trajetória de cuidado no hospital.

O que nos motiva a uma boa atuação é o “bom dia” recebido pelos pacientes, o aperto de mão trocado com o porteiro e a reciprocidade de um sorriso na entrada no hospital, pois todo aquele acolhimento nos mostra que não somos apenas

nós que estamos ali para cuidar: todas aquelas pessoas, que desde a entrada nos saúdam, também estão cuidando de nós ao acreditarem em nossa proposta, de modo que um sorriso muda muito no seu dia.

Todo nosso trajeto desde a Urgência até o nosso “camarim”, situado na sala de repouso dos enfermeiros, é recheado de muito “bom dia” com alegria, de sussurros “eita, lá vem as palhacinhas” e de risadinhas contidas de quem vê aquelas meninas com *leggings* por baixo dos *shorts* e mochilas cheias de adereços da palhaçaria.

Ao entrarmos em nosso “camarim”, mantemos o silêncio e a discrição, pois algum enfermeiro pode estar descansando. Depois de constatarmos que não há ninguém ali, a transformação acontece, e os rostos “sérios” dão margem à pintura e ao nariz vermelho. Algumas vezes, ainda somos embalados por uma cantoria vinda de um dos lugares mais alegres de todo hospital, a cozinha.

A tinta branca vai sendo traçada em nossos rostos e dando forma às características palhacísticas; as tintas dão o colorido de nossa alma; o lápis preto vai delineando nossas características mais marcantes, seja por uma sobrancelha arqueada, um coraçãozinho na bochecha para acentuar ainda mais as qualidades amorosas ou pontilhos que destaquem nossos sorrisos. Somente quando postos os narizes, deixamos de ser apenas Andrêza e Ana Paula e tornamo-nos Coisinha e Acanalhada.

Em nossas atuações, alternamos as áreas que visitamos dentro do hospital. Há semanas em que atuamos no setor da Hemodiálise, onde lidamos com pacientes com insuficiência renal aguda ou crônica graves e, em outras semanas, atuamos nas enfermarias, que apresenta um público

mais variado, dividida geralmente pela área vascular, clínica ou oncologia.

Quando ocorre na área da Hemodiálise, carinhosamente apelidada por nós de “Hemo”, a atuação começa desde os corredores, onde encontramos alguns acompanhantes com quem já passamos a interagir, brincando, desejando um “bom dia” e perguntando como foi a semana. Algumas dessas pessoas são bastantes emblemáticas, como a moça que sempre faz crochê — a quem sempre dizemos que “do jeito que ela anda crochitando, as toalhas de mesas dela irão dar a volta ao mundo” — ou Seu Arlindo — que “tira o nosso ar, e fica só o lindo”. É ali que já nos sentimos acolhidos mais uma vez, ao ver cada sorrisinho manifestado.

“Alô, Alô, tem alguém aí...” Assim tocamos o interfone de entrada para a “Hemo” que, em várias oportunidades, nem se apresenta com a porta fechada, mas queremos apenas avisar que chegamos para agitar aquele lugar e para levar o brilho em nossos olhos àqueles que, muitas vezes, estão tristes ou desanimados, com raiva e agitados ou cansados e saturados.

Hemodiálise é um procedimento através do qual uma máquina limpa e filtra o sangue, ou seja, faz parte do trabalho que o rim doente não pode fazer. Todo esse processo é extremamente desgastante para o paciente, que tem que se submeter ao tratamento três vezes por semana, durante três ou quatro horas por dia, além das muitas restrições alimentares e de ingestão de líquidos. Geralmente o tratamento dura o resto da vida. No entanto, pode-se perceber um raio de esperança no fundo dos olhos de alguns ali quando cogitada a possibilidade dos rins voltarem a funcionar ou de receberem um transplante.

Levando em consideração todo o contexto daqueles que estão no tratamento, entramos calmamente para mais uma atuação na hemodiálise, pois muitos se encontram dormindo.

Ali brincamos muitas vezes através da mímica e adentramos aquele local literalmente frio e que precisa de tanto amor.

Primeiramente, dirigimo-nos àqueles que ficam próximos da entrada. Geralmente, “Sorriso” é o primeiro; como o nome atribuído por nós já sugere, sempre nos recebe com um sorriso imenso no rosto, independentemente da situação. Ele adora contar sobre suas vivências nas quadrilhas da região e sua rotina de ensaios, o que nos faz sentir inveja de sua disposição. Mais adiante, encontramos o “Terrorista”, apelido dado por conta de, em algumas vezes, o encontrarmos com um lençol enrolado na cabeça, como um *shemagh* — lenço utilizado geralmente pelo povo árabe —, e também por ele mesmo dizer que era um terrorista. Ele foi um dos pacientes a quem conquistamos aos poucos; a princípio era muito retraído em nossa presença, sempre de cara fechada, mas, aos poucos, foi se acostumando conosco e passou a soltar algumas gracinhas, embora muito bruto, às vezes. Por fim, estávamos tão familiarizados que ele chegou a levar bombons para nós, mesmo dizendo às vezes que nossa presença era dispensável.

Além dos usuários do serviço, existe ainda a equipe de saúde. Ela consegue ser mais resistente que os próprios pacientes, o que, muitas vezes, acaba sendo uma nuvem negra que vem para ofuscar nosso colorido tão alegre e brilhante. Toda indiferença e incômodo com a nossa presença faz com que reflitamos sobre o porquê de tanta resistência de pessoas que estão ali também para cuidar. Mesmo que o nosso meio seja tão diferente, o propósito é o mesmo: queremos que aqueles que se encontram ali estejam bem, tanto na saúde quanto na vida.

No entanto, apesar das adversidades encontradas nesse ambiente, o que nos move é a gratidão no olhar de quem, muitas vezes, só precisava de uma escuta, um carinho e um sorriso. É a pergunta “você vem na próxima semana?”, quando já estamos

indo embora, ou “Caramba, por que vocês demoraram tanto?”, quando voltamos das férias. É então que percebemos que, ao vencermos as barreiras iniciais, vislumbramos um local de pessoas que, mesmo muito calejadas de sofrimento, são repletas de amor e ensinamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os quase dois anos de atuação na “Hemo”, as mais diversas emoções foram vividas. Choramos com as perdas que tivemos e nos entristecemos quando foi sentida a rejeição. No entanto, melhor que todas essas coisas, fizemos amigos e com eles sorrimos, gargalhamos e compartilhamos aquilo que temos de melhor, o amor.

Nossos sábados eram coloridos, resumidos em total alegria. Tínhamos a missão de proporcionar sorrisos, de escutar e, de alguma forma, aliviar um pouco a dor do outro. Tudo isso transformava a rotina do hospital. Os pacientes recebiam-nos com sorrisos sinceros, histórias, desabafo para contar e muitos testemunhos de fé. Ao final de cada atuação, recebíamos como recompensa a gratidão estampada no olhar de quem, muitas vezes, só precisava de uma escuta, afeto e um sorriso. Dessa forma, sabíamos que tínhamos tornado aquele ambiente menos doloroso e mais feliz.

O projeto permite o encontro com o nosso mais íntimo eu. Muitas vezes, chegávamos para as atuações tristes e éramos agraciados e transformados. Íamos com a intenção de distribuir amor e acabávamos sendo acolhidos, com carinho e amor, tornando-se assim, uma troca mútua. A solidariedade e as demonstrações de afeto, devido à nossa presença naquele espaço, eram evidentes.

Conclui-se que as nossas atuações no hospital São Vicente de Paulo nesse período colaboraram para um cuidado humanizado, sendo o principal objetivo resgatar a alegria onde muitos viam tristeza, deixando aquele espaço leve, acolhedor e harmonioso.

REFERÊNCIAS OU SUGESTÃO DE LEITURA

ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de; GUIMARÃES, Tathiane Barbosa. Interações entre voluntários e usuários em onco-hematologia pediátrica: um estudo sobre os “palhaços-doutores”. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p.632-647,2003.

BUENO, Sonia Maria Villela. **Contribuição ao estudo da aplicação do lazer no ambiente hospitalar**. Ribeirão Preto, 1981. Tese de Mestrado - Departamento de Enfermagem Psiquiátrica, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto / USP, Ribeirão Preto, 1981

SENA, Antonio Geraldo Gonçalves. **DOUTORES DA ALEGRIA E PROFISSIONAIS DE SAÚDE: o palhaço de hospital na percepção de quem cuida**. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

UTSUNOMIYA, Key F. et al. MadAlegria – Palhaços de hospital: proposta multidisciplinar de humanização em saúde. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 91, n. 3, p.202-208, set. 2012.

AUTORES E ORGANIZADORES

Aldenildo A. de Moraes Fernandes Costeira, Médico, Mestre em Educação pelo PPGE-CE-UFPB, Professor Assistente do Departamento de Saúde Coletiva CCM-UFPB. É um dos criadores da Oficina do Riso e Palhaço Cuidador desde 2004, sendo seu primeiro palhaço chamado de Al. Coordena o Projeto PalhaSUS desde 2010. (Organizador e autor).

Benedito Clarete de Vasconcelos. Palhaço cuidador “Diito”, desde 2017, graduado em Pedagogia, mestre em Educação Popular. Atua como Contador de Histórias. (Organizador e autor)

Janine Azevedo do Nascimento, Médica, Mestre em Saúde da Família pela RENASF-UFPB, Preceptora da Residência de Medicina de Família e Comunidade da UFPB. É uma das criadoras da Oficina do Riso e Palhaço Cuidadora desde 2005, sua Palhaço Cuidadora é a pimentinha. Colabora na coordenação do Projeto PalhaSUS desde 2010. (Organizadora e autora)

Aline da Silva Alves, Fofinha, Palhaço cuidadora desde 2013, atuei no projeto como extensionista do PROGEPS, graduada em nutrição é atualmente residente em saúde mental pelo NESC/UFPB.

Ana Paula Lucena de Farias, Palhaço cuidadora Acanalhada. Atuou no projeto como extensionista entre Agosto de 2015 à Dezembro de 2016, graduada em Terapia Ocupacional pela UFPB.

Anderson Rio Branco de Menezes, Psicólogo e Psicoterapeuta, Palhaço Cuidador Barriguinha desde 2013 por meio do Projeto Palhasus, onde atuou como Colaborador e Assessor na Coordenação de Mídia e Comunicação. Foi o Fotógrafo das primeiras Oficinas do Riso e desenvolveu o Site do projeto. É Especialista Residente Multiprofissional em Saúde Hospitalar com Ênfase em Paciente Crítico pelo Hospital Universitário Lauro

Wanderley/UFPB e Especialista Residente Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade pela Faculdade de Ciências Médicas/Prefeitura Municipal de João Pessoa. Atualmente é Psicoterapeuta em Consultório Particular trabalhando com Psicoterapia Individual e de Grupo.

Andrêza Roberta B. dos Santos, também conhecida como Coisinha, atuou como palhaça cuidadora no período de 2015 a 2017. Atualmente é graduanda em Terapia Ocupacional/CCS/UFPB.

Brenda Costa de Sousa, palhaça cuidadora desde 2014, atua no projeto como extensionista. Graduada em Terapia Ocupacional.

Bruna Valério Correia, palhaça cuidadora Priguicinha , atuou no projeto como extensionista de 2011 até 2014. Graduada em enfermagem pela UFPB.

Dalyane Lúcia Santos Chaves, palhaça cuidadora “Dadá”. Atuou no projeto como extensionista voluntária no período de 2015 à 2017. Graduada em Terapia Ocupacional pela UFPB.

Camylla Varela Luckwü de Oliveira, Palhaça cuidadora desde 2016, atua no projeto como extensionista, graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal Da Paraíba

Elisângela do N.Araújo , palhaço cuidador de 2013 a 2015 no juju, graduada em psicopedagogia e estudante de pedagogia, inspetora da E.M. Zumbi dos Palmares.

Esthefany Bezerra Alcântara, Terapeuta Ocupacional pela UFPB. Atuou como “Teteca” palhaça cuidadora durante dois anos.

Evaneide Albuquerque Santos Candeia, graduada em serviço social /UFPB e especialista em educação em direitos humanos / UFPB e Gestão da Clínica nas regiões de Saúde - Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. Atualmente é assistente social no Caps infantojuvenil cirandar na cidade de João Pessoa-PB, atuando

como preceptora da RESMEN (Residência Saúde Mental/ NESC/ UFPB).

Francisco Jocelio Leite de Moura (Doquinha), Palhaço Cuidador de 2013 a 2017, atuou no projeto como extensionista voluntário e bolsista, graduado em Terapia Ocupacional pela UFPB.

Geniele Severiano da Silva, Palhaça Cuidadora “Lilica”. Atuou como extensionista voluntária no projeto no período de 2015 á 2017, graduanda em Terapia Ocupacional pela UFPB.

Germannia de M. Barbosa, Palhaça Cuidadora “Calunginha” no período 2011-2013. Possui graduação em Fisioterapia pela UFPB/ João Pessoa-PB, Mestrado em Fisioterapia pela UFRN/Natal-RN e, atualmente é aluna de Doutorado em Fisioterapia no PPGFT-UFSCar/São Carlos - SP.

Gyselle Iwie Oliveira de Araujo, concluinte do curso de Nutrição (2017.2), quando criança tinha medo de palhaços e nem passava pela cabeça em ser uma. Até que no segundo semestre da graduação em Nutrição conheceu o projeto PalhaSUS e se encantou pelos palhaços cuidadores. Aprendeu a cuidar do outro e cuidar de si para um mundo melhor. Biruta nasceu em 2015 atuou no Padre Zé até o início de 2017, onde construiu amizades e contou histórias.

Gustavo Vieira Dias, Palhaço Cuidador Xinxo desde 2011, poeta e artista plástico, atuou no projeto PalhaSUS como extensionista e bolsista até 2013, graduado em medicina e especialista em Medicina de Família e Comunidade pela UFPB, foi preceptor da Residência de Medicina de Família e Comunidade da Universidade Federal da Paraíba de 2016 a 2017, é atualmente Professor de Atenção Primária à Saúde do curso de medicina do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ) e supervisor do Programa Mais Médicos para o Brasil no estado do Amazonas.

Hedna Maiara Bernardo Pereira, palhaça cuidadora Atrasadinha desde 2014, atuei no projeto como extensionista até o ano de 2017, atuando por maior tempo em uma instituição de longa permanência para idosos. Bacharel e licenciada em enfermagem pela UFPB.

Iago Freitas D. de Sousa é graduando em psicologia pela UFPB e palhaço cuidador desde 2016, já tendo atuado no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira e no hospital São Vicente de Paulo.

Ivanice Jacinto da Silva, palhaça Florentina desde 2011, atuou no projeto como voluntária até 2014. Graduada em Terapia Ocupacional (UFPB) e especialista em Gestão de Políticas Públicas Informadas por Evidências (HSL), possui Residência Multiprofissional em Saúde Mental pelo NESC/UFPB. Atualmente faz parte da Direção Científica da Associação de Terapeutas Ocupacionais da Paraíba (ATOPB).

José Antonio Gonçalves Matias (Palhaço Chapolin), Palhaço Cuidador desde 2010, atua no projeto como voluntário, graduado em medicina pela UFPB e atualmente Médico da Unidade de Saúde da Família Nossa Senhora da Conceição, localizada no município do Conde/PB.

Jussara Lima Soares, palhaça Jubs, atua como extensionista desde 2014 até os dias atuais. Graduanda de Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Karina Vieira da Costa, palhaça cuidadora desde 2015, atua no projeto como extensionista. Graduanda em Fisioterapia.

Letícia Nayara Gonçalves, atuando com a Palhaça Cuidadora Mafalda desde 2016, extensionista no projeto até o ano de 2017, graduanda em Terapia Ocupacional pela UFPB.

Lucas Carvalho, médico de família e comunidade formado pela UFPB. Atualmente mora em Brasília e trabalha em uma zona rural.

É o Palhaço Lelé, nascido em 2010, durante a primeira Oficina do Riso da UFPB. Atuou no PalhaSUS até 2015, como voluntário, bolsista, monitor e louco varrido. Graças ao projeto, despertou seu interesse e aprofundou seus estudos sobre Amorosidade em Saúde.

Luciana Maria Pereira de Sousa, Palhaça Cuidadora desde 2013, atuou no projeto como colaboradora, já que estava vinculada em outro projeto, até 2014. Graduada em Nutrição, é pós-graduanda pelo Mestrado em Saúde Coletiva da UFRN e atua como trabalhadora da rede Estadual de Saúde da Paraíba.

Manuelle C. de Lira Silva, Palhaça Cuidadora Florzinha desde 2013, atuou no projeto como extensionista até 2017, graduada em Terapia Ocupacional pela UFPB. Atualmente não exerce a profissão, mas continua apaixonada pela arte do cuidar e tenta levar através de sua essência pessoal a integração da realidade e sua palhaça interior.

Maria J. de Oliveira Martins, palhaça Maricota, me tornei palhaça cuidadora pela afinidade com o universo da saúde popular; atuante no projeto nos anos de 2015 e 2016, graduanda em fisioterapia pela UFPB.

Mariana Lopes Martins. Palhaça Maroca de 2012 a 2014, atuou no projeto como extensiosista. Graduada em fonoaudiologia e mestre em neurociência cognitiva e comportamento pelo PPGNeC/UFPB, é atualmente Professora Substituta do Departamento de Fonoaudiologia – CCS/UFPB.

Mikaelly Duarte Leite, Palhaça Cuidadora Risadinha desde 2014, atua no projeto como extensionista voluntária, graduada em Terapia Ocupacional pela UFPB e atualmente é residente em Saúde Mental pela Universidade Federal da Paraíba.

Natália da Silva Barros (Amorosa), Palhaça Cuidadora desde 2014, atua no projeto como extensionista voluntária, graduada

em Terapia Ocupacional pelo CCS/UFPB em junho de 2017. Atualmente estudando para residência e procurando emprego.

Natália Luiza Matos de Sousa Silva, Palhaça Cuidadora desde 2012, permaneceu no projeto até o ano de 2015, bacharel em terapia ocupacional pela Universidade Federal da Paraíba atualmente é Terapeuta Ocupacional clínica e domiciliar e Presidente da Associação dos Terapeutas Ocupacionais da Paraíba.

Paiva Júnior, Palhaço cuidador Txui Txuin Txun Flai, compreendendo o período de 2013 a 2016 como extensionista; graduado em Fisioterapia pela UFPB, pós-graduando em Fisioterapia Neonatal e Pediátrica pela UNIPÊ - João Pessoa; Atual docente supervisor de estágio da UNINASSAU - João Pessoa.

Paulo Bareicha. Trabalho como professor e pesquisador na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Fiz o doutorado em Artes, o mestrado em Educação, e a graduação em Psicologia. Atualmente, na UnB, coordeno um projeto de extensão de ação contínua (PEAC) chamado Semearte – Teatro Ecopedagógico; sou Editor da Revista Círculo de Giz (UnB); e coordeno o Mestrado Profissional em Artes; participei do Conselho Regional de Psicologia CRP01 (2013-16) e da presidência da Federação Brasileira de Psicodrama – FEBRAP (2011-14). Para contato, bareicha@unb.br

Pedro José Santos Carneiro Cruz Professor do Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da UFPB. Coordenador do Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS - Vivências de Extensão em Educação Popular e Saúde no SUS. Líder do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR). Membro da coordenação do Programa PINAB - Práticas Integradas de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica, uma ação de extensão da UFPB. Seu palhaço se chama Tonto, e nasceu em Oficina do Riso promovida no ano de 2014 pelo Projeto

PalhaSUS para extensionistas de diferentes projetos da UFPB orientados pela Educação Popular. Mas, cabe dizer, a gestação de Tonto é anterior. Remete a encontros encharcados de diálogos autênticos, de aprendizagens e de trocas de experiências de Pedro com Aldenildo Costeira e com Janine Nascimento desde 2007 na Unidade de Saúde da Família Vila Saúde, e a partir de 2012 como colega de ambos na construção de processos de formação estudantil orientados pela Educação Popular a partir de projetos de extensão ancorados na UFPB.

Rafaela Correia R. Behar, desde 2014 empresta um pouco de si a Fafal, Palhaça Cuidadora formada na V Oficina do Riso, atuou como extensionista do projeto de 2014 a 2016. Graduanda em Terapia Ocupacional na Universidade Federal da Paraíba.

Raissa Fernandes R. Mendonça, Palhaça Cuidadora Farofinha, atuou no projeto desde 2012 até o ano de 2014, graduada em fisioterapia pela UFPB.

Renato Araujo de Menezes, estudante do curso de bacharelado em Fisioterapia na Universidade Federal da Paraíba, atuou no Palhasus em 2011 como voluntário e 2012 como bolsista, seu palhaço é o “Eita da Silva” e hoje trabalha como fisioterapeuta em João Pessoa.

Tayná T. Cavalcante de Araújo, palhaça cuidadora desde 2015, atua no projeto como extensionista. Graduanda de Terapia Ocupacional.